

NO JAPÃO
POR
OLIVEIRA LIMA



DUKE
UNIVERSITY



LIBRARY



TRABALHOS DO AUCTOR

à venda na casa editora de *Laemmert & Cia*, Rio de Janeiro, e na Livraria Contemporanea, de *Ramiro M. Costa & Cia*, Pernambuco.

Pernambuco, Seu desenvolvimento historico. — Leipzig, F. A. Brockhaus, 1895. 1 vol. 8^o de XIII, 327 paginas, com 4 retratos.

Sept ans de République au Brésil (1889—96), extrait de la »Nouvelle Revue«. — Paris, 1896. 1 folheto 8^o de 36 paginas.

Aspectos da Litteratura Colonial Brazileira. — Leipzig, F. A. Brockhaus, 1896. 1 vol. 16^o de XVI, 301 paginas.

Nos Estados Unidos, Impressões politicas e sociaes. — Leipzig, F. A. Brockhaus, 1899. 1 vol. 12^o de 524 paginas.

Memoria sobre o Descobrimento do Brazil, suas primeiras explorações e negociações diplomaticas a que deu origem. — Premiada em concurso pela Associação do Quarto Centenario do Descobrimento do Brazil e publicada no »Livro do Centenario«. Rio de Janeiro, 1900.

Historia Diplomatica do Brazil, O Reconhecimento do Imperio. — Rio de Janeiro - Paris, H. Garnier, 1901. 1 vol. 8^o de VIII, 376 paginas, com 1 retrato — Esgotado.

A PUBLICAR:

Elogio academico de Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro.

Relação dos Manuscriptos portuguezes e estrangeiros, de interesse para o Brazil, existentes no Museu Britannico de Londres.



Digitized by the Internet Archive
in 2017 with funding from
Duke University Libraries



O Daibutsu de Kamakura.

OLIVEIRA LIMA
DA ACADEMIA BRAZILEIRA

NO JAPÃO

IMPRESSÕES DA TERRA E DA GENTE.

O prazer não provem sómente de olharmos para a lua e as flores com os nossos proprios olhos. Nada mais do que pensar n'essas cousas, por um dia de primavera, ainda que fiquemos em casa, ou por uma noite de luar, ainda que não deixemos a alcova, offerece alegria e deleite.

Kenko-Boshi, *Tsure-dzure-gusa*
(*Miscellanea ociosa*).



LAEMMERT & C.

LIVREIROS — EDITORES

26

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — RECIFE

1903

915.2
048N

À MEU CUNHADO

PEDRO DE ARAUJO BELTRÃO

MINISTRO DO BRAZIL EM MADRID

LEMBRANÇA DE UMA LONGA E BOA AMIZADE.

385881

PREFACIO.

Um meu amigo, grande viajante e grande admirador do Japão, de quem por trez vezes tive a grata visita enquanto me demorei na terra, dizia-me uma verdade ao aconselhar-me a escrever logo, de uma assentada, sem mais preparos do que a impressão physica recolhida, as minhas sensações do Japão, sensações da paizagem e sensações dos costumes. Depois, continuava esse espirito curioso e observador, V. fará suas leituras e dará ás sensações estampadas o vivo e necessario *background* dos conhecimentos adquiridos n'aquelles que teem dedicado sua existencia ao estudo aprofundado d'este paiz suggestivo. Mas, por Deus, não deixe perder-se o frescor das suas impressões immediatas: é elle que faz todo o encanto dos primeiros livros de Lafcadio Hearn. . . .

Segui o seu conselho, que se coadunava de resto com a minha intenção instinctiva, e o livro agora publicado é o resultado de um periodo de estudo e reflexão, intercalado entre dous periodos de observação e producção. Logo que cheguei fui notando minhas sensações, diria bem o deslumbramento que me assaltou deante d'esta natureza magnifica. Em tal periodo não se atina ainda com a forma por que são adubados os campos viçosos e floridos; não se repara nos eczemas das crianças alegres e meigas que pelos caminhos bordados de azaleas e violetas nos sahem ao encontro, ou brincam á sombra de pés gigantes de camelias esmaltados de petalas rubras, leitosas e rajadas; não se attenta, enlevado pelo quadro a um tempo grandioso e gracioso, na curiosidade imperitante e por vezes malevolente da multidão que nos circumda e espia.

Quando podia sobrevir esta reacção fatal do desagradavel sobre o pintoresco; quando, partindo-se algum pedaço do polido crystal isolador da superficie, logramos descobrir por baixo uma corrente de repulsão; quando, habituados os olhos á claridade do sol radiante do Japão, damos fé do que se esconde nas penumbras; quando certas fraquezas fazem ruborizar a musa poetica que nos julgava absorver a attenção com a sua tunica de pregas rhythmicas, puz-me a conviver intellectualmente com os escriptores cujas obras teem divulgado os segredos guardados por seculos.

Por fim amalgamei sensações proprias e dados alheios e compuz definitivamente o meu trabalho n'uma intenção de sympathia que se contem e de admiracão que se não deixa vender. Ignorando o japonez, minhas leituras viram-se forçosamente quasi confinadas aos escriptores europeus e americanos por quem aliás o Japão tem sido revolvido e pesquisado exhaustivamente, em tudo quanto não constitue o dominio propriamente psychologico, o qual até certo ponto é ainda uma incognita. Não tive seguramente a pretensão de resolvel-a em vinte e um mezes de estada, para isso faltando-me o instrumento principal de penetração moral, a saber, o conhecimento do idioma. O que sobretudo me instigou a publicar as impressões que recebi e denominei da terra e da gente japonezas, foi o facto de ser eu, penso, o primeiro Brasileiro que as colligiu e redigiu para offerecel-as aos seus compatriotas.

Tokio, 7 de Março de 1903.

CAPITULO I

A MUDANÇA DE SCENARIO

O Japão é mais do que um formosissimo espectáculo, de natureza e de arte, a ser admirado: é um bello exemplo, social e moral, a ser seguido pelos que d'elles carecem. Os viajantes que em numero cada anno mais avultado procuram as suas praias hospitaleiras, regalam a vista com as suas paizagens grandiosas ou amaveis, e entreteem o espirito com a contemplação da sua sociedade ingenua e matreira, desconfiada e cortez, festeira e industriosa, alegre e retrahida, não veem todavia para ser ensinados. Veem movidos pelo espirito de curiosidade que constitue o fundo do character humano e que anda sobretudo estimulado n'uma epocha em certo sentido cosmopolita como a actual.

Quanto a satisfação de uma tal curiosidade se tornou facil e commoda, graças ao muito realizado pelo genio inventivo do homem e mediante o talento modernamente applicado á organização do conforto, era a reflexão que diariamente se me offerecia como thema de variações mudas, nas longas horas de bordo, ao cruzar esses mares — Mar Vermelho, Oceano Indico, Mar da China, Mar do Japão — mares de calmarias ardentes, de monções perigosas, de tufões irresistiveis, de nevoas enganadoras; todos elles percorridos, assenhoreados e, como exclamava o grande Padre Antonio, infamados por naufragios dos Portuguezes, e em cujas aguas se baloiçaram com donaire ou se abysmaram com horror centenaes de naus, caravelas e galeras, vindas

Da occidental praia luzitana.

Tambem — e por certo as oitavas de Camões, recordando perennemente tantas glorias, são um dos motivos maximos da infallivel suggestão — o nome portuguez brilha para nós no Oriente com uma luz vivissima, assim como a lingua do poeta vibra para sempre em palavras soltas nas linguas dos differentes estranhos povos com que o Reino esteve em contacto.

A suggestão é toda retrospectiva e extra-local, porque é triste registrar que os Portuguezes do Oriente agora pela maior parte se acanham de ser Portuguezes. A decadencia de hoje, comparada com a passada grandeza e com a prosperidade presente de outras metropoles poderosas, os move a acolherem-se de preferencia á larga sombra da bandeira britannica, esquecendo a nacionalidade e em muitos casos até a lingua dos seus maiores. Os naturaes de Macao, por exemplo, dizem-se fóra quasi todos oriundos de Hong Kong, sem mais se lembrarem que Macao é um posto europeu ha quatro seculos quasi e Hong Kong ha pouco mais de meio seculo apenas.¹ Nós porem, Brazileiros, não temos iguaes motivos para olvidar a ascendencia e, demais, andamos todos hoje em dia tão *pétris d'histoire*, que mal podemos furtar-nos aos pensamentos grandiloquos, privilegio n'outras eras dos espiritos cultos.

Não logramos esquecer-nos, pelos portos percorridos da Arabia, de Ceylão, da Indo-China, onde a esta hora tremulam todos os pavilhões, que já foi o portuguez o unico a afoitar-se a fluctuar: antes a cada instante nos recordamos que, dentre os Europeus, foram os Portuguezes os primeiros, chegados pelo mar, a desembarcar sem medo, mercadejar sem descanço e dominar sem piedade nas terras tropicaes, gordas, ferteis e luxuriantes do continente asiatico, tanto quanto nos seus areaes inhospitos, bordados de rochas nuas e negras. Tudo isto mudou e passou,

¹ Contou-me um secretario de legação britannica que não pode encontrar nas livrarias de Macao um só livro portuguez, nem mesmo os Luziadas de Camões, cuja gruta entretanto constitue a grande curiosidade local.

como mudaram radicalmente as condições da navegação e passou completamente o tempo das viagens problematicas.

Ao sairmos de Genova, entregaram-nos um cartão tendo marcadas as datas precisas da chegada do paquete aos dez portos de escala entre Napoles e Yokohama, a 40 dias de distancia: nem uma só vez falhou o calculo. Em outros tempos, a incerteza era a regra. Partia-se sem saber, já não digo o dia, mas sequer o mez da arribada. Entre os livros que eu levára para ler a bordo, contava-se, não sem segunda intenção, a *Relação da Viagem que do porto de Lisboa fizeram á India os Marquezes de Tavora*, escripta dia a dia pelo passageiro desembargador Francisco Raymundo de Moraes Pereira. Ora, não era sem um sentimento de prazer, humanamente egoista, que eu comparava o *Kiautschou* com a nau *Nossa Senhora das Necessidades*, onde eram diarias as mortes, pelo calor, pela falta de remedios e mais que tudo de hygiene, usando-se como um dos mantimentos para dieta dos doentes de febre, mãos de carneiro de salmoira, cozidas com arroz; onde a agglomeração de soldados, marinheiros, aventureiros de varias nações e degredados originava frequentes crimes e disturbios, punidos com a golilha, os tratos de polé e o tornilho; onde as distrações consistiam, mais do que na leitura dos classicos e nos jogos de azar, nas ladainhas de preces durante as tormentas e nos *Te Deums* de acção de graças apoz os perigos.

No nosso bello paquete de 11,000 toneladas, escrupulosamente varrido, lavado e espanado como um interior japonéz, o medico bebia cerveja á mingua de doentes de que cuidar; banhos de agua doce, refrescos, gelo, ventiladores, leques electricos em doido movimento, tudo combinava-se para alliviar-nos da sensação do calor; a ordem foi apenas silenciosamente alterada entre dois namorados que se arrufaram, e as danças e concertos profanos occupavam o lugar dos descantes sagrados.

Assim, com mil riscos, ancias e temores se chegava ao termo de uma viagem que hoje se ultima sem receio nem incommodo

de especie alguma, e para mais, tratando-se do Japão, é como avisa caridosamente um escriptor americano os *globe trotters* de varias nuanças, que vão percorrer o unico paiz que não desaponta o estrangeiro. Por mim, sou mesmo de opinião que o Japão lhes reserva mais do que promete, sendo no nosso tempo de banalidade, uniformidade e agitação, o recesso do pintoresco, o baluarte da côr local e o refugio da fleugma. Outras, ainda que pouquissimas, terras haverá com iguaes posto que não superiores bellezas propriamente naturaes: a brazileira a nenhuma cede a palma n'este ponto. O Japão, porem, reúne ás graças da natureza, o prestigio de um passado heroico cujos contornos se somem nas brumas da mais complicada, curiosa e poetica mythologia; o exotismo de uma civilização completa, de todo differente das demais, cuja marca chinesa e buddhica empallideceu na acclimação e foi avigorada por tons proprios, tão quentes e resistentes quanto o vermelho e dourado das suas lacas; finalmente a seducção de uma arte estranha, cuja fascinação ainda se não esgotou, antes parece diariamente avolumar-se. Conservando o perfume das cousas idas nas que restam, é um paiz que falla a um tempo á nossa imaginação e á nossa sensibilidade e que constitue, no seu conjuncto, uma combinação original, intima e harmonica do meio e da gente, a qual nunca mais poderá desapparecer, mas cujo processo de fusão historica não nos é ainda familiar em todas as suas phases e pormenores, e cujo segredo de preservação tampouco nos foi inteiramente revelado. E tão caracteristica é a resistencia do composto japonéz que até no cruzamento com o europeu, são os distinctivos japonezes, physicos e moraes, os que quasi sempre vingam e apparecem.

O Japão reabriu em 1854, pelo temor, os seus primeiros portos, e em 1899, por transacção diplomatica, todo o seu territorio aos estrangeiros. Comtudo quantos mysterios não continua a encerrar, apezar dos milhares — a expressão cinge-se á verdade — de volumes escriptos n'esses quarenta e cinco annos sobre o seu character, costumes e destinos? No geral taes obras, á parte

as de uma natureza scientifica (comprehendendo sobretudo n'esta accepção o ramo philologico) confirmam a exactidão das descripções e a fidelidade das observações das anteriores narrativas, de Fernão Mendes Pinto, Kaempfer ou Siebold, ou então notam os recentes progressos, materiaes e legislativos. Mais profundamente não penetram, e o mysterio começa d'ahi, pois que os sentimentos de uma nação não podem ser justamente aquilatados sómente pelas apparencias. Do ponto de vista psychologico o Japão não deixou por emquanto de ser verdadeiramente symbolizado pela sua bandeira, cujo sol em campo branco significou até 1867, na phrase de um embaixador japonéz, uma obreia vermelha posta sobre um sobescripto fechado.

Por mais conhecido que se tenha tornado de nós o paiz, a interpretação do character dos seus filhos escapa-nos irremediavelmente em todos os seus cambiantes: é tão complexo quanto subtil. O sobescripto não desvendou todo o seu conteúdo. Veremos que ninguem percebeu mais e melhor aquelle character do que S. Francisco Xavier e, todavia, não podemos considerar completo e definitivo o retrato legado pelo ardente missionario da gente que elle comprehendeu como ninguem porque como ninguem a amou, denominando-a com carinho *as delicias da sua alma*. O character de um povo varia aliás com o andar dos seculos, ao sabor das peripecias do seu fado, não obstante um residuo permanente e indelevel que lhe dá cohesão e resistencia. N'este caso, porem, o que ha é que os traços apprehendidos na maior parte foram por assim dizer os exteriores, e estes estão longe de representar toda a psychologia de um individuo ou de uma raça. Os bons conhecedores do Japão preferem, como o Professor Chamberlain, colleccionar espirituosamente as opiniões alheias, boas e más, do que ousar formular uma theoria pessoal.¹

Desde S. Francisco Xavier os Japonezes mudaram, mas não deixaram de ser profundamente orientaes. Ora a alma dos Orien-

¹ *Things Japanese*, London, 1898.

taes é muito antiga, muito cheia de refolhos, muito esquiva, muito impenetravel. A experiencia veio cedo a essas nações. O progresso attingiu desajudado, pela propria força de impulsão, certa meta que lhes pareceu bastante, á qual por isso mesmo se ape-garam com maior afinco e que, pelo facto de envolver deveres em vez de direitos, trazia em si o germen da immobildade. Os direitos aspiram a conquistas ao passo que os deveres obrigam á subordinação. Durante os seculos de civilização quasi estacionaria que se seguiram áquella crystallização que julgamos imperfeita, o desenvolvimento passou de externo a interno, e as dobras da alma oriental foram-se cavando e multiplicando por um processo particular de evolução subjectiva, que deixava lisa a superficie.

Nas pregas assim dissimuladas foram-se ao mesmo tempo escondendo idéas e prejuizos e aninhando planos e ambições, que nós não suspeitamos e que nos é difficilimo descobrir e estereotybar por baixo de uma impassibilidade, fructo de muitissimas gerações, de uma longa educação mental n'uma só linha, e de uma perfeita adaptação ás condições ambientes. Cada um dos actos de um Oriental, cada uma das suas superstições obedece a uma serie de motivos determinantes e respeitados, cuja explicação diverge com o sabio orientalista que a formula. O Oriental comtudo nada faz em vão ou sem antecedentes, que ás vezes se perdem na treva dos tempos, com que elle mesmo não acerta mais exactamente, mas que entretanto existem e impellem sua vontade. Em parte alguma os mortos governam mais os vivos e o passado explica mais o presente do que no Oriente.

Não se é impunemente do berço do mundo. As raças do Oriente são atrasadas nos seus pensamentos, quando os medimos pela nossa presumçosa craveira; desconhecem tanto a nossa concepção de conforto physico como os nossos ambiciosos conflictos intellectuaes, e mostram-se alheias á nossa anarchia moral. Para ellas a metaphysica e a ethica são immutaveis, e os preceitos assim tornados inalteraveis ganham em rigidez o que perdem em

progressividade. O Buddhismo, embora atabafado por liturgias, rituaes e symbolismos que, rebentando da primitiva doutrina moral, acabaram por quasi desfigurá-la, ensina a essas raças que o aperfeiçoamento progressivo, não pela fé mas pelo conhecimento adquirido dos segredos da natureza, conduz o Homem pelo caminho da pratica das melhores virtudes, sobretudo da caridade, á suprema aniquilação ou libertação da ignorancia e das paixões do mundo. Isto quanto ao ideal. O Confucianismo préga-lhes a submissão incondicional aos pais e aos governantes como base da moral privada e publica e salvaguarda da estabilidade das suas instituições. Isto quanto á disciplina social e politica.

A obedienciai por um lado como condição; do outro a despre-occupação temporal como fito: por palavras diversas mas equivalentes, a condemnação da insubordinação que envenena a vida, e o imperativo desprendimento de sensações que a rebaixam, constituem um composto admiravel e offerecem forçosamente um resultado unico e magnifico de tranquillidade espiritual. Como é sabido, Buddha e Confucio dividem entre si quasi toda a Asia, toda a que o Mahometanismo não invadiu. A soffreguidão europeá nada pode contra semelhantes adversarios. Parece demencia em face da placidez d'um Hindú, da serenidade d'um Chim, da indifferença d'um Malayo. Os velhos Singalezes, calvos e calmos, togados de branco sobre a sua nudez, que encontrei nos arredores de Colombo, entre templos buddhistas e á sombra das mangueiras e jaqueiras, afiguraram-se-me reproducções em bronze de senadores romanos da epocha republicana, vestidos de estoicismo.

Os Japonezes, adoptando-a por dura necessidade, affeioaram-se, primeiro por novidade e depois por habito, a muitas das peculiaridades da civilização occidental, e com isto pareceram tornar-se mais susceptiveis de exame e comprehensão. De todos os Orientaes são elles, de resto, os mais curiosos de saber e os mais malleaveis no tratar. Vivos, intelligentes, ladinós, flexiveis, por isso mesmo, porem, mais facilmente se esgueiram e fogem á pretenciosa analyse do Europeu, que sabe hoje tanto sobre a

alma japoneza quanto sabia no tempo de Ieyasu, o grande Xogun que farejou quão perniciosa estava sendo ao Imperio a convivencia com os estrangeiros. Não existe livro mais superficial em sua fofice e mais falso nos seus arrebiques do que o celebrado romance de Pierre Loti — *Madame Chrysanthème* —, e comtudo passou e passa ainda entre certos grupos de leitores, e, o que mais é, de viajantes, pela fiel imagem do Japão.

De facto o Japão *où l'on s'amuse* é tão vedado e mysterioso como o Japão *où l'on s'ennuie*. A risadinha escarminha da *mu-sumé* apenas lhe escancara os dentinhos alvos que a moda já não manda, na vespera do casamento, ennegrecer com limalha de ferro e noz de galha. A alma, já de si feminina e portanto caprichosa e dissimulada, fica bem disfarçada e incolume de um contacto repellente, que na hypothese mais grave não vai alem dos sentidos. O sorriso obsequioso do Japonez tampouco desvenda mais do que a sua tradicional, integrante, mas n'esse caso, mais voluntaria do que espontanea polidez: não lhe rasga, nem sequer lhe entr'abre o peito para o exame do indagador de outra raça. O seu pensar intimo, o amago do seu discorrer permanecem reservados e fechados como tantas outras cousas no Japão, a começar pelas relativas ao seu exercito e á sua defesa.

Poucas semanas depois de desembarcar em Yokohama, fiz a um Europeu eminente que reside ha quasi trinta annos no paiz e, dentro dos limites apontados, conhece admiravelmente o Japão, os Japonezes, a lingua e a litteratura japonezas, a seguinte pergunta: — *Quem, no fundo, governa o Imperio?* Confessou-me que não podia responder satisfactoriamente. O mysterio, como se está vendo, paira no alto e não é de espantar que, como uma nuvem escura e pesada, obscureça o que lhe fica por baixo.

A revolução de 1868 foi intentada, aparentemente e tambem effectivamente, em proveito do Mikado contra a usurpação dos Xoguns que, sob a dynastia dos Tokugawa, fundada por Ieyasu nos começos do seculo XVII, tinham posto termo ás tremendas luctas feudaes, sobrepondo-se de vez aos *daimios* e assegurando-

lhes ao mesmo tempo o goso dos seus feudos, mercê do prestigio da auctoridade centralizada no *imperator* de Yeddo. O Mikado, cuja espiritualisação degenerara na mais desesperada impotencia, viu-se por aquella reacção militar novamente revestido do poder, pleno como supremo, que desfructara muitos seculos antes, e do qual lhe cumpria agora usar contra os estrangeiros, cujas investidas o Xogun não mostrava vigor bastante para repellir *in limine*. É conhecido como, no lugar d'isto, aconteceu justamente o contrario. Longe de trucidar os forasteiros, o Mikado tratou-os como amigos. O seu reinado — pois que todos os reinados marcam epochas e recebem nomes — ficou sendo o *Meiji* ou era da regeneração, isto é, da transformação da nação japoneza n'uma potencia com os principaes caracteristicos occidentaes. Para ser completa a mudança, o soberano, de essencia divina, acabou por chamar a nata do seu povo á co-participação da auctoridade absoluta que lhe estava confiada, *et par droit de naissance, et par droit de conquête*.

A quantidade de auctoridade effectiva que ficou residindo em Palacio depois de mudanças tão radicaes e que se diriam impessoaes, tanto custaria apontar os seus promotores reaes e capitaes, é que é impossivel de precisar, por ser esse geralmente terreno vedado aos profanos — mysterioso mesmo na bisbilhoteira Europa — e sobretudo por estarem no Japão a pessoa e actos do monarcha, representante no throno do fabuloso Jimmu Tenno e neto da deusa Amaterasu, fóra e acima de qualquer discussão ou conversação. Nem por um momento se questiona a sua origem divina: é um dogma. O capitulo sobre Historia no livro — *Things Japanese* — do Professor Basil Hall Chamberlain foi severamente criticado porque põe scientificamente em duvida a exactidão das datas e a authenticidade das informações dos primitivos annaes japonezes — os *Kojiki* e os *Nihongi*, compilados no seculo VIII logo depois da introducção dos caracteres ideographicos chinezes — e opina que até o periodo entre os seculos V e VII ou a conversão do paiz ao Buddhismo, isto é, até mil annos depois

de começada a chronica official da nação, verdade e fantasia, historia e mythologia formam um corpo só e um composto indissolúvel. Um professor japonês que teve a ousadia de ir nas pégadas do inglez e criticar as lendas imperiaes, foi simplesmente demittido.

Nem taxemos de tyrannia semelhante proceder. No naufragio das velhas idéas, no desaparecimento das antigas crenças politicas e sociaes, alguma cousa salvou-se e continuou a ser religiosamente zelada; alguma cousa que ficou para bem lembrar o passado e manter a continuidade d'essa historia que invoca 2,500 annos de duração. O que perdurou foi o respeito supersticioso do throno, a veneração idolatra da realza.

O Mikado retém indubitavelmente o seu character sagrado, mas no fundo conserva o seu pristino isolamento do Go-sho de Kioto, quando a cadeira chinesa que lhe servia de throno estava constantemente occulta, mesmo da côrte, por pesadas cortinas que dos quatro lados a envolviam. Sumira-se tanto o Imperador na sombra projectada pelo seu generalissimo que, ainda depois de reaberto o Japão, os representantes das nações estrangeiras julgavam piamente estar tratando em Yeddo com o verdadeiro e unico soberano. Foi Sir Ernest Satow, então no inicio da sua brilhantissima carreira de erudito e de diplomata, quem, folheando os velhos auctores japonezes, atinou com o legitimo estado de cousas e, d'elle prevenindo o seu chefe, Sir Harry Parkes, permittiu a este celebre ministro jogar dextramente as suas cartas e entender-se directamente em Kioto com a côrte empobrecida mas não envilecida, donde o *soi-disant* Taikun¹ recebia a sua investidura.

Nos antigos escriptores portuguezes encontra-se comtudo perfeitamente discriminada a posição, de direito subalterna, mas de facto independente do generalissimo: mesmo porque, ao tempo

¹ Termo de etymologia chinesa significando *supremo senhor* e inventado pelos conselheiros do Xogun, depois da chegada do commodore Perry, para manter os estrangeiros na persuasão de que em Yeddo residia o verdadeiro chefe da nação.

em que os Portuguezes estiveram no Japão, o xogunato ainda não assumira o seu typo definitivo, permanente, e inviolavelmente hereditario. Assim o Padre Francisco de Souza escrevia no *Oriente Conquistado* (1710): „O Dayre (*Mikado*), pela veneração e respeito devido ao sangue dos Camis (*Kamis, os deuses xinto, antepassados da dynastia*), ainda que, perdeu o governo, ficou todavia conservando o titulo de senhor supremo. Elle é o que dá os titulos honrosos e promove aos graus de nobreza, de que são os japonezes, sobre todas as outras nações, vaidosos. Tem por honrada prisão o seu palacio, e quando nelle se quer mudar de uma parte para a outra os nobres (*kuge ou aristocracia do sangue, diversa da aristocracia militar*) o levam nas mãos, para que lhe não succeda tocar o chão com os pés. Assim souberam os japonezes conciliar a ambição de reinar com a fé devida a seus legitimos senhores, usurpando-lhe a utilidade do governo, e deixando-os com a soberania do titulo“. Nas *Decadas da Asia* tem por seu lado Diogo do Couto a seguinte referencia á estranha dualidade de mando: „...e com elle (*Imperador*) se recolheu (*o aspirante a xogun, vencedor do rival*) á cidade de Meaco, e o metteu em seus Paços, onde ficou sem eleição alguma de querer, governando o Cubo absolutamente, dando tudo o necessario (*quando dava, porque a côrte de Kioto era relativamente miseravel*) ao Vô, que nunca perdeu a auctoridade, assim no espirital, como no temporal; porque todos os Cubos, que hiam succedendo tyrannicamente, tomavam a investidura de sua mão, fazendo-lhe seus acatamentos, como a Senhor supremo.“

Em 1868 a realidade do poder passou do Xogun, ao que parece para uma oligarchia composta de quatro grandes *clans*, cujos chefes ou principes, por despeito e ciume do seu feliz rival (Ieyasu era um samurai oriundo da grande casa dos Minamoto) elevado a tamanho fastigio, ajudaram o Mikado ou antes emprehenderam por conta propria a sua restauração temporal. Aquelles chefes foram depois levados de enxurrada pelos elementos mais novos, esclarecidos e progressivos dos seus *clans*, os quaes com-

prehenderam a indispensabilidade da politica de reformas revolucionarias como meio de afastar as tentativas de civilização á força, e quizeram primeiro arredar o principal obstaculo a uma tal politica, que era o Xogun ou dictador militar.

A emulação d'esses grupos, dirigidos agora pela sua nobreza menor em vez de capitaneados pelos antigos principes, aposentados na Camara dos Pares, tem apparentado de luctas politicas, a que o paiz não pode deixar de ser por emquanto muito alheio. O mando da oligarchia durará até se verificar, como no Extremo Occidente, o advento das camadas populares, das quaes alguns representantes já teem forçado seu caminho, galgado posições e imposto sua associação aos aristocratas do governo. A europeisação não podia deixar de trazer este resultado mais, que o prestigio singular do throno japonéz todavia embarçará e retardará. Entretanto o apparelho parlamentar funciona com todos os symptomas de regularidade: as crises ministeriaes são frequentes, e não raros os conflictos dos gabinetes com a Dieta.

Como se resolvem porem as falladas crises ministeriaes? Quem na verdade exerce o poder moderador, inscripto na Constituição? Quem preside á rotação, senão dos partidos, que se dissolvem e tornam a condensar como os nevoeiros do verão japonéz, pelo menos dos chefes politicos, que ainda são os patriotas de visão desannuviada, temeraria iniciativa e pulso rijo, os quaes impuzeram aos acontecimentos a sua habil direcção, e á evolução nacional nipponica a sua orientação occidental? N'uma entrevista com um reporter de Montreal, o ministro britannico em Tokio, Sir Claude Mac-Donald, appellidou o marquez Ito inspirador confidencial do Mikado e deu claramente a entender que era elle quem por traz das cortinas governava de facto o Japão. O marquez Ito é certamente uma força e, n'este momento, o estadista mais prestigioso do Imperio, mas d'ahi até ser seu unico governante effectivo, seu Richelieu ou seu Pombal, a distancia é grande. O Europeu eminente a que atraz me refiro, não poude de boa fé responder ás minhas perguntas, e muito menos

o poderei eu. Direi apenas que a realza japoneza me fez o effeito do Fujiyama, cratera adormecida de um vulcão legendario, sem o qual se não comprehenderia o Japão, como se não comprehende Napoles sem o Vesuvio; visitado devotamente todos os annos por muitos milhares de peregrinos, que por tradição immemorial o respeitam e adoram como a montanha por excellencia, montanha sagrada habitada por uma divindade; fundo quasi obrigado de toda a paizagem debuxada pelos artistas nacionalistas, sejam elles humoristas joviaes como Hokusai ou humoristas funebres como Kyosai. Assim como o throno, o Fujiyama ergue soberbo o seu cone impecavel e eleva magestático o seu pincaro corôado de neve acima de um oceano de vegetação espessa e rica de seiva, quando, por momentos, as nevoas e as nuvens o deixam ver no seu esplendor. O seu poder de devastação deixou todavia de ser frequente e apreciavel, não sendo mesmo possivel discriminar a parte que na agitação do sub-solo em redor pertence ás correntes de lava que outr'ora a cada passo irrompiam frementes da sua garganta em fogo. Tambem a corôa domina a vida nacional e sobre ella reflecte todo o seu fulgor, sem que se possa entretanto julgar de que modo e até que ponto a guia e illumina.

Como o Japão é para nos o paiz das contradicções, das cousas ao revez, em que os livros se começam a ler do fim para o começo, os doces se comem antes do peixe e do arroz, os inferiores se sentam no chão em vez de se levantarem, e os pés se descobrem em lugar da cabeça para prova de cortezia: aquillo que de longe ou de relance apparece mysterioso, deixa de sel-o de perto ou com o auxilio de ligeira reflexão. A sua historia moderna, por exemplo, dir-se-hia um desafio vivo a todas as regras da evolução social, que fazem o progresso transmigrar paulatinamente atravez de uma porção de determinados estadios, e depender do intercurso pacifico de povos no mesmo grao de civilização, cujas conquistas intellectuaes assim se permutam e disseminam, bem como da propagação pelas guerras das idéas mais subversivas

e adiantadas, igualmente impostas pela força ás raças menos educadas. O isolamento e a quietação são condições de todo contrarias a um desenvolvimento fecundo. O progresso resalta do choque de influencias oppostas, da mesma forma que a faísca electrica do encontro de electricidades contrarias.

Quando os missionarios catholicos, intrigados, perseguidos e expulsos, abandonaram com amarga saudade a deliciosa Cingão e o milhão de neophytos que tinham arrebanhado, carregavam consigo nos seus juncos, cujas velas compridas e rectangulares lhes lembrariam os guiões das procissões religiosas, a justificavel persuasão de que a dispersão dos ficis e o encerramento do paiz significavam o recuo para a idolatria, a destruição e a barbarie. Comtudo o Japão, sequestrado por dous seculos e meio do convívio com a civilização por excellencia, a aryana ou occidental — Robinson Crusóe das nações, segundo com espirito o appellidou Knapp¹ — cultivou durante esse longo periodo as artes da paz, sem deixar de cultivar as da guerra, posto que serenadas as discordias civis sob a ferrea auctoridade dos Tokugawa. Continuou a educar-se nos exercicios corporaes, ao mesmo tempo que se esmerava nas bellas artes, as quaes datavam pela maior parte de muitos seculos, mas só então attingiram sua perfeição. Incubou samurais e artistas. Fez-se musculos e esculpiu-ós nos seus primorosos entalhamentos, nos quaes as figuras mythologicas — sete deuses da fortuna com seus typos expressivos, *bosotsus* ou anjos da guarda do Buddhismo, *hotokes* ou bud-dhas bemaventurados — presidem a um carnaval da fauna e da flora, em que macacos turbulentos folgam entre lyrios e pavões vaidosos abrem as caudas no meio de azaleas. Poliu e tornou a polir charões que são thesouros; limou ferragens que são obras primas; modelou e decorou porcelanas que são joias; bordou sedas que são sonhos, e, mais do que tudo, resuscitou as lettras genuinamente patrias e, como ultimo resultado d'esta Renascença, a religião nacional e a legitimidade do throno.

¹ *Feudal and Modern Japan*, London, 1898.

D'est'arte, quando chegou o momento em que o Japão teve, *per fas aut nefas*, de entr'abrir seus portos á influencia occidental, a revolução nos espiritos, precursora da revolução pelas armas, estava parcialmente realizada, ainda que n'uma direcção nacionalista, a qual veremos que não foi afinal sacrificada na febre da adaptação, antes veio a vingar sob a pesada invasão das idéas estrangeiras. O terreno achava-se predisposto para outras culturas que não a exclusiva e extensiva que lhe destinára o despotismo dos Xoguns. Foram aquellas culturas mais variadas e intensivas do que o poderiam calcular os mais peritos e esperançosos agronomos sociaes. A arrogancia particularista dos daimios, com desinteresse, magnanimidade e patriotismo aprendidos na dura escola da honra e do dever, cedeu a primazia ao regenerado poder theocratico-militar do Mikado, mas este por seu turno se offuscou voluntariamente deante da organização parlamentar, que no Occidente sómente vingou sobre escombros de nações. O campo havia sido preparado para produzir uma fanga de milho e veio a recolher-se um carroção de trigo sem muito joio. Os efeitos excederam a potencia da causa, no que pese á physica; a conclusão estalou as premissas, no que custe á logica.

Onde previamente costumavam de ordinario só trabalhar a memoria e reinar o empirismo, entraram a exercer-se o raciocinio e a imperar a analyse scientifica. De limitada e commum tornou-se a sciencia pasto da pesquisa individual, para d'ahi subir de novo a mais solidas generalisações. A comprehensão dos problemas sociaes e politicos dos outros povos passou a ser, de um livro sellado, uma Vulgata cujos dizeres a principio se recebiam sem debate, nascendo d'ella uma surprehendente adaptação material, espiritual e moral, consummada em trinta annos, e que é a assimilação mais rapida e parallelamente mais completa de civilização, portanto o maior milagre da intelligencia humana que a Historia registra.

Vejamos como se explica esse milagre, cuja moral se nos depara exarada de antemão n'um popular apologo japonéz ou

haibun do seculo XVIII, o qual celebra a liberdade do sacco de lona, que toma sem hesitar a forma do seu conteúdo e tanto pode crescer mais do que um homem como caber, escondido, no peito d'este, comparando tal elasticidade com a obstinação do vaso de barro, que lucha por ageitar qualquer cousa á sua capacidade invariavel. Muito melhor, finaliza o apologo, é sujeitar o coração ás variadas influencias da natureza sempre em mutação, como a lua e as flores, do que pretender, n'uma concentração egoista, obrigar tudo a passar pela fieira de uma concepção estreita. O Japão seguiu o apologo de Yokoi Yayu, e ainda bem que o poude seguir.

Apoz duzentos e cincoenta annos de rigorosa solidão, em que o intercurso, o unico permittido, com os Hollandezes de Deshima (Nagasaki) era pautado por um meticuloso cerimonial e rodeado de mil difficuldades, ainda assim dando ensejo a alguns medicos japonezes de estudarem o hollandez e d'esta forma penetrarem um pouco nos arcanos da sciencia européa; em que uma incorruptivel burocracia militar prohibia até os juncos do tamanho adequado á navegação no alto mar, para não poderem os habitantes afastar-se das costas, e fiscalizava os actos e quasi os pensamentos do resto da população por meio do mais subtil e disseminado systema de espionagem; em que a instrucção era vaçada nos moldes chinezes, aferrada aos seus classicos emperados, o Meiji só foi porem possivel, porque varias circumstancias de character permanente o favoreciam e impediram o embrutecimento nacional.

Em primeiro lugar a indifferença quasi agnostica dos Japonezes cultos implicava a ausencia de preconceitos inabalaveis contra a infiltração de idéas estrangeiras, e que fossem baseados na religião, como os que vingam no mundo musulmano. Esta indifferença, que se traduz tanto ou ainda mais do que pelo atheismo, aliás recondito no Buddhismo e no Confucianismo, pela facilidade de adaptação a qualquer religião suggestiva que não vá de encontro, antes se coadune com a natural suavidade

da sua indole, explica muito o veloz e pasmoso progresso do Catholicismo nos seculos XVI e XVII, fazendo em cincoenta annos, como disse, um milhão de proselytos. Sí hoje, com tamanha liberdade de expressão, as conversões são pelo contrario diminutas, e Catholicismo e Protestantismo vegetam mais do que prosperam no Japão, é porque não só os tempos mudaram e com elles tanto o zelo desinteressado dos missionarios quanto a benevola predisposição dos pagãos, como a cobiça e brutalidade européas, amplamente manifestadas e conhecidas, prejudicaram naturalmente no extremo a actividade evangelizadora.

Á parte a descendencia divina do Mikado e a ligação d'esta crença com a inquebrantavel fidelidade dynastica, a religião foi sempre para o Japonez uma questão mais de ordem privada do que politica. Todo o cerimoniaal e todas as praticas exteriores taes como os jejuns, a mortificação da carne e os ex-votos, que materializaram a levantada concepção de aperfeiçoamento individual do Buddhismo, mais confinaram esta religião á sua esphera de devoção, da qual não puderam arrancar-a os esforços dos Xoguns da dynastia Tokugawa afim de oppol-a, como religião do Estado, intolerante e dogmatica, ao Xintoismo, base da auctoridade do Mikado.¹

Depois, todo o Japonez, o mais pobre d'entre elles, sabia ler e escrever, o que quer dizer que, mau grado a ignorancia e as superstições inseparaveis do povo e proprias de um povo privado do contacto com outros, o seu espirito estava de antemão aberto ao ensino e á convicção intelligente de que alheias civilizações, por mais odiosas que se façam, *ont du bon*.

Em terceiro lugar a capacidade de trabalho do Japonez, não obstante a sua apparencia indolente ou antes pachorrenta, é simplesmente prodigiosa, e, tendo em conta a densidade da população, o esforço de cada um, por mais desajudado que estivesse dos petrechos fornecidos pela invenção humana para minorar

¹ Baron A. de Siebold, *L'Accession du Japon au Droit des Gens européen*, Paris, 1901.

a intensidade individual d'aquelle esforço, obraria, sommodo com os demais, verdadeiras maravilhas. É o caso dos formigueiros, em que cada animalsinho, arrastando com fadiga o seu grão, contribue para o abastecimento de celleiros subterraneos, que com razão se nos representam como um emprehendimento colossal de collectivismo. O trabalhador japonéz, com seus modos geralmente brandos e descansados, é discreto e industrioso como a formiga — de uma industria morosa e todavia activa, que é differente do vagar industrioso, mas apathico do Chinez. O Japonéz é nervoso, embora calmo, ao passo que o Chinez é lymphatico, embora buliçoso. Diz-se que um Japonéz produz menos trabalho do que um Europeu, e talvez seja verdade, mas a desproporção parece-me antes provir da falta de coadjuvação dos machinismos modernos e da diversidade dos modos do trabalhador, que fazem reputar indolencia o que apenas é suavidade. Os mesmos populares que n'este momento vemos n'uma *chaya*, rindo e conversando jovialmente — mais rindo do que conversando —; fumando despreoccupados os seus longos cachimbinhos de madeira e metal, coroados de uma pitada de tabaco louro que dous tragos consomem, e saboreando aos goles taçasinhas fumegantes do chá mais inoffensivo do mundo pela fraqueza da infusão, ou contemplando n'um embevecimento sentimental a pompa quasi real de uma cerejeira em flor — vel-os hemos cinco minutos depois chafurdando quasi nús na lama, negra de estrume, do arrozal, ou, pelos atalhos invios das montanhas, transportando, sósinhos e em fila, fardos pesados dependurados das duas extremidades da grossa vara de bambú, ou, aos pares, carregando viajantes reclinados, de pernas cruzadas, no *kango* ou palanquim nacional.

O homem é no Japão a besta de carga por excellencia, e nenhuma o iguala em resistencia. Pelas estradas fóra são menos frequentes as carroças, como as que se veem por toda a Asia do Sul, puxadas pelos duros boisinhos singalezes ou javanezes, de bossa no pescoço e enormes pontas; e menos communs os cavallos, como os que na China se encontram ajoujados de cestas. O

lugar d'esses animaes de trabalho é pela maior parte preenchido por enfiadas de Japonezes, pequenos de estatura, curtos de pernas, mas todos musculos e tendões, que passam velozes, correndo, nos pés amarrados os *waraji* ou sandalias de corda e uma simples cinta de algodão branco presa nos rins, ou, quando o frio aperta, nas pernas enrolados os *momohiki* ou perneiras de panno escuro e no busto pendente o *haragake* ou bibe de azulão; levando ás costas ou em carros puxados a pulso, e ao som de eternas e monotonas cantigas, todas as mercadorias imaginaveis, desde o arroz enfardado em palha e as fructas mais formosas que saborosas de Yezo até os rolos de seda e os moveis incrustados de Yumoto.

Em quarto lugar devem mencionar-se a promptidão na assimilação e a pericia na imitação que, na falta de originalidade da concepção e de sublimidade do ideal, distinguem o artifice como o litterato ou o sabio japonez, e não impedem que o producto da imaginação estrangeira receba na transplantação e perfilhação uma marca particular e inconfundivel. Foram semelhantes predica-dos que, sem fallar na recente e definitiva comprovação, amplamente se revelaram nos primeiros tempos da cultura japoneza pela introducção e immediato aperfeiçoamento da ceramica, do fabrico da seda, da arte de bordar, n'uma palavra de todas as artes, importadas da China pela Coréa; e ainda no seculo XVII, quando o mundo europeu se poz em pleno contacto com o asiatico, pela rapida propagação das armas de fogo, manufacturadas *sur place* aos milhares segundo um modelo de mosquete trazido por um aventureiro portuguez, companheiro de Fernão Mendes Pinto. Ainda hoje se usa para exprimir uma espingarda do termo *tanegashima*, nome da ilha onde desembarcara o dono da arma e donde se divulgou o seu uso.

As idéas e invenções de fóra são absorvidas sem que se perca o cunho nacional, como parece ser o receio do patriotismo chinez, ao assustar-se com as innovações. A poesia classica japoneza, manifestação toda particular, floresceu sobretudo no periodo de

importação da civilização continental buddhica, e as damas da côrte imperial, cuja tradição de gosto poetico até hoje se manteve, foram as interpretes d'esse conservantismo litterario que se coadunava perfeitamente com a animação dispensada a todas as industrias de luxo originadas da convivencia coreana. O sentimento jacente sob essa acclimatação era então na essencia o mesmo que actualmente predomina. O Japão introduziu estradas de ferro, telegraphos, telephones, todo o material civilizador moderno, mas, na sua vontade deliberada de conservar os estrangeiros a respeitosa distancia, quer tudo isso japonez, na propriedade quando não possa ser no aspecto, e com afan e rara e característica confiança nos proprios recursos, procura na expansão da sua industria em vez de buscal-os no uso e abuso do credito público, os capitaes que sómente lhe faltam para serem os seus filhos absolutamente independentes.

Faltava-nos justamente registrar como condição e explicação do exito do *Meiji* — *last but not the least* — o patriotismo japonez. Virtude porventura egoista e barbara quando encarada á luz do socialismo humanitario, é ella por certo inspiradora de bellos feitos e conselheira de grandes acções. O patriotismo, cuja vehemencia particularmente distingue esta nação insular porque melhor pode alimentar-o no seu voluntario recolhimento, constituia d'antes no Japão mais uma aspiração á unidade politica, como a que na Europa lavrara na Allemanha antes de dissolvido o Santo Imperio em 1806, do que um sentimento definido, compacto e aggressivo. Não seria licito esperar qualquer affirmação consciente de uma nacionalidade feita de retalhos, nominalmente sujeitos a um só suzerano, de facto dependentes dos seus principes respectivos. A paz octaviana dictada pelos Tokugawa aproximou porem da realidade, ao ponto de quasi tocal-a, aquella aspiração á unidade territorial, isto é, politica, que traria como legitima, embora inesperada, consequencia a abolição das castas e a unidade social, e que anteriormente se submergia, fragmentando-se cada vez mais, no rancor dos conflictos entre os

senhores de provincias, praticamente soberanos e servidos por bandos destemidos dos, quando o eram, mais leaes subordinados que illustram os fastos do feudalismo.

O despotismo, como sempre, fez obra de cohesão, ao mesmo tempo que abria caminho pela pacificação á especulação mental. O isolamento, este só podia haver tornado mais susceptivel e mais arisco o amor cego e empolgante do torrão natal, desdobrando-o n'uma prosapia da sua civilização unica e original e n'um apego exaggerado á sua ordem social. Foi mesmo um tal sentimento, bafejado pela renascença litteraria do seculo XVII — deveriamos antes dizer Romantismo em vez de Renascimento, porque o movimento foi de reversão ás formas nacionaes n'uma epocha de pesadelo chinez — da qual o principe de Mito foi o Medicis, e que trouxe, embellezados e purificados, á reminiscencia popular os romances cavalheirescos dos tempos longinquos, dos seculos VII a XI, da era classica dos Mikados, cuja auctoridade perdida outro principe de Mito quiz restabelecer pela força antes da vinda de Perry, o que obstou a que, durante sua tediosa reclusão, o Japão se effeminasse e decompuzesse. Pelo contrario, em vez de se corromper como aquella evocada côrte de Nara e depois de Kioto, que os conhecedores da historia japoneza nos descrevem ociosa e libertina no meio do seu refinamento, oscilando entre o cultivo de uma poesia futil e pomposos officios religiosos, o paiz sob os Tokugawa e sua politica de solidão, requintou, ao mesmo tempo que as suas maneiras, a sua alma.

D'este modo converteu-se o Japão no mais concentradamente, no mais unanimemente, no mais inabalavelmente patriota dos povos, transbordando de lealdade dynastica, de entusiasmo proselytico e de fé nacional. Com as mesmas paciencia e pericia com que fazem seus enxertos vegetaes, os Japonezes enxertaram na sua copia da civilização occidental — emprehendida muito propositalmente para escapar a tutelas interesseiras e humilhantes — as qualidades herdadas da sua epocha feudal: a abnegação que não recúa, antes se accende deante do sacrificio e da morte,

e a dedicação que, de ser a uma pessoa, passou a ser a uma idéa, symbolizada pelo throno. O fervor não é tanto pela pessoa do Imperador, venerada como seja, como pela noção suprema de patria que elle encarna, conscientemente para uns, instinctivamente para o maior numero.

Ao envez do que acontece com a sensitiva, o contacto rude do estrangeiro fez abrirem-se as corollas e brilharem em toda a sua côr e viço as petalas d'aquelles botões de flor. Não ha porem rosas sem espinhos. O Japão é um paiz onde medra o assassinato politico, não sendo taes actos guiados pelo interesse aggravado, como no caso de Lincoln, por mera perversidade, como no do rei Humbérto, ou por impeto de vingança como no de Canovas del Castillo, mas pelo desejo puro e simples de conservar intacta a moralidade publica ou a tradição nacional e preservar a elevação dos ideaes politicos. Varios dos mais eminentes homens d'Estado japonezes teem sido victimas de attentados commettidos por fanaticos d'essa natureza. O conde Okuma perdeu uma perna por effeito de uma bomba posta sob a sua carruagem, e não são poucos os que teem pago com a propria vida o seu prurido reformador, a sua descrença das velhas idéas ou a sua forçada indulgencia partidaria. No dia mesmo em que cheguei a Tokio, um dos politicos mais influentes, mais energicos e mais conhecidos do Japão, Hoshi Toru, cahia varado por dez golpes de espada, destramente vibrados, em plena sala de sessões da camara municipal da capital, por um homem illustrado e de posição.

É o assassino filho de um samurai que fôra no seu tempo um reputado professor de esgrima e o representante, na undecima geração, de uma successão de cultores da nobre arte da espada; e, como na classe dos samurais andavam correntes tanto a sciencia militar como o exercicio das letras, a educação recebida do pai por Iba Sotaro foi de natureza a permittir-lhe desempenhar no novo regimen funcções importantes no mundo das finanças e da instrucção publica. Hoje ainda, como outr'ora, são os samurais os nervos e o cerebro da nação, aspirando pela pratica do

valor e exhibição do merito, ás honras e posições que nos velhos tempos recompensavam a bravura e o devotamento.

O assassinado gabava-se de ascendencia mais modesta. Nascera do *heimin* ou povo, mas era um auto-didacta e um *self made man*, cujo talento de advogado e somma de conhecimentos inspiravam respeito, e cuja força de vontade e temperamento aggressivo inspiravam temor. Chegara a gosar de tal poder partidario que depois de ser deputado, *leader*, presidente da Camara, ministro plenipotenciario, em um dos ultimos gabinetes, mau grado a fama de deshonestidade publica que o tisnava, impuzera a sua collaboração ministerial a um homem da tempera do marquez Ito. O mais prestigioso dos chefes politicos japonezes não pudera esquivar-se á ascendencia do plebeu que fôra jornalista encarcerado por delictos de imprensa, advogado proscripto por violencias de linguagem e parlamentar banido da assembléa legislativa por vicio de eleições, mas sempre triumphante de todos os obstaculos pela sua capacidade e perseverança.

O motivo do homicídio não foi mais do que as accusações, justificadas ao que parece, repetidamente assacadas contra Hoshi Toru. O assassino enlouqueceu de colera patriotica com a idéa fixa de ver na presidencia do Conselho Municipal de Tokio, e sobretudo na presidencia de uma importantissima sociedade de educação da mocidade, interferindo pois com o que ha de mais delicado e sagrado, ousando criticar as maximas dos classicos chinezes e com isto desrespeitando — o maior dos attentados para um Japonez e mórmente para um samurai — os edictos imperiaes que approvam aquelle estudo, um homem cujo nome andava tristemente associado com escandalos administrativos.

O Imperador, não se julgando menoscabado com a livre critica de Hoshi Toru ás bases da instrucção nacional, elevou á nobreza, depois de morto, o estadista assassinado. Os seus amigos politicos choraram amargamente a sua perda, verdadeiramente sensivel para os que o séguiam. O paiz, porem, dizia-me a este respeito um jornalista japonez, que muito á americana me veio

entrevistar logo á minha chegada e a quem por meu turno entrevistei, resentia *sympathia* igual pelo assassino. Fallando com um estrangeiro, esse jornalista teve certo pudor de dizer *sympathia maior*, o que teria sido mais exacto. O acto de Iba Sotaro inspirara tão pouco horror que, no dia seguinte ao do enterro de Hoshi Toru, um periodico local, nacionalista e ultra-conservador, verberando como uma falta gravissima de respeito para com o Mikado a ida do marquez Ito a Palacio logo depois do funeral, sem mesmo mudar de traje, perguntava, com a licença e virulencia peculiares á imprensa japoneza, si não existiria outro vingador da immaculabilidade do throno e dos costumes patrios? Convem explicar que o uso tradicional prescrevia para o caso citado um nojo de trez dias, e que as maximas da religião xinto ordenam a purificação pela agua sempre que se dá o contacto de um corpo animado com um cadaver: o marquez Ito teria portanto sido réo de um duplo attentado, de lesa-magestade e de lesa-religião.

O mais interessante é que não me consta que o jornalista provocador houvesse sido molestado ou sequer perseguido, apesar de serem tão communs no Japão, por culpa dos jornaes, os processos por abusos de imprensa, que os periodicos possuem todos um redactor *testa de ferro*, incumbido de purgar na prisão os excessos de linguagem dos verdadeiros redactores. Muito pelo contrario, o retrato do homicida Iba Sotaro vende-se em todas as livrarias ao lado das estampas coloridas da guerra sino-japoneza, na confraternisação dos heroes, e si tivesse sido executado — rigor de que a justiça se absteve, tão digna e varonil, alguns disseram espectacular, foi a attitude do accusado na audiencia e tão pouca *sympathia* inspirava geralmente a personalidade da victima¹ — o seu tumulo converter-se-hia, a exemplo do que succedeu com os dos outros assassinos politicos, em alvo das romarias populares. Não só os habitantes de Tokio, como pere-

¹ Iba Sotaro foi condemnado á prisão perpetua, reconhecendo-se-lhe circunstancias attenuantes.

grinos de aldeias distantes viriam queimar incenso, accender velas e depor chá e flores sobre aquella campã humilde, que a vegetação logo esconderia, entregandô entretanto ao olvido o monumento funerario que, no cemiterio buddhista onde foi inhumado, se levantar á memoria de Hoshi Toru. O que constitue ainda agora objecto de fervorosa devoção, a tumba do daimio rico e poderoso que pela sua cupidez e sobranceria provocou a aggressão do outro daimio, o qual teve que commetter *harakiri* por haver desacatado a majestade do palacio xogunal, ou as campas dos quarenta e sete ronins que, para vingarem a morte do seu senhor, mataram o inimigo odiado que d'elle fizera uma victima, e por seu turno foram condemnados ao suicidio?¹

No theatro este episodio do seculo XVII, mil vezes representado, é hoje o recurso extremo dos empresarios em maré de fiascos. Assim como na Europa o melodrama das *Doas Orfãs* está seguro de attrahir concorrência em Paris ou Londres, no Japão o caso dos quarenta e sete ronins tem feito derramar sentidas lagrimas a gerações de espectadores, com a mesma intensa regularidade. Tambem a memoria dos quarenta e sete ronins permaneceu na recordação nacional como a personificação da lealdade e o symbolo do civismo. Não esqueçamos que este consistia então na dedicação ao superior, que dispensava o pão e as

¹ A historia dos quarenta e sete ronins encontra-se relatada com simples, todavia grande intensidade dramatica, no interessante volume de Mitford — *Tales of Old Japan*. Mitford foi secretario da Legação Britannica em Tokio no periodo mais interessante da historia japoneza contemporanea, a saber, a queda do xogunato, e teve occasião de conhecer em toda a sua pureza o velho Japão, cujas lendas e contos em parte condensou e traduziu. Entre outras cousas assistiu, como representante official inglez, a um *harakiri* ou suicidio, por sentença, que descreve com emoção.

Ronin era o nome dado aos samurais que, por acção criminosa, proposito de executar qualquer designio violento, confisco dos bens do senhor ou outra circumstancia, se achavam momentanea ou indefinidamente, fóra da disciplina, regras e deveres dos seus clans, desonerados da fidelidade devida aos daimios respectivos e portanto senhores absolutos do emprego das suas espadas. Na Europa chamal-os-hiam aventureiros, ou *condottieri* que não fossem no emtanto necessariamente mercenarios.

recompensas, e não á entidade abstracta chamada Estado, cuja concepção apenas modernamente se formou no Japão e ainda assim, com o apego do Oriental ás formas concretas, se corporisou no Mikado — digamos no Imperador (*Ko-tei* ou *Ten-nô*), que é a formula official e a preferida pelo Japonez culto, ao qual a expressão *Mikado* lembra immediatamente, por opposição, a de Xogun e traz assim á reminiscencia a idéa da secular usurpação.¹ Um povo que preza por forma tal o civismo, é um povo incontestavelmente nobre. Encaminhado no bom sentido, em vez de servir de pretexto ou desculpa a homicídios odiosos, o proprio ardor nativista constitue a virtude mais preciosa das muitas que adornam o carácter japonez.

Os missionarios catholicos nunca se enganaram quanto aos primorosos predicaos dos proselytos que fizeram e teriam continuado a fazer, com superior resultado moral ao das degeneradas missões protestantes da actualidade, si as intrigas — intrigas multiplas, complexas, de todo genero, conforme veremos, mas sobretudo intrigas entre Peninsulares e Hollandezes, as quaes no seculo XVII serpearam como hoje serpeiam, umas contra as outras, as da Russia e Inglaterra — não tivessem, levando ao espirito desconfiado dos governantes japonezes a convicção de que a monarchia catholica meditava attentar contra a independencia do paiz, determinado o encerramento do Imperio asiatico á ganancia e até á bisbilhotice da Europa. Segundo o parecer dos Jesuitas, eram os Japonezes materia prima da melhor: o povo mais sizado é progressivo da Asia; o mais polido, o mais affectuoso, o mais docil. Polido, affectuoso e docil por certo, mas só até ao ponto de quererem sujeital-o — affronta suprema que os Japonezes estão firmemente dispostos a impedir que jamais aconteça. O solo sagrado do Dai Nippon nunca mais foi nem será pisado pelo invasor, desde que as primeiras barcadas continentaes foram successivamente expellindo para o norte os Ainos,

¹ Em conversa os Japonezes dizem simplesmente A Magestade (*Hei-ka*) e o povo usa muito da expressão *Tenshi-Sama* (Senhor, filho do Céu).

aborígenes prováveis da ilha de Hondo, que hoje povoam a ilha de Yezo, onde dão mostras de um estado atrasado de civilização. A única invasão tolerada no archipelago é a das idéas civilizadoras, as quaes nos tempos longinquos vieram da China e nos tempos modernos chegam da Europa.

Para receber a invasão das idéas civilizadoras, abrem-se todos os espiritos, preparam-se todas as intelligencias, aguçam-se todas as vontades. Uma vez utilizado o adubo mental estrangeiro para a fertilização do solo nacional, o Japão *farà da se*, e seus filhos, como bons insulanos, bastarão a si próprios. Si são parcos de originalidade inventiva, já verificámos que são ricos de adaptabilidade engenhosa. Para receber, porem, a invasão das armas estrangeiras, levantar-se-hiam todas as energias, abraçar-se-hiam todas as almas. O Japão seria um Transvaal monstro, com 40 milhões de habitantes em vez de 400,000 — exactamente o numero de que augmenta cada anno a população do archipelago.

Tambem não ha instituição que o Governo Imperial haja amoldado, zelado, protegido, estimulado, amimado e ao mesmo tempo (é mister não esquecer) disciplinado, como o exercito, o qual de organização privilegiada formada pela classe dos samurais, passou a ser um organismo democratico, constituído pelo serviço obrigatorio de todos os cidadãos, e que todas as auctoridades estrangeiras, sem excepção, reconhecem ter-se convertido n'um instrumento admiravel de defesa e de ataque. O fallecido Li Hung Chang uma vez deixou de ser sagaz: mas ao permittir que a questão da Coréa chegasse ao ponto de rompimento, elle contava com a inefficacia das tropas japonezas depois da substituição das phalanges guerreiras dos samurais pelo exercito á moderna, pelo qual transitam todos os cidadãos. Esquecia-se o atilado estadista que, si na China o serviço militar é desdenhado — *cedant arma togae* — como representativo de um estadio desaparecido de civilização, a phase das conquistas, aqui a instrucção militar prevalece e começa com os mais tenros annos.

O primeiro espectáculo social que contemplei no Japão, ao desembarcar em Nagasaki, foi, n'uma pequena esplanada junto ao bosque que sombreia o templo xinto de O-Suwa, o exercicio de um collegio de meninos entre oito e quatorze annos, armados de espingardinhas, muito convencidos da sua importancia bellica, e manobrando com agilidade e segurança que me assombraram. Depois do ensino nos collegios dos primeiros rudimentos da arte militar, ha o verdadeiro *training* nos regimentos, onde todas as classes se nivelam na tarefa commum de exercitarem-se para realçar o renome da patria. O soldado japonéz não cessa de manobrar, e a vida do official do exercito é, no Japão, uma das mais trabalhosas e despidas de prazeres. É desconhecido o espectáculo europeu de officiaes em uniforme pejando cafés, botequins e cervejarias com o fumo dos seus cachimbos e o perfume dos varios compostos de alcool com que buscam condimentar a monotonia da vida de guarnição. No campo, na repartição ou na caserna, o militar japonéz estuda e pratica constantemente a sua profissão. O fuzil de repetição usado pelos regimentos é de fabrico e invenção japoneza, como é de fabrico e invenção japoneza a polvora sem funaça empregada nos canhões. O exercito em tudo mostra-se perfeitamente conscio de que a nação d'elle fia a preservação da sua autonomia e a consistencia da sua grandeza.

E o exercito japonéz bem merece uma tal confiança. Os relatorios dos commandantes das forças estrangeiras em operações na China por occasião da revolta dos Boxers são a este proposito particularmente edificantes. Todos elles louvam em primeiro lugar, já se sabe, os seus proprios contingentes, mas collocam invariavelmente em segundo lugar o contingente japonéz. Tal unanimidade de classificação parece demonstrar que, mais do que quaesquer outros, se salientaram os Japonezes pelas admiraveis qualidades que os tornam soldados aos quaes nenhuns outros no mundo se avantajam.

Opinam os profissionaes que a parte menos perfeita ainda

do exercito japonéz é a cavallaria, e de certo será assim não tanto por falta de traquejo e habilidade dos cavalleiros como pelo defeito das montarias. O Japonéz não anda no geral muito afeito a montar, mas o que é especialmente preciso notar é que o cavallo no Japão não nos apparece de ordinario o animal nobre e fogoso que estamos acostumados a admirar n'outras terras, mas sim um animal degradado. Nas pinturas antigas mesmo elle encolhe-se sob a armadura do guerreiro, humilde na guerra como hoje o vemos cabisbaixo no trabalho, muito por effeito do velho habito de atarem as redeas á perna dianteira do animal, impedindo-o, ao mesmo tempo que de correr, de levantar a cabeça no movimento a um tempo inquieto e gracioso que é um dos seus encantos. A artilheria parece ser absolutamente efficiente e a infantaria, então, é incomparavel. O serviço medico do exercito foi igualmente considerado admiravel pelas auctoridades estrangeiras que observaram o seu funcionamento nas campanhas chinezas.

Não sómente os Japonezes, por motivo da sua destreza manual e da sua resistencia nervosa fazem-se excellentes cirurgiões, como teem-se applicado á medicina com tenacidade e successo, obtendo beneficos resultados no novo tratamento da dysenteria e outras enfermidades predominantes no Japão. O correspondente do *Times* escrevia em 1900 que, contrastando vivamente com o que se passara por occasião da guerra civil da Restauração (1867—68), quando o unico tratamento dispensado aos feridos era o fornecido por dous cirurgiões da Legação Britannica, as ambulancias japonezas de hoje são verdadeiramente modelos: completissimas como organização e efficacissimas como serviço, possuindo até navios-hospitaes especialmente construidos para este fim, nos quaes os feridos e doentes encontram todos os confortos, desde as mais recentes descobertas sanitarias até as enfermeiras nacionaes mais competentes, devotadas e pacientes.

A resistencia na marcha do infante japonéz é phenomenal para quem se não lembrar do quanto está elle habituado a esse

exercício desde a meninice. Para um Japonez andar 30 milhas é um passeio, não uma excursão fatigante. Um athleta com exercício pode chegar a resultados superiores de pedestrianismo, mas no Japão toda a gente chega pelo habito, sem violencia, a uma media elevadissima. O correr é um movimento que não é forçado, antes natural. Os carteiros entregam a correspondencia correndo; os pagens (*betto*) a cada instante saltam da almofada para correrem nas ladeiras e pontes ao lado ou adiante dos cavallos, arredarem os velhos e crianças, tocarem as campainhas, abrirem as porteiros e portões; os puxadores de *kurumás* desconhecem por completo o passo e só andam a galope, ou pelo menos a trote.

Demais, a sobriedade habitual do Japonez é conhecida, e para a marcha é esta uma condição, pois um estomago repleto representaria um estorvo. Sendo capaz de excessos pantagruelicos, a sua dieta ordinaria é modesta. Uma sopa d'algas, uma tigella d'arroz, um naco de peixe grelhado com alguns condimentos picantes, um covilhete de conservas, um tijolinho de geléa ou algum bolo inteiramente recoberto de assucar, representam um banquete opiparo. Para o camponez o arroz, embora cultivado em larguissima escala para a venda, é um luxo, senão igual ao que seria um pastelão de *foie gras* para um aldeão francez, pelo menos reservado para os dias de festa, quando o servem corado com caldo de feijão vermelho. O arroz guarda-se tambem para os doentes, como entre nós os peitos de gallinha. Dentre outros cereaes, é o milho miudo nos campos o alimento principal, quotidiano e quasi exclusivo. Dizem que no extremo sul do archipelago a batata doce representa identico papel.¹ Nas cidades é que o arroz desempenha para o povo o papel de pão.

Como bebida o *saké* ou aguardente de arroz tem para o Japonez de todas as classes attractivos irresistiveis. O numero dos ebrios é, porem, relativamente diminuto, mesmo nos *matsuris*

¹ Chamberlain, *Things Japanese*, artigo *Agriculture*.

ou festivaes religiosos que se celebram ao redor dos templos, com aspectos de feira, como a de Neuilly. Não é que seja tão restricta a capacidade do estomago japonéz: a sua sobriedade parece mais voluntaria ou necessaria do que effeito de natural disposição. Um rancho de Japonezes que vá tomar refeição n'um hotel ou *restaurant* estrangeiro (*foreign style*) julga-se sempre obrigado a acompanhar conscienciosamente o cardapio, comendo, um apoz outro, todos os treze ou quatorze pratos da lista. É verdade que o contacto diario dos Europeus modificou com as ruins muita cousa boa no Japão — do que agora se estão com arrependimento avisando os Japonezes —, e que uma refeição á occidental, com suas grandes peças assadas e seus sabios guizados, é radicalmente differente da tradicional refeição japoneza, que toda se contem n'uma bandejinha de charão, mas é por isso mesmo mais tentadora para os aspirantes ao eclectismo, que se suppõe ser o característico por excellencia do homem superior.

Comida abundante e succulenta suppõe bebida abundante e generosa, e os Europeus do Oriente fazem no geral o mais franco consumo de bebidas. O *bar* é o ponto capital de reunião masculina e o maior rendimento dos clubs das differentes nacionalidades, em Changhae como em Hong Kong, em Colombo como em Singapura. O Japonez do tom, que aprendeu electricidade e economia politica, musica que continua a ser do futuro e pintura que não passou de impressionista, não poderia, sem rebaixar-se aos seus proprios olhos, deixar de acompanhar o glutão e beberão europeu. Soffra embora a hygiene, a honra fica salva, e ninguém se atreverá a dizer que não é o Japão um paiz progressivo. O Japonez é, querendo, capaz de tudo, mas cousas ha de que só elle parece capaz.

A sua pericia no empacotar, que converte a sua mochila de soldado na mais portatil, mais leve e melhor fornecida, é uma derivação da sua habilidade manual, cuidadosamente educada. Uma caixinha de merenda, d'essas de madeira branca que se vendem nas estações de caminho de ferro e se chamam

bentô bakô — como se chamavam as antigas, de laca preciosa, arranjadas em prateleiras sobrepostas, ajustando-se precisamente, no genero das dos *inro* ou carteirinhas de drogas para carregar na cinta — é uma obra prima de disposição: uma porção de cousas acham-se arrumadas no menor espaço com o mais escrupuloso aceio e o mais appetitoso plano. Combinada com o vigor muscular, semelhante pericia torna-se valiosissima para os serviços mais pesados de uma campanha, taes como o arrastar geitoso dos canhões nos lugares onde o gado fallece. Um escriptor acostumado a tratar assumptos militares, o qual assistiu aos recentes acontecimentos da China, não se farta de elogiar na sua obra o que com justa razão denomina o *dainty touch* (o tocar delicado) do soldado japonéz, comparando-o desfavoravelmente com os dedos achavascados, do feitio de chouriços (*clumsy, sausage-like fingers*), dos soldados europeus.¹

Mas o que sobretudo impressionou todos os assistentes foram o extraordinario espirito militar dos Japonezes, a sua valentia, a sua tenacidade, a sua indiferença pela morte, a qual não provem tanto do fatalismo como do desprezo da covardia. Dir-se-hia que fazem a guerra pelo amor da guerra, como os poetas parnasianos diziam fazer a arte pela arte. Alegres, contentes da sua sorte, como parece estar toda a gente no Japão, nunca se intimidavam, nunca paravam, e tambem nunca se impacientavam. A impaciencia é, de resto, um defeito ignorado na vida quotidiana do Japão: ninguem tem pressa e ninguem perde a fleugma e compostura. Um individuo irritado desperta hilaridade. A brandura de maneiras é a base das relações sociaes.

Um meu amigo, distinctissimo official europeu que esteve

¹ A. Henry Savage-Landor, *China and the Allies*, London, 1901. Eis um dos seus periodos sobre o assumpto: „Os Japonezes agarravam e depunham no chão os objectos mais diminutos e mais frageis com presteza e graça taes, que era um prazer vel-os, ao passo que o Yankee, ou o Francez, ou o Inglez, ou o Russo, para não fallar no Allemão, não podia pegar em cousa alguma, que não fosse de bronze ou de pedra, sem quebral-a ou torcel-a, ou sujal-a ou estragal-a de algum modo.“

de serviço na China e que é um espirito essencialmente curioso, contou-me que perguntara ao general Yamaguchi, commandante das forças japonezas, si não era de opinião que o Buddhismo, com sua theoria da igualdade da vida e da morte, fortalecia muito o soldado japonês no seu absoluto destemor. O general zombou amavelmente da idéa, assegurando que no Japão a religião não passava de occupação de velhas e pretexto para folganças, e que o Buddhismo nenhuma influencia positiva exerce sobre a alma nacional, sendo o valor physico e moral manifestado, tão sómente filho do espirito cavalheiresco engendrado pela antiga ordem social concretizada no feudalismo. O meu amigo, verdade seja, não ficou convencido com a resposta e apontava-me para o facto dos regimentos japonezes levarem seus capellães budhistas, o que faz support da parte d'este Governo muito utilitario, que manda compor canções militares para accender as coragens, certo interesse na alimentação do fervor religioso.

Não ha duvida que a indifferença agnostica a que atraz me referi é preponderante sómente entre as classes cultivadas, e que o *heimin* ou povo, e muito especialmente a população dos campos, conserva sua devoção, chamem-lhe embora superstição, que se revela não só pelos batidos de palmas, para chamar a attenção dos deuses, e o envergar dos trajes brancos e dos chapéus grandes como balaios para as peregrinações, como por forma mais positiva, si bem que em extremo custosa para uma classe pobrissima e onerada de impostos como é a agricola, pelas contribuições para o sustento dos dous cultos nacionaes, do budhista principalmente que não recebe subsidios officiaes e cujo esplendor de ritual falla mais á imaginação popular. O meu amigo chega a desconfiar que o scepticismo religioso é em muitos casos uma mascara posta pelo Japonês para esconder seus verdadeiros sentimentos, os quaes, receia, sirvam de thema de escarneo aos estrangeiros. Para prova, citava-me o facto de alguns officiaes do exercito e armada, seus conhecidos, que, devorados de zelo pelo Buddhismo, costumavam ir fazer retiros espirituaes

em Kamakura e meditar, sob os auspícios de um sabio bonzo, sobre problemas transcendentaes de metaphysica. Por seu lado o fervor dos neophytos japonezes do Christianismo é, n'alguns casos, verdadeiramente evangelico, ainda que seja restricto o numero dos proselytos angariados no *Meiji* pelas differentes missões da Europa e America. No geral, porem, é o Japonez tibio de religiosidade, como ou porque é destituído de capacidade philosophica, e até experimenta difficuldades, elle, tão prompto no assimilar as cousas praticas, em perceber a philosophia européa.

Religioso ou simplesmente patriotico, o facto é que o fanatismo militar no Japão se revela um sentimento que participa da natureza mystica, actuando comtudo positivamente, já pela elevação que empresta ao character do paiz, já pelo alheamento em que colloca o exercito das discussões politicas, ou melhor de todas as considerações terrenas que não interessam a defesa nacional. N'este sentido, é ou não o Japão um bello exemplo? O *Yamato Damashi*, o espirito do velho Japão, ahi, no exercito, é que se conserva puro e indomito, fallando mais alto do que toda a imitação da civilização occidental. Quando não fossem outros e mais numerosos os laços que prendem ao passado o presente, seria sufficiente essa sobrevivencia para estabelecer a continuidade da historia e da cultura nipponicas, para assim obstar a que um novo Japão submerja o antigo e destrua criação tão graciosa e enteressante. Applaudindo a sentença que poupou a vida do assassino de Hoshi Toru, escreveu o *Japan Gazette*, jornal inglez de Yokohama, que era esse um dos casos em que a clemencia devia realmente temperar a justiça, porquanto, embora admissivel e logico, não seria avisado ignorar e affrontar o velho espirito feudal, que constitue a melhor força nacional. O assassino politico, podemos consideral-o como o representante transviado d'aquella era, o ronin sem eira nem beira; o soldado é, entretanto, o representante legitimo da mesma era, o equivalente do samurai cheio de brio e de respeito, cujo ardor bellicoso e cega obediencia sobreviveram no novo exercito, alargado, trans-

formado, mas apenas europeizado no genero de armamentos e na technica.

Passamos em revista as circumstancias de ordem permanente, de character estatico, que explicam o *Meiji*, mas não nos dizem como n'um dado momento foram todas postas em movimento no intuito de produzirem aquelle resultado de civilização. Para a decifração do enigma da mudança do scenario, ha ainda outro elemento importante, de character dynamico, a attender, alem das apontadas virtudes e predicados da alma nacional — e é que os espiritos estavam de certa forma preparados para a mudança, ou pelo menos preparados para mudanças. Os eruditos do tempo dos Tokugawa, não lhes sendo licito analysar o presente, vingavam-se estudando exhaustivamente o passado, e d'este estudo subiam sinceros desejos de reforma domestica no sentido das velhas instituições obliteradas, e na sua base trabalhavam inconscientes aspirações de uma transformação radical. É sabido que um dos principes de Mito esteve encarcerado pouco tempo antes da chegada de Perry, por aconselhar desassombradamente o Xogun a deixar de ser usurpador e entregar o governo a quem de direito. A côrte de Kioto e os proprios principes de Mito não eram, muito longe d'isso, favoraveis ao intercurso com os estrangeiros. A grita contra estes, favoneada por dous seculos e meio de odio laboriosamente cultivado, não logrou comtudo repercussão unanime nos conselhos quer do Imperador, quer do Taikun, quer dos daimios, e homens houve como o barão Ii Kamon-no-kami que tiveram a intuição das verdadeiras necessidades do momento historico, e não hesitaram em sacrificar popularidade e vida¹ a uma politica que devia culminar na garantia da independencia japoneza.

¹ O barão Ii Kamon-no-kami, *tairo* ou primeiro ministro do Xogun, foi assassinado em 1860, quando ia a caminho do Palacio, por alguns ronins do *clan* Mito, intimamente despeitados com não haver recahido a escolha para herdeiro do ultimo Xogun, sem descendencia directa, no filho do seu senhor, e publicamente accesos contra o perspicaz estadista por ter, antes de recebida de

Os espiritos d'esses homens tinham-se educado na mesma atmospherá que os dos reaccionarios. A differença estava tão sómente no grao de percepção ou de sagacidade pessoal, porquanto a Renascença ou Romantismo litterario e politico em acção tanto podia conduzir ao progresso como encaminhar para a reacção. Cesar Borgia e Angelo Policiano, Savonarola e Giordano Bruno foram todos filhos da Renascença. Bonald e Lamartine derivam ambos do Romantismo. Ii Kamon-no-kami e o principe de Mito pertenciam á mesma classe e tinham recebido, um e outro, a mesma instrucção sino-japoneza, classica e nacionalista. No entanto, como as forças progressivas, uma vez postas em movimento, desenvolvem uma pressão irresistivel, a obra do patriotismo esclarecido sobrepujou a do patriotismo obcecado e, vencendo, o liberalismo poude, sem destruir o tradicional espirito dramatico, transformar o scenario japonez, mas salvar o theatro que dera até então ao seu publico escolhido, e passava d'ora em diante a dar ao mundo inteiro, tão bellos espectaculos de energia e de altivez.

Kioto a sanção imperial e sob pretexto da occasião ser urgente e inadiavel a opportunidade, assignado o tratado de commercio com os Estados Unidos, primeiro da serie que reabriu o Japão ao convivio com o estrangeiro. Vide Satoh, *Agitated Japan*, livro de auctor japonez que é uma biographia da victima.

CAPITULO II

A CRISE CATHOLICA NO SECULO XVI

Os missionarios jesuitas abordaram ao Japão n'um momento particularmente apropriado ao exito da sua generosa propaganda, na qual se viram, por motivos politicos e em odio aos monges buddhistas que insufflavam a anarchia feudal para fazel-a redundar em proveito proprio, protegidos por Nobunaga, Xogun de facto senão de nome, o qual aparentemente restabelecera a auctoridade do Mikado, quasi totalmente eclipsada pela do seu lugar-tenente ou representante militar, effectivo distribuidor das graças, riquezas e honrarias pelos officiaes que lhe commandavam as forças.

Em primeiro lugar o Catholicismo acabava de atravessar a grande e temerosa crise da Reforma e apresentava-se elle proprio reformado de abusos, melhorado e disciplinado. O Concilio de Trento consolidara-o tanto sob o ponto de vista dos dogmas como da organização, e a criação da milicia jesuitica, de defesa do ideal catholico, estava-lhe fornecendo alguns dos seus typos mais acabados e perfeitos, na faina de realizar a desmedida ambição moral da Ordem, que era a unidade do genero humano sob o regimen da Egreja.

A organização essencialmente militar, de subordinação consciente, dos Jesuitas, devia por outro lado fallar ao espirito de nobre dependencia e inabalavel lealdade dos samurais; si bem que aquella mesma completa subordinação dos pastores e das ovelhas a um pastor supremo, distante, elevado e venerado, encerrasse um grave defeito em vista do sentimento de independen-

cia dos Japonezes; e si bem que a lealdade em vigor fosse puramente, não a de classe mas a de *clan* — a outra viria sobretudo com a organização feudal, administrativa e isolada, de Ieyasu — sendo antes commum e desculpada a traição fóra do *clan*, até dirigida contra os chefes militares. Haja visto o levante de um dos lugar-tenentes de Ota Nobunaga contra o seu general, o qual, considerando-se perdido, procurou no suicidio a morte que lhe destinavam suas tropas rebelladas e açuladas com a promessa de um copioso saque. Anteriormente, Yoshitomo, o rival de Kiyomori, chefe dos Taira, fôra assassinado no banho por um seu seguidor infiel que Kiyomori peitara. Griffis¹ chega a escrever que nenhum paiz é tão fertil quanto o Japão em episodios historicos de traição, e o auctor da *Vida de São Francisco Xavier*, o Padre João de Lucena, já ha trez seculos fizera a mesma observação, escrevendo que eram diarias as rebelliões dos soldados contra os chefes. A afamada lealdade japoneza seria pois uma virtude que verdadeiramente data dos ultimos seculos, mas a sua brilhante florescencia não poderia por certo ter-se expandido, si as raizes da planta fossem todas á flor de terra e não se prendessem por fibras resistentes ás camadas mais fundas do solo nacional. O mais exacto será pensar que a lealdade militar fazia, antes mesmo dos Tokugawa, parte integrante da alma japoneza; porem que o estado de chronica desordem e furiosas paixões em que se debatia o paiz, occasionava frequentes manifestações de uma felonía que a condição morbida explica, sem attenuar.

Outra razão mais conspirava secretamente em favor do Catholicismo. O Buddhismo, cujo enorme poder de mal Nobunaga abateu, não lograra, apesar de ter exercido grande e benefica influencia sobre a litteratura no periodo **chamado** de **Kamakura** e seguinte, durante os quaes os monges foram, como na Europa os monges catholicos, os guardas do saber e do gosto, satisfazer a necessidade moral dominante no Japão do seculo XVI, apoz

¹ *The Mikado's Empire.*

um largo periodo de disturbios e de ferocidade. Semelhante necessidade moral impellia para a paz, para a humildade, para o recolhimento, para a meditação sobre a instabilidade das cousas humanas, para tudo quanto fosse contrario ao morticínio, á soberba, á crueldade e ao vicio. Tudo aquillo comportava aliás a essencia do Buddhismo, mas deixara de andar representado por esta religião degenerada, servida por bonzos aggressivos e libidinosos, que viviam em orgias sensuaes e sangrentas.

O Buddhismo fôra no Japão, como indirectamente o proprio xogunato, um producto da infiltração da civilização continental ou chino-coreana. Não podendo substituir-se ao Xintoismo tradicional, n'elle se enxertara, formando os dous juntos — cada um entretanto com vida propria — a religião nacional, por alguns apodada de grosseira idolatria, mas que de facto se compõe, como todas as religiões organizadas, de uma parte ritual e de outra doutrinaria, ambas suggestivas. Nem surprehenda tal coexistencia e connexa associação. A verdade é a que atraz mencionei: que os Japonezes são um povo capaz de apresentar exemplos individuaes de extraordinaria piedade, porem entre o qual, tomado no conjuncto, a faculdade religiosa é limitada ou acha-se medianamente desenvolvida. Á sua litteratura são, por assim dizer, alheias as dissertações metaphysicas — as excepções confirmam a regra — e varios escriptores teem com razão chamado a attenção dos estudiosos para o duplo facto dos Japonezes nunca haverem traduzido o canon buddhico nem commentado de forma apreciavel os classicos chinezes, contentando-se n'um e n'outro caso com as versões chinezas, sem nada lhes ajuntarem da sua lavra.

A religião não passa para o commum dos Japonezes de uma vestimenta exterior da alma, e assim como o *kimono* ou roupão, o *jiban* ou camisa e até o *shita-obi* ou tanga poderiam ser tirados *coram populo* sem que o corpo nú fosse no minimo offensivo á sua concepção do pudor, do mesmo modo poderiam as crenças que não dizem respeito aos antepassados ser postas de lado, sem

com isso desmerecer a sua concepção ethica. Justamente como si se tratasse de uma vestimenta do corpo, envergam os Japonezes no seu archipelago, por tradição e decencia, o *kimono* xinto-buddhista, batendo com a corda torcida no gongo dependurado do alpendre dos templos para acordar os espiritos, e sendo enterados com acompanhamento de orações entoadas por sacerdotes de cabeça rapada; mas de ordinario estão igualmente dispostos, no estrangeiro, a envergar o *frack* catholico ou a casaca protestante, persignando-se com agua benta ou lendo em voz alta á familia versiculos da Biblia. Houve um momento de extrema europeização em que, escreve um auctor, um decreto imperial teria convertido de uma assentada e quasi sem um murmurio todo o Japão á religião christã.

Bem sei que ha excepções, e talvez mais numerosas do que geralmente se pensa, a esta indifferença religiosa. O influxo dos Jesuitas, por exemplo, não se exerceu unicamente sobre conversos de igual ductilidade. Si muitos haveria que então abraçavam o novo credo por não achal-o exteriormente quasi differente do Buddhismo, com cujo cerimonial o catholico tem com effeito abundantes pareenças, tornando facil a transição de uma para outra religião aos que se contentam com analogias summarias; e outros por convir a conversão aos seus interesses, que o trafico com os Portuguezes e Hespanhoes promettia favorecer, o que até proveava ciumes e sizanias entre os daimios, os quaes nunca foram tão independentes como então, e cada um mais cortejava os estrangeiros para que ancorassem nos seus portos e não em outros; neophytos havia, e em numero não menor, que abraçavam a religião christã consciente e deliberadamente, apoz madura reflexão e esgotadas as duvidas como é proprio da intelligencia japoneza. Por esse motivo mais tarde evidenciaram, deante das perseguições, a mais inquebrantavel constancia. Os martyres do Catholicismo contam-se por centenas ou mesmo milhares entre os Japonezes, e os padres que affluiram depois de 1868, quando a „seita corrupta“ deixou de ser illegal, tiveram a doce e

consoladora surpresa de encontrar ainda lembrada em alguns lares a doutrina prégada quasi trez seculos antes, é exacto que com um ardor e uma intelligencia que justificam tão honrosa preservação.¹

Entretanto no Meiji a propaganda religiosa estrangeira tem

¹ Os Jesuitas, com o duplo fim de espalharem entre os *Japões* a doutrina catholica e de irem educando os seus proprios companheiros no estudo da lingua nacional, chegaram a trazer da Europa em 1590 um prelo de typos romanos, publicando em 1591 a sua primeira obra, uma especie de *Flos Sanctorum* muito esumido. A esta seguiram-se outras em latim, portuguez e japonéz combinados — livros de devoção e de linguistica — e mesmo um lexicon chinéz. De todas deu Sir Ernest Satow uma interessante descripção, com fac-similes e extractos, no seu trabalho (edição de 100 exemplares) *The Jesuit Press in Japan 1591—1610*, 1888, e no volume XXVII, parte II (Dezembro 1899) das *Transactions of the Asiatic Society of Japan*. As obras enumeradas pelo erudito japonologo são dezeseis, illustradas algumas com vinhetas gravadas em cobre por artistas indigenas educados pelos Padres.

A typographia jesuitica, primeiramente installada em Katsusa, mudou-se depois para o collegio de Amakusa, na ilha do mesmo nome, não longe de Nagasaki (Kiuxiu), onde ter-se-hia estabelecido outro prelo. Os caracteres romanos a principio empregados, foram mais tarde substituidos por caracteres japonezes ou, mais rigorosamente, chinezes e syllabarios nacionaes, de certo para tornar mais expedita a propaganda religiosa, fazendo mais accessivel a sua comprehensão. Gorou d'est'arte uma primeira tentativa de romanização da escripta japoneza, isto é, da introdução do alfabeto europeu como meio de communicacão do pensamento. Nem foi mais feliz a moderna tentativa de uma sociedade especialmente constituida para esse fim e a cuja frente estava, entre outros, o professor Chamberlain. Com a introdução da imprensa jesuitica coincidiu aliás a verdadeira vulgarização da imprensa japoneza mercê da importação, provavelmente da Coréa, dos typos moveis, pois que anteriormente eram difficeis e muito raras as impressões por meio de blocos.

Entre os productos do prelo de Amakusa conta-se uma edição simplificada, em dialecto colloquial ou fallado, do *Heike Monogatari*, romance japonéz do seculo XIII composto, ao que parece, para ser cantado pelos *biwa-bozu* ou bonzos de guitarra, e versando sobre a lucta dos Taira e dos Minamoto. A adaptacão foi tentada por um discipulo do collegio e publicada conjunctamente com uma traducção das fabulas de Esopo. Figuram proeminentemente entre os livros impressos no Japão pelos padres da Companhia, cujos rarissimos exemplares se encontram dispersos pelas bibliothecas da Europa, particularmente no British Museum, um *Vocabulario da Lingoa do Japam* (1603) e uma *Arte da Lingoa do Japam* (1604), do Padre João Rodriguez, portuguez.

obtido os fracos resultados que era legitimo esperar de uma nação cujos estudantes de cursos superiores, as esperanças da intelligencia nacional, respondendo a um plebiscito de jornal, se confessam dous terços d'elles francamente atheus, e a quasi totalidade falla em ethicas subjectiva e objectiva como o melhor substitutivo para qualquer systema religioso. O factio é que não ha hoje muito mais de cem mil christãos onde já houve um milhão de catholicos. E d'esses cem mil por certo algumas centenas ha do genero de um meu conhecido que, tendo passado sete annos n'um paiz christão, tambem se fizera christão. Mencionando elle um dia em conversã a sua conversão, da qual eu nunca suspeitara, perguntei-lhe si continuava a praticar e si aprendera, antes de abraçal-a, a nossa doutrina, agindo com discernimento. A minha ultima pergunta surprehendeu-o e divertiu-o, como si, para ser baptizado, fosse preciso mais do que a suggestão dos companheiros de escriptorio, ou como si o baptismo encerrasse mais do que uma simples e fresca cerimonia aquatica. Uma vez de regresso ao Japão, o neophyto não mais se recordara de que se chamava Agostinho, *in partibus infidelium*.

Pela continuação, tive ensejo de verificar o grao de sinceridade de outras conversões. Lembro-me de um casal de japonezes, educados e casados n'uma missão americana, mas cuja habitação formigava de idolos buddhistas e fetiches de toda a especie para attrahirem prosperidade. N'um dia de *matsuri* não trepidaram esses christãos em imitar o resto da população do lugarejo, accendendo lanternas e offerecendo bolos de arroz e formosos kakis ás divindades xinto dos seus penates, nem em mandar suas filhinhas, vestidas de sedas garridas, figurarem, como os anjinhos das nossas procissões, nos carros enfeitados de flores, de objectos symbolicos da festa e expressivos dos desejos dos festeiros, e de bizarras inscripções, que constituem una das feições mais decorativas e mais alegres d'aquelles festivaes. Davam-me como motivo do seu proceder a necessidade de não melindrar os sentimentos dos visinhos e de não comprometter os interesses

do proprio negocio. Quão differente este opportunismo da constancia prodigiosa, exhibida no meio das peores torturas pelos neophytos dos Jesuitas dos seculos XVI e XVII, que tinham livre e convictamente abraçado a religião catholica. Sem tal convicção, consciente ou mesmo cega, é inutil pensar na perseverança da crença em face da perseguição. Uma Japoneza, convertida ao methodismo, confessou-me que assim não obrara de coração, preferindo o Buddhismo á doutrina estrangeira, mas que, sendo a conversão previa uma condição obrigatoria do ensino ministrado na missão, e desejando ella muito aprender o inglez, não vira mal algum em fazer-se temporariamente seguidora da seita fundada por Wesley.

O opportunismo forma a base da concepção religiosa japoneza, e suas raizes penetram na primitiva camada da fé nacional. O Xintoismo, sem possuir a superior largueza de vistas ou sequer a deficiente organização doutrinal e ecclesiastica do Paganismo aryano ou antes greco-romano, que nos seus templos associava aos velhos e proprios deuses os deuses dos povos subjugados, possuia toda a sua amavel tolerancia, a qual nunca julgou preciso transformar em perseguição, abandonando esta ao Buddhismo. As solemnidades xinto sempre foram festivaes despreoccupados e prasenteiros, não só porque reflectem o genio alegre do povo, como porque a concepção xinto considera a gente infeliz e dolorida impropria para adorar os deuses, cuja quietude celestial não deve ser perturbada pelo espectaculo da magua e da miseria. A alegria sem a dôr correspondente não é porem um espectaculo genuinamente humano, e foi semelhante comprehensão a novidade trazida pelo Buddhismo. Ao Xintoismo, religião que se cifra no culto ancestral, na veneração igualmente cultural do soberano de origem divina e na adoração dos phenomenos cosmicos, e cujas numerosas abluções e purificações concordam exactamente com a caracteristica limpeza physica dos Japonezes, faltavam ainda a sancção moral ou idéa do dever e a systematização das crenças. Tudo isso explica o immediato

successo do Buddhismo, sobretudo entre as classes inferiores, ás quaes, da mesma forma que o Christianismo com relação á plebe romana, a religião nascida na India vinha trazer elevação espiritual, symbolos profundos e a igualdade do Nirvana, presentes valiosos a una sociedade onde só existia obediencia passiva e imperavam formulas externas.

Começando por ser a religião dos pobres e dos humildes, dos famintos de consolação e dos sequiosos de ideal, o Buddhismo tornou-se todavia, com o andar dos tempos e os efeitos da sua propaganda, opulento e poderoso, congregando sob o seu credo, n'uma habil associação mystico-temporal, templos vistosos, conventos grandiosos e fortalezas alterosas. Opulento e poderoso muito embora, não conseguiu aniquilar nem supplantar o Xintoismo, o qual em sua essencia corresponde demasiado ao feitio moderadamente religioso porem ethico do povo japonez, extremoso pela familia e extremoso pela natureza, deferente e pantheista. As duas religiões, a indigena e a importada, não se neutralizaram nem tampouco se fundiram na accepção rigorosa da palavra; antes coexistiram e se coadjuvaram, a primeira como dependente, a segunda como conquistadora, até que em 1867 se inverteram os termos e o Xintoismo recobrou a perda supremacia na consideração do Estado.

É obvio porque se mostrou sempre o Buddhismo favoravel ao xogunato, excepção feita do curto periodo de ascendencia de Nobunaga, o qual para combater aquella religião tinha, alem dos motivos de character geral, o motivo pessoal, directo, de ser oriundo de uma familia de sacerdotes xinto, e o indirecto de não nutrir, como depois d'elle os seus generaes Hideyoshi e Ieyasu, a ambição de perpetuar na sua descendencia a dictadura militar. O poder do Mikado repousava todo sobre o culto ancestral base ou razão de ser do Xintoismo, e particularmente sobre a crença na natureza divina do Imperador, descendente dos Kamis ou imperantes convertidos em deuses do pantheon xinto, e em ultima instancia da deusa do Sol. O Buddhismo admittira, afim

de facilitar a propria disseminação, os numerosos deuses xinto como transformações ou estados anteriores das figuras da sua mythologia; colleccionara os rituaes xinto, e sobrecarregara os templos singelissimos d'esta religião primitiva com os apparatusos ornatos da sua architectura e as pompas liturgicas do seu culto, já despido do ascetismo original, e tendo trocado a pristina cadeia de sacrificios corporaes pela enfiada de subtilizas metaphysicas em que se deleita a argucia dos theologos.

A reacção religiosa viria contra essa tentativa, assaz bem succedida, de sequestração, quando triumphasse a reacção politica, e a corôa imperial, com o auxilio dos elementos despertados pela consciencia nacional na crise que de litteraria passou a patriotica, desmanchasse a construcção feudal, a qual sobre ella projectava uma sombra escura, e regressasse em these á plenitude da sua auctoridade. Das trez reacções, que se succederam, se concatenam e se explicam, a litteraria pode ser classificada como uma especie de Romantismo que precedesse de um seculo o europeu e, como o allemão, fosse beber nas fontes chronologicamente medievaes a inspiração, o enthusiasmo, o particularismo e o naturalismo. A reacção religiosa, essa foi, na origem, litteraria e nacionalista, e como tal serviu de rapida transição para a reacção politica. Uma reacção puramente religiosa não lograria perdurar, pois que, si no Japão o povo é commummente tibio de fervor, senão parco de orações, as classes superiores ha muito que deslizaram irremediavelmente no mais consciente scepticismo religioso.

Como os patricios romanos, os nobres e letrados japonezes tinham attingido em materia de fé um grao de indifferença que contrasta com o seu ardor e enthusiasmo nas luctas civis. Nos tempos politicamente quasi inquisitoriaes dos Xoguns da dynastia Tokugawa, a discussão religiosa foi perfeitamente livre. A intolerancia mais severa só estava reservada para o Christianismo, isto é, para a doutrina *estrangeira* que pretendia transformar e avassallar o paiz. Os sinologos dos seculos XVII, XVIII e XIX, e

os renovadores do Xintoísmo nos seculos XVIII e XIX porfiaram em demolir o Buddhismo, que uma escola denominada Xingaka pretendeu sem resultado, n'um assomo de opportunismo extremo, combinar perennemente com o Xintoísmo e o Confucianismo. Mesmo quando os Xoguns, farejando o perigo, levantaram certos embargos á crescente idealização do Mikado, continuou livre ao bohemio e humorista Ikku, o romancista realista por excellencia do *Hizakurige*, escarnecer das ruidosas e desordenadas precisões religiosas, no que não fazia mais do que seguir uma tradição litteraria de desrespeito, porquanto já nas farças ou *kiogen* do seculo XV se encontram francas allusões aos costumes desregrados dos bonzos.¹

Afóra a desapiedada perseguição dos christãos, e esta muito mais, ou melhor exclusivamente dictada por motivos politicos ou de interesse aggravado, a historia japoneza não encerra quasi conflictos religiosos travados fóra do terreno da propaganda ou da discussão mental, posto que por vezes atrabiliaria. Todas as luctas revestiram materialmente o aspecto inoffensivo da controversia theologica reproduzida no *Seiyo Kibun (Notas do Oceano Occidental)* entre o lettrado Hakuseki e o jesuita Sidotti, que no seculo XVIII pretendeu sósinho renovar os altos feitos evangelisadores de São Francisco Xavier e outros missionarios, e falleceu recluso em Yeddo, onde a sua campa ainda hoje se vê decorada, por ordem do Xogun então reinante, com a gravure na lousa de um chapéu de jesuita.

Tambem a dualidade do mando que existiu até o *Meiji* não produziu, em grande parte por ser theorica a sua divisão, toda em proveito do Xogun, mas igualmente por motivo do respeito que sempre inspirou a entidade do Mikado, tamanhos conflictos como os dos senhores feudaes entre si ou os dos aspirantes ao

¹ Vide sobre o escriptor Ikku o livro de Aston, *Japanese Literature*, London, 1899, e, para as referidas allusões, a farça *Hone Kaha (Costellas e pelle)* traduzida na obra do Prof. Chamberlain, *The Classical Poetry of the Japanese*, London, 1880.

xogunato. São taes conflictos que emprestam á Meia Edade japoneza — e nunca devemos esquecer que esta idade durou até ha pouco — um tom tão rubro quanto o da Meia Edade occidental, e que semearam o paiz de mais ruinas que os seus frequentes terremotos, espalhando a devastação nas formosas montanhas nipponicas, exactamente como acontecera nas bellas planicies europeas. Data d'esse longo, longinquo e ao mesmo tempo proximo periodo historico, a organização do feudalismo japonez sobre bases tão bem cimentadas e com materiaes tão adequados ao meio, que o edificio durou, com os enfeites do despotismo, até que o derrubou um movimento cujas raizes se vão perder n'um passado ainda mais remoto. Preparou-o, já o disse, uma Renascença ás avessas, na qual, em lugar de serem procuradas as licções da cultura classica estrangeira, os manuscriptos, os poemas, as historias e as legendas nacionaes revivificadas ensinaram cousas esquecidas das gerações contemporaneas e levaram a amar com mais amor um scenario historico desaparecido ante novas exigencias e novas orientações.

O feudalismo japonez é citado e invocado com frequencia porque elle só por si enche o passado da nação e não sómente foi um admiravel instrumento de conservação social, como uma instituição maravilhosamente adaptada á formação, educação e resistencia do character popular. Sem o feudalismo absorvente que foi o do Japão, difficil se tornaria acreditar que seriam os mesmos os Japonezes que o illustre biographo de São Francisco Xavier, o Jesuita portuguez João de Lucena, nos descreve com uma veracidade e uma *verve* que mais parecem de um moderno *touriste*, dispondo de todas as commodidades para observar, como soffredores sobremaneira do trabalho, fome, sêde, calmas, frios, vigias; de espirito animoso, engenho esperto, juizo repousado; não lhes fazendo vantagem no entendimento e cortezia os melhores da Europa, pois que aprendiam a ler e a escrever na nossa lingua e letra mais facilmente que os proprios Portuguezes, e os lavradores e criados no campo, longe de serem rudes como

os europeus, mais pareciam no bom ensino e policia homens da côrte; a nenhum dos seus idolos adorando e estimando como a honra, donde sobretudo lhes vem serem no extremo cortezes e commedidos uns com os outros.¹ Cita o padre que um mechanico a quem „se diga uma palavra um pouco desentoadada, ou colerica“ o menos que fará é deixar no mesmo ponto a obra e partir sem fazer caso do jornal; o que ainda hoje é rigorosamente exacto.

A profunda dissimulação das paixões; a ausencia de blasphemias, juramentos e gestos violentos, a ponto de mandar o senhor tirar até a vida ao vassallo com perfeita serenidade, e boas palavras; a singularidade de nunca se ouvirem queixumes nem denigrações, porque „quem do inimigo falla nas costas, a si mesmo não tem respeito, e a elle tem medo, que he a fraqueza que mais encobrem“; a abominação „do furto e com elle do jogo, porque ninguem joga sem cobiça, e vay muyto pouco do cobiçar a furtar“; a vileza do pedir esmola, ou emprestado; a incomparavel constancia que mostram, sendo igual o seu brio na opulencia e na desgraça: tudo quanto o padre João de Lucena descreveu com tanta formosura de estylo quanta correcção de impressão, e que até agora se conservou quasi por completo bello e verdadeiro,² foi originado no feudalismo militar, com o seu culto das virtudes

¹ *Historia da vida do Padre S. Francisco de Xavier e do que fizeram na India os mais Religiosos da Companhia de Jesu*, pelo padre Joam de Lucena.

² Os Japonezes de hoje apenas desmereceram do lisonjeiro retrato legado pelo jesuita em dous pontos: adoram o jogo, que a policia prohibe e persegue implacavelmente sem, porem, lograr impedil-o, e recorrem com frequencia aos emprestimos de dinheiro, sem duvida acossados pelas exigencias das suas novas condições sociaes, muito differentes das antigas. Supponho entretanto que o caracter do Japonez não variou sensivelmente no tocante aos alludidos traços de antes para depois do *Meiji*, antes que o pastor preconizou em excesso as suas ovelhas. O Japonez foi de todo tempo amigo da folgança, e esta em qualquer parte abrange o jogo e traz como consequencia a tendencia a gastar alem das posses de cada um, e portanto a fazer appello á bolsa alheia. Quanto ao furto é verdade que em poucas terras a segurança é tão grande.

nobres e a sua pratica das maximas estoicas. „Assi no fim de qualquer guerra em Japam, quem poser os olhos na igualdade do animo, e mostras de alegria de cada huma das partes, mal dirá, quais sejam os vencidos, e quais os vencedores“.¹

O feudalismo tingiu com suas côres todo o povo, mas no que diz propriamente respeito á classe dos *samurais*, que eram a força servida pelo numero, matizou-a tão distinctamente que a fez legendaria; fabricou-lhe uma couraça de qualidades tão rijas que a poz invulneravel, e tão brilhante tornou sua illustração e tão resistente sua tempera, que agora mesmo, depois de niveladas as classes, temos que ir procurar entre os seus antigos representantes ou modernos descendentes os caudilhos mais gloriosos do exercito japonéz e os fautores mais insignes da regeneração civil do paiz. Nem se diga que tudo no referido periodo foi guerra e matança, com a unica exhibição de uma valentia quasi ignobil, porquanto frizava na bestialidade e fanfarrice profissionaes. Existem numerosos episodios nos annaes d'aquelle feudalismo, taes como a porfiada contenda entre os Minamoto e os Taira, no seculo XII, que conteem, alem de paginas heroicas como uma canção de gesta, paginas ternas como um madrigal de trovador. Essa contenda epica terminou pelo triumpho dos Minamoto, commandados por Yoritomo, n'uma estu-penda batalha naval travada perto do estreito de Ximonoseki entre mil e duzentos juncos das duas parcialidades.

A narração de tal peleja encontra-se pintada com vivas côres não só nas paginas dos historiadores nacionaes como na imaginação dos habitantes do lugar do encontro, os quaes ainda hoje pretendem ver á noite os fantasmas dos combatentes, armados de enormes urnas e escumando o mar das largas manchas sanguineas de ha sete seculos. Foi no decorrer d'esta batalha que se deu o conhecido episodio, cantado em prosa e a miudo reproduzido na arte japoneza, do suicidio heroico da viuva de Kyo-

¹ Cap. II do Livro VII da ob. cit.

mori, que, para não ficar captiva dos Minamoto e ter de acabar, como outras muitas do seu *clan*, fazendo vida de cortezã, se lançou ao mar com o neto, o imperador criança, nos braços.

Os Portuguezes que ainda na primeira metade e sobretudo na segunda metade do seculo XVI arribaram a Kiuxiu na esteira de Motta, Zeimoto e Peixoto, lançados nas terras japonezas por um tufão, escreve Antonio Galvão no *Tratado dos Descobrimentos*, quando navegavam n'um junco de Sião para a China — outros dizem de Fernão Mendes Pinto e seus companheiros Diogo Zeimoto e Christovão Borralho, também apossados por um temporal e arremessados para a ilha de Tanegaxima quando, a bordo de um junco mercante, escapavam a outros perigos na costa da China¹ — ignoravam muito provavelmente e nem se importariam com a significação de todo o apparelho de civilização que se lhes deparou. Duvido mesmo que chegassem jamais a comprehender aquella organização social, baseada no feudalismo militar, que entretanto já fôra, não havia muito, a européa, e sob muitos pontos de vista ainda o estava sendo. Elles apenas enxergaram nos *Japões* uns *índios* mais a explorar, arrebatando-lhes os metaes preciosos. *Platearcas* chamavam os Hespanhoes as ilhas nipponicas, pela muita prata que encontraram e trataram, com os Portuguezes e depois os Holandezes, de exportar, a ponto de deixarem a terra quasi limpa d'ella. Os Jesuitas, porem, viam

¹ O Rev. Hans Haas, pastor evangelico allemão n'um bom livro recém-apparecido (Julho de 1902) como supplemento aos *Mittheilungen* da sociedade allemã *für Natur- und Völkerkunde Ostasiens* e intitulado *Geschichte des Christentums in Japan*, defende resolutamente a versão de Galvão, que é tambem a de Diogo do Couto, e exclue Fernão Mendes Pinto, o qual parece não haver ainda chegado ao cabo das suas amarguras posthumas, da honra de ser contado entre os trez primeiros Portuguezes desembarcados em territorio japonês na data fixada pelo auctor (cap. III) em 23 de Setembro de 1543. O Rev. Haas poz em contribuição diferentes escriptos japonezes, antigos como modernos, sobre o assumpto, d'ahi derivando argumentos em abono da sua these. O livro distingue-se particularmente pelo modo por que trata do Buddhismo e da organização social do Japão no seculo XVI.

com os olhos da fé, não só com os da cobiça: por isso viam com a intelligencia e com o coração.

O positivista Pierre Laffitte, no seu compacto estudo sobre o Catholicismo, não encontra elogios bastantes para a sagacidade com que, na China, os Jesuitas comprehenderam o mechanismo governativo e a religião predominante, que o philosopho francez muito bem appellida de positivismo concreto, e se adaptaram ás condições reinantes, a ellas ageitando até a doutrina catholica, com grave escandalo dos fieis menos perspicazes e mais fanaticos. No Japão a organização não era lettrada, como na China; era militar, e os Jesuitas a afagaram, porque entrava no seu plano de acção contrariar o menos possivel os usos de cada paiz. O espirito de transacção ou relativo prevalecia entre elles, juntamente com o espirito politico, que os fazia perscrutar as forças sociaes e moraes e os meios de utilizal-as, e o espirito scientifico, que os levava a imporem-se pela suggestão intellectual a povos que eram cultos e necessitavam de reconhecer primeiro a superioridade da cultura, para então a ella sujeitarem a sua malleabilidade.¹

A missão do Japão teria sido completamente habil — não digo completamente feliz, mau grado as conversões de principes e de bonzos — si os Jesuitas tivessem estado sós e não se tivessem esquecido da sua habilidade, interferindo com movimentos politicos locaes e assim dando offensa á susceptibilidade patriotica dos Japonezes, dispostos a escutal-os porque elles lhes tinham vindo trazer um corpo de doutrina mais progressivo do que aquelle que possuiam, e servido por uma pujante força de persuasão. N'este ponto os Jesuitas da China, italianos com o espirito politico muito mais desenvolvido e tambem muito mais sceptico do que o dos ingenuos e bruscos peninsulares, foram realmente mais finos. É verdade que o resultado final não veio a ser muito mais brilhante, mas isto porque o movimento missio-

¹ P. Laffitte, *Le Catholicisme*, Paris, 1897.

nario no Extremo Oriente encerrava um defeito original e capital, que era a preocupação de satisfazer aspirações religiosas abstractas em espiritos que pela maxima parte não experimentavam tal necessidade, e visava um fim por demais grandioso e inacessivel, como é o da universalidade da fé catholica.

Si os resultados finaes vieram a ser nullos, depois das adhesões de daimios, damas de illustre linhagem, nobres da cõrte do Mikado, officiaes de terra e mar e outras pessoas das altas classes, alem dos bandos de populares, terem um momento feito esperar a prompta christianização de todo o paiz,¹ os meios empregados foram no emtanto humana e deshumanamente suggestivos e attingiram no seu conjuncto a sublimidade das emoções tragicas. Si é desconsolador na sua violencia o spectaculo dos bonzos ferozmente perseguidos, dos templos nacionaes desapiedadamente destruidos, das obras d'arte dispersas por se acharem polluidas do contacto buddhista, da guerra civil mais uma vez, ou por mais um motivo, até então quasi inoffensivo, inevitavelmente desencadeada por Jesuitas que eram, alguns d'elles, mais ardentos do que convinha, mesmo porque o regimen collectivo e pessoal nunca logra refrear inteiramente os impulsos dos temperamentos individuaes; é por certo grandioso na sua simplicidade o spectaculo de São Francisco Xavier, o qual de muito perto seguiu os primeiros aventureiros portuguezes, penetrando indefezos no coração do inverno até Kioto, a antiga Meaco, e ahi, á sombra do palacio do Mikado, onde, falto de dinheiro, nunca pôde penetrar, nem se acercar dos dignitarios da cõrte (outros seriam pouco depois mais felizes), prégando aos Japonezes da rua, que ouviam com pasmo, incredulidade e afinal com respeito

¹ O meu amigo e esclarecido missionario catholico, Pe M. Steichen, tem estado publicando no *Japan Mail* e vai reunir em volume, uma serie de interessantes artigos sobre os daimios japonezes que abraçaram o Christianismo. Esse estudo, feito á luz não só das cartas dos Jesuitas como dos annaes e relações japonezas do tempo, lança uma nova luz sobre os motivos d'aquellas conversões, bem como sobre os das perseguições de Hideyoshi e Ieyasu.

esse estrangeiro de roupeta esfarrapada e pronuncia mais que defeituosa, que com um crucifixo na mão repetia o nome de Jesus, e promettia o ceu, sem mais transmigrações, a todos os mortaes indistinctamente que praticassem o bem.

A audaz tentativa do apostolo foi de todo ponto infructifera na capital, que elle logo abandonou por seára mais proveitosa. A sua politica era acertada: induzir primeiro os grandes e os governantes para então actuar, de cima para baixo, sobre o povo; mas partia infelizmente de um ponto erroneo, apresentando-se andrajoso e piolhoso, segundo com louvor narra Fernão Mendes Pinto, n'uma terra em que o aceio é indispensavel e o luxo tanto mais acatado quanto é dado a poucos, por escassez de bens ou antes de opulentos, e mesmo por concepção, exhibil-o. Um cardeal perfumado, pomposo e espectacularo, com um cortejo de monsenhores, de guardas nobres e de alabardeiros, ferindo a imaginação japoneza, poderia, com presentes e dadivas, chegar sem demora até a presença dos conselheiros intimos do Mikado: nunca o lograria um ecclesiastico roto e mal lavado, que só pela bravura, fervor e paciencia impressionaria *à la longue* o seu auditorio.

No Japão, como na China, existe desde remotos tempos uma profissão que não me parece ter a sua equivalente em paiz algum europeu: é a profissão de contador d'istorias. Não poderiamos comparal-o exactamente a um actor que recita monologos. Elle não encarna personagem algum; não se apresenta disfarçado n'outro individuo: é tão sómente um narrador, um chronista de factos tristes e alegres, historicos e ficticios. Os contadores vulgares e desconhecidos discursam n'uma encruzilhada de ruas ou á sombra das arvores de um parque, e contentam-se com os *rins* que os seus ouvintes, interessados ou divertidos, sacodem no seu mealheiro. Os de merecimento e reputação discursam n'uma sala, sobre um estradinho, pagando-se á entrada a esportula. Ao começar São Francisco Xavier as suas declamações n'uma cidade, os Japonezes agrupavam-se em redor d'elle, logo

tomando-o por um d'aquelles contadores d'histórias; porem não o entendendo bem, mofavam do estrangeiro immundo, arremedando-o alguns nos gestos e na entonação e chegando outros a atirar-lhe pedras e lama.

N'uma de suas cartas São Francisco Xavier, posto que indifferente a tudo quanto não fosse a predica da doutrina christã, observa com certa melancholia que era costume dos Japonezes zombarem dos forasteiros. A preocupação do ridiculo, dos maus tratos ou mesmo do martyrio não detinha todavia o missionario por um segundo sequer, e os seus sermões em japonez hespanholado acabaram por germinar no coração dos seus ouvintes com a extensão que todos sabemos, si bem que em Kioto o não houvessem escutado, desviando-se os curiosos do importuno, e que n'outros lugares o tivessem injuriado e atacado. A tempera da sua alma era porem tal, que sobre ella resvalavam, sem molestal-a, offensas e aggressões. Tanta dignidade e tanta abnegação acabariam por tocar este povo, facilmente accessivel á suggestão da coragem. São Francisco Xavier impressionava o seu publico pelo seu absoluto destemor, mas tambem o attrahia pela força irresistivel da sympathia humana. Na gente que acudia a ouvir as suas exhortações, e por isso triumpharam ellas da incredulidade, via o apostolo alguma cousa a mais e de melhor do que tinham visto os mercadores peninsulares: via espiritos predispostos pela gentileza do seu trato mundano e pela bondade ou seriedade inequivoca dos seus costumes a tornarem-se filhos de Christo.

Os proprios defeitos d'essa gente — a dissimulação fazendo ás vezes de cortezia; a má fé resultando da dissimulação; a violencia das paixões contrastando com a doçura das palavras e dos cumprimentos; a traição caracterizando as relações que não de familia e de *clan*; a indifferença no commetterem as peores barbaridades, inclusive a de fenderem um homem para experimentarem o gume de uma nova espada — eram defeitos não organicos, antes os mais d'elles nascidos, como as qualidades, das condições do regimen feudal, e que o Catholicismo

sanaria com sua candidez, suavidade e caridade. E quem poderá dizer que, para o sopitar das cruezas debaixo do governo dos Tokugawa não contribuiu, com o genio constructor de Ieyasu, a moral evangelica que chegara a andar tão divulgada; assim como para a humanização dos costumes actuaes, que é mais do que um disfarce de raça, por certo contribuiu o influxo da cultura christã, theorica, quando não pratica?

O facto é que, no momento de iniciarem-se as missões catholicas, os Japonezes estavam saciados, quasi enojados de sangue, e que uma doutrina de paz tinha em si as maiores probabilidades de ser escutada. Predispuzera-os para ouvirem palavras de reconciliação, desprendimento e clemencia, o estado politico e social em que se abysmara o Japão sob o desgoverno dos Xoguns da familia dos Ashikaga, a saber, a partir da guerra cruenta dos Dous Imperadores, comparada á das Duas Rosas; começada porque pretendera um Mikado sacudir a ignominiosa tutela e outro foi arvorado em seu lugar, que continuava a ser um juguete do Xogun, e terminada sem que terminasse a dissolução do Japão. Esta dissolução, nascida d'uma côrte que fôra um centro de cultura, onde tinham florescido a pintura, o drama lyrico, as cerimonias do chá, as artes de decorar jardins e arranjar flores, todas as elegancias, extendia-se no seculo XVI, segundo dizem os recentes tratados de historia japoneza, da completa falta de segurança individual á corrupção vergonhosa dos bonzos, divididos entre si em materia de doutrina e apenas reunidos em unanimidade de vicios; da ruina da agricultura ao naufragio da moral, e até aos mais violentos cataclysmos phisicos. O infanticidio tornara-se frequente com o alastramento da miseria, e o desamor pelos feridos, doentes e mortos dava bem a medida da dureza dos corações.

Descontando-se mesmo os manifestos exaggeros de Fernão Mendes Pinto — e nenhum viajante do seu tempo, da sua classe e no seu caso seria menos exagerado — basta ler alguns dos casos relatados na *Peregrinação* para avaliar quão truculentos po-

diam ser os *Japões* d'aquelle tempo; quão inflammada andava no seu peito a paixão politica; com que facilidade se derramava o sangue no encontro das facções; com que leviandade se ateava a discordia, e com que intensidade lavrava o incendio da guerra civil. Os Japonezes eram então o que hoje são: a gente mais socegada e mais mesureira do mundo, até o momento em que entre em jogo a sua honra, bem ou mal comprehendida, porque d'esta, escrevia com sagacidade Mendes Pinto, mostram-se „muyto mais ambiciosos que todas as outras naçoens do mundo“. Infelizmente a honra estava ou suppunha-se estar constantemente em jogo, e como consequencia a desordem medrava n'essa atmosphera. A incerteza jazia no fundo de tudo: na preservação dos feudos, por sua natureza revogaveis; nos limites do poderio, na sua essencia instavel; nas combinações de forças umas contra as outras, a ver quem lograva maior valia militar e assumia portanto mais auctoridade. O feudalismo artificial assim se formava, mas o feudalismo espontaneo agonisava: esphacelava-se o paiz, e si lhe não acudisse o despotismo central e esclarecido dos Tokugawa, o Japão ter-se-hia consumido n'essa decomposição irremediavel.

O povo, quero sobretudo dizer o agricultor, é quem, como sempre acontece, pagava o peor preço de todas as dissensões, zelos e pundonores da classe militar, como veio depois a pagar o do luxo dos daimios e o da ociosidade dos samurais na cõrte faustuosa de Yeddo. E pagava-o por duas formas: pelos soffrimentos e perdas que lhe occasionava o constante estado de guerra, e pelas exacções de que não raro era victima por parte dos senhores, anciosos por dinheiro para satisfazerem suas proprias ambições e assegurarem a manutenção dos seus numerosos dependentes. O ganho arriscado que os camponezes extrahiam da terra ingrata, esse arroz cultivado com mil cuidados e temores de que, prolongando-se um pouco mais as chuvas, ficasse a colheita arruinada, mal chegava n'alguns casos (pois que nem todos os senhores eram gananciosos e desalmados) para fazer

face ás contribuições e aos adiantamentos exigidos pelos daimios.

Dividiam-se os daimios em duas classes. Havia os *Fudai* que se tinham submettido a Ieyasu como vassallos antes da sua elevação ao xogunato e eram os unicos que podiam ser elevados a *Roju*, membros do senado ou gabinete do Xogun, e os *Koku-xu* ou senhores de provincias, cujos feudos semi-independentes data-vam de antes do advento dos Tokugawa, mas tinham vindo a ficar dependentes do beneplacito de Yeddo. Eram estes os denomina-dos *reis* das relações portuguezas dos seculos XVI e XVII. Al-guns eram bons, outros ruins tyrannos. Peores porem do que elles se mostravam os *Hatamoto* (defensores da bandeira) ou no-bres sequazes pessoases dos Xoguns da casa Tokugawa, favoreci-dos com terras e bens depois do triumpho de Ieyasu sobre o filho de Hideyoshi e que, vivendo ininterruptamente em Yeddo, onde constituiam a guarda pretoriana do *imperator*, nada tinham de commum no passado nem jamais viveram no contacto dos seus dependentes campezinos, os quaes se viam tyrannizados pelos conselheiros e mordomos d'aquelles adventicios da riqueza. Nos contos japonezes occupa lugar preeminente um por titulo — *O Fantasma¹ de Sakura* — que eternizou a memoria de um

¹ Os fantasmas e encantamentos tambem desempenham papel conspicuo no *folk lore* japonez. Sobretudo as raposas e texugos são acoimados de assumirem formas humanas para enganar os mortaes, e de introduzirem-se no corpo de algumas pessoas, donde só podem ser expellidos á força de exorcismos e de benzeduras. São igualmente muito numerosas as superstições domesticas. O livro de Griffis, que, apesar das suas muitas inexactidões historicas, continua a ser em certos sentidos a obra classica, o *standard book* sobre o Japão antigo e moderno, encerra alguns capitulos cheios de curiosas e ainda não excedidas ob-servações, em que se acham registradas não só todas essas superstições, muitas d'ellas identicas ás dos povos europeus, por exemplo o uivar dos cachorros á noite e os sonhos de vaticinio, como as variadas creações da zoologia mythica do Japão, entre outras o dragão, a phenix, a *kappa* ou macaco com patas de tartaruga, o *kama-itachi* ou doninha armada de uma fouce que golpeia sem fazer doer, e o *jiximuco* ou peixe dos terremotos, cujos movimentos desordena-dos produzem as convulsões subterraneas; e bem assim as historias que mais commumente se relatam em redor do *hibachi*, em algumas das quaes os

maioral de aldeia, o qual, desafiando todas as proibições envolvendo crime de lesa-magestade, sacrificou sua vida para fazer chegar ás mãos do Xogun uma petição dos companheiros contra as extorsões que sobre elles pesavam insofrivelmente.

O espirito associativo é ainda hoje um traço importante da existencia rural no Japão, onde, nas aldeias a boa harmonia entre os visinhos é raramente alterada, e os serviços do campo se prestam da melhor vontade de uns para outros habitantes, no cumprimento de um dever cooperativo dictado unicamente pelo altruismo do temperamento nacional. De resto, só assim se logra resistir efficazmente ás inclemencias de uma natureza tão inconstante quanto formosa, e que do seu seio não só extrai sorrisos e galas, como arranca tufões, inundações, tremores de terra e erupções vulcanicas, semeando muitas vezes a destruição onde devêra semear a abundancia. Unidos, tambem defendiam-se melhor os agricultores contra as inclemencias dos senhores, que rivalizavam com as da natureza. É o mesmo que contemporaneamente se dá na Irlanda, onde a miseria agraria tão caracteristicamente desenvolveu o espirito de associação. O caso dos *Hatamoto* é perfeitamente identico ao dos *lords* inglezes recompensados com terras na ilha catholica, onde nunca pisavam e onde, afóra o ganho, cousa alguma os ligava ao solo, nem religião, nem costumes, nem tradições, nem sequer a fascinação da paizagem. Os *tenants* ou dependentes supportaram a carga das extravagancias do senhor das terras e da avareza dos subalternos intermediarios enquanto não armaram a agitação feniana, que lhes tem valido concessões.

Desde a perseguição aos christãos que tambem os camponezes japonezes se acostumaram á rebellião, primeiro por amor da sua fé, no que os instigavam os missionarios foragidos e raramente atraíçoados, e depois por amor do seu parco lucro, no que os

demonios desempenham o papel principal e odioso nos seus conflictos com homens de valor sobrenatural, e em outras são os sovinas, os distrahidos, os bocaes, os invejosos, que fornecem os motivos de uma hilaridade moralizadora.

atiçava a fome. E tão boa razão lhes assistia n'este ponto que, ao escrever a pedido do daimio de Kixiu uma obra sobre o sãõ governo de um principado, o grande polygrapho e particularmente grande philologo e purista do seculo XVIII, Motoori, mostrava sympathisar muito com a condiçãõ dos trabalhadores ruraes e desculpava por completo os seus *ikki* ou levantamentos agrarios, dizendo serem d'elles mais culpados os daimios do que os rebeldes.

É natural que a gente do campo, aquella já se sabe á altura de comprehender a natureza da transiçãõ politica, tivesse saudado como uma libertaçãõ a revoluçãõ de 1868, e auxiliasse quanto em si coubesse o desmoronar do feudalismo e o restabelecimento do poder do Mikado, sobrepondo-se ao dos daimios, cujas extorsões a empobreciam e amarguravam. Comtudo, por uma frequente ironia do destino, continuou a pesar sobre essa gente a mór parte das contribuições. A terra productiva no Japãõ é escassa: apenas 12% do total da area sãõ compostos de terra aravel, o que não obsta que n'um orçamento de receita de 205 milhões de yens, a taxaçãõ directa figure com um quarto ou 58 milhões, dos quaes 46 representados pela taxa sobre a propriedade agricola. Esta vê-se sobrecarregada com o imposto sobre rendimento, cessante quando o rendimento excede 100,000 yens, o que de facto constitue um premio á organizaçãõ das grandes fortunas, desaparecidas por occãsiãõ da restituiçãõ definitiva dos feudos e agora em via de se reconstruïrem, sem mais receio de confiscos e sem a formalidade nada vã da investidura, por meio do aparelho industrial. A abastança já não depende dos azares da guerra ou da munificencia do Xogun, mas depende das boas graças da fortuna, entidade menos concreta, menos accessivel e mais caprichosa.

Os camponezes japonezes não logram pois escapar á lei, geral para sua classe, que a faz trabalhar muito e arrecadar pouco. Todos os regimens lhe trazem as suas vantagens e desvantagens. Ainda antigamente a falta de direitos politicos, a qual não ia aliás nas communitades ruraes sem uma boa dose de governo

proprio, local e pratico,¹ era compensada pela posse de direitos sociaes, visto que o paternalismo da administração, ao mesmo tempo que regulava arbitrariamente todo o viver, escravizando-os protegia os pobres, para cujo beneficio ou antes manutenção se achava n'um certo sentido e proporção organizada aquella sociedade, onde eram reconhecidos seus direitos, mas não eram toleradas suas reclamações. Hoje, com o regimen industrial á européa, as circumstancias variaram, embora continue a ser um principio de equidade japoneza que devem os ricos pagar pelos pobres, a saber, que são os preços altos pagos pelos primeiros que permitem os preços baixos por que os generos andam offerecidos aos ultimos. Os estrangeiros não são os que menos se resentem d'esta curiosa applicação socialista. Para mais, no campo quasi todos, senão todos, são proprietarios, com muitas garantias e seguranças, pelo menos d'um torrão de terra, e na cidade gosam os locatarios de uma extraordinaria contemplação.²

Por tal motivo é a pobreza no Japão geralmente tão digna e altiva, pela consciencia secular que tem de não ser ignominiosa a sua condição e de usufruir a protecção dos governantes, e melhor do que esta a dos costumes nacionaes. A mendicidade achase hoje interdicta pela policia, mas nos tempos idos conta Kaempfer, o qual como medico fez parte de duas das embaixadas annuaes dos Hollandezes de Deshima ao Xogun em Yeddo, que ella pejava as grandes arterias como o Tokaido, revestindo a forma prazenteira das danças, das musicatas, das peregrinações, alguma cousa no genero do que hoje se nos depara em Napoles. Mesmo depois de aberto o Japão aos estrangeiros, contam os velhos residentes que as ruas da capital andavam cheias de mendigos. A mendicidade sentia-se, no Japão como na Italia, ao abrigo da perseguição sob a egide da benevolencia do caracter

¹ É o que ainda hoje succede no mir russo e tem até aqui tornado tão conservadora a população rural, que na Russia forma 87% do total.

² Knapp, *Feudal and Modern Japan*.

do povo. Os regulamentos administrativos não podem prohibir que a caridade espontanea se exerça do modo mais carinhoso. As victimas de qualquer dos muitos incendios que devastam e destroem as cidades japonezas, de casinhas de madeira, com uma excepcional facilidade, são especialmente alvo d'essa philantropia natural: os visinhos e amigos cotisam-se para compensar os estragos do fogo com dadivas de dinheiro e de objectos analogos aos perdidos. Com tudo isso a pobreza porem, si deixa de resvalar na miseria, não fica mais rica, e si não é perseguida ou desconsiderada pela riqueza, antigamente a fraqueza o era pela força, e os camponezes soffrem hoje da falta de meios como outr'ora soffriam das muitas consequencias da subalternação, que uma admiravel organização de serviços e auxilios mutuos procurava e procura minorar, pois a subalternação perpetua-se no terreno economico.

Nos seculos XVI e XVII formavam aquelles camponezes a maior parte da legião catholica levantada pelos Jesuitas. A doutrina christã acenava-lhes com recompensas e gozos na outra vida, que deviam soar como promessas encantadoras e deslumbrantes aos ouvidos de semelhantes desherdados da sorte, cuja maior aspiração era o anniquilamento completo para não terem de recommençar com nova vida novos trabalhos, e cujos assomos de revolta, cujas queixas até, eram nos seculos de despotismo frequentemente punidas com o supplicio da cruz, exactamente como o foram as predicas socialistas de Jesus. Assim crucificado, e tambem com a resignação estampada no rosto, expirou o heroe do tocante conto — *O Fantasma de Sakura*.

Da leitura combinada dos escriptores religiosos e leigos, portuguezes e estrangeiros, que se occuparam da conversão do Japão ao Christianismo, deduzirá um observador imparcial serem pelo menos seis as razões capitaes a assignar para a rapida e completa extincção, por meio da perseguição de exterminio movida pelos Xoguns, conluiados com os sacerdotes buddhistas, d'esse foco que em tão curto espaço de tempo se tornara radiante. A

reação foi tremenda. Sua historia acha-se inteiramente feita em Charlevoix, Léon Pagès e outros escriptores. Data de 1586 o primeiro decreto de Hideyoshi contra os padres catholicos, e de 1596 o primeiro supplicio, o dos chamados vinte e seis martyres do Japão. Em 1614 eram embarcados á força todos os missionarios encontrados e o Christianismo passava a ser affixado como uma seita desmoralizadora e perigosa, sendo brutalizados, dispersos, exilados e trucidados os seus adeptos.

Entre os referidos motivos devemos contar, em primeiro lugar, as intrigas de Hespanhoes contra Portuguezes, e vice-versa. Apezar da união de 1580, os filhos dos dous paizes sentiam-se sempre inimigos e faziam-se todo o mal que podiam. Acresce que um capitão hespanhol, especie de *miles gloriosus* muito commum n'aquelle tempo, exclamou por bravata, perante alguem que logo o repetiu ao *Taiko-sama* (Hideyoshi), que o rei d'Hespanha costumava mandar primeiro missionarios a converterem as terras que tencionava depois conquistar, havendo-se seguido o mesmo processo com relação á India, Malacca e outros paizes asiaticos, ora postos sob o sceptro peninsular. É de ver que si se mostravam hospitaleiros para com os padres, os Japonezes entendiam naturalmente que elles se confinassem ao dominio espirital, nada querendo ter de commum com as possessões de S. M. Philippe II, por mais absorvente e poderoso que fosse este monarcha occidental.

Em segundo lugar temos as intrigas puramente religiosas, de Jesuitas contra Franciscanos, complicadas com os alludidos ciumes de nacionalidade, porquanto os Franciscanos, vindos de Manilha e que tambem realizaram muitas conversões e levantaram muitas, egrejas, eram todos hespanhoes, ao passo que os Jesuitas, chegados antes da annexação a Castella, eram pela mór parte portuguezes. Essas intrigas, parecidas com as que hoje deslustram no mesmo Japão as egrejas protestantes de variadas denominações, tornaram-se conhecidas e evidentemente redundaram em desprestigio da religião catholica e dos seus cultores.

Mostravam-se tão apaixonados os rivaes, que os auctores jesuitas calam systematicamente todos os progressos e feitos dos Franciscanos, apesar de contribuirem para a gloria do mesmo Deus.

Igualmente com os Agostinianos, vindos de Gôa, os ralhos foram publicos e vergonhosos, como vergonhosas eram as extorsões e falcatruas commettidas pelos aventureiros portuguezes que, na fé das informações colhidas da bocca dos primeiros traficantes, tinham affluído e estabelecido suas relações commerciaes com os Japões, cujos metaes preciosos tratavam de sugar em cambio das fazendas que lhes traziam. Por mais imparciaes que fossem os naturaes, mal poderiam separar em seus espiritos esses christãos que todos fallavam de convertel-os e dos quaes uns, procedendo com lisura e caridade, nem por isso deixavam de ser irmãos dos outros, que traficavam deshumanamente com escravos, carregando milhares de Japonezes, em desafio das leis, para vendel-os em Macao, China e Filipinas.

É mister tambem considerar que nem todos os religiosos, os da segunda epocha sobretudo, foram do estofa de São Francisco Xavier. Entre elles alguns havia que não resistiam á tentação das riquezas temporaes e muitos que não resistiam á tentação do poder terreno, e contra os seus verdadeiros interesses, que os mandavam confinar ao mundo espiritual, manifestaram disposições cupidas e orgulhosas, ajudando os mercadores a tratarem como rebanho de tosquiar essa que Diogo do Couto chama nas suas Decadas „gente magnanima e generosa, inclinadissima ao exercicio das armas e de subtilissimo engenho“, e que Kaempfer, a quem o Professor Chamberlain intitula com razão o descobridor scientifico do Japão, proclamava no seculo XVII ultrapassar muito a christã no exercicio da virtude, na pureza da vida e na exterioridade da devoção. Ora, ninguem ignora quão promptos são os Japonezes em farejar uma desconsideração, resentir-se de um insulto ou vingar um desrespeito ás suas leis. Aquelles factos — barbaridades de traficantes e desvios moraes de sacerdotes — incitaram as primeiras desconfianças e justificaram as primei-

ras repressões onde anteriormente só reinara a harmonia e imperara a tolerancia. O ciume da independencia basta ser acordado para crescer desmedidamente no Japão, e os padres, pela continuação, chegaram a adoptar uma attitude bellicosa, indo ao ponto de desprezar os edictos, promover resistencia ás leis do paiz e, depois de triumphante Ieyasu, conspirar em favor de Hideyori, filho e pretenso herdeiro de Hideyoshi, o que teve por effeito levar as cousas ao extremo e ceifar todas as esperanças de christianização do archipelago, fazendo o Japão recolher-se como um caracol.

Com a facilidade dos seus primeiros triumphos evangelicos vieram naturalmente aos Jesuitas certa vaidade e jactancia. Fiados na larga acceitação popular que estavam desfructando, cuidaram poder intimidar os governantes. Os daimios japonezes eram porem gente toda ella saturada de orgulho, e Hideyoshi, o soberano de facto, que iniciou a reacção nativista e buddhista, era o homem no mundo menos feito para tolerar arrogancias e presumpções da parte de quem quer que fosse. Justamente são as cartas annuas dos Jesuitas que fornecem as informações mais interessantes que se possuem sobre o grande *parvenu* japonês, o seu poder magestático, a pompa do seu viver, a sua basofia, o seu espirito vivo e sarcástico, os seus sonhos de grandeza, o seu candente imperialismo. Hideyoshi tem sido com frequencia chamado o Napoleão do Japão, e si tal comparação repousa sobre o genio militar e a faculdade organizadora do Taiko-sama, ainda mais deve basear-se na sua illimitada ambição. Documentos existem, como a carta de Hideyoshi ao vice-rei portuguez da India, que confirmam que a planejada conquista da Coréa não era senão o preludio da devaneada conquista da China e da extensão do seu poderio sobre toda a Asia. Elle julgava-se fadado para tão extraordinario papel desde que o destino extraordinariamente o sacudira de uma miseravel cabana de camponeses, passando por uma quadrilha de soldados salteadores, para o esplendor de uma côrte de guerreiros, de sacerdotes

e de artistas, que offuscava em elegancia e em fausto todas as que até então o Japão vira congregarem-se.

Não menos rebelde a intimações e insolencias seria Ieyasu, cuja finura e tenacidade, juntas aos seus talentos militares, o fizera adivinhar por Hideyoshi como o rival provavel do seu successor, tanto que buscara em vida contrahir uma alliança de familia que tornasse a rivalidade odiosa, para isto casando seu filho criança com a neta de Ieyasu. O fundador da dynastia dos Tokugawa era porem um Cavour *doublé* d'um Grant e não só soube estabelecer sua auctoridade definitiva n'uma famosa batalha campal, como soube principalmente completar e consolidar a obra de unificação de Hideyoshi, a qual seria impossivel consummar si não fosse expellido o virus estrangeiro que por meio do Christianismo se inoculara no organismo japonéz.

Os missionarios protestantes da actualidade, intolerantes como musulmanos, extendem-se com prazer e exaggeram todas as arguições feitas aos Jesuitas, as quaes parecem aliás bem fundadas: apenas esquecem os accusadores que na China teem elles proprios praticado mais e peor, indo de encontro aos costumes do paiz e aos decretos das auctoridades, e justificando com semelhante proceder as represalias dos naturaes, offendidos nas suas crenças, tradições e governo.

Ha em seguida que mencionar as intrigas por parte dos Holandezes, que nos fins do seculo XVI e começos do seculo XVII, avidos de captarem a successão peninsular, surgiram em todo o Oriente e Occidente no caminho de Hespanhoes e Portuguezes, e que, dotados de um mais habil espirito mercantil, contavam a seu favor mais leves preocupações religiosas. Os dizeres d'estes novos navegantes concordavam em substancia com os do fanfarrão castelhano e eram confirmados pelos Inglezes, que isoladamente entravam a apparecer e cuja enorme fortuna colonial nada então fazia suspeitar, alem da ousadia e rapinas dos seus maritimos. Todos os protestantes á porfia accusavam os padres de serem espias do rei d'Hespanha. Esta accusação não podia

deixar de produzir seus fructos e já sabemos que d'ahi lucraram os Hollandezes serem os unicos estrangeiros, que, até a vinda dos Americanos, continuaram em communições regulares, si bem que quasi mysteriosas e circumdadas de mil obstaculos e humilhações, com os Japonezes.

Na mesma cathegoria de intrigas ficaram recordadas as dos padres catholicos contra os sacerdotes buddhistas, chegando alguns a aconselhar as populações conversas a exterminal-os e destruir seus templos e conventos, assim provocando uma legitima desforra por parte dos bonzos, que os tinham a principio acolhido com superior tolerancia, analoga á para com elles proprios exhibida no conjuncto pela religião xinto. Os bonzos discutiram publica e livremente com São Francisco Xavier os meritos dos seus respectivos credos, apenas vilipendiando a extrema e affectada pobreza do Jesuita, a qual não consideravam excesso de virtude individual, antes julgavam incompativel com uma religião organizada e prospera. Por este motivo, e para realçar a valia do legado apostolico (que tal character trazia São Francisco Xavier), mostrando que nem sempre o habito faz o monge, os Portuguezes que acompanharam o padre mestre á presença do principe de Bungo, para um dos debates academicos com um bonzo de alta nomeada, cercavam-no das mais frizantes attenções e iam ostentando pesadas cadeias d'ouro e gorras enfeitadas de perolas. A manifesta parcialidade do daimio em favor do sacerdote estrangeiro não dispensava essa exhibição, destinada a contrastar no espirito do publico com a sordidez da figura central do espectáculo.

Tampouco devemos esquecer as rivalidades politicas e commerciaes dos daimios entre si, que favoreciam ou perseguiram a nova religião nos seus feudos segundo o grao de preferencia que os seus portos recebiam dos mercadores europeus, e as inimizadas que os separavam e julgavam ver reflectidas n'aquellas preferencias. Esta ordem de rivalidades, que constitue a trama da historia japoneza até os Tokugawa, culminou no facto de con-

tarem-se os christãos quasi todos entre os partidarios de Hideyoshi, os quaes sustentaram a herança de seu filho contra as pretenções victoriosas de Ieyasu, o restabelecedor do xogunato hereditario fundado pelos Ashikaga.

Temos finalmente a considerar a reacção que fatalmente acabaria por despertar o ascetismo dos conversos — ascetismo pratico, pois que a natural indiferença dos Japonezes pelo soffrimento os levava a jejuarem, disciplinarem-se e açoitarem-se com crueldade — entre uma sociedade que ia precisamente attingir o periodo do maximo brilho das artes e do culto dos prazeres mundanos. O sensualismo artistico estampar-se-hia com effeito com suas mais vivas côres, sob a dynastia de Yeddo, nas ceremonias do chá (*cha-no-yu*) que de estheticas passariam a faustuosas, nas fantasiosas decorações religiosas de que Nikko ficou como modelo, no fabrico d'obras primas para regalo dos amadores, até na litteratura, reflexo da sociedade, com toda a sua acidez moralista e todo o seu ranço obsceno. O cunho entretanto d'essa expansão de magnificencia nunca foi banal nem extravagante: foi sempre distincto e discreto. É certo que as leis sumptuarias floresceram no antigo regimen e á primeira vista bastam para explicar a singeleza do viver. Nós sabemos porem todos, pelo exemplo da Italia da Renascença e de outros paizes, que taes leis são lettra morta onde e quando a opulencia abunda; mas o Japão fechado ao mundo inteiro, limitado aos seus recursos e escambo, não podia ser muito rico. Legislando d'aquella arte, o paternalismo official queria scbretudo defender as classes populares contra os perigos da prodigalidade, em circumstancias em que não seria facil dar-lhe remedio, e conseguiu seu intento, ajudado em todo caso pela disposição do character nacional que impelle para a simplicidade, posto que não para a economia. Grandes e pequenos foram e são no Japão a um tempo liberaes e modestos.

As explicações podem divergir consoante as opiniões, predilecções e prejuizos de cada auctor. O innegavel é que a reli-

gião christã, acolhida por muitos com indiferença, por poucos com animosidade e pelo maior numero com inequivoca sympathy, se tornou, mercê das suas ligações politicas, profundamente antipathica aos governantes japonezes. A seita amavel converteu-se officialmente na „seita corrupta“, e as sotainas, na generalidade olhadas com benevolencia, passaram a ser encaradas com horror. Estabeleceu-se contra os conversos uma inexoravel perseguição para os forçar á abjuração de um credo com o qual se julgava incompativel o patriotismo. No Museu historico de Uyeno, em Tokio, veem-se ao lado de rosarios, medalhas e imagens, recordações piedosas e inestimaveis da propaganda jesuitica, dez *fumi-ita* ou chapas de cobre tendo gravados o Christo, a Virgem e as varias phases da Paixão, que se usavam para serem calcadas aos pés pelos suspeitos de Christianismo, e assim avaliar das suspeições e pôr á prova a realidade das abjurações. O polido das chapas, em algumas das quaes quasi desapareceram os contornos das figuras, testemunham da frequencia do seu emprego: ao mesmo tempo que o cobre, gastavam-se a emoção religiosa artificial e o passageiro furor pela fé dos Europeus.

Si a religião christã tivesse logrado converter todo o Japão, ter-se-hia muito provavelmente modificado na adaptação, de maneira a poder fixar-se solidamente. Não é possivel dizer até que extensão: haveria sido uma lucta extremamente curiosa entre o poderoso espirito de assimilação da Igreja catholica e o poderoso espirito de resistencia do genio japonez. Nós já vimos que o Buddhismo, a religião predominante na Asia, não conseguiu extirpar nem annullar o Xintoismo, religião sem codigo moral, sem ritual suggestivo, sem gosto esthetico alem do amor absorvente da natureza; religião que se juraria não poder supportar com vantagem o embate de um credo universalista da força de expansão do Buddhismo, porem que derivou do seu estimulo patriotico, forma nobre da obediencia á lei e ao imperante, a qual é por seu turno uma extensão da obediencia filial e da veneração dos antepassados, a energia bastante para conservar-se. Outro tanto teria

sucedido ao Catholicismo com relação ás suas duas predecesoras: nunca alcançaria extinguil-as. Para vencer, ser-lhe-hia mister transigir. A adaptação é a regra, a condição de vida, a característica do Japão.

E não representaria porventura uma ingratidão da parte do povo japonéz esquecer que o Buddhismo, mau grado a sua adulteração moral, foi o grande, o maior elemento civilizador do paiz, exactamente como o Christianismo o foi da Europa? O Buddhismo foi que instigou a erecção dos bellos templos, dos Daibutsus colossaes, dos campanarios tão característicos da paizagem religiosa do Japão e sob cuja armação de madeira esculpida monstruosos sinos de bronze se abrigam, enchendo os valles com o seu som avelludado e melancholico quando percutidos pela trave que, por um mechanismo de vaivem, se arremessa para o metal como um ariete para a muralha de um bastião. O Buddhismo é ainda credor por muitos trabalhos de utilidade publica executados pelos monges e que melhoraram consideravelmente as condições materiaes do paiz, como é igualmente credor pela seria expansão dada ás industrias, ás artes e ás sciencias. A instrucção deveu muito do seu desenvolvimento ao Buddhismo, e nos mosteiros receberam cultivo todas as producções typicas do Japão, desde os *kakemonos* de seda ou de papel com pinturas ou inscripções n'uma surprehendente calligraphia, até as lacas, as entalhaduras e os bronzes.

A christianização do Japão teria portanto sido uma ingratidão: mas, mais do que isso, não representaria uma conversão sem plausibilidade? A historia do Buddhismo mostra suas paginas negras como as mostra a do Catholicismo. Ambas as religiões, na sua essencia admiraveis, foram maculadas por erros, vicios e crimes que em nada affectam a pureza da doutrina, a qual é tambem no Buddhismo incontestavelmente levantada e moralizadora. A concepção religiosa de cada povo sendo um producto, original ou perfilhado, da sua desenvolução intellectual e social, deve corresponder assaz exactamente ás suas necessi-

dades espirituas e representar a satisfacção das suas aspirações idealistas. Qualquer importação acompanhada de uma adaptação forçada não poderá senão ir de encontro á orientação nacional.

O Christianismo verdade é que foi introduzido no momento psychologico — como na Allemanha surgiu a Reforma — quando o Buddhismo se desnaturara e desacreditara. A mola interior parecia partida e o esgotamento parecia encaminhar-se para um desenlace fatal. Assim porem como a Reforma, que era aliás um movimento dentro da mesma doutrina christã, fez surgir para o Catholicismo a depuração tridentina e a organização da extraordinaria Companhia de Jesus, de igual forma o Buddhismo possuia em si proprio recursos, vigor e disposições para corrigir suas malfeitorias e rehabilitar sua natureza regeneradora. Os tecidos d'esse organismo gozavam de elasticidade e saude bastantes para que sarassem as pustulas e as chagas que pareciam deterioral-o. A prova está em que, banido o Christianismo, as religiões nacionaes continuaram a prover ás necessidades espirituas e moraes, porventura acanhadas, do povo japonez, e que dentro mesmo do Buddhismo um movimento de reforma se operou, traduzido por uma maior variedade de seitas e por uma geral elevação da temperatura religiosa e ethica. O estrangeiro, missionario ou mercador, é que deveria ter tido sempre em mente as bellas palavras que, por ordem do prior do mosteiro de Kotoku-in, se acham inscriptas no portal da pequena alameda de cedros no fim da qual se avista, sereno como o conhecimento, solemne como a razão, infinitamente suave como a caridade, tendo por unica coberta a abobada azul celeste, por nicho os morros que miram o mar, e por adornos de altar os pinheiros eternamente verdes que revestem todas as encostas, o formoso Daibutsu de Kamakura : „Forasteiro, quem quer que sejas e qualquer que seja teu credo, ao penetrar n'este santuario recorda-te que pisas um solo consagrado pelo culto de muitos seculos. Este é o templo de Buddha e a porta do Eterno, onde se deve penetrar com reverencia“.

CAPITULO III

AS BELLEZAS NATURAES

A minha primeira idéa, ao partir para o Japão, fôra que vinha encontrar no Extremo Oriente uma imitação fiel e prosaica, digamos o termo mais preciso, uma macaqueação completa do Extremo Occidente. O velho Japão, mesmo o Japão dos Tokugawa, retratado nas porcelanas de côres quentes, nos biombos dourados e nos *kakemonos* discretos; o Japão das cegonhas de amplo vôo donoso, pousando sobre *tori* singelamente magestosos; das pontesinhas abahuladas, com desenhos de gregas, lançadas em pilastras de cantaria sobre correntes *crystallinas* e susurrantes; dos juncos de altas velas ou largos guiões, franzidos como cortinados de seda — teria dado lugar a um Japão todo elle votado aos caminhos de ferro e aos barcos a vapor, um Japão estheticamente odioso, semeado de usinas, pontes de metal e rebocadores, que se houvesse despedido do character tradicional para assumir **uma** apparencia banal. Este novo Japão effectivamente existe, cresce e prospera, mas ao seu lado, realçando-o, sobrepujando-o, dando-lhe vida, tom e alegria, o velho Japão felizmente subsiste.

As cegonhas, é verdade, quasi desapareceram, extincta aos poucos a especie depois que foi levantada a severa interdicção de exterminio que a preservava. As lampadas electricas ou pelo menos os candieiros americanos de kerosene fazem parecer bem pallidas as multicolores lanternas de papel com debuxos de flores, que d'antes eram sós a illuminar mysteriosamente as cidades, quando a lua não apparecia a retemperar o seu brilho na alvura

do Fujiyama. O ultimo Xogun, deante de quem todos estreme-
ciam, aposentado pelo novo regimen, de cujo exito quiz ser especta-
dor, repudiando a solução habitual do suicidio, unica para um
grande vencido, podia, segundo me contam, ser visto ha bem
pouco tempo trepado n'um velocipede, deixando fluctuar ao vento
as suas honradas cans, nas mesmas ruas de Tokio, seu antigo
solar, onde d'antes a população inteira se prosternava á passa-
gem do norimono ou liteira que o conduzia a orar em Shiba ou
Uyeno, junto aos tumulos dos seus maiores. Comquanto afeito
ao movimento compassado e balançado da liteira, o Taikun, sym-
bolo do paiz mesmo depois de deposto, não estranhou a transição
para a carreira vertiginosa da bicycleta. Com elle o Japão pas-
sou do palanquim para o *Cleveland automatic*.

Tudo isto assim é. As cerejeiras entretanto continuaram a
cobrir-se cada anno de flores rosadas e a ser alvo de alegres ro-
marias nos mesmos campos por onde silvam as locomotivas,
sugando todo o trafego das velhas estradas sombreadas pelas
quaes transitavam continuamente os pomposos cortejos de dai-
mios, os cardumes de peregrinos, as recuas de mendigos religio-
sos e profanos, os grupos de sacerdotes xinto, toda uma multidão
pintoresca que quasi inteiramente sobrevive nos seus antigos
trajes, em parte apenas sob um aspecto diverso, sómente toman-
do seus bilhetes de estrada de ferro, em vez de mover-se de *chaya*
para *chaya* ao sabor das inconstancias do clima. As festividades
religiosas continuaram a celebrar-se com muitas barraquinhas
de brinquedos e bugigangas e muitos comes e bebes, nos mesmos
santuarios donde se descortinava um mar deserto e agora se
enxerga um horizonte toldado do fumo de centenaes de vapores.
As sobrecasacas negras perdem-se n'um oceano de *kimonos* azues
e cinzentos, e, com gaudio da elegancia, o *obi* de côres suaves e
desenhos caprichosos vai até recobrando o terreno ganho pelo
espartilho.

Ha muitas chaminés de fabrica, esguias e de folha por causa
dos terremotos, que lascam as bojudas e de tijolo, mas ha infini-



Officina de pintura.

tainente mais officinas pequeninas onde, sentados sobre os calcanhares, artistas habilidosos torneiam o marfim, embutem madeiras em lindos mosaicos e pintam os rolos de seda ou de papel que servem para decorar o recanto elevado que é o lugar principal da sala japoneza. Ha alguns edificios de cantaria ou de tijolo, com fachadas gothicas ou da Renascença — erguidos, os de Tokio, onde d'antes se erguiam os vastos *yashiki* ou palacios dos daimios e habitações dos seus samurais — mas ha infinitamente mais vivendas baixinhas, de um andar ou sobreloja, com um balcãozinho cuja balaustrada de madeira escura sustenta, em vez de janellas, uma armação movel, tambem de madeira, do feitio de taipaes; uma graciosa cancella clara no lugar do portão, e leves divisões de papel n'uma moldura de madeira quadriculada, que se removem durante o dia e não interceptam a luz nem o ar, como a nossa complicada disposição de salas e quartos, separados por muros espessos e portas pesadas. A habitação japoneza fica assim toda arejada e banhada do sol que, mais do que o brazeiro, aquece as esteiras macias sobre as quaes os Japonezes andam de *tabi* ou grossas meias, se sentam e dormem sobre colchas. Si o frio ou a chuva se põe de permeio, depressa fecham-se as corredeças, cujos caixilhos eram antigamente de papel translucido e agora se fazem algumas vezes de vidraça, para condescender com os usos estrangeiros.

Esse Japão modernizado e comtudo antiquado, chamam-no alguns Japão de transição. Eu chamar-lhe-hia antes de adaptação, pois que a transição indica mudança completa e eu não creio que a tonalidade européa venha jamais a ser aqui a predominante. O preparado chimico é concentrado bastante para obrigar-a a diluir-se. O Japão actual assemelha-se fortemente a um d'esses individuos que tantos vezes cruzamos nas ruas de Tokio ou de Kioto — de *haori* ou sobrecapa de seda retida no peito por um cordão trançado; chapéu de feltro ou de palha como os que se nos deparam nos *boulevards*; *geta* ou altos soccos de madeira formados de uma pranchasinha horizontal e duas

verticaes, para patinhar na lama sem macular a brancura da meia, e um guarda-chuva de sarja preta, tresandando a Manchester ou a Cincinnati. O proprietario de tão variado e cosmopolita guarda-roupa não é tal ridiculo, como á primeira vista nos quiz parecer. Conservou do seu primitivo vestuario nacional aquillo que se lhe afigurou insubstituivel no conforto ou distincção — o capote em que se ostenta o seu emblema de familia, e o calçado original, acciado e protector, ao qual recente aperfeiçoamento fornece um anteparo de oleado —, e do vestuario europeu adoptou o que lhe pareceu commodo e razoavel: o abrigo para resguardar a cabeça dos raios do sol ou das rajadas do vento, e a umbella menos pintoresca, porem mais portatil e duradoura do que a apparatusa construcção de papel encerado, com cabo e varetas de bambú, sob que costumava recolher-se o Japonez exposto ás intemperies.

O paiz todo usa, no moral, *geta* e chapéu de côco. A crise aguda da europeização, no decorrer da qual pareciam querer fazer do Japão antigo uma *tabula rasa*, está terminada, para bem dos amadores da diversidade. O Japão amoldou-se á civilização occidental, importando o que n'ella achou de melhor ou de mais conveniente, e combinando-o com os seus usos tradicionaes e costumes caseiros. O producto pode não estar ainda amalgamado nem fundido, e offerecer as disparidades e mesmo os grotescos de um contraste imprevisto. O tempo corrigirá no entanto essa, como tem corrigido outras desigualdades historicas, e os Japonezes não virão afinal a parecer mais esdruxulos do que os Germanos ou os Gaulezes quando se apropriaram da cultura romana sem cortarem as suas cabelleiras ou sacudirem os seus borzeguins felpudos.

É possível que a fusão nunca venha a ser tão perfeita que deixe de trahir a dualidade da proveniencia. Pode ser que as duas civilizações se hajam afinal approximado, unido e fructificado, mas que os seus fructos communs conservem estampadas as diversidades da origem. Aconteceria com taes resultados

sociaes o mesmo que com os mestiços de Europeus e Japonezes, os quaes herdam dos dous lados traços que se ajuntam sem se ajustarem, que coexistem sem se harmonizarem, offendendo o ideal esthetico tanto de um como do outro dos factores do producto.

Semelhante repulsão constitue uma defesa da tradição contra o excessivo amor da novidade. Presentemente com effeito o que se nota no Japão é antes uma crise de carinho pelo seu estupendo passado heroico, o passado dos Mikados, imperantes, depostos ou abdicados, envoltos sempre em identico mysterio n'um fundo de sedas e charões, no seu palacio abarracado de Kioto ou no romantico recesso de um mosteiro buddhista, occulto entre arvores gigantescas; dos Xoguns dominando o archipelago do alto da torre da sua cidadella de Yeddo, rodeada de pinheiros esgalhados, de fossos cheios d'agua onde se banhavam milheiros de patos bravos e de garças reaes, e de pontes levadiças sobre que se abriam portões de grossas madeiras chapadas de ferro; dos daimios e samurais empapando os campos de arroz com o sangue das suas rixas fraticidas e amedrontando as povoações com a passagem das suas comitivas luxuosas, as quaes a feroz e omnipotente pragmatica japoneza mandava desenrolarem-se n'um silencio de morte, cerradas as habitações marginaes da estrada e sopitado todo signal de vida, até o fumo das lareiras, afim de não empestar o ar, que só os vulcões tinham licença para escurecer. Semelhante reacção alguma cousa offerece forçosamente de commum, mas não deve confundir-se com o espirito aggressivamente nativista que não desapareceu com a derrota dos rebeldes de Satsuma; que não se apagará enquanto persistir a lembrança do Japão feudal, e é o mesmo despeito que, dispersos, arruinados e desautorados os *hatamoto* ou dependentes pessoas dos Xoguns, referve agora em sua vil decadencia na alma ambiciosa e intolerante dos *soshi*, impacientes de mando e repletos de brutalidade.

A outra, a que me refiro, não é uma reacção brutal: é uma reacção intelligente, de estudiosos, de eruditos, de apaixonados

de arte e de religião, de patriotas esclarecidos e não obcecados, que admittem sem repugnância, e sem excepção querem a europeização do Japão, sem o abandono e perda porem dos caracteristicos nacionaes, e sem a importação inconsciente e indiscriminada de tudo quanto ostenta o rotulo occidental. A valia d'este rotulo baixou aliás consideravelmente na estimação dos Japonezes desde que obtiveram um conhecimento mais intimo dos bastidores europeus, e especialmente depois dos episodios conexos com a insurreição dos Boxers. Os saques vergonhosos e sangrentos de Tientsin e de Pekim, comprehendendo o morticínio de mulheres e crianças e a destruição desnecessaria e barbara d'obras d'arte impossiveis de transportar, como os Daibutsus de bronze, feitos voar em estilhaços com polvora, e os pagodes de porcelana, quebrados a coronhadas, deram aos Japonezes — que todos reconhecem terem-se comportado, senão impeccavelmente, pelo menos com moderação e disciplina absolutamente diversas — uma fraca idéa do poder moralizador do Christianismo. D'esta impressão aproveitou-se logo, com habilidade toda oriental, o Grande Lama de Pekim, vindo ao Japão, a titulo de recobrar livros sagrados, arrecadados com devoção, realmente para pôr em relevo n'uma demonstração publica a tolerancia e gentileza de modos que o Buddhismo é capaz de insufflar nos seus adeptos.

A febre do modernismo ameaçara um momento consumir nos Japonezes aquelle carinho pelo que lhes pertence, o qual felizmente reviveu, mesmo porque o patriotismo lhes está na massa do sangue e, no amago, os nacionaes mais enfarpellados á londrina nunca deixaram de ser fundamentalmente japonezes. Uma vez reanimado, o carinho pelas cousas tradicionaes a tudo se estendeu: do vestuario, cuja transmutação ficou paralyzada, aos divertimentos, que desgraçadamente estavam querendo ser o insipido *lawn-tennis* e as enfadonhas corridas de cavallos, em vez dos dias despendidos nos theatros, a rever em carne e osso o passado impressivo da nação, e as excursões aos parques e

jardins em que as ameixoeiras e os chrysanthemos deslumbram a vista com a magnificencia das suas florescencias.

É sabido quanto de tal carinho foi recipiente a religião nacional ou xinto, cujos templos baixos e pobres de enfeites, verdadeiras cabanas na architectura, esmagados pelos bosques verdes e bastos que os circumdam, dão ao quadro uma nota tão rustica, familiar e mystica, com seus *torii* francos, que parecem symbolizar a facil admissão na theogonia em cuja honra são erguidos; suas elevadas escadarias que parallelamente conduzem o corpo ás eminencias donde se desfructam os panoramas formosos, e convidam o espirito aos golpes de vista de conjuncto, indistinctos, independentes e indulgentes; seus *gohei*¹ e mealheiros que indicam que uma religião não affecta puramente a alma, mas comporta laços temporaes e envolve interesses mundanos.

Quando mesmo o velho Japão se tivesse afundado no vortice do occidentalismo, uma cousa restaria entretanto para recordal-o atravez dos tempos, para fazel-o immortal entre os admiradores do Bello: uma cousa que os dormentes de madeira e os trilhos de aço, os postes e fios telegraphicos, e os proprios annuncios á americana em taboletas grotescas reclinadas sobre campos viçosos, não poderam nem poderão estragar nem desmerecer. Refiro-me á Natureza, a encantadora natureza nipponica, mixto de grandiosidade e de graciosidade, combinação de alterosas montanhas vulcanicas, valles sombrios ou sorridentes, cursos d'agua que são torrentes ruidosas mais do que rios serenos, e lagos placidos reflectindo na sua superficie espelhenta crateras em ebulção;² natureza cuja diversidade impressiona, estonteia e fascina,

¹ Pedacos de papel branco cortados de certo geito e dependurados em penca n'uma vara collocada horizontalmente á entrada do templo. No interior encontram-se por vezes *gohei* de ouro, offertas dos Mikados. Segundo o Professor Chamberlain representam os *gohei* as antigas offertas de panno, feitas aos deuses e collocadas nas arvores em dias de festa. Segundo Mitford, servem essas offertas para arredar influencias nefastas ou de mau agouro.

² O Fujiyama é um vulcão em repouso desde o começo do seculo XVIII, mas o reflexo do seu cone symetrico e altivo no lago de Hakone é um espectaculo proverbialmente formoso (*Hakone no sake-Fuji*).

e cuja unica nota uniforme é o esplendor da vegetação, um esplendor inexcedido em terras tropicaes. O Japão politico e social mudou muito do seu aspecto, mas essa natureza, cuja pompa é avivada pela elegancia das formas, é a mesma exactamente que serviu de fundo ás composições satyricas do pincel firme e vertiginoso de Hokusai, e que assistiu impassivel ao galopar furioso dos cavallos de Yoritomo e seus companheiros na perseguição inexoravel da facção contraria dos Taira, da qual deriva a interminavel successão dos feitos do feudalismo nacional.

O conhecimento da mesma natureza explica cabalmente dous traços do character japonéz que ferem todos os observadores: a sua admiração e filial ternura pela terra do seu berço e o seu gosto artistico, gosto feito de singeleza, de delicadeza, de sobriedade e de acabado, cujo sentimento de proporção é igualado pela discreção, e que em tudo se manifesta, nas decorações funerarias, representativas do culto ancestral, como nos arranjos domesticos, espelhos da ordem e do acieo. Ha com effeito tanto gosto applicado aos tumulos dos Xoguns, collocados ao abrigo de todos os ruidos mundanos, em plena communhão com a natureza, ao cabo de uma enfiada de capellas e porticos ornados de flores e animaes primorosamente esculpidos em madeiras caras, quanto gosto espalhado nos frizos entalhados de uma casa de campo; nos ferrolhos macios de uma habitação de cidade; nas panellas, chaleiras e outros utensilios de cozinha, sempre de contornos graciosos; nos jardinsinhos arrebicados que reproduzem paizagens silvestres e cujos repuxos borrifam d'agua hortensias colosaes e jacinthos vistosos.

O gosto artistico dos Japonezes é tão profundo e caracteristico que, segundo narra um livro recentissimo¹, no saque das cidades chinezas, ao passo que os soldados e marinheiros inglezes se atiravam sobre as sedas e as joias, e os russos se lançavam sobre as caixas de musica e os relogios de repetição, os japonezes reco-

¹ A. Henry Savage-Landor, *China and the Allies*, London, 1901.

lhiam os *kakemonos* e *makimonos* e as velhas porcelanas, com tal mimo estimando estes objectos que, em vez de destruirem as peças que não podiam carregar, como sem excepção praticavam os das outras nacionalidades, cuidadosamente as repunham nos seus lugares. O escriptor britannico chama por este motivo tropas artisticas a essas forças, aliás recrutadas muito mais entre a população inculta dos campos do que entre os descendentes dos polidos samurais.

O cunho do verdadeiro gosto é a sobriedade, e esta contagia os proprios colleccionadores nacionaes. Um amator japonéz nunca se entrega ao delirio no amontoar e á prosapia no exhibir de que se tornam infelizmente culpados os amadores europeus. As suas collecções compõem-se de peças mais escolhidas do que numerosas, primando pela qualidade e não pela quantidade, e que não se accumulam na celebrada „desordem artistica“, fatigando e offuscando. A forma mesmo por que se effectua um leilão japonéz denota a fundamental differença de concepção. No leilão europeu acotovellam-se, espremem-se os licitantes n'uma excitação febril, cada qual procurando arrebanhar mais e mais barato, invejando as pechinchas dos concorrentes e babando sobre tudo a sua ganancia e o seu despeito. O leilão á japoneza é pelo contrario um modelo de tranquilla dignidade, com o toque de mysterio que distingue as cousas do paiz e que lhes augmenta o sabor. Deante de cada objecto colloca-se uma urna de votar, e o licitante, apoz examinar pausadamente aquillo que o tenta, deposita na urna com todo o seu sangue frio um papel assignado indicando o preço que, sem consideração pelas offertas de outro, está disposto a pagar pelo lote. No fim do tempo estipulado, oito ou quinze dias, percorrem-se as propostas, e o objecto é adjudicado ao maior licitante.

Em todas as relações sociaes imperam n'esta terra analoga reserva e identico decoro. Um rico japonéz, que nos convide um dia a jantar, mostrar-nos-ha algumas armas soberbamente temperadas e tauxiadas. Si mezes depois repetir o convite, far-

nos-ha ver (e para tanto é mister que certa intimidade se haja podido estabelecer) alguns charões de caprichosos desenhos e inimitavel perfeição no envernizado, que de ordinario estão cuidadosamente arrecadados, longe da humidade, do pó e dos espanadores domesticos, e pelos quaes quiçá deu sommas fabulosas, pois já os Jesuitas fallavam em peças muito singelas, de ferro e de barro, para as cerimonias do chá, terçados de aço e *kakemonos* de papel, do valor, cada um, de milhares de cruzados. Nunca nos forçará a attenção ou despertará o tédio, transformando as suas salas em museu de velharias e dando aos seus hospedes, credores da mais requintada amabilidade, ares de excursionistas pilotados com enfado. Os olhos, para regalarem-se, precisam de não ser cançados ou distrahidos: tem de fixar-se e embeber-se n'um determinado objecto, que seja digno de exame repousado. Vá-se lá apreciar devéras um esplendido jarrinho de Satsuma ou umas delicadas figurinhas de Imari n'um agglomerado de porcelanas e faianças de todas as idades e de todos os paizes, depois de ter consumido horas e fatigado o cerebro na contemplação de trabalhos artisticos de todo o genero! Nas casas ricas japonezas não se corre semelhante perigo. O ostentoso jamais se nos depara: a modestia é o bom tom, a simplicidade prova de um gosto educado, como o é de senso pratico. Nas casas medianas, e com maior razão nas pobres, a mobilia é representada pelas esteiras fofas, as almofadas e a bella vista sobre a nesga de jardim, rebuscado e symbolico.

Esse naco de verdura, enfeitado e até contrafeito, os Japonezes nunca o dispensam, porque a natureza é aqui, mais do que em outra qualquer parte, a grande inspiradora, a grande educadora, a grande confidente, a grande consoladora. A poesia japoneza, que é toda ella lyrica, deixa-se influenciar incomparavelmente mais pelas bellezas da natureza do que pelas anciedades do amor, pelo „delicioso pungir“ da saudade, pelas frivolidades cortezãs ou pelos arroubos patrioticos. Restricto como é o seu campo, escassos como são os assumptos de que se occupa, impes-

soal como é o seu habito, essa poesia de poemas geralmente muito curtos — *tanka* de 31 syllabas, sem rima — nem anima de vida os objectos inanimados, nem personifica as qualidades abstractas,¹ mas consente em que banhem plenamente o seu estro os effluvios perfumados da natureza. Verdade é que em parte alguma esta se reveste de mais seducções. O pinheiro, o trivial pinheiro, que na Europa e America é uma arvore geralmente angulosa, triste, quasi lobrega, apparece-nos no Japão como uma bonita arvore decorativa, cujos galhos se dispersam com donaire e formam uma silhueta cheia de curvas e asymetria, arrojada e incomparavel, como um desenho japonez. Na natureza como na arte a medida, porem, conserva-se sempre. As formas das arvores nunca degeneram n'esta terra no descabellado e no sinistro, assim como as formas mimosas das mulheres nunca degeneram na obesidade. As velhas ficam vergadas e encarquilhadas, sem perderem o seu encanto franzino. Ha gigantes vegetaes, como ha luctadores corpulentos, mas os primeiros salvam-se pelo garbo como os segundos pela agilidade. A graça, sempre e de qualquer forma, é o distinctivo capital d'esta natureza singular e complexa.

A complexidade é de resto um dos seus maiores attractivos. Tudo quanto nos parece de longe convencional ou idealizado — esses passaros luminosos bordados sobre um fundo d'ouro nas preciosas colchas de seda; essa tenue reverberação do luar na neve que polvilha as encostas, negras de lava, das montanhas; essas borboletas das côres mais brilhantes e dos reflexos mais irisados que pousam de leve sobre o kaolim transparente das porcelanas; essas rosas bravias, esses lyrios carnudos, essas orchideas complicadas que se enroscam no negrume dos bronzes — tudo se encontra, tudo comporta natureza tão opulenta e tão facetada, que chega mesmo a supportar as feições artificiaes.

Porque o artificialismo, que vai das arvores anãs ás crianças

¹ W. G. Aston, *A History of Japanese Literature* London, 1899.

empoadas e paramentadas como idolos, é um traço peculiar ao Japão, onde a imaginação não prima pela espontaneidade. Também a natureza offerece tantos e tão variados e seductores modelos, que o copiar sempre pareceu mais facil, mais expedito e mais producente do que o crear. Os jardineiros japonezes até roubam á natureza a occasião e o merito da naturalidade. As suas concepções horticolas são imitações de scenarios mais largos e pintorescos, em que as flores desempenham papel secundario ou passageiro, apparecendo no seu tempo e hora naturaes para aformosearem o palco, cujo panno de fundo e bastidores são permanentemente constituídos pelas pontesinhas arqueadas, pelas cascatinhas que se despenham de rochedosinhos, pelos cedros e cryptomerias em miniatura, pela redução d'arte, trabalhada e fadigoça, da grande e livre Natureza. Taes concepções, quando realizadas em maior escala, seguem fielmente a obra das forças naturaes, mas muitas vezes symbolizam na sua disposição ou execução idéas abstractas, que as arvores, a agua e as pedras podem aliás representar com certa propriedade, já que, na opinião corrente, servem de habitação a espiritos bons e maus que as animam.

O traço de artificialismo é commum ao mundo cosmico e ao mundo das idéas. Já sabemos que a escripta, as industrias em que mais primam os Japonezes, a religião buddhica, unica de alcance metaphysico, foram importadas: não são productos da intelligencia nacional. Os entendidos vão ao ponto de affirmar que, nas produções classicas do genio artistico japonéz, a inspiração da natureza não é as mais das vezes directa, mas de segunda mão, suggerida pelos modelos estrangeiros. O ceu e a terra são chinezes, assim como nas composições poeticas dos nossos arcades o ceu era pagão e a terra grega ou romana. A pintura soffreu effectivamente no Japão os mesmos effeitos geraes de acção e reacção que n'outros lugares. A principio exclusivamente dominada pela influencia chinesa, tornou-se nacionalista e heroica por volta do seculo XIII, dando-se com a escola de Tosa

ao cultivo da epopéa patria. No seculo XV sobreveio a reacção classica que determinou a conhecida escola de Kanô, de novo guiada pela orientação chinesa, mas nos fins do seculo XVI a reacção nativista e popular de Iwasa Matahei fez surgir, ao lado das paizagens e figuras religiosas e tradicionaes do continente, a reproducção dos interiores e costumes locaes. Este naturalismo, logo accentuado pela escola de Chijo, porem hostilizado pelas recordações classicas, derivou recentemente no eclectismo peculiar á nossa epocha.

Vê-se que no Japão, como em todos os outros paizes e em todos os tempos, uma lucha se travou entre a tradição e a espontaneidade, o convencional e o real. O eclectismo contemporaneo excede todavia os limites nacionaes e pretende nada menos do que congraçar os processos europeus com os assumptos japonezes e os velhos methodos com os novos ideaes. As exposições bi-annuaes de Uyeno, com seus milhares de telas e *kakemonos*, revelam á saciedade semelhante tendencia, cujos resultados são por emquanto moderadamente felizes. A historia patria e os mundos animal e vegetal continuam a constituir os campos predilectos em que se exercita o artista japonéz, mas o manejar da palheta, das tintas e dos oleos europeus não faz senão recordar com saudade o traçar do pincel embebido em tinta da China, do tempo em que os artistas locaes, seguindo sómente suas regras e convenções, não tinham olhos senão para os proprios mestres e para a propria natureza, zelando as qualidades e até os defeitos consagrados pelo tempo e pelo uso. A differença que vai de um biombo sobre cujos paineis dourados um pintor puramente tradicional lançou o debuxo de uma peregrinação ás cerejeiras ou aos bordos, á vista de um mar violeta e de um horizonte cinzento, a um quadro de seda, de panno ou de papel, sobre o qual um pintor eclectico dos nossos dias pretendeu representar com feições academicas, á Gerôme, o assassinato de Ii Kamonno-Kami, ou com o toque quente de Rousseau um canto de vegetação nipponica, é a mesma que vai de um musico japonéz que

deixasse de querer entoar no *koto* ou no *koki* os acompanhamentos invariáveis aos seus cantos rouquinhos e suas melopéas tremulas, para forçar as cordas de seda d'esses instrumentos a resoarem sob a vibração de uma valsa de Strauss ou de uma sonata de Beethoven.

Para ser impressiva, a arte japoneza tem que permanecer nacional, no sabor como no aspecto, seguindo o impulso da orientação tradicional. Seja como fôr — ou que os Japonezes tivessem na antiguidade aprendido com estranhos da mesma raça a amar a sua natureza, ou que sempre, de instincto proprio, a amassem — o facto é que este amor se desenvolveu e se denota n'uma escala tal, que a arte entre elles relativamente desdenhou a representação da creatura humana e, com excepção dos animaes que as mais das vezes entram como accessorios da paizagem, se hypnotizou na admiração e fixação das bellezas naturaes inanimadas. Por isso, quando não despertada pelo burlesco a natural *vis comica* do artista, a arte japoneza ficou sendo em grande parte, não obstante a diversidade de estylos e escolas, uma repetição algum tanto monotona das mesmas impressões e dos mesmos motivos. Escreve um escriptor especialista d'estes assumptos¹ que os artistas japonezes não pintam a natureza (e ao fallar da natureza refere-se Régamey á animada tão bem como á inanimada) de photographia, esboço ou modelo, mas sim de memoria, tendo-lhe apanhado todos os relevos da configuração, todos os gestos, todas as attitudes, todas as linhas, e fixado tantas vezes essas observações de uma vista aguda e analytica, que lhes succede como a nós na escripta, em que traçamos os caracteres de memoria, não os copiando de cada vez do desenho ou figura original. O habito, desde a infancia, de modelar os caracteres ideographicos sino-japonezes deve sem duvida haver poderosamente contribuido para essa penetração do olhar e essa firmeza do traço, que são as qualidades mestras do desenho japonez.

¹ Félix Régamey, *Japan in Art and Industry* New York, 1893.

Uma arte em semelhantes condições deixa, porem, de ser uma interpretação para ser uma reproducção, diria machinal si o termo não brigasse com a idéa, que repousa sobre o facto de apparecerem muito pessoas os artistas, guiados, como acontece, pelo amor do bello, por um senso esthetico que os captiva ao ponto de formar-lhes uma segunda natureza, imperiosa na exigencia de ver satisfeitas as suas inclinações. É verdade que a arte d'este modo passa quasi, de uma impressão consciente a ser uma sensação reflexa, mas ganha porventura em habilidade o que perde em elevação, alcançando, pelo constante aperfeiçoamento da mesma qualidade, um grao consideravel de força e de suggestão.

Si não é espiritual, no sentido em que o é a arte européa — producto de uma adaptação individual e meditada á grandeza do assumpto ou do quadro — é technicamente em extremo apreciavel e mesmo admiravel, compensando pelo encanto quasi involuntario dos detalhes a falta geral de perspectiva e as disparidades da composição, e pelo vigor do desenho e harmonia das irregularidades as incongruencias da luz. São estas tanto mais para estranhar quanto o ceu variavel do Japão, a sua atmospherá de contrastes, ora de uma limpidez diaphana, ora sobrecarregada de vapores, as suas montanhas verdes que por todos os lados tapam o horizonte prendendo a luz, e os seus lagos azues que aqui e alem o alargam e a espelham, formam uma escolá pratica de colorido, em que o claro escuro, jogo dos pintores, attinge effeitos deslumbrantes e em que se aprende desde a cerração pastosa e indecisa, cara a um Turner, até a pulverização da luz n'um firmamento baixo e rubro, que leva a pensar em Marilhat.

O fraco da arte japoneza são os pormenores, e a grandiosidade não é o seu forte. A propria architectura, mais adequada ao genero, nunca é grandiosa, nem mesmo a dos templos buddhistas que, comquanto espaçosos e ricamente decorados, estão bem longe de reproduzir as dimensões e reflectir a imponencia dos templos hindustanicos da mesma religião. Alguns Buddhas são colossaes, mas n'elles se cifra a tentativa de grandiosidade da

arte indigena, que ao descommunal prefere o acabado. Os pagodes — e alguns ha de elevadas proporções e de elegantissima apparencia, com um rebuscado de entalhos da base ao topo, ou *kiu-do* de nove argolas de cobre sobrepostas — não se avantajam quasi ás arvores immensas que os circumdam. Dir-se-hia que os Japonezes teem a consciencia de que estas construcções desmedidas da natureza não podem ser igualadas nem devem ser imitadas pelo genio comparativamente acanhado da creatura humana, cujos atrevimentos de fabrico as convulsões subterraneas ahi estão para demonstrar-lhes a cada momento a inanidade, demolindo a obra e castigando os auctores. Nem vale a pena ao artista affrontar o ensaio, pois que encontra campo vastissimo para sua habilidade e fantasia nas decorações e ornatos, que são o triumpho da arte japoneza.

Na verdade, o grandioso não sómente não tenta o Japonez, como o não impressiona ou commove fóra da natureza. Pelo que nós chamariamos uma perversão, mas deve menos subjectivamente chamar-se uma disposição particular do gosto nacional, são as cousas pequenas, frageis — os Francezes dizem *mièvres* —, acabadas até o ultimo toque, as representativas da sua arte. O horizonte esthetico é aqui limitado como o litterario, que nunca attingiu o sublime e se contenta com o pintoresco realista, o maravilhoso forçado e o sentimental affectado, alcançando, e ahi mesmo mais pela reproducção scenica, raros accents vibrantes nos dramas que retratam a porção da vida nacional irremediavelmente desaparecida. Um e outro horizonte conformam-se aliás com o horizonte physico, que apenas nas faixas estreitas das praias ou nos topes alcantilados dos morros logra accesso á immensidade.

Como que a indicarem que as construcções artisticas, por mais ousadas, nunca lograriam rivalizar com as da Natureza, obreira suprema e impecavel, encontram-se invariavelmente os templos, especialmente os xintoistas, occultos em mattas verdejantes e perfumadas de pinheiros, alcanforeiras, carvalheiras, cere-

jeiras e centenares de outras arvores que fazem da flora japoneza, á parte o seu brilho perfeitamente equatorial, uma das mais ricas e variadas do mundo. Esta impressão de riqueza e variedade recebe-a logo qualquer profano aos estudos e conhecimentos botanicos, ao descortinar os montes que apertam a bahia de Nagasaki, cobertos desde o cume até á base da massa mais densa e na apparencia impenetravel de uma folhagem que percorre toda a gamma dos verdes, do mais claro ao mais sombrio, uns leves e finos como os crepes vaporosos, outros pesados e espessos como os brocados solennes da fabricação japoneza.

Aquella sensação é mais aguda e absorvente ainda quando percorremos, com os olhos enlevados, o formosissimo Mediterraneo ou mar interior japonez, geographicamente constituido pela bacia entre as trez grandes ilhas, de Hondo, Kiuxiu e Xikoku. Suas extremidades quasi se tocam, ao passo que os corpos ficam bastante afastados para transformarem n'um amplo lago o mar verde e profundo, coalhado de uma multidão de ilhas, ilhotas e rochas, as mais d'ellas sorridentes como balsas de verdura, mas algumas agrestes como agglomerados de basalto; coberto de uma infinidade de vapores, de juncos de formas classicas, alta prôa e amurada rasteira, usados para o transporte de madeiras, cereaes e outras mercadorias, e de barcos de pesca, impellidos da pôpa com o remo prolongado ou duplo, movendo-se um sobre o eixo e batendo o outro a agua com a sua ponta em forma de colher; povoado de bahias, angras e enseadas onde se miram aldeias e cidades de casinhas baixas, com tectos de madeira, de ardosa ou de colmo que parecem igualmente escovados, e pagodes brancos que reluzem ao sol. Como guardas incorruptiveis d'esse thesouro, perfilam-se as fragosas montanhas vulcanicas que emprestam ao Japão o seu aspecto mais caracteristico e por cujas encostas, lisas como grandes lençoes de folhas ou convertidas em amphitheatros, com terraços amanhados e divididos por sebes guarnecidas de madresilvas e rosas, os pequenos cemiterios de lousas chãs e musgosas se distinguem a miudo, juntando

á natureza morta uma nota viva e tocante da piedade filial tão peculiar ás terras em que se enraizaram as maximas confucianas.

Por seu lado é a vegetação tão diversificada, tão imprevista de aspectos e tão identificada com o meio em que cresce, que assume por assim dizer formas animadas e substitue nas obras d'arte o traço tantas vezes ausente do bulicio humano. Vemos assim arvores rechonchudas como mercadores, esgalhadas como vagabundos, rotundas como luctadores, curtas como pygmeus, sinistras como sicarios, risonhas como crianças, nodosas como mendigos, faceiras como *geishas*, dispostas em pedestaes de relva, fetos e arbustos silvestres, que dão ás florestas ares de jardins concebidos por fadas e plantados por sylphos.

A pujança da vegetação japoneza não carece, porem, de explicações sobrenaturaes: é simplesmente o fructo do muito calor e da muita humidade. Ao passo que o inverno é em grande parte do archipelago, nas suas costas meridionaes e orientaes, temperado pelo effeito do Kuroshio ou *gulf-stream* local que sobe de Formosa, o verão coincide com a estação chuvosa. Chove quasi continuamente desde os começos da primavera até os meados de Julho, e menos de um mez depois recomeça a chover, com algumas esteadas, até o pleno outomno. O *doyo* ou estação propriamente calmosa e secca, que vem de permeio para permittir apoz a germinação das sementeiras a fructificação, estende-se approximadamente de 20 de Julho a 8 de Agosto. A terra, fertilizada pela agua e pelo sol, dá quanto pode dar, isto é, dá o seu maximo de frescura, de viço e de força, tanto nos bosques que marinham até o pincaros dos montes, como nos valles comprimidos entre estes montes e o oceano e que parecem querer metter-se nas ondas, tão reduzido é o areial e tão visinha da agua a linha da vegetação. A estação secca coincide pelo contrario com o inverno e suas brancas geadas: é então que o ceu japonez se ostenta quasi sempre limpo de nuvens, a atmosphera de uma transparencia crystallina e o ar de uma leveza tonificante.

A paizagem japoneza é vista com singular vantagem e parece

melhor do que nunca em Setembro e Outubro, quando ao periodo das mornas chuvas estivaes e ás semanas de calor torrido succede o outomno com suas frescas bategas d'agua entrecortadas de dias luminosos e balsamicos. Entre as montanhas reluzentes, sobre cuja folhagem se não descobriria um atomo de poeira, desdobra-se n'esse tempo um extenso, fofo e luxuriante tapete vegetal tecido pelos arrozaes maduros, cujos tons de amarello são avivados pelo verde desmaiado das cannas de assucar, pelo verde classico das filas sem fim das amoreiras, semelhantes a videiras na côr das folhas largas e no modo de crescimento dos arbustos, pelo verde mais carregado de dez legumes e tuberculos differentes — feijão, batata, nabos, beringelas etc. —, pelas flores esbranquiçadas do trigo mourisco e pelo vermelho ferrugem de outras gramineas. Do extremo norte ao extremo sul da comprida ilha de Hondo, de Aomori a Kobe, o mesmo tapete se desenrola, com os mesmos desenhos caprichosos, as mesmas nuances delicadas, as mesmas gregas vistosas, as mesmas franjas subtis, sem comtudo haver dous trechos da paizagem que se assemelhem ao ponto de se confundirem.

A natureza parece ter-se convertido no Japão em um kaleidoscopio gigantesco, n'uma lanterna magica em rotação, que projectasse sem descanso milhares de vistas diversissimas. O imprevisto reina despoticamente sem que no emtanto se quebre nunca a harmonia. Aqui, o mar mette-se, não com violencia mas persuasivamente pela terra dentro, para cavar uma enseada profunda e fazer destacar uma península coberta de pinheiros ramalhudos e fantasticos ou uma rocha eriçada de urzes. Alem, monticulos revestidos de arvores viçosas semeam irregularmente a planura como que para cortar-lhe a monotonia da superficie chata, alguns separados, deixando extender-se á vontade entre elles um valle cultivado, outros quasi pegados, apenas permitindo á relva alcatifar a viella que os divide. As plantas cultivadas participam de tamanha seducção. A seára ondulante do arroz não possui a esbelteza aristocratica do trigo nem a exuberan-

cia democratica do milho, mas tem uma gracilidade sua, que se coaduna perfeitamente com todo o meio japonês. As outras produções do archipelago contribuem todas ellas com traços peculiares e encantadores para a belleza geral do quadro. Conhecemos todos no Brazil a elegancia arisca da canna de assucar. O chá, podado em arbustos escuros, de copa arredondada, alinhados em fileiras regulares, empresta a alguns trechos campestres ares de jardim de ruas de buxo, um jardim plantado por Le Nôtre.

A natureza afigura-se-nos toda ella ter sido manipulada pelo homem, em sua symetria nunca banal, em seu talento das proporções, em sua sciencia da combinação das côres e dos cambiantes. Nem falta jamais ao scenario um grandioso panno de fundo — seja este o mar de côr variavel até o infinito, ou o espinhaço de montanhas que a distancia torna azuladas e indecisas. Dentre esta ossatura monstro de montanhas quasi eguaes, uma destaca-se no emtanto a qualquer distancia compativel com o olho nû, levantando-se solitaria da planicie, como que a querer entestar com o ceu donde um dia baixaram os velhos deuses japonezes. Quando mesmo fosse uma das vertebraes do espinhaço, o esqueleto não se apresentaria corcovado, porque a sua forma pyramidal é rigorosamente geometrica. Ella porem só amplifica a gentileza do conjuncto. De qualquer ponto que o encaremos, o cone do Fuji sobrepuja as demais montanhas, erguendo-se isolado da cordilheira com suas linhas que se diriam traçadas a compasso.

O nobre poeta Narihira, amante da famosa Komachi, a belleza decahida da litteratura e arte japonezas, a qual expiou na miseria e no opprobrio a frieza do seu coração e a insensibilidade da sua vaidade, é sempre representado nos *netsukés* e nos copos cinzelados das espadas cavalgando de costas para a cabeça do animal, afim de na passagem não perder até a ultima a vista do spectaculo incomparavel do Fujiyama. Comprehando tanto melhor o enthusiasmo d'essa alma japoneza de poeta, quanto eu proprio nunca conseguí passar ao alcance da montanha sagrada

sem encostar-me á janella do wagon até ella sumir-se no horizonte. Nunca me fatiguei de contemplar a immensa encosta suave que de todos os lados igualmente ascende ao seu cume e se assemelha, vista de perfil, a uma cyclopica ponte suspensa que Izanagi houvesse lançado, quando creou o Japão, para tornar mais facil a subida da deusa Sengen, a divindade tutelar do Fuji. Nunca me fatiguei de admirar aquella cratera que as nuvens, as brumas e os gelos tornam mysteriosa á força de circumdala-a, de ennevoal-a, de branqueal-a e de occultal-a, nem aquelle manto sombrio de lava e folhas, listrado de neve, no qual o gigante anda envolto e com que parece querer resguardar-se na sua marcha para o oceano, calcando a alfombra que lhe forra o caminho e cujo tom verde-nilo contrasta alegremente com o tom verde-bronze da montanha impassivel.

Alguma cousa ha que accrescenta extraordinariamente á seducção exercida pela natureza japoneza, e é a constante associação dos logares por que transitamos com episodios dramaticos e com mythos, lendas e contos do *folk lore* nacional. Sem falhar existe uma historia, verdadeira ou fabulosa, connexa com a paizagem que admiramos ou o ponto de vista que descortinamos: a uma e a outro acha-se sempre ligada uma interessante legenda popular ou uma conhecida expressão poetica. Aquella lingua de terra arenosa, por exemplo, que uma porção de pinheiros enfeitada, e penetra intrepidamente no mar que alem vêdes, quasi negro do reflexo de uma nuvem côr de chumbo, nada vos traz á memoria? Pois foi nem mais nem menos n'aquelles pinheiros que esteve dependurada a vestimenta de pennas encontrada pelo pescador e restituída á fada, sua dona, em troca de uma dança celestial executada para gaudio dos espectadores do *Nô* que reproduz esse incidente. Aquellas pedras tumulares, sósinhas as duas no meio de um campo de arroz, sombreadas por dous pinheiros enormes, guarnecidas em volta de flores silvestres e recobertas de offertas de chá e incenso, sabeis o que relembram? Uma tragica historia d'amor, dous irmãos que cru-

zaram enciumados o ferro fratricida e cahiram ambos victimas da sua nefasta paixão por uma peregrina beldade. Aquelle pinheiro que acolá se esgalha em frente ao templo de Yakushi, em Nara, vergado sob o peso de seculos, amparado por muletas de madeira, mas ainda cobrindo maior superficie do que vinte pinheiros novos, julgaes por acaso que nada recorda? Pois plantou-o um santo buddhista para que o Buddha do santuario, que na outra vida corrige as muitas miserias da vida terrestre, tivesse perennemente uma offerta de verde folhagem e se compadecesse dos camponezes maltrapilhos, que labutam contra tantas desvantagens e alli veem implorar bens e satisfacções temporaes, porque as outras fiam-n'as da justiça divina. N'aquelle lagosinho turvo, visinho ao pinheiro, onde nadam cardumes de carpas e cuja agua veem beber os veados do parque, tão mansos que acodem a comer nas mãos dos forasteiros, afogou-se por uma noite sombria uma apaixonada donzella da côrte, cuja formosura serviu de passageira distracção á ociosidade sensual de um Mikado. Aquelle sino de bronze meio occulto, apesar das suas dimensões, no bosque que reveste a encosta de Miidera sobre o lago de Biwa, não deveis ignorar que já foi uma vez arrastado até o cume do Hieizan pelo gigante Bentei, o qual só se decidiu a repol-o no seu lugar e deixar de martyrizar os tympanos dos sacerdotes buddhistas da montanha com o tanger incessante do grosso badalo, a troco de um possante caldeirão de sopa de feijão. Este *ichô* finalmente, cujas folhas se douram no outomno, e se levanta altaneiro na sua decrepitude, conservando verdes os galhos nodosos e enroscados, serviu de esconderijo ao assassino covarde que, na escuridão da noite, decepou de um golpe a cabeça do joven Xogun Sanetomo, quando este filho degenerado de Yoritomo, de volta das suas orações, descia a larga escadaria que da avenida de pinheiros e lanternas conduz ao templo de Hachiman em Kamakura.

Dir-se-hia realmente que cada sitio embellezado pela natureza — e contam-se taes sitios por milhares no Japão — viu-se

n'um espirito de emulação illustrado pelo drama ou pela imaginação. Não que precisasse d'este realce para ser admirado pelos filhos da terra: bastava-lhe o encanto physico. Todos os lugares formosos do Japão acham-se desde tempos immemoriaes inventariados, catalogados e descriptos na sua propria litteratura. Com effeito, a partir dos primeiros seculos da sua existencia como nação ou antes como sociedade, os Japonezes viajaram com os olhos abertos ás bellezas naturaes do seu archipelago, enumerando e esboçando com conhecimento e carinho todos os locaes pintorescos, todas as bonitas cachoeiras, todas as arvores mesmo fóra do commum que se lhes deparavam. As cincoenta e trez estações do Tokaido, nas quaes se deleitaram á porfia as broxas de varios artistas celebres dos tempos modernos, contavam desde os tempos mais remotos os seus modelos escriptos, a sua manifestação litteraria. A fantasia popular nem a religião exceptúa d'estas associações com as bellezas naturaes que a instigam. Rihaku, um dos Rishis ou Sennins, especie de aspirantes a santos, que começam por ficar isentos da morte e das transmigrações, é sempre representado no acto de contemplar uma cascata, uma das inumeras que aformoseiam o Japão, onde um Niágara estaria fóra de lugar por estar fóra de proporção, mas onde as differenças abruptas de nivel e a impetuosidade das correntes formam centenaes de bellas quedas d'agua, algumas erectas e elegantes como altissimas e esguias columnas d'aljofar, outras desdobrando em toda a largura o seu lençol liquido, outras ainda tão tenues que parecem cobrir com um veu de renda branca a rocha escura e escorregadiça sobre que deslizam.

Nunca cheguei até uma d'essas cachoeiras — e não poucas foram as que visitei — sem encontrar pelo menos uma duzia de Japonezes na *chaya* que invariavelmente se abre em todos os pontos de vista ou sitios pintorescos, offerecendo aos amadores do bello o conforto dos seus estrados de pinho abrigados do sol por alpendres de esteira de bambú e guarnecidos de cobrejões e almofadas; do seu tanquesinho de repuxo que levanta bolhas

na agua em que nadam gordos peixes vermelhos e dourados; das suas prateleiras carregadas de bebidas fortes da Europa... para os Europeus, e da sua chaleira de agua sempre quente posta sobre as brazas do *hibachi* para refazer-se a infusão á chegada do bando de passeantes, e servil-a com os confeitos e docesinhos de feijão. Aquelles Japonezes não despregavam os olhos do espectaculo que tinham vindo contemplar: gozavam n'um fervoroso silencio das glorias da sua natureza. Pelo caminho, indo ou regressando, muitos mais encontrava: excursionistas de sandalias de corda, com a farpella ao hombro na ponta da bengala, ou o kimono arregaçado, a carteira de fumo e o estojo do cachimbinho dependurados da cinta; estudantes de uniforme europeu, piugas e perneiras pegadas de azulão, ou de *hakama*¹, o ar a um tempo grave, energico e feliz; familias do campo, o chefe da casa na frente, de lenço amarrado por baixo do queixo ou chapéu de vime do feitio de campanula, as mulheres mais distanciadas, de sobranceiras rapadas á navalha e dentes ennegrecidos, si casadas, as jovens, quando faceiras, com o labio inferior tinto de vermelho no centro, como si fosse uma marca de sangue vivo, e as faces alvejadas com pó de sementes de bonina.

A ternura pela natureza é commum aos Japonezes de todas as edades e de quaesquer condições. Uma criança de dez annos despregará os olhos do seu papagaio de papel, que volteia erecto no ar sobre a sua armação de bambú, para embebelos n'um cacho de delicadas glycinias roxas pendendo airozas da latada, e contra cujas grossas hastes torcidas e entrelaçadas elle tenha ido bater de encontro, empenhado em reter a corda do seu brinquedo favorito. Um velho barqueiro que desça o rio empurrando á vara a sua barcaça carregada de lenha e de fardos

¹ Saia aberta em calças largas, muito do feitio de algumas saias para damas bicyclistas, que constitue entre os Japonezes um traje mais ceimonioso do que os simples *kimono* e *haori*, e é vestimenta obrigatoria para os estudantes dos dous sexos nas escolas do governo e para os raros empregados publicos que preferem em serviço trajar á japoneza. No palacio imperial a *hakama* é igualmente de rigor com o vestuario japonéz.

d'arroz, interromperá a sua faina para ter a voluptuosidade de agarrar na margem do rio uma mão cheia das petalas da flor de cerejeira, que no fim da primavera voejam como flocos de neve rosada.

Durante o inverno não se veem mais do que palmeiras resguardadas da geada por armaduras de palha como as capas que os campezinhos do Japão usam para abrigar-se da chuva e do frio, e pinheiros recobertos por uma tenda de cordinhas irradiando a igual distancia de um mastro central a prenderem-se nos ramos, que assim ajudarão a supportar o peso das cargas de neve. Não só nos parques da cidade como nas mattas dos templos campezinhos, encontram-se velhas arvores amparadas com carinho por estacas de madeira, bordões enormes sobre que se apoiam os seus galhos quasi resequidos. Um ministro da fazenda conheci que, abarbadado com uma operação financeira da qual se dizia depender a sorte do gabinete, atacado pelos jornaes, surdamente hostilizado pela maioria parlamentar, encontrou vagar e socego de espirito para dedicar toda uma noite, até o romper do sol, a arranjar com gosto e arte milhares de chrysanthemos — singelos, dobrados, decuplados — com o fim de exhibil-os aos amigos do modo o mais vantajoso para o renome da sociedade de horticultura de que aquelle financeiro é presidente. N'essa alma de politico não seccara a meiguice pelas flores. Não fosse este o paiz em que os sorrisos da natureza são tidos por sorrisos da fortuna.

Os Japonezes fazem bem em assim admirar e estimar a sua incomparavel natureza, pois que ella lhes fornece, alem do deleite subjectivo da sua contemplação extatica, motivos sem conta e dos mais felizes para a sua producção artistica. Onde foram elles buscar o segredo d'esses azues diaphanos, d'esses vermelhos velados e d'esses verdes transparentes que nos seus *cloisonnés* simulam o ceu, a atmosphaera e as aguas, senão no seu firmamento de frequente anil, no seu sol poente muitas vezes coado por nuvens grossas, nas suas torrentes que galopam pelas encostas abaixo á sombra dos carvalhos e dos cedros? Onde

foram procurar os modelos d'essas flores fantasiosamente multicolores que esmaltam o campo azul ferrete ou verde desmaiado d'aquelles vasos preciosos, senão nos seus prados e nas suas montanhas, onde as cigarras cantam, os besouros zumbem, as borboletas adejam e as vespas pousam sobre a mais copiosa e a mais matizada das floras bravias, em que as azaleas alternam com as orchideas e os lyrios com as rosas? Onde foram beber a idéa d'esses delicados damasquinados d'ouro, senão nas manchas fulvas que brilham ao sol nos topos menos arborizados dos seus montes, onde os urzaes supprem as mattas? Onde foram aprender essas curvas graciosas dos seus bronzes senão com as trepadeiras airoas, cujas ondulações se desenhão ao redor dos grossos troncos rugosos onde aquellas plantas se enroscam, e por onde sobem a misturar com as folhas mais seccas da arvore as suas folhas mais tenras e viçosas?

É verdade que os Japonezes não buscam *imediatamente* na natureza os seus modelos, do que quasi sempre se resentem as suas obras d'arte, si n'ellas procurarmos uma escrupulosa fidelidade de copia ou uma meticolosa exactidão de traços. Por mais de uma vez vi artistas gravarem na madeira uma paisagem de nomeada, pintarem sobre porcelana uma vista deliciosa, encherem as *cloisons* de um vaso da massa colorida que formará as flores, os peixes e as aves. Nenhum trabalhava senão de memoria, pois que n'esta se acham impressos desde a infancia todos os modelos, tornados familiares por uma demorada communhão com a mesma natureza. A memoria comtudo falha ou a repetição machinal acaba por adulterar a perfeição do trabalho, seja este uma reproducção ou uma interpretação. O nosso cerebro não possui a precisão de um mecanismo nem a impersonalidade de um automato, e não podem ser outros os resultados que tem de visar uma obra executada longe do modelo natural.

É tambem semelhante processo *à posteriori* que, applicado na esphera da pintura, torna convencionaes as famosas produções, aliás tão vigorosas, da escola de Kanô, a predominante nas decora-

ções dos palacios e templos de Kioto. Aquillo que ahi nos parece arbitrario porque o não encontramos no meio immediato, já vimos ser apenas a recordação tradicional da paisagem chinesa, sob cuja influencia se educou a referida escola de pintores, e cujas feições se converteram em dictames artisticos de que a muito custo se emancipou o gosto japonéz, no habito adquirido de preferir a pericia á verdade, o classico ao natural.

Quando mesmo fosse monotonamente uniforme nos seus elementos botanicos, a natureza no Japão seria extraordinariamente attrahente mercê das combinações inesperadas d'aquelles elementos, mas para mais cada zona conta a sua vegetação, e esta varia muito dentro da mesma zona. Entre a ilha de Hokaido e a de Kiuxiu (para não sahir do archipelago propriamente nipponico, deixando de lado Formosa, que é uma terra dos tropicos, e as Kuriles, que pertencem quasi ás regiões arcticas) existe a differença que vai do sul da Europa — sul quasi mauritano como a Andaluzia ou quasi egypcio como a Sicilia — ao seu norte, norte como a Belgica ou a Dinamarca. Em Hokaido dão as fructas e crescem os legumes da França, as maçãs, os morangos, os espargos; em Kiuxiu cultivam-se a canna de assucar e a batata doce (*Satsuma imo* em japonéz). A notavel differença de latitude explica facilmente esta variação, mas o que é mais raro é que ella se dê no mesmo paralelo, explicando-se o phenomeno pela differença de altitude.

A gradual subida de Utsonomiya para Chuzenji, uma differença de nivel de trez mil pés para mais, é um exemplo typico d'essa segunda variação que nenhum viajante deixará de verificar. Na grande planicie que se estende da margem do Pacifico ás montanhas de Nikko prevalece o plantio do arroz, e as arvores teem todas a folhagem densa e escura e o tom quente e aspero da cryptomerias direitas e esmagadoras. Nas beiras do lago de Chuzenji, em redor da formosissima cachoeira de Kagon, que se despenha, afastada da rocha, n'um jorro de trezentos pés de altura, assemelhando-se a uma estalactite monstruosa, a floresta

toma ares de parque inglez, com carvalheiras, sobreiros e vidoeiros de uma folhagem rala e clara e de um tom fresco e tenro. Em vez do verde eterno dos paizes de primavera eterna, ha montes de folhas seccas que no outomno juncam as alamedas e redemoinham com um susurro triste ao sopro do vento agreste, e ha então na primavera o delicioso rebentar das novas folhas.

Não quer isto dizer que no Japão as estações se pareçam fóra das altitudes: muito pelo contrario, perto do nivel do mar andam as quatro estações perfeitamente marcadas, e cada uma blazona-se de sua differente belleza. A primavera possui, alem do proverbial e lindissimo *sakurá* (cerejeira em flor), das radiantes peonias e das glycinias mimosas, as azaleas vermelhas que invadem os campos e os tingem de viva côr, como que a festejarem o regresso do calor. O verão tem os lyrios, os convolvulus, os lotus, os lizes, as clematites, as hortensias, cem, mil flores diversas, que si todas não perfumam, porque as mais das flores japonezas não possuem perfume, matizam esplendidamente prados e montes, assumindo toda a natureza um aspecto triumphal, do qual até participam nos campos os tectos das habitações, curiosamente adornados de flores agrestes que crescem dentre o colmo, transformando o topo d'aquelles telhados em jardins aereos. O outomno tem os chrysanthemos emblematicos, de tintas e formatos variadissimos, sempre pomposos e bellos. O inverno finalmente tem a coloração das folhas dos bordos, as camelias, de que carregam as arvores, de folhas gordas e lustrosas, e nos mezes de vento e neve, pois que um Japão sem sorrisos da natureza deixaria de ser o Japão das lendas e dos devaneios, a florescencia branca das ameixoeiras, prenuncio risonho da primavera.

A coloração dos bordos é uma das grandes curiosidades e attractivos vegetaes do Japão. Do meado de Outubro ao fim de Novembro envergam elles, como cardeaes que se paramentassem, a sua magnifica vestimenta carmezim, e os Japonezes emprehemem viagens para admirar-os em suas galas. No meu regresso de Nikko, onde tambem fóra



Jardim dos iris em Horikiri no mez de Junho.

para prestar-lhes homenagem, cruzou-se o meu trem com dous outros cheios de estudantes de quinze a vinte annos que, acompanhados pelos mestres, iam em peregrinação floral a Chuzenji. Lá, havia encontrado nada menos do que trez regimentos de rapazinhos e rapariguinhas de oito a quinze annos, umas trezentas crianças que desciam ou subiam o caminho que ascende em zigzag a montanha, cantando, rindo, pulando, gosando com todos os pulmões, com todo o coração e com todos os musculos de um dos mais encantadores espectaculos da sua paizagem sem rival. *Kurumás* enfeitados de ramos de folhas vermelhas, rodavam pela estrada difficilmente aberta atravez da floresta cerrada, transportando homens, mulheres, velhos, meninas, todos igualmente felizes deante d'esse scenario ideal.

É que o aspecto geral passa a ser simplesmente feerico. O escarlate nem é inteiramente de um mesmo tom, nem deixa de ser mesclado e avivado por largas manchas roxas, verdes e amarellas. Tal combinação de côres porventura torna ainda mais seductora do que si a enfeitasse uma só côr, essa natureza assim adornada de ouro, esmeraldas, amethystas e rubis. Os proprios morros escalvados, sem arvores que os revistam, apresentam extensões de um tom violaceo que fazem pensar em immensas lages de porphyro. Existe um trecho do caminho para Chuzenji, o que vai de Umagaeshi ao ponto em que começa o zigzag da estrada, que é uma garganta no fundo da qual rola sobre grandes seixos escuros a corrente rapida e espumante do Daiyagawa. N'esse trecho as montanhas, de pura rocha, sobem direitas a uma altura que o apertado da garganta faz parecer enorme, tomando o aspecto de castellos fantasticos. Dos intersticios da rocha nasceram arvores e plantas que, medrando como por milagre em punhados de terra e de limo, acabaram por encobrir a base granitica e formam, ao tomarem as côres outomnaes, um mosaico dos tons mais variados e suaves, como os não executam melhor os mais afamados artistas romanos de semelhante especialidade.

Nas margens do lago Haruna, um pequeno lago no interior da ilha de Hondo, perto de Ikao e não longe do vulcão do Asamayama, notei outro effeito surprehendente da coloração outomnal das arvores, pois que nem só os bordos adquirem no Japão os tons rubros e dourados, tão justamente celebrados. O lago é circumdado de collinas e, a separal-as, rasgam-se estreitos valles ou antes covas cheias até a bocca de espessa vegetação, a contrastarem com os trechos de terra relvosa que as cercam. No fim de Outubro, vistas do meio do lago, cujas aguas serenas o nosso bote era o unico a fazer rugar, aquellas covas assemelhavam-se exactamente a enormes cestas de flores em que predominasse uma alegre tinta carmezim. Era ahi sobretudo a presença dos bordos, com o seu colorido ao mesmo tempo bastante vibrante para não precisar ser realçado pela luz deslumbrante do sol, quando se acha limpido o ceu, e para não ficar completamente desmaiado debaixo da nevoa, quando esta recobre a natureza de um roçagante manto de gaze, ou as nuvens se agarram ás arvores como tunicas, ora de pregas harmoniosas, ora de apanhados extravagantes, formando os desenhos mais extraordinarios que pode conceber o cerebro de um decorador allucinado. Á vista d'esses effeitos é que logramos comprehender as composições por vezes estranhas, as linhas de combinações frequentemente fantasticas de um pintor como Kyosai, o qual tão admiravelmente soube interpretar o Japão imaginativo, das superstições e das chimeras, dos *tengu* de barba eriçada e longo nariz pontudo e de Emma-ô, o inflexivel juiz do inferno buddhista, quanto Hokusai soube reproduzir o Japão real, das festas e do comico, dos *bugaku* ou danças pantomimicas e dos mil e um incidentes da complexa vida quotidiana.

A viagem da costa á contra costa apresenta um resumo do panorama habitual da terra japoneza com suas feições geraes: primeiro os arrozaes entrecortados de bosques, depois a gradual ascensão ás montanhas cobertas de florestas, do outro lado a descida para novos arrozaes semeados de bosques. Fui desde

Tokio até Naoetsu, e jamais se desvanecerá de minha memoria a forte impressão da subida de Takasaki para Karuizawa, sobretudo a partir de Yokogawa, quando a linha ferrea transpõe o passo de Usui, vencendo com visivel esforço n'uma serie de viaductos sobre precipicios e de tunneis sob morros essa curta distancia de sete milhas, e offerecendo nos breves intervallos dos seus vinte e seis tunneis os mais formosos golpes de vista sobre as gargantas forradas de verdura e os picos encimados de arvores. Uma vez repousada, tendo absorvido em longos haustos o ar leve que circula no planalto de vegetação rala, dominado pelo vulcão sempre fumegante do Asamayama, a locomotiva desliza ligeira pelos campos plantados de arroz e de fumo que vão espreitar do alto da costa alcantilada o mysterioso mar do Japão, onde, alem de Naoetsu, parece querer esconder-se a lendaria ilha de Sado. Das minas de Sado vinham e ainda veem para a grande ilha o ouro e a prata, e no meio das suas nevoas viveu exilado o Santo buddhista Nichiren, cujo resplendor porventura cortaria as brumas, quasi constantes, illuminando como um fanal a rota dos juncos que das praias fronteiras demandassem a região dos metaes preciosos.

Si desconheço natureza em que sejam mais variaveis os efeitos de luz, tampouco conheço outra em que o aspecto dos objectos mais acompanhe aquella variação, nunca sendo entretanto insignificante nem banal. A noite mesmo, tive ensejo de viajar em *kurumá*, com o tempo chuvoso e por estradas escuras que mal allumiava o clarão pintoresco das lanternas de papel dependuradas dos varaes, visto que não chegavam a cortar as trevas espessas os raros pontos luminosos das casinhas de frontaria de papel translucido extendido sobre caixilhos de madeira, no qual se projectavam em immensas sombras grotescas os contornos dos habitantes e dos objectos do interior. Pois até assim divisava manchas mais compactas e negras do que a noite, de arvores colossaes circumdando templos baixos, manchas esbranquiçadas de *torii* de madeira ou de pedra rentes com a estrada,

que todas eram artisticas, suggestivas e se não diluiam n'uma tonalidade neutra e indistincta.

Para melhor fazer sobresahir suas pompas vegetaes, o Japão offerece igualmente a vista de lugares desolados: rios de lava petrificada, picos nús e escalavrados, encostas cuja crosta barrenta funega sem cessar e é rota pelos jorros de aguas e vapores sulphurosos. A natureza vulcanica do solo produz estes aspectos devastados com o excesso das suas revoluções interiores, assim como produz os aspectos luxuriantes com a magia do seu calor fecundante. No fundo de montes cobertos de um alto sapé; mais alto do que um homem, verde na primavera, crestado no verão e amarellecido no outomno, corre aqui e alem um valle melancholico onde borbulham fontes thermaes e se espalha em densas nuvens o cheiro caracteristico do enxofre. A terra é ahí cinzenta e quasi nua de vegetação, pois que vegetação se não deve chamar no Japão as hervas rasteiras e os arbustos merencorios que se encontram nas immediações das solfataras. Imaginar-se-hia que a natureza, enfastiada das suas galas, procurou na humildade e no cilicio a expiação da grandeza e dos prazeres. Extensões como estas nunca se prolongam todavia. O ceu é por demais risonho, as brisas por demais fagueiras, o meio por demais voluptuoso para que a tentação a não arraste e a peccadora não volva ás suas galas. Longe de ser, como a China, um grande deserto com muitos oasis, é o Japão um grande oasis com raros desertos, si merecem este nome desolador alguns limitados terrenos estereis, esses mesmos com sua belleza agreste, sobre que se debruçam de todos os lados os pennachos finos e sedosos dos bambús oscillando festivamente, como emblemas de victoria, ao sopro do vento que constantemente varre da atmosphaera do archipelago as impurezas e as tristezas, e lhe traz dos dous amplos mares que o envolvem lufadas de ar salino e tonificante e o segredo da sua infallivel fascinação.

CAPITULO IV

O CARACTER NACIONAL

Si ainda nos restasse alguma duvida sobre a maravilhosa agudeza intellectual dos padres que fundaram a Companhia de Jesus, bastaria reler os conhecidos periodos das cartas, singelas e doces como o seu trato, em que São Francisco Xavier descreve, para uso dos religiosos do collegio de São Paulo de Goa, as inclinações, virtudes e defeitos dos Japonezes, para collocar o amigo e companheiro de Santo Ignacio de Loyola entre os mais meritorios psychologos. Ao cabo de uma curta estada, pizando em terreno virgem, luctando com difficuldades de lingua, com agruras de transporte n'um paiz montanhoso e sem estradas — pois que hoje mesmo as não tem, de rodagem, como qualquer paiz da Europa, e então só possuia as estradas historicas do Tokaido e Nakazendo — e com a hostilidade, a começo dissimulada e depois franca, dos bonzos buddhistas, que no Catholicismo, acolhido com civilidade, viam com razão e mercê de soffrimentos o inimigo intencionalmente protegido por Nobunaga, o Santo havia corrido, visto, examinado, adivinhado e, sem que possamos dizer que exaurisse o assumpto, expressava-se com a exactidão, a segurança e a serena convicção de um professor allemão ou inglez do nosso tempo, o qual houvesse residido vinte annos entre os Japonezes, estudando-lhes o passado com todas as facilidades e observando sem o menor risco o seu viver quotidiano. Nem Griffis, nem Chamberlain, nem o proprio Lafcadio Hearn, o mais penetrante e sympathico dos escriptores estrangeiros que modernamente se hão occupado do Japão — tão sympa-

thico que acabou por japonizar-se de nome, familia e costumes — disse afinal mais ou melhor. Os traços tomados do vivo e fixados pelo Jesuita são tão verdadeiros hoje como o eram ha mais de trez seculos: são pinceladas que não mais se apagarão, paginas em que nada ha a accrescentar de essencial.

Começa o Santo por avançar que entre os infieis constituem os *Japões* a melhor gente: gente fundamentalmente boa, sem malicia e „estimando mais a honra que nenhuma outra cousa“. Com effeito foi o sentimento da honra o principal caracteristico do Japão feudal; o laço da formosissima união entre os daimios e os seus samurais, a qual mais parecia uma união entre pai e filhos, manifestando-se d'um lado pela protecção carinhosa e do outro pela lealdade respeitosa; a base da immobilidade politica, e o arcabouço da organização social. Nos contos do velho Japão, que Mitford nos relatou com uma simplicidade realçada pela vivacidade do estylo, jaz invariavelmente o sentimento da honra no fundo de todas as peripecias, sem excepção sanguinolentas, pela maior parte desenrolando-se d'um episodio de *vendetta*, vulgarissimo n'aquelles dias. No Japão moderno, o Japão industrial, é um tal sentimento, arrancado dos limites estreitos da fidalguia para tornar-se apanagio de todo o povo, embora perdendo forçosamente em intensidade o que adquiria em extensão, o estímulo animador do paiz na sua voluntaria, consciente, estrenua e indefatigavel europeização de processos, senão de ideaes, por alguns erradamente taxada de capricho irreflectido, mas que muito pelo contrario deve ser considerada como a mais solida garantia da integridade e dignidade nacionaes, riqueza moral prezada mais do que a opulencia material, mais mesmo do que a existencia physica.

A these de Nitobé¹, de que o sentimento da honra forma o alicerce e explicação da alma japoneza — a qual Percival Lowell tinha injustamente accusado de ser impessoal — seria certamente

¹ Inazo Nitobé, *Bushido, The soul of Japan, An exposition of Japanese Thought*, Tokio, 1901.

exaggerada no pretender fazer d'aquelle sentimento um distinctivo exclusivo no seu aspecto complexo. Está porem longe de ser falsa nas suas linhas geraes, pois que o pundonor tem sido e continua a ser o traço capital do Japão, a terra unica do mundo onde não ha mendigos, porquanto, independente dos regulamentos policiaes (e a policia é no Japão tão respeitada que nenhum popular se lembra de fallar com um guarda sem ser de chapéu na mão), os proprios cegos estimam tanto sua independencia que monopolizaram, como seu ganha pão, a profissão de massagistas, até certo ponto rendosa pois que todo o Japonez recorre frequentemente á massagem, por prazer e por hygiene.

Ha mister comtudo accrescentar á these do escriptor japonez que uma democracia sendo, por sua essencia mesmo, um campo aberto a todas as superioridades *individuaes* e não, como a aristocracia, um campo apenas aberto á superioridade de classe, o sentimento da honra deixa de ser cultivado como a flor d'esse solo privilegiado e tende naturalmente, em terrenos mais frouxos e menos preparados, a descorar-se e perder o viço. É como si quizessemos transportar um pé dos lindos lyrios vermelhos que aqui se encontram, uma das poucas flores aromaticas, do seu canto de floresta cheio de humus, sombreado e humido, para uma charneca batida do sol e do vento, onde crescem pinheiros mas onde quasi tudo são urzes. A honra representava no Japão um capital commum, de todos; os senhores eram porem os banqueiros que conservavam e gyravam com esse deposito collectivo.

No meio do tropel de povos e de raças da Asia, onde a procreação parece não conhecer limites e os vicios fervilham como os povoados; n'essa Asia onde os Portuguezes só vieram buscar vangloria, corrupção e ruina, os Japonezes mantinham no tempo de São Francisco Xavier tão erecto o seu porte moral quanto hoje o mantem. Orientaes talvez no modo por que encaravam as obrigações de character publico e mesmo privado, contrahidas com os estrangeiros, que por seu lado só os pretendiam dominar e espoliar; despídos das reservas extremas de pudor que na

Europa o Christianismo tornou habituaes, ainda que encobrendo boa dose de desfaçatez moral e não sendo em nada mais virtuosas do que a apregoada immodestia japoneza: exemplares, porem, nas suas relações de familia, cujo fundamento já era a monogamia, si bem que adulterada pelo concubinato e corrigida pela adopção; commummente probos nas suas relações mercantis entre si, posto que o mercador fosse considerado socialmente abaixo do agricultor e do artifice; affectuosos até a ternura, visto ser a sentimentalidade uma das suas feições, occulta, por medo do ridiculo, com uma mascara de convencional frieza; polidos até o requinté, do que fornece prova palpavel a sua continua troca de obsequios e mimos; promptos sempre a aprenderem e a progredirem. O Santo diz em substancia mais ou menos tudo isso: „He gente de muitas cortezias huns com outros de muy boa vontade, muy conversavel, desejosa de saber aborrecem muyto em grande maneyra este vicio de furta.“

A pobreza no Japão era então, como hoje ainda, mal de quasi todos, mas não envolvia desprezo da parte dos ricos, nem desdouro para os que d'ella soffriam. As differenças que existiam eram de nascimento ou de capacidade, nunca de bolsa. Escrevia São Francisco Xavier que os fidalgos os mais opulentos não faziam differença alguma entre os abastados da sua casta e os desprotegidos da fortuna, e que por preço algum um fidalgo se enricaria por meio de um casamento improprio, contrahindo o que na Europa se chama uma *mésalliance*: „& isto fazem por lhes parecer, que perdem da sua honra casando com casta bayxa, de maneyra, que mais estimão a honra que as riquezas.“

O desinteresse ou melhor a generosidade constituia aliás um traço vulgar entre a nobreza japoneza, como no geral entre qualquer outra nobreza de sangue, sendo até o que mais a extremava da classe que vivia da mercancia e do ganho. O fidalgo japonez comprava sem regatear e sepultava no mais recondito do seu lar, para um gozo espaçado e egoista, as peças d'arte carissimas que o artista japonez produzia, á razão de duas ou

trez por anno, circumstancia que explica a perfeição da mão d'obra, assim como o preço pedido e pago explica a possibilidade do artista lograr viver de uma tão parca producção. Sem ser amante do luxo, segundo mesmo se reconhece pelo cerimonial japonéz, mais complicado do que dispendioso, e pela ausencia — singular na Asia — em seu trajar de muitas joias e pedras preciosas, faceis de obter pelo intercurso commercial si as negava a natureza local, não era por isso o nobre menos prodigo, gastando muito por causa d'aquelle desapego ao dinheiro, o qual igualmente revestia a forma de liberalidade entre os dependentes e servos. Por tal motivo os criados japonezes ainda hoje esperam muita largueza a troco de pouco trabalho. Com elles é muito mais uma questão de tradição e de habito do que de indolencia. O povo japonéz não deve ser apodado de preguiçoso: o que elle é, é amigo do prazer, pouco atreito a economizar, desacostumado a fazer conta do tempo; n'uma palavra, os Japonezes teem sido com justiça chamados um povo artista e *dilettante*. Poderemos denominal-os os Athenienses do Oriente, até na argucia e na usual sobriedade.

Si hoje mesmo não existe no Japão uma plutocracia, contando-se raros millionarios, tampouco existe o pauperismo como instituição. Desamparo certamente o ha, n'alguns casos extremo, porque é desgraçadamente inseparavel de qualquer sociedade humana organizada sobre os modelos actuaes, mas o Japão affigurou-se-me o unico paiz da Asia onde a miseria não é repellente e não acarreta comsigo a abjecção. Singalezes, Malaioes, Chins, vegetam na promiscuidade e na sordidez. Seculos de dominio da raça julgada a mais apta do globo para a ardua tarefa da colonização não poderam, em Ceylão ou em Malaca, soerguer o nivel da população aborigene, inocular-lhe idéas europeas de ordem, de conforto e de ambição, forral-a d'essa existencia desprezivel que representaria uma tristeza para uma raça dominadora menos pratica, e deve em todo o caso representar uma desillusão para qualquer especie de conquistador. Os Inglezes

não podem com justiça censurar o desalinho da população negra ou indigena dos paizes latino-americanos, ao lembrarem-se que em suas possessões tropicaes as condições presentes de vida dos naturaes são muito inferiores á dos Indios ou á dos Africanos importados no Novo Mundo.

Singalezes e Malaios ignoram o que seja abastança ou mesmo conchego. As excepções fazem parecer mais dura a regra. Vivem aos grupos, é verdade que em largas estradas bem alinhadas e arborizadas, como prescrevem as municipalidades brancas, para que possam rodar com desafogo e commodidade os palanquins puxados por ardegos cavallinhos chinezes e os *jinrickshás* puxados por culis, mas á beira d'ellas occupando desgraçadas choças de madeira cobertas de palha. A bem da hygiêne nas regiões quentes e sujeitas a chuvas torrencias, trazem como unico vestuario a coberta de côres vivas enrolada nos quadris: n'isto, porem, se cifra a sua propriedade. O sentimento de orgulho com que um d'elles me apontava para o *bungalow* de algum raro *native* com fortuna, traduzia a um tempo o pasmo e a resignação. Em Penang, Singapura ou Hong Kong ha Chinezes ricos — por isto mesmo aborrecidos dos Europeus. Os mais d'elles, entretanto, habitam ás pencas, em ruas rectas e decoradas de nomes sonoros, mas em baiucas onde a luz mal penetra; trabalhando, suando, discreteando, jogando e envenenando-se com opio; os bustos geralmente nús mostrando a sua gordura balofa ou a sua magreza cadaverica; n'uma confusão de mesteres e tambem de cheiros em que predominam os do peixe crú, do incenso queimado, do alho e cebola condimentando os piteus escuros, da gordura frita, da banha podre, do azeite rançoso e do duriango estimulante.

E quanto mais acanhado ou segregado o lugar, mais caracteristico este espectaculo de porcaria e de ignobilidade, o qual só do viver nos campos, com suas feições inseparaveis de bucolismo, pode derivar alguma attenuação. Percorra-se por exemplo a cidade chinesa de Changhae, isolada das cidades franceza e

ingleza, aceiadas e vistosas, por uma muralha circular ameiada cujos portões de ferro se abrem sobre pontesinhas esburacadas que galgam um fosso immundo. As ruas estreitissimas, calçadas de lageas viscosas e bordadas de lojas em que se mercam desde os mais delicados *netsukés* de marfim e os mais graciosos leques de sandalo com figurinhas de seda e madreperola, até os esquifes vermelhos e dourados, de linhas angulosas, e os grillos presos em gaiolinhas, são pejadas de uma população pintorescamente suja em que ha leprosos, adivinhos, cegos, contadores de historia para fazer rir, mandarins reclinados em cadeirinhas gradeadas, ociosos, mendigos e até moribundos. O beijo da cidade, uma casa de mandarim, por contraste limpa e varrida, esconde os seus tectos baixos, de telhas escuras, com alpendres recurvos, no dedalo de um jardim sem flores, de cascatas, grutas e mirantes, com pequenos lagos de agua estagnada em que os lotus se espreguiçam n'um tapete de folhas verdes, sobre o qual adejam nuvens de mosquitos. A principal casa de chá ergue seus terraços sobrepostos no centro de uma lagôa lodosa, formada pelo ribeiro fetido que carrega as immundicies da cidade, onde nadam prazenteiros bandos de patos, e cujos detritos marginaes são esgaravatados por gallinhas e foçados por porcos. A sensação do lixo é tão continua, que um trecho aceiado da cidade contrastaria quasi afflictivamente, destoando por completo d'esse meio.

O Japão é, como disse, uma terra pobre, mas a pobreza japoneza possui um ar incomparavelmente digno, arranjado, decente. Tudo aqui parece limpo, assim como tudo na China parece sujo. As casas são microscopicas, mas teem os seus estrados muito brunidos, os seus armarios muito vasculhados, as suas correições muito envernizadas. Os persevejos, comparsas mudos mas não inactivos de muitos hoteis europeus, personagens indispensaveis das novellas e narrações de viagens na Peninsula Iberica, são desconhecidos no Japão, onde é verdade que não se usam geralmente camas, porem onde ha esteiras bem trança-

das e colchões de canhamo, que podiam ser repugnantes e são impeccaveis. As lojas são apertadas e as mercadorias n'ellas se amontoam, mas tão bem accommodados nos seus mostradores de vidros reluzentes os bolos, os confeitos, os perfumes, os crepes bordados para o pescoço, nas suas celhas bem lavadas os peixes, os crustaceos, os polvos, as conservas, os legumes verdes, o queijo de feijão, nos seus caixotinhos e prateleiras muito aplainados os legumes seccos, os utensilios de cosinha, os bules microscopicos, e nas suas alcofas amarellas, parecendo sahir das mãos do cesteiro, os feixes de lenha e o carvão, que dá gosto vel-as e local-as.

Alojei-me em muitos hoteis, dirigidos por Europeus e dirigidos por Japonezes, e não posso deixar de reconhecer que a limpêza dos segundos é infinitamente superior. Nada excede em aceio uma hospedaria propriamente japoneza. A agua abunda n'este paiz: jorra, espadana e corre de todas as encostas de montanhas, mas tambem d'ella se faz liberrimo uso, a começar nos banhos. Toda a gente conhece e pratica as abluções. Nas casas mais pobres do Japão pode não se encontrar um colchão, mas com seguridade se encontra uma tina de madeira aquecida por um conducto de barro e dentro da qual, quando a agua está quasi fervendo, toda a familia successivamente mergulha, por escala de importancia domestica e de edades, depois de ter individualmente procedido fóra a uma ensaboadura em regra. Tambem no Japão é desconhecido esse nefando composto europeu que se chama „cheiro de humanidade“. Si outro cheiro, talvez peor, se exhala por vezês das casas, sobretudo nas grandes povoações, é porque os esgotos não existem. O incenso tem que ser livremente queimado nos lares, como no velho Portugal a alfazema, cuja suavidade o cavalheiro de Oliveyra tanto preconizava na Hollanda. Nos interiores japonezes as vassouras e os espanadores movem entretanto ao pó a guerra mais inclemente, e o aceio é tão multiforme e rebuscado que dá a impressão de uma mania. O Japonez nem um phosphoro apagado sacode para o

chão. Os seus petrechos de fumista comprehendem uma bandejinha com um recipiente de louça ou cobre, cheio de brazas, onde accender os cigarros e cachimbos, e outro recipiente de bambú para cuspir e accumular as cinzas, de forma a deixar o aposento immaculado. Até nos botes de pescadores e nas velas dos juncos se nota a limpeza, logo ao approximarmo-nos do Japão. Os botes são sempre escovados, nunca leprosos, as velas sempre brancas, nunca em trapos. Chego a pensar, sem com isso armar pretensões a descobertas historicas, que a Hollanda não veio buscar no intercambio de Nagasaki apenas a inspiração da sua porcelana de Delft: recebeu d'esse convívio mysterioso de mais de dous seculos o segredo da sua limpeza caseira, sem rival na Europa.

A differença no aceio moral é igualmente apreciavel entre o Japão e os paizes do continente asiatico. Notam-se em todo o Oriente, de mistura com o odio ao estrangeiro, o qual na China leva aos massacres e no Japão conduz a imaginação popular aos tumulos dos muitos que cahiram lutando contra a introdução do espirito europeu, um servilismo no gesto e uma humildade no olhar que são impressivos, inconfundiveis e degradantes. Os Japonezes são os unicos a libertar-se d'essa attitude, que é uma pecha. A sua cortezia nunca é servil; as suas mesuras profundas, compassadas, exaggeradas, podem ser comicas, mas não são submissas. Exprimem seculos de formalismo: não traduzem annos de escravidão. Ha, a par com aquillo que nós consideramos excesso de cumprimentos, um ar, que a ninguem engana, de hombridade e vontade propria, descendo dos grandes senhores aos infimos subalternos. Um Chinez pode deixar-se impunemente espancar: um Japonez faria cruelmente pagar qualquer tentativa de aggressão. No Japão ha entes desvalidos, mas não ha entes despreziveis.

O Santo não se esqueceu, em suas cartas, de mencionar feição alguma moral dos Japonezes — o seu ardente espirito militar, á sua altivez, o seu irresistivel pundonor, a sua deferencia para com os superiores, a sua temperança sobretudo nõ

comer, a sua aversão ao jogo(?), ás juras e ás cavillações e chicanas, o seu enthusiasmo pelas honrarias, o seu geral conhecimento da leitura e da escripta, a sua fidelidade aos governantes, a sua gentileza de modos, finalmente a sua adaptabilidade a novas formulas e a novos ambientes, a qual a transformação contemporanea provou á saciedade. A litteratura quando não se extravai na imitação dos modelos estrangeiros, apresenta sempre o reflexo do character nacional, e a litteratura japoneza confirma, lineamento por lineamento, aquelle desenho esboçado desde os primeiros tempos. Pelo pouco que d'ella sabem os que desconhecem o idioma japonez, isto é, pelo trabalho critico de Aston e pelas raras traducções,¹ o mundo desvendado, com fraca imaginação mas com feliz naturalismo, nas ficções e nas anthologias poeticas como o Manyoxiu (poesias do periodo de Hara) e o Kokiuxiu (poesias do periodo de Kioto) era solicitado pelos mesmos ideaes de seculos menos remotos: a devoção ao soberano, o amor filial primando todas as affeições, o amor sexual considerado mais como passatempo ou assumpto pratico do que como thema de desespero romantico, a jovial sociabilidade usada como correctivo das inevitaveis angustias humanas.

A litteratura classica pára no seculo XII. Alguma cousa ha que, mau grado a semelhança dos ideaes — fructos do tempera-

¹ São com effeito muito escassas. Chamberlain traduziu livremente bom numero de poesias da era classica e K. Suyematsu traduziu parte do curioso romance do anno 1000 — *Genji Monogatari* (Monogatari quer dizer narração), o qual é obra de uma dama da córte de Kioto e, pelo que d'elle pode um leigo ajuizar, escripto com *verve*, sentimento e até observação psychologica. As letras eram então exclusivamente cortezãs, no sentido de cultivadas no circulo mais alto da sociedade, e as senhoras primavam entre os letrados. Aston dá no seu excellente livro excerptos dos principaes escriptores e, graças á sua obra condensada mas methodica e intelligente, consegue-se formar uma idéa approximada da litteratura japoneza, á qual o uso da imprensa, seculos antes da invenção européa de Guttenberg, fornece uma longa successão de modelos.

No ultimo numero de 1901 dos *Proceedings* da *Asiatic Society of Japan* ha uma traducção, pelo sñr. Parlett, do *Sumiyoshi Monogatari*, cujo enredo se passa na epocha dos Fujiwara, quando a aristocracia de Kioto, effeminada e voluptuosa, mal podia offerecer resistencia aos rudes guerreiros de Kamakura.

mento e do ensino religioso — parece distinguir esse periodo litterario de outros mais modernos. Refiro-me á ausencia de episodios sanguinarios, filha de um refinamento cortezão, pois que cortezãos eram escriptores e publico. O Mikado reinava então autocraticamente, senão sem freio dos seus ministros, pelo menos sem tutela d'um dictador, e o feudalismo militar, com seu cortejo de durezas, não irrompera ainda, de couraça e guantes, das guerras contra os Ainos, repellidos aos poucos para o extremo norte, e da successiva briga dos *clans* mais poderosos em prol das honras e dignidades e finalmente da effectividade do poder. Yoritomo, o primeiro Xogun, fundou a sua côrte de Kamakura, rival omnipotente da de Kioto, nos fins do seculo XII. Data d'ahi o grande cyclo das luctas intestinas. Os contos historicos divulgados por Mitford e que se passam quasi todos nos seculos XVI e XVII, são, como disse, historias de sangue. A humanidade é a mesma em toda a parte, e a historia do Japão feudal é exactamente a historia da Europa até a pacificação absolutista do seculo XVIII, quando as guerras passaram a ser mais externas do que internas. No Japão, porem, esta phase prolongou-se até nossos dias.

Mesmo estabelecida a tyrannia dos Tokugawa, o sangue não deixou de correr. A visão em Yeddo era rubra, assim como era côr de rosa na côrte de Kioto. O jorro de sangue não murchou todavia as dedicações heroicas, os rasgos de cavalheirismo, as flores de bondade que se encontram descriptas n'aquellas narrações ingenuas e tocantes, onde o horror se combina com o burlesco, de que se apropriaram as escolas litteraria e artistica do seculo XVIII. O horrivel aliás nunca sorriu demasiado aos artistas japonezes, sobretudo aos de uma epocha mais afastada, porventura pelo facto de não sorrir aos amadores refinados das classes altas, que eram o seu publico pagante, a introducção na arte de repellentes imagens. O mais que puderam, os artistas evitaram introduzir esse elemento nas suas producções encantadoras, que só se tornaram macabras quando se tornaram populares.

A lua, symbolo de poesia e typo de sublimidade, deante da qual se extasiam auctores e guerreiros, homens de pensamento e homens de acção, astro que as creanças apontam com exclamações de alegria e que as mulheres contemplam com uma expressão langorosa dos seus intelligentes olhos negros, apenas sacode os seus veus para illuminar scenas de meiguice, de paz na natureza, e de caricato entre os homens. Ella não sabe mais do que se enternecer ou mofar. Cobre-se discretamente quando as paixões se accendem e a natureza é polluida pela ferocidade e pela matança. As scenas de carnificina passam-se á luz do sol, que é vermelho e grosseiro. Sob os seus raios abrazadores, a arte japoneza mantem um vôo baixo, de ave aquatica: carece do suave luzir da lua para erguer-se e bater as azas bem no alto, assim como o *uguisu* ou rouxinol japonez carece da sombra densa de um bosquete para soltar as suas notas curtas e melodiosas, nas quaes Aston divisou justamente o emblema da poesia nacional.

Com os annos, no emtanto, as melhores pinturas são susceptiveis de estragarem-se si as não retocam. Estala o verniz e o colorido perde muitas vezes o seu frescor, quando não ennegrece e se deteriora. O retrato legado por São Francisco Xavier e esboçado no seculo XVI offerece agora alguns vestigios de alteração. Começa porque um regimen, como o ideado e applicado por Ieyasu e seus successores, não podia deixar de modificar de algum modo a idiosyncrasia de uma nação. O seu feudalismo já não era um producto espontaneo de condições predominantes: era uma organização administrativa, aparentemente em beneficio de uma classe, na realidade em beneficio de uma familia. O grande Tokugawa fundou, em opposição á anarchia social, o despotismo legal; codificou a honra, entregando-a com solemnidade ao culto dos daimios e samurais; preveniu, dispoz e regulou todas as materias, creando essa burocracia enleiante que passou a ser caracteristica do Japão regenerado, como foi do Japão isolado. Um paiz posto a tal dieta, ainda que não perca a sua fibra, torna-se fatalmente desconfiado e crespo. Depois, é innegavel que

a ganancia e a brutalidade europeas — que são cousas que para bem medir é mister ter sahido da Europa e, particularmente, viajado na Asia e Africa — destingiram a amabilidade japoneza, a qual o Santo, sendo elle proprio um fidalgo de raça, via e julgava com a urbanidade herdada da sua linhagem, não só com a brandura nascida do seu coração.

O Europeu no Extremo Oriente crê piamente ser-lhe tudo permittido e nada defeso: nem a honra das mulheres, nem a bolsa dos homens. O genero mesmo da vida material que elle de ordinario leva — refiro-me, é claro, aos mercadores de varias cathogorias, que são o grande numero, e não aos estudiosos, que são a fracção diminuta —, podendo satisfazer á larga e barato todos os seus appetites sensuaes e não achando onde nem como satisfazer um só dos intellectuaes, si é que os experimenta, contribue fortemente para a exhibição corrente de modos toscos, quando não de paixões ruins. A educação sabem todos que é, em muitos casos, um verniz ligeiro que com facilidade se desprega. Em a atmospheria deixando de ser-lhe propicia, corroe-se e cai. Que o diga o espectáculo repugnante, presenciado por tantas testemunhas fidedignas, de pessoas da mais elevada gerarchia social, generaes, ministros e damas, saqueando sem pudor os palacios imperiaes, as lojas e as habitações ricas de Pekim, como si fossem vulgares mercenarios. Os missionarios que da Europa e America do Norte emigram aos cardumes para *civilizar* Chins e Japões e que, referem as más linguas dos *settlements*, como diziam as europeas com relação aos frades catholicos, tomam sempre posse dos pontos mais formosos e deleitaveis dos paizes onde veem prégar e moralizar, procederiam com muito mais acerto e superior justiça si começassem por civilizar os seus compatriotas, esquecidos (oh! quanto!) de que a palavra — *Europeu*¹ — deve ser synonymo de polido e refinado, por quanto, conforme dizia o nosso Castro Alves,

¹ A palavra *Europeu* deve aqui entender-se no sentido restricto, porquanto os Americanos se salientam de ordinario no Japão, individualmente e como

A Europa é sempre Europa, a gloriosa,
A mulher deslumbrante e vaidosa,
Rainha e cortezã,
.....

Em vez de missionarem pelo exemplo, os Europeus, os modernos como os da seculo XVI, comportam-se na maior parte como aventureiros cobiçosos e libidinosos, tropel de que se separam, nos tempos idos, os sacerdotes abrazados de fervor evangelico e, hoje em dia, os eruditos consumidos pelo ardor scientifico. O Jesuita Crasset, auctor de uma historia da Igreja no Japão, escrevia que o procedimento dos Portuguezes que vinham commerciar a Nagasaki era o mais desregrado possivel, entregando-se a todos os vicios e dissipações, passando dias e noites nos lugares de abominação e conduzindo á viva força mulheres para bordo dos seus navios. „Vendo os Japonezes isto, costumavam dizer que os sacerdotes da Europa pregavam uma lei, e os mercadores seguiam outra“. Ora a historia dos seculos XVI e XVII repete-se, com mais hypocrisia e menos arbitrariedade, nos seculos XIX e XX.

nação, pela sua civilidade e cordura, contrastando com a arrogancia e desabrimiento dos Inglezes *et reliqua*. Inutil será mais uma vez resalvar as excepções. Da moderação e generosidade do Governo Americano offerecem provas inequivocas a restituição da indemnização arrancada ao daimio de Satsuma por varias potencias depois do bombardeio de Ximonoseki, nos primeiros tempos da adaptação japoneza, e a recentissima dispensa á China de pagar a parte attribuida aos Estados Unidos na indemnização collectiva de guerra, alem da quantia neccessaria para satisfazer reclamações particulares, as quaes não excedem de um quarto do total da referida somma. Mais do que isto, o Presidente Roosevelt mandou restituir o equivalente da prata roubada em Tientsin pelos soldados americanos (§ 376 000).

A restricção aqui feita em abono dos Americanos tem porem perdido da sua razão desde a occupação das Philippinas e a transplantação para o Extremo Oriente de um exercito de novos *carpet-baggers*, ardentes na caça da piastra. Os Estados Unidos estão vendo desenvolver-se no seu scio, depois da guerra com a Hespanha e sobretudo mercê da campanha contra os Tagalos, uma especie de burocracia militar, muito diversa da aristocracia militar formada na guerra civil, e que nem se recommenda pela distincção das maneiras nem pela elevação das intenções.

O que ha de surprehendente si, á vista de semelhantes exemplos, povos menos adiantados e muito receptivos contrahiram novos defeitos e perderam algumas das suas qualidades? Conversando na tolda do paquete que me conduzia para Yokohama, dizia-me com o pessimismo da idade e da profissão um edoso piloto que ha cincoenta annos navega nos mares da China e Japão: „Antigamente os Japonezes eram todos principes; hoje são todos culis.“ Aos seus olhos embaciados pelos annos mas tornados agudos pelas vigílias, aquella sociedade tão amiga de etiquetas, tão cheia de pontinhos, tão atreita a cerimonias rebuscadas, com regras fixas e inalteraveis para tudo, para cazar-se, para fazer ramalhetes, para suicidar-se, para ser enterrada, até para provar chá e cheirar incenso, ter-se-hia transformado n'uma chusma sem distincção, côr ou arte. De quem a culpa de tão pernicioso transformação, lhe perguntei eu? E, sem esperar pela resposta, ajuntei: Dos Europeus certamente que, compellindo a saciedade japoneza a abandonar a sua jerarchia feudal, onde as offensas se pagavam com a vida, o seu esotericismo artistico, onde as traições ao sigillo cautelosamente preservado e transmittido significavam morte, a sua organização do trabalho em corporações, onde as relações eram benevolas e carinhosas, impuzeram-lhe, não mais pelo fogo dos canhões (porque não foi preciso recorrer a tal extremo), mas pela suggestão de umas tantas boccas negras e ameaçadoras a sua receita de progresso, feita de azafama, de concorrência e de inveja.

A ella adaptou-se o Japonez, subtil, engenhoso e eclectico, que, si sabia aproveitar-se dos elementos mais imperfeitos e desfavoraveis de successo, chegando a grandes resultados com meios e instrumentos simplissimos, mais que depressa aprendeu a utilizar-se dos que lhe eram trazidos pelas nações cultas do Occidente, no pensamento egoista de pol-os ao serviço proprio, e não para servirem de guindaste á nação atrazada que pretendiam explorar A potencia asiatica, despertando bruscamente do seu entorpecimento, que não era todavia inactivo, teve a rara intelli-

gencia — pelo menos tiveram-na muitos dos seus filhos — de, no momento opportuno e com identico fito de salvação publica, permittir ou antes impor, com sacrificio apparente da tradição, aquillo mesmo que no seculo XVII havia excluido, expulso e exterminado como perigoso para a sua conservação.

Nunca foi mais verdadeiro o rifão de voltar-se o feitiço contra o feiticeiro. Os Japonezes, em lugar de se matricularem no lyceu da Civilização e seguirem o curso regular, com frequencia obrigatoria, premios e até palmatoadas, preferiram civilizar-se a si proprios com o auxilio de alguns explicadores expressamente engajados para tal fim, e cuja obra é tão meritoria quanto pouco acclamada pelos pregoeiros do progresso occidental. D'est'arte obstaram a que a Europa puzesse pé no archipelago, como puzera no continente, para conquistal-o, primeiro religiosa, depois commercial e por fim politicamente, no cumprimento da formula achada com tanto espirito por Lord Salisbury quando disse, com o seu enfado sarcastico, que a historia das intervenções européas no Oriente se repetia com monotonia: atraz do missionario vinha o consul, e atraz do consul o soldado.

Os discipulos, é sabido, lucraram muito mais com as licções particulares do que teriam lucrado no curso publico. O seu natural é peculiarmente vivo e imitativo. O primeiro Japonez de posição com que Fernão Mendes Pinto se avistou, aquelle que elle denomina o *Nautaquim*, e que seria certamente o daimio de Tanegashima, era na phrase do viajante „um homem curioso e inclinado a cousas novas“, o qual lhe foi logo dizendo que a melhor mereadoria que lhe poderia comprar e pelo melhor preço seriam „novas desse grande mundo por onde andastes e das terras que tendes visto.“ Com a ausencia forçada de professores tiveram os Japonezes que se tornar auto-didactas, sem que porem as condições de isolamento e nimia vaidade patriotica favorecessem tal genero de educação. Assim que receberam de novo os estrangeiros e se aproveitaram da sua ensinança, o seu progresso mental foi continuo e surprehendente. Só não consegu-

ram os mestres tornal-os idealistas, no sentido em que o são os Europeus: inculc-lhes interesse pelas questões metaphysicas e psychologicas de character theorico. Na lucta terra a terra, sem largos horizontes, pelo pão e pela honra (esta idéa abstracta pelo menos a possuem, posto que lh'as contestem em absoluto), os Japonezes tinham desenvolvido em demasia o senso do real, que até distingue os seus contos de fadas, tão positivos e destituídos de espiritualidade na sua fantasia, quanto ricos de ensinamentos moraes. Agora é tarde para convencel-os de que a vida se eleva mais pelo lado ideal do que pelo pratico, e que rouba-lha do seu elemento imaginativo é, para os animos especulativos, peor do que priva-lha das suas condições materiaes. Os Japonezes são todavia um povo imaginoso, pois que prezam os sens ideaes e os circundam de uma aureola de lendas e mythos, mas nunca serão por certo um povo de pensadores. O golpe de vista philosophico foge-lhes, pelo menos o que se desvenda ante cerebros europeus, como lhes escapa em toda sua pericia artistica a theoria mesmo da arte. O mais puro da philosophia buddhica toldou-se no Japão sob o bafejo das superstições e com a poeira levantada pelo gaudio. Em Ceylão, em Java e outros pontos, o Buddhismo conservou muito mais do alcance e transparencia primitivos da sua doutrina. Outro tanto aconteceu aos principios occidentaes, *et pour cause*.

Os Europeus possuíam instrumentos excellentes de trabalho e de progresso. Isso era para os Japonezes bem patente e manifesto. Que as suas maximas ethicas fossem, porem, igualmente excellentes, é o que os factos não provavam á evidencia e até muitas vezes desmentiam; e si o não eram, para que procurar perfilhar mais do que a sua inserção nas leis, harmonizando-lhes a expressão theoretica, e ir até ao ponto de querer transmutar o mais intimo da natureza de uma raça ou de um povo? A tolerancia entrou nos codigos, senão nos costumes da Europa. Introduza-se a tolerancia nos codigos do Japão, e fiquem abolidas a tortura como meio de arrancar a confissão do reu, necessaria

para o veredictum de culpabilidade, e as punições cruéis com que era reprimido o crime. A forca substituiu a decapitação, porque esta é uma forma chinesa de supplicio e aquella a forma de castigo usada na Inglaterra e nos Estados Unidos, nos Estados pelo menos onde não vingou posteriormente o supplicio pela electricidade. O classico, tradicional e admiravel *harakiri* ou suicidio pelo rasgamento do ventre viu-se de todo banido para o armazem das peças historicas, a que Danjuro e Kikugoro derão tamanho realce sobre o tablado movel dos theatros dramaticos. Os que ainda teimam em empregar semelhante processo de auto-suppressão são patriotas desesperados ou nativistas allucinados. Bom numero de officiaes do exercito a elle recorreram para esconder sua vergonha quando, apoz a guerra com a China, dando largas ao despeito concentrado pela attitude independente assumida pelo Japão, a França e a Allemanha fizeram o jogo da Russia, impedindo as trez a nação asiatica de recolher o fructo mais appetecido das suas victorias, occupando Porto Arthur e a provincia adjacente que domina o golfo de Petchili. Militares menos *surannés* do que esses samurais anachronicos teriam afogado a sua magoa em prazeres, faceis de encontrar n'uma terra conquistada. A recente expedição cosmopolita á China offerece a este respeito volumes de exemplos instructivos.

D'antes a applicação e execução das sentenças cabiam no Japão aos mesmos funcionarios. Desde então differenciou-se a tarefa judiciaria e fnaugurou-se um systema completo de côrtes, penitenciarias, juizes, promotores, advogados e escrivães, recortado sobre o molde francez. Cresceram as demandas e simultaneamente inoculou-se na politica o virus da rabulice. Tudo isto comporta uma europeização estudada e calculada para forçar a acceitação do Japão, a titulo permanente e ordinario, no gremio das nações christãs. Não exprime porem uma absoluta identificação das causas moraes, até porque a transformação bole com costumes, tradições e prejuizos nacionaes que é preciso levar em conta e, na precipitação do ajuste de moldes, foram sacrificadas

dos ou feridos. A reacção já se estabeleceu contra taes extremos de concordancia e com sobeja razão, pois que, afinal, o que se denomina equidade e passa pelo criterio espontaneo applicado á distribuição da justiça, é reconhecivel tanto na velha legislação japoneza quanto na sua moderna derivação do codigo Napoleão.

O sñr Nobushige Hozumi, professor de direito da Universidade Imperial de Tokio, acaba de publicar um opusculo,¹ no qual intenta mesmo provar, com argumentos baseados em factos, que o culto ancestral continua a ser o fundamento de toda a organização politica e social do Japão, sendo na realidade sempre a velha palavra — *Matsurigoto* — que exprime as idéas conjunctas de governo e culto. Na Constituição² outorgada pelo actual imperante em 1889 allusão é feita a cada passo aos seus direitos soberanos herdados dos antepassados, n'uma serie ininterrupta e *eterna*, e aos thesouros divinos dos mesmos antepassados imperiaes, que são os guardados em Ize e proveem da deusa do Sol. Os dias de festa nacional são, quasi todos sem excepção, os dias em que o Imperador venera e rende preito aos manes dos seus predecessores. Todos quantos acompanham os acontecimentos politicos no Japão sabem que o espirito de *clan* é ainda fortissimo: pois este espirito funda-se n'uma communidade de sangue e de culto de um antepassado. A velhissima substituição da divisão administrativa territorial á pessoal ou de tribu não apagou até hoje tal sentimento de remota mas consciente solidariedade, sentimento harmonico posto que menos intimo que o de familia.

No Codigo Civil reformado, em vigor desde 1898, são numerosas as disposições que zelam a auctoridade do chefe da familia, apezar d'esta, como unidade social, haver cedido o lugar

¹ *Ancestor-worship and Japanese Law.*

² Esta Constituição foi elaborada apoz a viagem adrede realizada aos Estados Unidos e principaes paizes da Europa por uma commissão de homens politicos, da qual era primeira figura o marquez Ito, que depois escreveu os *Commentarios* áquella Constituição, obra que anda traduzida em inglez.

ao individuo, e buscam preservar a integridade e continuidade da familia como séde do culto ancestral. Assim, o herdeiro presumptivo, masculino ou feminino, da chefia de uma casa não pode estabelecer nem entrar por adopção, casamento etc. n'outra casa para assumil-a, senão no caso de exigir tal proceder a permanencia pela successão do culto do ramo principal da casa. Duas casas não se podem fundir pelo matrimonio: a herdeira de uma terá que previamente renunciar os seus direitos mediante sentença do tribunal competente. O casamento tem aliás por fito moral perpetuar o culto ancestral, cuja cessação por falta de descendentes, compromettendo com a ausencia de offendas a felicidade posthuma dos antepassados, constitue um delicto maximo de impiedade filial. Vê-se comtudo, entre outros do facto do codigo civil fixar limite de idade (30 e 25 annos respectivamente) para a dispensação do consentimento dos pais ao casamento dos filhos, que a antiga organização da familia já tem dado muito de si.

O sñr Hozumi ajunta no seu opusculo citado alguns eruditos commentarios legaes tendentes a mostrar que as disposições de caracter civil obedeciam previamente todas ellas a exigencias do culto ancestral, fundamento capital da lei japoneza. As novas disposições codificadas ignoram muitas d'aquellas maximas, porque ignoram o seu fito ou razão de ser. Todavia a adopção, que é um caso tão frequente no Japão como pouco vulgar nos paizes da Europa — sendo no Japão facultada exercer-se mesmo por testamento e em qualquer idade, uma vez maior o adoptante e mais novo o adoptado, e comtando que não haja um herdeiro immediato masculino — prova a subsistencia n'outras maximas de semelhante fito, que é a manutenção do culto ancestral n'uma dada familia. A adopção não visa portanto, como no Occidente, a consolidar casamentos estereis, mas a evitar a extincção de semelhante culto. De par com a adopção, subsiste na pratica, senão na lei, o reconhecimento ou melhor paridade familiar dos bastardos. O futuro Imperador do Japão, bem como as quatro

princezas, suas irmãs, não proveem da Imperatriz, a qual nunca teve filhos. O nome da concubina do Imperador anda estampado e divulgado, não se tratando ahi absolutamente de uma immoralidade occulta, mas simplesmente de uma pratica consuetudinaria. A nova lei de successão imperial estabeleceu porem a transmissão do throno em linha masculina, legitima e directa. Os filhos illegitimos e os adoptados foram que tornaram possivel a perpetuação da actual dynastia.

As recentes disposições da Côrte no tocante á herança da corôa em nada ferem aliás os mandados do culto ancestral. Tambem o Codigo Civil actual distingue por este motivo entre a successão á chefia da casa, abrangendo as genealogias, objectos do culto ancestral e tumulos de familia, e a successão á demais propriedade. A primeira não pode ser livremente testada, nem é sujeita a penhora, mas constitue uma herança forçada e inalienavel, um verdadeiro morgadio. As restantes disposições do capitulo das successões traduzem inequivocamente a intenção do legislador de velar pela continuidade do culto dos antepassados que é, como disse, a essencia mesmo do edificio politico e social japonês.

O Japão obra ajuizadamente tentando combinar as suas tradições com as necessidades da europeização. As primeiras tem igualmente a sua valia, assim como as cousas da Europa os seus defeitos. Quando fosse o rotulo garantia segura da excellencia do conteúdo, não se segue d'ahi que seja innocua a bebida para qualquer temperamento; quanto mais que, por exemplo, a amenidade das penas nos codigos europeus, si reflecte o espirito do Christianismo, não significa de modo algum que esteja morto entre as nações christãs o espirito turbulento e iniquo do mundo pagão. Seculos de historia contestariam uma asserção diversa. Porventura denotam verdadeira concepção de tolerancia e equidade, entre os Europeus, os ataques de templos e dispersão pelas mochilas dos soldados e saccolas dos paizanos das reliquias sagradas, n'um tempo em que semelhantes attentados não mais

se desculpam com o fanatismo religioso? Entretanto factos d'esta natureza reproduziram-se na China ha dous annos com applauso de Parlamantos europeus, e foram correntes no periodo muito bem intitulado por um escriptor japonex do *Japão agitado*, isto é, os annos que vão da missão do commodore Perry á queda do xogunato (1854—68).

Que impressão de virtude e de respeito comezinho pela propriedade alheia podiam fornecer individuos que praticavam o seguinte feito, o qual me foi narrado por um dos Europeus que a elle assistiram? Por volta do anno de 1862, quando mais forte lavrava em Kioto o espirito anti-estrangeiro e mais perplexo se mostrava em Yeddo o Xogun em acceder ás instantes representações das potencias occidentaes em beneficio do seu commercio, encalhou por acaso nas costas do Japão um pequeno navio mercante inglez. Os habitantes d'um lugarejo visinho acolheram com amizade os forasteiros, amedrontados dos piratas; deram-lhes agasalho, trouxeram-lhes mantimentos e auxiliaram com a maior dedicação a tarefa de safar a embarcação do banco ou praia em que varara, sem distrahir da carga uma só peça nem solicitar do capitão a menor remuneração pelos obsequios prestados. Os de bordo tiveram, porem, uma singular maneira de recompensar essa gente. Mal contentando-se com a dieta de arroz e peixe que lhes fôra servida, porque era, como ainda é, quasi exclusivamente a dieta japoneza das melhores classes. reclamaram carne fresca, e como lhes respondessem que n'aquellas cercanias apenas existia um boi de trabalho, propriedade de um casal de velhos, marcharam em sua procura e á força carregaram-no para o navio, pagando-o com duas libras, sem a minima consideração pela falta que para a lavoura o animal faria aos seus donos, nem pelos sentimentos religiosos d'aquella boa e mansa gente. Ás populações buddhistas repugna com effeito essencialmente alimentarem-se com o que teve vida animal e foi privado d'ella para satisfazer um barbaro appetite humano. Um buddhista devoto não exceptua o peixe d'essa geral exclusão.

Este é um episodio innocente, entre mil incomparavelmente peores, que caracterizam as relações dos Europeus com os povos dos outros continentes e dão a medida da amenidade e cordura de taes relações. Comtudo são os mesmos Europeus que, depois de maltratal-as, desprezam, denigrem e diffamam suas victimas, e despacham missionarios de variadas fés a levantar-lhes o nivel social e moral. Pois não acaba um bravo almirante japonéz, unicamente pelo facto de ser Asiatico, de ver-se humilhanamente *blackboulé* n'um club de Changhae, frequentado por pessoas muito decentes, mas igualmente por outras ás quaes aquelle official com certeza nunca extenderia sua intimidade?¹ É quasi inutil recordar como os Japonezes, pelo simples motivo de trabalharem n'algumas cousas melhor e em todas mais barato, são hostilizados, perseguidos e repellidos nos Estados Unidos, no Canadá, em Hawaii, na Queensland, na Tasmania, em toda a parte onde se ufana de imperar a liberdade anglo-saxonica.

No Japão os residentes europeus põem geralmente em duvida a duração da crosta occidental adquirida pelo producto nacional e á qual chamam um verniz de cultura, e queixam-se alta e amargamente da falta de boa fé commercial entre os naturaes. Esta queixa, com que nos enchem os ouvidos desde que des embarcamos, certamente porque lhes fere os interesses e provavelmente porque não podem articular outras, parece, de resto, até certo ponto ser perfeitamente fundada. Da mesma forma que muitos dos usos e costumes japonezes são ao revez dos nossos, devem tambem sel-o muitas das impressões moraes, e pode dar-se uma inversão dos pontos de vista ou modos de considerar as cousas ethicas. É um facto innegavel que a mentira no Japão, como em todo o Oriente, nem chega a ser, como na Europa, um peccado venial. Faz parte do codigo da civilidade, é o pão nosso de cada dia da vida formalista, que, por uma natural illusão

¹ Esta interdicção, de que soffriam todos os Japonezes, foi levantada com relação a elles depois da celebração do tratado de alliança com a Inglaterra.

acustica, os Orientaes julgam a todo momento ouvir recitado pelos labios occidentaes,

Que onde reina a malicia está o receio

Que a faz imaginar no peito alheio.

E como se escandalizariam os Japonezes da mentira, si faz esta parte integrante e não posso deixar de crer que consciante da sua historia? Logo nos prodomos d'esta a mentira assentou arraias afim de explicar e sustentar a origem divina dos Mikados, circumdando de bruma celestial essa dynastia singular no mundo e que se apregoa eterna. Nos tempos mais proximos de nós, sob os Tokugawa, a mentira tornou-se uma instituição nacional. Deveria ter-se creado um ministerio da mentira, assim como ha em paizes da Europa um ministerio da policia.

O governo do Xogun mal podia impedir aos eruditos o exca- varem o passado. Inhibidos de revolverem o passado e de analysarem o presente, só lhes restaria predizer o futuro, e os prognosticos nem sempre são favoraveis aos governantes que se julgam fortes. Por isso não só o principe de Mito, da casa dos Tokugawa, prote- geu aquellas exumações litterarias com uma liberalidade e um enthusiasmo extraordinarios, como o proprio Ieyasu, o ho- mem que de nada se esquecia e tudo antevia, fez verem a luz muitos dos thesouros da litteratura japoneza, até então conser- vados ineditos, quando, abandonando em vida a dictadura ao filho no intuito de bem firmar a sua dynastia sob a egide do seu braço prestigioso, se retirou para o templo buddhista de Rinzaiji, em Shizuoka, assim como Carlos V se retirou na plenitude do poder para o mosteiro de Yuste. Ao povo entretanto andava vedado penetrar nos arcanos da sua historia, saber quando e como começara o xogunato e com elle a usurpação da auctoridade imperial. Mais tarde, ao apparecerem os Americanos, a mentira prolongou-se mais astuta e cynica, assumindo o Xogun o titulo importado da China de Tai-kun, para confirmar os estrangeiros na crença de que estavam tratando com o verda- deiro soberano.

O xogunato foi todo elle uma mentira colossal e genial, mas a mentira estende-se ás cousas mais triviaes como ás mais sagradas. Max Nordau aqui com certeza experimentaria irresistivel a tentação de escrever a continuação das suas famosas *Mentiras Convcncionaes*. Um dia, nas montanhas em que eu estava veraneando, fui por curiosidade ver a passagem do enterro do proprietario de um dos grandes hotéis da localidade. Com o recolhimento natural a quem assiste a uma cerimonia funebre, vi desfilar a procissão das donzellas vestidas de branco, a côr do lucto no Buddhismo; os sacerdotes buddhistas, de dalmaticas roxas e craneos reluzentes, psalmodiando; as offertas de flôres naturaes e artificiaes, carregadas uma a uma, e que os mais economicos ou menos abastados, em vez de deixarem no cemiterio, revendem aos agentes funerarios com desconto de 50%; as grandes gaiolas com passarinhos, a que se dá liberdade quando o defuncto baixa á campa; as lanternas de papel suspensas em longas hastes e ostentando sobre o seu fundo branco vistosos caracteres chinezes; os altos pés de lotus, prateados e dourados, emblemas da eternidade. Quando se approximou o caixão de madeira branca, em forma de arca chinesa com um tecto saliente, de pontas recurvadas, e eu respeitosaente tirei o chapéu, o amigo que me acompanhava explicou-me a rir que aquelle caixão continha apenas uma madeixa de cabellos ou uma unha do morto. Eu acabara de assistir ao que se chama um funeral vasio. O verdadeiro funeral realizara-se dous mezes antes, quando occorrera o fallecimento, conservado occulto até então para não afugentar os hospedes do hotel e comprometter a *estação*. No emtanto toda aquella gente, centenas de pessoas que acompanharam a pé o caixão e que sabiam da farça, iam com uma compostura, uma solemnidade tal, estampada nas suas physionomias, que eu só me persuadi de que o meu amigo não gracejava quando o facto me foi confirmado por outras pessoas.

Tratando-se de assumptos commerciaes, a mentira recebe outros nomes, e os negociantes estrangeiros no Japão, entre os

quaes, é evidente, se encontram cavalheiros da maior respeitabilidade e do melhor senso, são unânimes em afirmar que o Chinez é cem ou mil vezes mais sizado e honesto nas suas transacções mercantis do que o Japonez. Pensarão alguns de fóra que a razão de tal censura está em que o Chinez menos difficilmente se deixa levar ou enganar do que o Japonez. O caso é que a este dizem fallecer por completo a seriedade profissional. Os Japonezes mesmo reconhecem de má vontade a verdade de semelhante accusação. Pretextam todavia, e não sem razão, que a sua classe commercial, a dos portos sobretudo, em contacto diario com os estrangeiros, está longe de representar o que ha de mais distincto e honrado na sociedade japoneza, onde nos tempos de hontem o commercio era considerado profissão baixa, sendo o lavrador e o artifice classificados antes do traficante. Um poeta japonez do seculo X, Ki-no-Tsurayuki, querendo significar, no prefacio da collectanea *Kokiuxiu*, como os termos de certo escriptor condiziam mal com o seu assumpto, não encontrou comparação mais expressiva do que a seguinte: „Era como si um lojista se quizesse vestir de finas sedas.“

Quando o Japão voltou a conviver com as demais nações, as transacções com os Europeus foram, por causa do natural retrahimento dos elementos mais consideraveis — como os Mitsui, banqueiros, negociantes de sedas, exploradores de minas, etc. — empregados no extenso, seguro e remunerador trafico interior do archipelago, assumidas e manipuladas pelos mais ousados e menos escrupulosos, habituados a aproveitarem-se da largueza dos daimios. Tambem é verdade que, tomadas as medias, a validade de um contracto, mormente verbal, não possui para um Oriental o mesmo peso que lhe attribue um Occidental, melhor educado no respeitar os compromissos de credito e mais afeito a perceber que sobre o credito repousa o edificio do commercio, o qual não pode ser impunemente abalado. É igualmente innegavel que o forasteiro no Japão paga, simplesmente porque é estrangeiro, preços muito mais elevados do que os

pagos pelo nacional por tudo, desde o vaso de bronze que merca em Osaka até á pelle de urso que compra em Nikko. Perguntando o meu interprete a um negociante de *bric à brac* quanto custava uma d'essas caixas de laca (*jô-bakó*) dentro de que se remetem as cartas por portador, respondeu que treze yens, accrescentando que a presença alli de um nacional o empatava de pedir vinte, como indubitavelmente faria si o *ijin* (estrangeiro) estivesse só. Acabou naturalmente por vender o objecto por dez yens. O regatear já é parte obrigada de qualquer acto de venda, e a exploração do estrangeiro anda tão disseminada que passou para o numero das cousas julgadas, a que se não logra dar remedio. *Shikata ga nai* (não tem remedio), é uma expressão favorita dos Japonezes e de que o estrangeiro a breve trecho se apercebe. Mas, mesmo admittindo n'estes pontos o pleno valor das arguições lançadas, poderão por acaso os Europeus atirar com equanimidade a primeira pedra sobre os Asiaticos? Nunca lhes teriam dado licções de dolo e má fé? A resposta, infelizmente, só será uma para os que a formularem em consciencia.

Em resumo, o que os Japonezes viram e veem da civilização occidental, que os navios de guerra americanos e europeus lhes vieram revelar — o termo é até certo ponto¹ rigorosamente

¹ O isolamento do Japão, depois da destruição do Christianismo, nunca foi tão completo que implicasse uma perfeita ignorancia do que se passava por fóra, nem por parte da Europa um absoluto desconhecimento dos costumes e aspectos d'essa terra enigmatica. O estabelecimento hollandez de Deshima ficou como uma janella aberta, pela qual o Japão via de longe e um tanto confusos os acontecimentos do resto do mundo, mas era por seu turno devassado. Na segunda metade do seculo XVIII Thunberg, medico e sabio sueco, obteve, no intuito de visitar o Japão, o emprego que tivera Kaempfer na Companhia Hollandeza das Indias Orientaes como facultativo do posto de Deshima. Thunberg poudé estudar botanicamente o Japão durante suas residencias em Nagasaki e viagem a Yeddo, acompanhando a embaixada que costumava ir prestar homenagem e offerecer presentes ao Xogun. Pelo mesmo tempo o director Isaac Titsingh compilou suas observações, seguidas na primeira metade do seculo XIX (1830 e 1833) pelas de outros directores, Meylan e Fisscher, que precederam a importante obra do cientista Siebold. Todas confirmam a narração basica de Kaempfer e denotam a persistencia até agora dos aspectos japonezes.

exacto, porque do primitivo arreganho iberico os Japonezes apenas tinham guardado a receita do pão de ló, ainda hoje chamado *castella*, ou *castera*, visto faltar-lhes a consoante liquida *l* — dá-lhes a impressão que a feição material d'aquella civilização é deslumbrante e que lhes convem esforçar-se por adquiril-a em beneficio proprio, para seu conforto e segurança. Quanto, porém, á feição moral, si bem que no terreno especulativo a aryana possa levar vantagem, no terreno positivo nada adiantaria aos seus proprios ideaes, exarados nas maximas de sabor buddhico ou confuciano, que ordenam o extremo filial, levado ao ponto que os *scholars* chinezes do Japão combatiam a introducção dos costumes europeus muito por causa da importancia attribuida á esposa, a qual lhes parecia uma derogação flagrante da auctoridade paternal, magistral ou senhorial; o desprezo dos thesouros pela sabedoria; a moralidade nos costumes publicos tanto quanto nos privados; o respeito da equidade; finalmente o cultivo da intelligencia e a pratica do bem.

Por isso, de uma viagem á Europa ou de uma excursão pelos domínios do pensamento europeu — e taes excursões, que começaram por Stuart Mill e Spencer, já chegaram até Nietzche —

Outros paizes, invejosos da situação excepcional da Hollanda, pretenderam quebrar o encanto japonéz. Durante o dominio dos Tokugawa navios inglezes, russos e mais tarde americanos quizeram subrepticamente introduzir-se nas aguas territoriaes do Imperio e abrir relações commerciaes com os naturaes. Das expedições inglezas não se conservou mais memoria do que os seus embustes. Das russas subsiste a narrativa do capitão Golownin, commissioned em 1811 para levantar a planta das Kuriles do Sul e feito prisioneiro pelos Japonezes que encontrou estabelecidos n'uma d'ellas. É mister notar de passagem que os Russos comprehendiam nas Kuriles a propria ilha de Yezo ou Hokaido. Todas as narrações e relações sobre o Japão anterior ao intercurso restabelecido depois de 1854, desde Marco Polo e Fernão Mendes Pinto até Kaempfer e Golownin, acham-se condensadas habilmente n'um interessante volume publicado no mesmo anno em que o commodore Perry, armado da credencial do Presidente Fillmore, forçava a abertura das relações diplomaticas do sen Governo com a côrte de Yeddo (Hildreth, *Japan as it was and is*, Boston, 1855). Este volume tornou-se de grande raridade e é pena não haver sido ainda reimpresso, pois que as obras que resume são difficillimas de encontrar fóra das bibliothecas.

regressa sempre o Japonez mais patriota do que partiu. Ao contrario de muitos filhos de outras terras, elle não pratica leviamente, sobre o altar da elegancia parisiense, da distincção britannica ou da profundidade allemã, o sacrificio das suas convicções de mocidade e das predilecções patrias. Tambem não ha, que me conste, Japonezes afrancezados, inglezados ou germanizados. Ha sómente Japonezes japonizados, que todos exclamam, no nosso seculo de scepticismo politico, o que com persuasão eloquente exclamara no seculo XIV o politico e publicista Chikafusa: „O Grande Yamato¹ é uma terra divina, a unica cujos alicerces foram cavados pelo antepassado divino e que foi transmittida pela deusa do Sol a uma longa serie de descendentes. Nada existe no estrangeiro de semelhante.“²

Por outras palavras, não ha *snobs* no Japão. Penetraram os wagons leitos e as camas de ferro onde d'antes existiam apenas casas de chá, que offereciam ao caminhante um conchego temporario, e pousadas onde o viajante se estirava com delicia sobre um macio montão de cobertores acolchoados. Penetraram as perfumarias de Houbigant e as machinas de costura de Singer onde d'antes existiam sómente defumadores para incenso, caprichosamente rendilhados em bronze, e teares para bordar em sedas e brocados deuses e dragões. Ficou, no emtanto, de fóra esse triste caracteristico das raças empobrecidas e das nações amorphas, que se chama o respeito supersticioso do producto estrangeiro, industrial ou intellectual. A historia, fidedigna, authentica, mythologica, anecdotica ou pessoal, foi sempre o genero mais cultivado da litteratura japoneza, e desde o seculo VIII

¹ Nome de uma das provincias centraes, que antes da perfilhação do vocabulo Nihon (Japão) designava todo o paiz.

² Palavras do *Jinkoshotoki* ou historia do direito divino japonez, obra que revivida no momento opportuno, muito contribuiu, segundo Aston, para formar a opinião favoravel á recente restauração do poder effectivo do Mikado. Ella tinha sido aliás composta para ajudar a libertação dos Mikados da tutela dos Xoguns e demonstrar a legitimidade do Mikado do Sul, na guerra dos dous Mikados.

não cessou um instante de insufflar o sentimento patriótico. As meninas nos collegios debuxam sobre suas telas de seda episodios historicos. Os theatros, as exposições de flores, até as taboletas de annuncios os revivem a cada passo. As mãis e avós os recontam com suas vozes meigas e seus gestos miudos, sentada a familia em redor do *kotatsu* nas longas noites de inverno, quando o frio cortante atravessa sem piedade as frestas dos taipaes e até as corrediças de papel. As cartas de jogar, os brinquedos de fragmentos a reunir para recompor uma scena, os papagaios de papel pintado, os relembram e bem assim as estancias mais famosas da poesia japoneza.

Considerando o seu passado de tantos seculos, estereotypado em tantas obras, o seu adiantamento moral e o seu gosto litterario sobejamente comprovados em uma era em que a Europa toda era trilhada, calcada e devastada por hordas de barbaros, é legitimo o assomo de orgulho do Japonez, como é comprehensivel o seu desprezo innato pelos forasteiros, cujas maneiras bruscas e ruidosas tanto contrastam com os seus modos brandos e discretos, e é admissivel o seu desdem pelos chamados meio sangue, quando mesmo a outra metade seja fornecida pelo sangue aryano. De facto um mestiço de Europeu e Japonez é tido no Japão em desprezo quasi igual áquelle com que é olhado um mulato nos Estados Unidos, e assim acontecia mesmo quando grassou mais forte a mania da europeização. Alem d'este orgulho de raça, distinctivo de gentes vigorosas, o rapido desapparecimento do prurido de occidentalismo exaggerado indica quanto é sadio o organismo japonez. Foi uma urticaria, uma especie de sangue novo, não uma rebelde molestia cutanea. Os medicos espirituaes — pastores presbyterianos, predicantes methodistas, apostolos mormons e tantos outros — que diagnosticaram a gravidade imminente d'aquella erupção recolhida, perderam o seu latim com os Japonezes. A religião, como revelação, já sabemos que é para estes, com poucas excepções e não fallando do povo ignorante, um assumpto secundario. Como doutrina, não enxer-

gam superioridade na de Christo sobre a de Sakya-Muni, nem na de São Thomaz d'Aquino sobre a de Mencio. Visão exacta ou illusão optica, não é agora a occasião de discutir. As exigencias racionalistas dos Japonezes, quando foram alem das suas crenças, procederam por eliminação, como as dos Europeus. No tocante á restricção moral, cem provas ahi estão para sustentar que a sabem exercer.

Em vez de prégarem temperança a culis que, depois de uma jornada fadigosa, se contentam com um bochecho a mais de *saké*, porque não vão os missionarios recommendal-a a marinhheiros que engorgitam litros de *whisky*, ao ponto de asseverarem dous grandes armadores de Liverpool que não ha vapor mercante que saia das docas inglezas, excepção feita dos melhores paquetes, cujas officialidade e tripolação não estejam inteiramente debaixo da influencia do alcool? Em vez de aconselharem mansidão a homens que não brigam, nem ralham, nem se descompõem a proposito de tudo, e tanto que a lingua japoneza, no dizer dos philologos que a hão estudado, não tem juras e é deficientissima em termos injuriosos, porque não ensinam a individuos que fazem do *box* e da faca um argumento persuasivo e corriqueiro? Em vez de apontarem a decencia e a moralidade a um povo que, praticando muito embora o vicio, porque a natureza humana não pode ser exclusivamente virtuosa, o confina, esconde e até disfarça poetizando-o, porque não incutil-as em povos que, materializando e dourando o peccado, o exalçam e glorificam por seus actos de forma muito mais suggestiva?

Um instante de reflexão serena e imparcial mostrará á farta que mais razão assistiria aos Japonezes si despachassem para a Europa, d'esta terra da suavidade, onde os velhos não teem rabuge e as crianças quasi não choram, umas duzias de missionarios xinto ou buddhistas que tentassem purificar a atmosphaera moral do East End e outros celebrados bairros miseraveis europeus, cujo mal se espria muito á vista porque a pobreza é demasiado núa para encobril-o. Em presença d'esta comparação sub-

jectiva e tendo em mente as licções de sinceridade espiritual, caridade e piedade que encerram os sermões buddhistas que me foi dado percorrer — licções analogas ás christãs como ensinança philantropica, embora diversas como orthodoxia de doutrina — é pois tão legitimo indagar em que consiste a reforma ethica *ad usum japonicum* declamada pelos missionarios occidentaes, como duvidar da sua indispensabilidade.

Nem por um momento desejo, é evidente, obscurecer a piedosa intenção e ridicularizar o elevado proposito de muitos dos missionarios estrangeiros que residem no Japão e que, procurando converter os Japonezes, buscam servir sua religião proselytica e exercer a caridade evangelica. O que apenas pretendo dizer é que o seu campo de acção poderia ser melhor escolhido, onde fossem mais necessarias as predicas moraes. Entre aquellos missionarios é de pura justiça especializar os catholicos romanos, cuja devoção aos desvalidos é extraordinaria, e que de tão boa vontade sacrificam todos os gozos e confortos á pratica do bem, tentando alliviar os males dos seus semelhantes. Ao passo que os missionarios protestantes vão regaladamente passar a estação calmosa nas villas e hoteis de Karuizawa, um dos lugares mais frescos e pintorescos do Japão, abandonando suas ovelhas aos rigores estivaes e alli passando o tempo em excursões e leituras amenas, um padre catholico conheci, o qual é tambem um dos mais distinctos estudiosos das cousas japonezas, que, doente e sobrecarregado de trabalho, durante todo o verão apenas tomou alguns dias de descanso na leprosaria de Gotemba, ao pé do monte Fuji, sustentada por sacerdotes da sua ordem. Os esforços altruistas d'esta natureza nem requerem, entre os catholicos, previas conversões para serem distribuidos: applicam-se a crentes de qualquer fé, christã ou pagã. Entretanto varias das missões protestantes fazem da previa conversão a condição indispensavel para o recebimento dos soccorros ou da instrucção.

Por outro lado, para tornar evidente que os instinctos benevolos podem desabrochar em qualquer terreno religioso que offe-

reça condições de fertilidade, bastará citar que a Sociedade Japoneza da Cruz Vermelha, fundada ha vinte e cinco annos, por occasião da revolta de Satsuma, em vista da brutalidade então manifestada para com os feridos de ambas as parcialidades, e que, durante a guerra com a China, prestou serviços incomparaveis, conta actualmente mais de 750,000 membros e um movimento annual de fundos de dous e meio milhões de yens, devido em grande parte á munificencia imperial.¹ Esta correlação entre o desenvolvimento das idéas e a brandura dos sentimentos e entre esta *sympathia* humana e a idéa religiosa não obsta a que, segundo mostram as estatisticas, seja a seita buddhista Shin, a mais activa em questões de educação e de propaganda, a que igualmente forneça maior contingente á criminalidade.² Semelhante resultado deve certamente contrariar aquelles que se deixam embalar pela doce illusão de que a religião por si só age como um freio moral.

Entre os defeitos do Japonez, apontados e ridicularizados por viajantes e residentes, conta-se, alem da citada inclinação para a fraude no terreno mercantil, a sua prosapia. Esta com effeito existe, mas é inteiramente razoavel e direi mesmo quasi forçada em face do espectáculo que fornece o Japão de hoje comparado com o de trinta e cinco annos atraz. Passar, em tão curto espaço de tempo, de ser uma autocracia theocratica, na realidade um militarismo administrativo, para ser um imperio constitucional; passar de ser um paiz impenetravel, improgressivo no sentido largo da palavra, sem commercio externo, sem navegação, para ser um paiz aberto ao trafico universal, com um movimento commercial annual que em dez annos subiu de 138 para 492 milhões de yens e um rendimento publico que no mesmo periodo passou de 85 a 205 milhões, paiz adiantado e esclarecido como qualquer da Europa no que diz respeito ás

¹ Relatorio da 10^a Assembléa Geral, publicado no *Kokumin Shimbun*.

² Artigo do *Tokei Shushi*, criticado no *Japan Mail*.

suas classes altas ou grande e pequena nobreza (*Kwazoku* e *Shizoku*); ver, com magica velocidade, coalhados de vapores os seus mares desertos; pejados de enormes couraçados os seus portos que, depois de terem sido ninhos de marinheiros e piratas audazes, estavam reduzidos por deliberação governamental a refugios de juncos imprestaveis para o mar alto; n'uma febril actividade os seus estaleiros e fabricas, estabelecimentos d'antes desconhecidos porque toda a industria era fechada, familiar e hereditaria; salpicadas de pharoes as suas costas sombrias e perigosas; semeados de escolas e hospitaes os seus campos; armadas de canhões do maior alcance as suas fortificações, agora construidas segundo as regras da mais aperfeiçoada balistica; perfuradas por tunneis as suas montanhas, onde o alto sapé encobria os atalhos; servidas por quatro mil milhas de vias ferreas as suas cidades, cujo accesso era outr'ora difficil e incommodo, e a cujas docas, nas maritimas, atracam hoje os centenaes de navios mercantes com pavilhão japonéz;¹ reformado e victorioso n'uma guerra custosa, em paiz continental, o seu exercito, anteriormente sem armamento e fraccionado em bandos de dependentes — são cousas que nimamente explicam e bem desculpam qualquer manifestação de vaidade.

Um ricaço d'outros tempos (e outros tempos significam 1867) gastaria um caudal de dinheiro n'uma espada forjada e damasquinada por um alfageme de nomeada. Hoje o millionario barão Iwasaki, proprietario de minas de carvão e cobre na ilha de Kiuxiu e de grandes estaleiros em Nagasaki, prefere empregar 36,000 yens (4,000 libras) na aquisição, com destino á Universidade de Tokio, da esplendida bibliotheca deixado pelo sabio philologo Max Müller e cujos 15,000 volumes se referem quasi todos á historia e litteratura do Extremo Oriente.

¹ A marinha mercante japoneza tem tomado extraordinarias proporções, correlativas com as da expansão commercial do paiz. O numero de vapores é actualmente de 859 e o de navios á vela de 3,315, sommando todos cerca de 800,000 toneladas. Em 1900 o augmento foi de 100,000 toneladas.

Ha trinta e cinco annos apenas o principe de Satsuma ou de Choshu movia-se de *honjin* para *honjin*, ou hospedarias especialmente destinadas para as comitivas dos daimios, com um exercito de samurais e de servos, armados de longas lanças, de piques e dos pennachos emblematicos. Hoje o marquez Ito ou o conde Okuma, membros de um d'aquelles ou de outro clan, quando percorre o archipelago em *tournée* eleitoral, viaja em estrada de ferro com o seu secretario e o seu tachygrapho, dictando cartas sobre a meza do wagon restaurante, discursando em banquetes dados nos salões de hotéis á americana, assistindo a recepções celebradas em Bolsas do Commercio, concedendo entrevistas a reporters, exactamente como um *leader* da Camara dos Communs em digressão politica pelas Ilhas Britannicas.

Não ha mais de trinta e cinco annos as unicas linguas estrangeiras conhecidas no Japão eram, entre os eruditos o chinês, e entre alguns, rarissimos interpretes e estudiosos de medicina o hollandez. Hoje o conhecimento do inglez é tão vulgar como no continente da Europa, e na Escola de Idiomas Estrangeiros de Tokio, a qual conta 410 alumnos e 40 professores, graduaram-se em 1901, depois de concluido o curso de trez annos, 92 estudantes, sendo 16 em inglez, 12 em francez, 13 em allemão, 12 em russo, 5 em hespanhol, 1 em italiano (cadeira recentissima fundada pelo marquez Nabeshima, ex-ministro em Roma e antigo daimio), 28 em chinês e 5 em coreano.

Ha trinta annos, pouco mais, fundava-se em Tokio o primeiro jornal, instituição impossivel de prosperar no anterior regimen do xogunato, pois que era defeso introduzir, mesmo no dominio da ficção, allusões aos personagens do dia. Em 1898 publicavam-se em todo o Japão 829 diarios e revistas com uma tiragem total de 431 milhões de exemplares, e imprimiam-se 20,805 obras originaes e apenas 9 traducções, sendo perto de 6,000 sobre direito e organização administrativa, 933 sobre agricultura, 763 sobre astronomia, 1,225 sobre pintura, 464 sobre pedagogia, 834 de poesia, 345 de ficção, 503 de medicina, 421 de

geographia e 877 sobre commercio.¹ Para aquilatar-se do gosto litterario dos Japonezes, basta percorrer os resultados do plebiscito aberto pela casa editora de Maruzen & Ca., de Tokio, entre os homens de letras, de sciencia, de negocio etc. do Imperio, publicados na revista *Gakutô* (Pharol do Conhecimento).² Pela maioria dos votos foi considerada a *Origem das Especies*, de Darwin, o trabalho mais importante do seculo XIX; o *Fausto*, de Goethe, a obra prima da poesia; *Os Miseraveis*, de Victor Hugo, a obra prima do romance; a *Encyclopedia Britannica* a melhor obra de referencia. Não são porventura felizes as escolhas? Entre os homens de letras inglezes os nomes mais populares revelaram-se os de Byron e Tennyson. Stevenson e Mark Twain, de certo pelo seu sabor particular, não mostraram exercer prestigio algum sobre os espiritos japonezes, e Kipling nem uma só vez é citado como escriptor de primeira ordem, o que abona o bom senso dos votantes. Tolstoi, Schopenhauer, Heine, Zola e Nietzsche são os preferidos entre os auctores continentaes da Europa no tocante á leitura geral, primando os allemães entre os trabalhos mencionados na cathegoria das especialidades, quer de direito, quer de sciencias naturaes.

Ha menos de trinta e cinco annos tudo quanto se não parecesse com os sons do *koto* ou alaúde, que na sua forma actual data do seculo XVII, e os do *samisen* ou guitarra importada de Manilha no anno de 1700, era considerado desafinado, barulhento e selvatico. Hoje os exames finaes da Academia de Musica de Tokio abrangem, alem das composições dos graduados, cantos de Schuman, sonatas de Mendelssohn, marchas de Wagner, symphonias de Haendel e Bach, executadas ao piano, harpa, organ, violino e quejandos instrumentos europeus. Notarão alguns amadores mais exigentes que a execução japoneza da musica européa é correcta mas carece de calor, assim como podem todos observar que a imitação da pintura européa resulta em

¹ *Résumé Statistique de l'Empire du Japon*, Tokio, 1901. (Publicação official.)

² No. de Janeiro de 1902.

pastiches, talvez exactos no desenho, porem falhos de vibração. O gosto artistico com effeito manifesta-se em cada raça por uma orientação differente; comtudo, ao passo que sem excepção consideramos tediosa a musica japoneza, a qual para os nacionaes possui encantos mysteriosos, estamos longe de ser insensiveis ao encanto da sua pintura realista e mesmo da convencional, qualquer d'ellas de sabor desenjoativo, admirando sem reservas os seus traços rapidos e vigorosos e o poder de expressão que a distingue e a torna impressionista e impressiva no mais elevado grao da sensação visual.

Ha menos de meio seculo, por essas estradas que hoje corram sobre viaductos de ferro velozes locomotivas, rodava vagaroso, puxado por bois, o grande carroção ou arca de laca, forrado por fóra até meia altura de papel claro com ornatos de flores e desenhos geometricos, e repousando sobre o eixo de duas immensas rodas, em que viajava, occulto a todos os olhares profanos, eternamente vestido de longas sedas brancas, o Mikado ou Imperador theocratico, de cara de dragão. Palha de arroz recobria o tecto d'esse carroção, assim como colmo recobre o tecto dos templos xinto em que são venerados os antepassados imperiaes, e graciosas esteirinhas desciam, perennemente discretas, sobre as janellinhas que davam ar e luz para o interior. Hoje o Imperador em excursão deixa-se admirar, no seu uniforme militar, á portinhola do wagon de luxo, com sofá-cama e compartimento de jantar, e lançando para fóra a sua vista curiosa, manda distribuir uma avultada esmola por um grupo de velhos, que lhe attrai a attenção, ou manda transportar para o jardim do seu palacio em *Yeddo* um pinheiro cuja forma elegante lhe acariciou o gosto apurado.

Ha menos de meio seculo o Xogun sahia ao mar em uma barca luxuosa de duas cobertas — *Tenchi maru* —, movida comó uma embarcação romana de guerra por cem ou cento e cincoenta remadores, pintada de vermelhão, com enfeites de laca negra e de ouro, toda ella flammejante de bandeiras e guiões branco e

vermelho, e de toldos de purpura com o brazão dos Tokugawa: as trez folhas de assarabacca, agora offuscadas pelas dezeseis petalas do chrysanthemo imperial. Hoje o Imperador, não mais o *Mikado*, embarca na sua lancha a vapor para ir de bordo de um couraçado de 15,000 toneladas, encostado a um canhão de longo alcance, passar revista a uma brilhante divisão naval, admiravelmente commandada, armada e manobrada á européa.

A mera notação d'essa radical transformação de aspectos não dará a um paiz o direito de ser um poucachinho vanglorioso? A guerra com a China, guerra arriscada e penosa, motivando, com pasmo do mundo inteiro, assignalados triumphos para os Japonezes, naturalmente mais lhes incensou o amor proprio, que se deu largas e se tornou fonte de grandiosas esperanças e illusões. O Japonez teve por aquella occasião alegrias de criança, mesmo porque é como a criança, imitativo, despreoccupado e espontaneo. A renovação nacional rejuvenesceu-o, como a tudo quanto o rodeia, ou melhor, accentuou-lhe, a meio de todo o seu moderno afan de homem feito, o temperamento pueril — curioso, buliçoso e generoso. Não cahiu em segunda meninice, antes readquiriu em toda a plenitude a vivacidade e enlevo da primeira infancia.

Como as crianças, que generalizam à *outrance* e descobrem n'uma applicação desconhecida na vespera uma panacéa universal, o Japonez culto enxerga no importado methodo scientifico europeu a chave para todos os problemas, mesmo ethicos, o remedio para todas as difficuldades, mesmo politicas, e arde por fazer uso constante e geral dos instrumentos de que aprendeu a servir-se. Um publicista japonez, discorrendo sobre questões sociaes, invoca Spencer e Haeckel e recheia as suas paginas de termos allemães e citações escandinavas (Ibsen já foi traduzido para japonez) como qualquer bacharelado atacado de indigestão intellectual. Como para elle tudo n'esse genero é novidade, imagina sel-o tambem para os outros, e não nos poupa á inspecção de canto algum das suas leituras.

O paquete em que vim para o Japão foi trez vezes minuciosamente visitado pelos facultativos da saude, em Nagasaki, Kobe e Yokohama, e em Kobe detido por nove horas por causa de um Chinez de Hong Kong, cujo pulso se mostrava um pouco desassocegado, porventura com o susto do apparatuso exame medico, feito por nada menos de sete clinicos. O vapor só teve livre pratica depois que o exame *microscopico* do sangue do Chinez, realizado no hospital japonéz por outro cortejo de bacteriologistas, demonstrou ser malária e não peste bubonica o seu mal. O microscopio ganhou o seu dia. N'um delicioso lugar de campo em que veraneei, appareceu como andaço uma ligeira erupção cutanea, da natureza da que vulgarmente se chama sangue novo. Não sabendo como explical-a scientificamente ou a que attribuil-a, e coincidindo o apparecimento da molestia com uma recrudescencia das mariposas, abundantes n'aquellas montanhas, os medicos do lugar agarraram gravemente n'uma porção dos pobres bichinhos e mandaram proceder ao seu exame *microscopico*, para ver si d'elles derivava a propagação do mal. Pois não parece verificado que os mosquitos transmittem o impaldismo e mesmo a febre amarella? Porque não transmittiriam as mariposas erupções de pelle? A sciencia, porem, proclamou a innocencia das mariposas. Entretanto o microscopio cumpriu o seu dever, e mais uma vez reconheceram os Japonezes a utilidade do portentoso invento applicado ás sciencias naturaes.

Estou muito longe de querer com estes factos insinuar que os Japonezes parecem crianças a fazerem dices de instrumentos acima da sua comprehensão ou educação. Quero apenas mostrar quanto é disseminada e soffrega — tão soffrega que chega a ser infantil — a sua tendencia para servirem-se dos processos experimentaes que importaram e fazerem uso das licções que receberam. A observação redundante toda em abono da sua intelligencia e vontade, e para formar uma justa idéa do grao de solidez do fundamento scientifico do Japão, paiz que alguns dizem achar-se sómente lambuzado de civilização, nada mais é preciso

do que attender á organização do seu ensino publico, com 26,824 escolas primarias, frequentadas por mais de quatro milhões de alumnos dos dous sexos.¹ Os que desejarem levar mais longe suas pesquisas n'este campo, farão bem em visitar e estudar a organização da Universidade Imperial de Tokio, o primeiro estabelecimento de ensino superior do paiz e templo onde a Sciencia é alvo do culto mais fervoroso. A sua frequencia era em 1899 de 2,724 alumnos.

Esta instituição do Governo, que se evoluiu da fusão de antigas escolas japonezas fundadas pelos Tokugawa e modernas creações dictadas pela europeização das idéas, ou antes dos processos, abrange as seis faculdades de Direito, Medicina, Lettras, Sciencias, Engenharia e Agronomia. D'ella dependem varios hospitaes, um observatorio astronomico, museus, laboratorios, um laboratorio maritimo de biologia, um jardim botanico, uma herdade e magnificas florestas, tudo em vista do ensino pratico, sabiamente alliado ao theorico. A faculdade de Direito incluye as cadeiras de direito constitucional e publico, direito administrativo, direito internacional, direito romano, direito inglez, direito francez, direito allemão, codigos civil, criminal e commercial e respectivos codigos de processo, economia politica, finanças, estatistica, politica e historia da politica, historia das instituições e sua respectiva comparação, e jurisprudencia. A faculdade de Medicina incluye as cadeiras de anatomia, physiologia, pathologia e anatomia pathologica, chimica medica, medicina legal, clinica medica, pharmacologia, gynecologia e obstetricia, cirurgia, pediatria, ophthalmologia, dermatologia e syphilis, psiquiatria, hygiene e pharmacia. A faculdade de Engenharia incluye as cadeiras de engenharia civil e maritima, mechanica, construção naval, tecnologia das armas, electricidade, architectura, chimica applicada, tecnologia dos explosivos, minas, metallurgia e resistencia dos materiaes e das construcções. A faculdade de Lettras

¹ *Résumé Statistique de l'Empire du Japon*, Tokio, 1901.

inclue as cadeiras de lingua, litteratura e historia do Japão, lingua e classicos chinezes, historia e geographia, philosophia e historia da philosophia, psychologia, ethica e logica, sociologia, pedagogia, esthetica, philologia, lingua e litteratura inglezas, lingua e litteratura allemãs, lingua e litteratura francezas. A faculdade de Sciencias inclue as cadeiras de mathematicas, mathematicas applicadas, astronomia, physica, chimica, zoologia, botanica, geologia, paleontologia, mineralogia, seismologia e anthropologia. A faculdade de Agronomia inclue as cadeiras de agricultura, chimica e chimica agricola, botanica, zoologia, entomologia e sericicultura, horticultura, silvicultura, zootechnia, geologia e terrenos, physica agricola, florestal e meteorologica, administração agricola e economia politica, anatomia veterinaria, physiologia, medicina veterinaria e cirurgia veterinaria.

Registram-se ainda, aggregados á faculdade de Direito, cursos livres sobre fallencias, prisões, antigo systema judiciario japonez e divida nacional; aggregados á faculdade de Engenharia, cursos de desenho, chimica organica, torpedos, legislação das obras publicas, esthetica e vias ferreas; aggregados á faculdade de Letras, cursos de sanscrito, grego, latim, italiano, holandez, russo, coreano e aino, buddhismo, sciencia das religiões, historia da arte, theoria do conhecimento e philosophia oriental.

O corpo docente da Universidade poucos professores estrangeiros conta actualmente: apenas os de cadeiras especiaes como as de litteraturas europeas e direitos europeus. Na faculdade de Medicina o professor Baelz, sabio allemão, acabou de ver festejado o 25^o anniversario do seu professorado, com o qual cessou sua ligação com a Universidade. Muitos dos cathedaticos japonezes estudaram porem na Europa e Estados Unidos, e raro é o que pelo menos não visitou ou aperfeçoou seus conhecimentos nos grandes centros de cultura como Pariz, Berlim, Vienna, Londres, Harvard etc. Os edificios são excellentes, dignos de qualquer capital europeá, e acham-se quasi todos reunidos

nos terrenos do *yashiki* ou solar urbano do daimio de Kaga. Como que para ligar indissolivelmente o presente ao passado nacional, a porta de entrada da Universidade Imperial continua a ser o *akamon* ou portão vermelho de largo tecto entalhado, recurvo e alpendrado, com duas construcções lateraes analogas, em ponto menor, da desapparecida habitação senhorial. Entre os exercicios phisicos dos estudantes enumeram-se a natação, regatas e *sports* athleticos.¹

Sobretudo não esqueçam os que percorrerem, surpresos, esses laboratorios dotados dos mais modernos instrumentos, essa bibliotheca composta de 224,000 volumes, essas officinas de engenharia, esses observatorios em que se estudam os phenomenos atmosfericos e as convulsões subterraneas, que esta nação era, ha pouco mais de um quarto de seculo, governada tão sómente pelo empirismo e pelo esotericismo, transmittindo-se de pais a filhos ou discipulos adoptados os segredos de todo genero, de arte medica como de arte industrial. Tampouco esqueçam, na sua admiração, que tudo quanto ella ha consummado e alcançado, o tem sido a despeito de uma lingua, que é um instrumento complicado e imperfeito de aquisição e fixação de noções, sendo muito differente a linguagem classica da colloquial e esta da escripta, e tendo tido que tomar emprestado ao chinez mais de metade do seu vocabulario, inclusive quasi todos os termos significando abstracções e exprimindo cambiantes do dizer.

Não passara despercebida aos antigos escriptores portuguezes a diversidade que existe dentro mesmo dos confins da lingua fallada, variando o vocabulario consoante a classe ou condição de vida dos interlocutores. O Padre Francisco de Sousa assim a define perfeitamente no seu *Oriente Conquistado*: „A lingua, tão custosa de aprender aos estrangeiros, é uma só em todas as ilhas; porem essa dividida em tantas que se pode reputar em dez ou doze idiomas diversos. De um modo se falla ao corteção,

¹ *Calendrier de l'Université Impériale de Tokio*, 1899.

de outro ao rustico; as mulheres se tratam por uma phrase, os homens por outra; as materias sublimes teem palavras proprias, nas domesticas se varia o estylo; e em uma palavra, para qualquer dos estados ou das materias, é necessario seo vocabulario distincto.“ Por isso muitas das producções classicas do genio japonez são inintelligiveis para todos os nacionaes que não os eruditos. Ainda hoje se conta em Tokio a anedota de um representante europeu que, tendo aprendido pela pratica um pouco de japonez, sem respeito pela etiqueta e para mostrar sua habilitade, metteu-se a responder n'essa lingua ás perguntas que, por intermedio d'uma dama interprete, lhe fazia a Imperatriz do Japão. Grande estupefacção dos altos dignitarios presentes, que fizeram logo calar o intromettido diplomata, o qual não ficou menos estupefacto por lhe affirmarem ser o japonez de que acabara de servir-se na cõrte lingua de culi — muito peor do que dizer portuguez de carroceiro — e não linguagem fina, inteiramente outra, mórmente para ser dirigida á soberana.

Depois d'aquelle bem elaborado periodo sobre a diversidade das linguagens, accrescentava o excellente Padre Francisco de Sousa com igual exactidão: „Escrevem por geroglicos, e tantos são os caracteres quanto as palavras.“ Com effeito não menos difficil é para o Oriental a escripta, que o Europeu aprende a manejar com traçar 26 letras do alphabeto, ao passo que o Japonez tem que defrontar não só com os dous syllabarios nacionaes com suas muitas variantes, como com os muitos milhares de caracteres ideographicos chinezes, dos quaes 9,500 se acham em uso corriqueiro e possuem sentidos differentes conforme as circumstancias, e 70 ou 80,000 compõem o total da lingua, difficultando em extremo a impressão e portanto a divulgação dos conhecimentos: o que todavia não obsta que os Japonezes, como disse, tivessem recebido da China a imprensa e d'ella se servissem desde o seculo VIII, sete seculos antes dos Europeus, e que o seu movimento typographico actual se cifre em uns 25,000 volumes annuaes.

O auctor do *Oriente Conquistado* considerava *incomprehensivel* esse systema de escrever, trazido para o archipelago por um bonzo de tão alta sabedoria „que duvidam se era homem ou espirito vindo do céu ou do inferno.“ A sciencia é agora mais exigente e, desde Champollion, não mais admitte “geroglificos incomprehensiveis.“ O erudito professor Basil Hall Chamberlain poz ao alcance dos mais refractarios a estudos linguisticos o aprender a entender, fallar e escrever japonez.¹ Eis como elle em dous traços resume o seu assumpto: „Quasi todos os livros japonezes são escriptos n’uma mistura de caracteres chinezes e *kana* de uma especie ou outra, sendo os caracteres chinezes empregados para as idéas capitaes, nomes e raizes dos verbos,

¹ Vide *Handbóok of Colloquial Japanese e A Practical Introduction to the study of Japanese writing, including the kana syllabaries and 2,350 commonest Chinese characters*; tambem os artigos *Language, Printing e Writing* na pequena e interessantissima encyclopedia intitulado — *Things Japanese*. O sñr Chamberlain é professor emerito de Japonez e Philologia da Universidade Imperial de Tokio. Alem d’aquelles e outros trabalhos philologicos do mais subido valor e de trabalhos propriamente grammaticaes em japonez e inglez, compoz de collaboração com o sñr Mason um magnifico guia do Japão, que se encontra nas mãos de todo o viajante, e traduziu muitas das mais bonitas composições do genio poetico nacional, entre ellas quatro Nôs ou dramas lyricos (*The Classical Poetry of the Japanese*, London, 1880). Igualmente estudou a linguagem e mythologia dos Ainos, e traduziu e commentou os *Kojiki* ou annaes da historia japoneza compilados no anno do Senhor de 712, obra ás vezes denominada Biblia dos Japonezes, por conter a mythologia e primitiva historia do paiz.

O sñr Chamberlain, juntamente com Sir Ernest Satow, que se dedicou de preferencia á prehistoria, archeologia, lingua, religião xinto e missões catholicas do século XVI, sñr Aston, que estuda especialmente a litteratura, e Lafcadio Hearn, para quem o Buddhismo abriu seus arcanos e cuja visão aguda descobre na paizagem e na alma do povo o que aos outros escapa, são as maiores auctoridades contemporaneas, vivas todas, sobre assumptos japonezes. O Allemão Rein esgotou a parte physica, geographica e industrial nos seus dous classicos volumes (*Japan e The Industries of Japan*) e o Americano Griffis compilou a melhor historia do paiz que até agora existe (*The Mikado's Empire*), o que não quer dizer que não haja lugar para outra muito mais completa e verdadeira. W. Anderson, auctor da formosa obra — *The Pictorial Arts of Japan* — e d’um magnifico Catalogo das obras d’arte japoneza existentes no Museu Britannico, exhibiu n’esta materia a mais provada competencia.

ao passo que o *kana* serve para transcrever particulas e terminações. Accrescente-se que os caracteres chinezes se escrevem commummente e até se imprimem em toda especie de estylo — desde o *standard* ou classico, chamado quadrado, até o mais bello cursivo —; que cada letra syllabica *hiragana* offerece varias formas alternativas; que não ha processo algum para indicar as letras maiusculas nem a pontuação; que todas as palavras se agglomeram n'uma pagina sem que signal algum indique onde uma acaba e outra principia — e o resultado será o systema de escrever mais atrapalhado e incerto dos que teem feito gemer a pobre humanidade. Um velho missionario jesuita declarava ser evidentemente tal systema o invento de um conciliabulo de demonios para atormentar os fieis.“

Comtudo o syllabario japonéz representa sobre a escripta chinesa uma simplificação tão consideravel que não posso deixar de olhar com verdadeira ternura, pelo serviço prestado a outros, para o sympathico velhinho Kukai, o inventor do novo methodo — novo no seculo IX — o qual vejo diante de mim n'um expressivo desenho japonéz, calvo e enrugado, envolto no seu habito de monge buddhista, sentado no chão em frente a uma mesa de charão, molhando com o ar pensativo no tinteiro de pedra, onde se diluiu o pau de tinta da China, o pincel com que se propõe traçar as 47 syllabas. O *katakana* abrange com effeito 47 syllabas, formadas de partes ou fragmentos dos symbolos ou ple-nos caracteres chinezes, e constituindo sons phoneticos; o *hiragana* é a outra variedade do *kana* em que se reproduzem mal em cursivo caracteres chinezes inteiros, e tambem comprehendendo 47 syllabas, as quaes formam, juntas, uma poesia buddhista. Nos jornaes japonezes é costume imprimir ao lado, em *kana*, a significação dos caracteres ideographicos chinezes mais difficeis, os quaes não seriam entendidos pela maioria dos leitores.

Afora a ausencia de boa fé commercial e a prosapia, o que os estrangeiros no geral notam e verberam entre os Japonezes é

a animosidade contra o individuo de raça européa, hoje não mais manifestada por attentados que a policia local reprimiria com severidade, a bem do renome nacional, mas, occasionalmente, por dichotes ou actos que ou resvalam sobre a nossa susceptibilidade por falta de comprehensão ou não podem ser facilmente castigados. Elles em todo caso tornam a existencia n'uma das mais formosas e agradaveis terras do mundo um verdadeiro tormento para aquelles que se agastam com taes exhibições, posto que não quotidianas nem geraes, de uma rudeza um tanto primitiva e mais espontanea que intencional. É todavia innegavel que semelhante aversão existe. Ficou da educação rancorosa recebida sob os Tokugawa; constitue a consequencia da politica então seguida de isolamento e desconfiança, com a instrucção tresandando toda a maximas chinezas, e o vestigio persistente do desenvolvimento atravez da sua historia, do character impetuoso da raça.

D'esta impetuosidade que, com o favor das circumstancias, pôde degenerar em brutalidade, fornece tristes documentos, compensados pelas muitas reformas moraes realizadas, taes como a guerra ao opio, e melhoramentos materiaes empheendidos, como estradas de ferro, fabricas etc., a historia recente da colonização da Formosa e Coréa. A primeira, cedida pela China apoz a guerra tem sido, no dizer dos proprios Japonezes, sujeita em boa parte a um governo duro e corrupto de *carpet-baggers*. Na Coréa, onde pretendem dominar, são os Japonezes odiados pelos naturaes, a quem maltratam, e lutarão sempre, si quizerem captar-lhes a confiança, com a recordação de algumas paginas de sangue, particularmente o assassinato da resoluta e patriótica rainha, que é corrente haver sido concertado na legação japoneza. O militarismo e a burocracia, pilares do extincto regimen, e que, passados a cal, sustentam o actual edificio, não seriam por certo capazes de engendrar um povo de uma suavidade sem fibra, como por exemplo o hawaiano. O que ao militarismo faltasse em impertinencia, abundaria na burocracia, e o que a esta falle-

cesse em ousadia, cresceria no militarismo. A suavidade do Japonez é um predicado todo adquirido, um producto da educação ainda mais do que da indole, nunca um indicio de debilidade physica ou moral.

Tanto assim é que com o estrangeiro o Japonez não emprega no geral nem a decima parte da urbanidade de que faz gala para com os seus compatriotas. As maneiras rudes ou desdenhosas dos Europeus encontram o seu contrapeso e o seu correctivo n'uma sequidão intencional dos naturaes, a qual jamais é grosseira, mas oppõe uma barreira de gelo ás pretensões de intimidade. Dous Japonezes, pelo contrario, que se encontram, curvam-se repetidas vezes até o chão, esfregam os joelhos com as mãos, sorvem o ar, trocam os sorrisos mais mellifluos, desfecham as phrases mais amaveis do seu vastissimo repertorio de formulas cerimoniaes e de dizeres requintados, variando ao extremo segundo o grao social de cada um dos interlocutores. Esse repertorio, elles o usam em todas as occasiões, nas mais communs como nas mais tragicas. Mandando um presente recoberto do classico *furoshiki* de seda ou algodão, com bordados ou emblemas, o offerente pedirá humilde perdão do seu atrevimento. Vibrando uma estocada, no *bon vieux temps* dos Xoguns, um samurai pediria desculpa do seu acto e supplicaria o desgraçado que se dignasse morrer. O certo é que a polidez constitue no Japonez uma segunda natureza, ou antes já se tornou a sua natureza mesmo, e que para descoral-a foi precisa uma grande dose de grosseria occidental. Por isso, digamol-o sem rebuço, a aversão nacional ás pessoas dos estrangeiros representa em boa parte o reflexo do desprezo e da exploração de que os Europeus teem feito ou procurado fazer victima o Japão.

Amor com amor se paga o rifão deve existir em todas as linguas, si é facto que os proverbios denotam a sabedoria popular. Com ser attencioso e cumprimentador, o Japonez, convençamo-nos bem d'isto, não é molle nem vil, e o seu character susceptivel e pundonoroso não pode ter sido transmudado com

facilidade igual á do scenario em que se move. A referida antipathia não provem comtudo sómente de um justificado despeito. Provem igualmente de uma predisposição á suspeita, que algumas vezes vai de encontro ás melhores intenções. D'ella sentem-se não raro objecto as senhoras estrangeiras que, heroicamente arrostando o animal féro e despotico que é a sogra japoneza — a qual deve ter fundado a fama universal da especie — hão desposado Japonezes. A mór parte d'essas senhoras nunca chegam a ser tratadas com desannuviada familiaridade e despreocupada intimidade pelos compatriotas dos seus maridos, verdade é que as mais das vezes por culpa propria, procurando cada pretexto para fazer sentir sua superioridade de raça e desdenhar dos costumes da sua patria de adopção. Não é assim para estranhar que o lar japonez, o mais difficil de penetrar e observar entre as sociedades cultas, lhes seja de algum modo sempre esquivo. Exemplos contam-se de carreiras politicas embaraçadas, senão cortadas por semelhantes consorcios, ou antes por falta de verdadeiro talento da mulher estrangeira, e á bocca cheia cita-se como modelo de admiravel intelligencia e extraordinario tacto uma senhora ingleza que adoptou sem reserva os costumes e modos de ver japonezes, e cujo esposo occupa na cõrte uma das primeiras posições, a qual tem logrado manter contra pouco disfarçadas inimizadas, fundadas em preconceitos nacionalistas.

A má vontade japoneza ao estrangeiro cresce, ou pelo menos torna-se mais visivel á medida que desce, não direi o nivel nacional da dignidade, mas a reserva que costumava revestir e caracterizar essa dignidade. O Japonez do limiar do seculo XX não é naturalmente mais o Japonez subdito do Taikun, que odiava e, quando insultado, trucidava o forasteiro, mas, desprezando-o muito embora, nunca o escarnecia abertamente porque isso seria contrario ao seu codigo de polidez e de honra. O Japonez rira-se, sim, com bonhomia do estrangeiro em outros tempos, quando ingenuamente lhe queria bem e não havia ainda experi-

mentado sua bruteza. N'esses tempos a filha do *rei do Bungo* (um dos daimios da ilha de Kiuxiu) inventava uma inoffensiva e espirituosa farça para metter a ridiculo Fernão Mendes Pinto e seus companheiros, por motivo de comerem elles com as mãos: „porque como toda esta gente custuma a comer com dous paos, tem por muyto grande çugidade fazelo com a mão como nós costumamos.“ A troça, segundo a relata o divertido chronista e por vezes fantasioso viajante, foi verdadeiramente real, e a descripção dada é tão graphica que nos parece ver os dentinhos bem alinhados e ouvir o risinho ironico das chamadas damas da côrte, que seriam as *mekakés* ou concubinas do daimio e as serviçaes, recrutadas entre as mulheres e filhas dos samurais.

Desde o tempo da *Peregrinação* occorreu muita cousa e as mudanças foram numerosas. O Japonez ri do estrangeiro com menos bonhomia e mais rancor depois de ter sahido do que antes de ter entrado no sua reclusão severa e no seu isolamento quasi hieratico. Na sua primeira convivencia, sem resultados politicos, com os Europeus, aprendeu elle a desconfiança. Da sua reclusão derivou a confiança extrema em si proprio, que foi a mais solida alavanca do *Meiji* e agora é o que mais efficazmente resguarda o paiz dos estrangeiros. Da segunda convivencia com a civilização occidental, prenhe de transformações radicaes, retirou porem o Japonez, com o augmento do chauvinismo, que é sempre um sentimento morbido, a alteração de alguns caracteristicos que lhe eram peculiares. Assim foi que a sua sobrançeria baixou á medida que subiu a sua impudencia.

Desde que em Colombo comecei, em minha viagem, a ver e servir-me dos *jinrickshás* ou carrinhos puxados por culis, que este officio se me afigurou dever acarretar para os que o exercem o lugar infimo da escala social, e muito me surprehendia saber que os Japonezes, reputados tradicionalmente tão altivos, se prestavam a assim servir de animaes. Porque o *jinrickshá* degrada a creatura. Na Europa o trabalhador que move um carrinho, impelle-o; no *jinrickshá* o individuo está atrelado aos va-

raes, como uma besta, puxando-o. A abjecção é palpavel. Só mais tarde averigui que o *jinrickshá* não data dos tempos heroicos do Japão quando o palanquim e a cadeirinha reinavam sem partilha, carregando-se como fardos: é uma invenção que data de 1870. Por outro lado verifiquei que os que vivem d'essa profissão, apesar de só em Tokio serem 50,000 e recrutarem-se muito entre os camponezes attrahidos pelo viver mais folgado das cidades, se acham classificados entre a ralé da população. Diz-se hoje de um *declassé*, e os ha, que desceu á miseria de semelhante officio, o que se diria antigamente de um dos *eta* — parias cujas cabanas tinham de ser levantadas fóra das cidades e cujas occupações comprehendiam o executar criminosos e abater animaes, acto este rupugnante á consciencia buddhica.

A comparação deve ser tomada com o grande desconto da differença das epochas. E claro que hoje não existem mais no Japão desqualificações sociaes provenientes do nascimento; apenas as oriundas do comportamento individual. Os *eta* foram considerados em 1871 cidadãos com iguaes direitos politicos, si bem que a velha antipathia popular não desaparecesse com a acção do decreto imperial, persistindo sob um aspecto infinitamente mais brando. N'outro tempo os samurais distinguiam-se pela bondade que dispensavam a esses reprobos, cuja origem e motivo de reprovação publica são ainda agora objecto de variadas hypotheses. Nos dias de hoje a altivez murchou entre os que se dedicam ao mester aviltante de animal de tiro. Sobrevive porem na tacita reprovação dos demais: nem toda a seára foi crestada pelo vento ardente da humilhação.

Para ver que a aggravação da mofa coincide e corresponde a uma diminuição geral da urbanidade na educação nacional, debaixo do influxo das idéas e costumes estrangeiros, basta lembrar que a educação feminina, mais conservadora e japoneza, ainda encerra grande proporção de ensino de corte-zania, mas que os rapazes já não recebem nos estabelecimentos de instrucção licções de etiqueta, que d'antes até abrangiam o

modo silencioso e distincto de fechar uma porta, ou antes uma corredeira. Tenho até por certo que alguns Japonezes tratam de imitar, tanto quanto lhes permite a sua suavidade, o desabrimiento europeu em suas relações com os estrangeiros por julgal-o de bom tom no Occidente, no que não andam de todo enganados. É entretanto preciso nunca perder de vista que a muito celebrada polidez japoneza, mesmo nos seus tempos aureos, não significava tanto amenidade de trato, si bem que fosse esta geral, e exuberancia de demonstrações de affecto, popularmente muito usadas em familia, mas pouco em harmonia com o intransigente formalismo, o prurido esthetico e a estudada dignidade predominantes entre as classes altas, como significava a extrema dissimulação dos sentimentos com o intuito super-cortez de não melindrar com sua exhibição, quiçá inoportuna, a corrente ou disposição dos sentimentos alheios.

Assim, a impassibilidade na alegria e na dôr, que nos dilata ou aperta o coração, accusa o mais elevado grao da boa educação e fornece a prova mais indiscutivel da nobreza de raça ou da fortaleza de animo, que eventualmente a pode supprir. Tal retrahimento de sentimentos pessoaes, que chega ao absurdo de nos communicarem com o sorriso nos labios uma desgraça fatal ou se referirem com quasi hilaridade á enfermidade de um amigo, representa o cultivo de um caracteristico decididamente nacional. A reserva habitual dos Japonezes vai do terreno privado, a familia, assumpto sobre o qual, escreve uma observadora intelligente como Miss Bacon,¹ é quasi impossivel determinal-os a fallarem e que o estrangeiro só a muito custo e ao cabo de longo tempo logra discutir com um nacional, até o terreno publico ou social. Lembro-me que, ao mostrar-me al-

¹ Miss Bacon é uma senhora americana que leccionou no Collegio das Meninas Nobres de Tokio, estabelecimento immediatamente dependente da Mordomia da Casa Imperial, e que escreveu dous singelos trabalhos que, resumidos como são, dizem mais, o primeiro especialmente, do que muitos compactos volumes pretenciosamente escriptos sobre o Japão. Os titulos d'esses trabalhos são: *Japanese Girls and Women* e *A Japanese Interior*.

gumas velhas estampas representando os supplicios e tratos usados no Japão ha trinta e cinco annos, dizia-me o sñr Chamberlain que era em extremo difficil levar um Japonez a referir-se a semelhantes torturas, que muitos d'elles ainda presencearam, dependendo todas as informações oculares a recolher sobre ellas da memoria dos velhos residentes europeus. Si essas e outras velhas e abolidas usanças nacionaes não constassem dos documentos artisticos do tempo e não estivessem descriptas nos livros contemporaneos da queda do xogunato, como o relatorio da viagem de Perry, a narração do ministro inglez Sir Rutherford Alcock e o diario do ministro americano Townsend Harris,¹ o seu conhecimento correria, para aquelles que não podem folhear os livros e codices vernaculos, grave risco de obliterar-se, porquanto os Japonezes tentam envolvel-as no maior mysterio.

Tratar-se-ha ali porventura de um acanhamento de povo recém-civilizado á occidental, que se envergonha de suas passadas deshumanidades. Tambem evitando tocar em questões domesticas no seu intercurso com estranhos, não é tanto que pense o Japonez em ser propositalmente arisco e menos ainda grosseiro. Pelo contrario, d'esse modo trata elle de demonstrar uma vez mais a sua concepção particular da cortezia, a qual o manda abster-se de referir-se a cousas que não devem interessar o seu interlocutor, e calar ou esconder impressões agradaveis e sobretudo dolorosas, que só dizem respeito á propria pessoa. Em vista d'isso escreve-se porem vulgarmente que é o Japonez um ente sem nervos, quando a verdade está em que elle é um ente dotado do mais extraordinario dominio sobre si mesmo. Annunciando-nos a morte de um parente querido, pai ou esposa, sem duvida terá, como qualquer outro homem sensivel, o coração sangrando de magua: todavia o sorriso lhe estará pairando nos labios, afim de não importunar ou incommodar a outrem.

Semelhante impassibilidade acha-se muito longe de traduzir indifferença. Quando muito, indica estoicismo. Indica no em-

¹ Editado por Griffis, o auctor do *Mikado's Empire*.

tanto mais que tudo a fina tempera de uma alma collectiva, que isolando-se nas suas alegrias e penas, busca simplesmente esquivar-se a contactos profanos ao thesouro sagrado dos seus sentimentos. As impressões que nos são reveladas não correspondem á realidade intima, despida de artificios. Pensamos nos espelhos das damas da côrte de Kioto, feitos de prata polida, a um tempo resistentes e delicados, reflectindo na sua superficie solida mas de um brilho que um sopro embaciaria, rostos mascarados de traços vermelhos e de uma crosta branca, os quaes são mais formosos no seu natural do que debaixo do disfarce imposto pela moda. Aquella alma, si decomposta pela analyse espectral, daria uma civilidade que não se limita ás exterioridades e é banhada de *sympathia humana*; uma concepção do dever social primando mesmo o sagrado dever filial, e uma coragem civica cuja dureza é mitigada pela piedade ethica.

Comtudo o espelho é de metal, e carece de fragilidade. A alma é saturada de obrigações e, si possui compaixão, não abunda em ternura fóra do circulo familiar, dentro mesmo do qual a morte tinha por missão eventual salvar da deslealdade e da deshonra. Essa alma viril encerra na sua synthese organica a principal condição de vitalidade do Japão transformado em grande potencia asiatica, quasi em grande *world power*, da mesma forma que a consciencia do samurai, agindo como um imperativo cathgorico, encerrava a formula chimica do antigo composto nacional, cujo intenso colorido tonificava todo o preparado. Assim é que os *otoko-date* ou chefes por suggestão e acclamação espontanea das baixas camadas da população, guardas zelosos das liberdades populares, tinham ademanes de cavalleiros, apuros de cortezãos, posto que fallando aos grandes com o desassombro dos *comuneros* defronte do poderoso Carlos V.

A cohesão do character japonez, tal como o modelaram os seculos, anda porem ameaçada, mais do que isto, minada por varias influencias que buscam desagregal-o e entre as quaes já mencionei, em primeiro lugar, a disseminação das theorias occi-

dentaes de lucta pela vida e sobrevivencia dos mais fortes. Como o principal segredo da fortaleza das nações parece ser a sua riqueza, o Japão procura ser rico. A previa sociedade feudal estava organizada de forma a não precisar quasi de dinheiro. Si era toda ella pobre, o isolamento fazia com que se bastasse a si propria. Desconheciam-se necessidades superfluas, ou por outra, só os grandes, os muito grandes, as podiam nutrir. As dadas estabeleciam uma gradação. O Xogun dava terras aos daimiôs; estes davam rações de arroz aos samurais e faziam viver, pelo trabalho braçal, pelo trabalho artistico, limitado mas bem recompensado, e pela compra e venda de mercadorias, o camponez, o artifice e o commerciante. Artistas e homens de letras viviam nas pequenas côrtes provincianas, aggregados ás pessoas dos daimiôs, para quem e exclusivamente para quem, em agradecimento á munificencia dispensada, executavam suas pinturas e burilavam seus escriptos. Pode dizer-se que entre as classes inferiores sómente, sobretudo na ultima apontada, existia fome de dinheiro.

O desprezo d'este era ingenito no fidalgo. As suas mãos não se tisonavam com o oxido do vil metal, e tanto entrava na arca do castello ou do *yashiki* (palacio da cidade) quanto sahia em liberalidades. Kiuso, um dos mais afamados *kangakusha* ou sinologos, d'esses que no seculo XVII tanto fizeram por propagar o gosto da cultura chinesa, deixou escripto que para o samurai vinha em primeiro lugar a rectidão, depois a vida, e por fim a prata e o ouro. O Xogun tinha sede de mando, não de riquezas, reservando as opulencias para as capellas funerarias dos seus antepassados. O Mikado, esse vegetava n'uma pobreza que nunca lhe acarretou opprobio, antes lhe elevou o prestigio.

Do velho para o novo Japão a maior differença reside em que a moderna sociedade carece de dinheiro, e que não existe elemento mais dissolvente. Como, sem capitaes, fazer face ás exigencias do progresso, que mandam possuir frotas e armamentos, renovados cada dez annos porque outras invenções tornaram obsoletas as primeiras; que mandam despertar novas ne-

cessidades entre o povo, para abrir valvulas de expansão á industria; que mandam desdenhar as nações, como se desdenham os individuos, pobres, pelo unico facto da sua pobreza improductiva? Por tudo isso o Japão quer ter capitaes. Em seu patriotismo preferiria muito creal-os a pedil-os empregados, no que hesita, tanto mais quanto abomina quaesquer nações que fundarem uma prosperidade vistosa e enganadora sobre a bancarrota da sua honradez, estouvadamente brincando com a sua independencia. Os capitaes não crescem, no emtanto, espontaneamente como os bambús, embora sejam precisos para fomentar e tornar universaes as industrias utilitarias, que hoje mais valem do que as industrias de luxo. Os machinismos requerem largo emprego de capital, e é por meio dos machinismos que a producção logra decuplar-se, centuplicar-se, e ao mesmo tempo permanecer ao alcance de todas as bolsas.

A exportação japoneza quadruplicou nos ultimos dez annos. O algodão em 1890 não figurava nas tabellas da exportação: em 1900 sahiam tecidos no valor de mais de 20 milhões de yens. A exportação do carvão quadruplicou: orça agora por 20 milhões. A da seda é quasi sextupla: foi em 1900 de 23 milhões. Isto, porem, o que é, comparado com a producção gigantesca dos Estados Unidos, a expansão attingida pela Allemanha, os esforços titanicos da Inglaterra, da França, da Austria, para se não deixarem distanciar? O Japão entrou tarde na liça, mas quer recobrar o tempo perdido. Elementos ha que pelem em seu favor. A sua divida nacional é pequena: não excede de 48 milhões de libras, dos quaes 15 milhões representados por titulos da divida externa. O seu rendimento publico consta, mais de metade, do resultado da taxação, directa e indirecta, pesando quasi toda a primeira sobre a terra. O resto é fornecido pelo resultado das emprezas remuneradoras do Governo: correios, telegraphos, caminhos de ferro etc. Os compromissos não são muito grandes, mas tambem não ha muito mais campo onde extender-se na utilização do credito dentro do mercado nacional. A intro-

ducção dos capitaes estrangeiros impõe-se tanto, que constitue agora um dos topicos maximos em discussão. Esse capital certamente affluirá quando o Japão levantar as prohibições e desmanchar os estorvos que o conservam á distancia. Multiplicando a producção nacional, alimentando o mercado domestico com productos domesticos e forçando a entrada d'estes em novos mercados, elle corrigirá a differença entre exportações e importações, a qual está presentemente drenando o ouro do paiz e sugando a sua prosperidade.

A crise financeira do paiz é de natureza passageira. Provem do facto do governo ter pretendido fazer face, quasi com os recursos ordinarios do orçamento — não fallando na indemnização de guerra paga pela China —, ás despezas essencialmente extraordinarias de armamentos e melhoramentos. Os gastos publicos subiram por este motivo no Japão, nos dez ultimos annos, de 8 milhões para mais de 25 milhões esterlinos. Verdade é que os melhoramentos acabarão por tornar-se, os mais d'elles, remuneradores, e que os armamentos são indispensaveis para manter illesa a integridade politica e bem firmar a valia internacional da nação. A crise economica é, entretanto, si bem que longe de insolúvel, mais seria, porque se deriva de uma limitação da capacidade, não de producção, mas de custeio, que a venda ou dispersão dos productos não é ainda sufficiente para desenvolver.

Mau grado a extensão da navegação mercante japoneza, que hoje abraça a Europa, a Asia, a America do Norte e a Oceania; mau grado a abolição de todos os direitos de exportação afim de recahir a taxação inteiramente sobre a producção estranha; mau grado a febre industrial que se seguiu á excitação da campanha da China; mau grado a applicação de uma tarifa proteccionista e a invenção de taxas supplementares de consumo: a balança do commercio desequilibrou-se nos ultimos tempos, e as importações vão excedendo as exportações¹ e determinando a sa-

¹ Em 1899 as importações no Japão foram do valor de 22¹/₂ milhões esterlinos e em 1900 de 29¹/₂ milhões. Nos mesmos annos as exportações sommarão

hida do numerario. A contracção monetaria, a incerteza economica e a depressão industrial que resultam de semelhante desequilibrio, o qual denuncia uma certa paralyzação do trabalho, affectam sobretudo as classes laboriosas. As condições actuaes acham-se synthetizadas na seguinte phrase do barão Iwasaki a um reporter americano: „Os ricos no Japão estão ficando cada dia mais ricos, e os pobres mais pobres.“ De facto, si por um lado oscilla a cotação dos fundos publicos, por outro sobem em media nos ultimos sete annos 310% as receitas dos caminhos de ferro (517% si considerarmos sómente as linhas principaes), contra um augmento de 190% no numero das milhas construidas. O povo evidentemente lucra com as facilidades de transporte, mas os capitalistas são que embolsam o melhor dos lucros, havendo duplicado, nos ultimos cinco annos, o valor dos depositos nos bancos e casas bancarias.

Com o regimen industrial dominante — tão dominante que, embora lhe escasseiem por enquanto organização technica e capital barato, o Japão já tenta até a construcção de bicycletas para o seu exercito e de torpedeiras para a sua marinha¹ — a separação das classes, cavada pelo dinheiro, será tão profunda quanto foi no antigo regimen a cavada pelo orgulho militar. Na pujança fabril reside comtudo a condição *sine qua non* da prosperidade e portanto da grandeza do Japão. Como um virus maligno ella, porem, envenenará a alma japoneza. A riqueza e o imperialismo caminham de mãos dadas, e de mãos dadas tambem precipitar-se-hão um dia no abysmo, arrastando comsigo a nação que içaram até o tope da montanha. N'este sentido é que o actual periodo da vida nacional é de transição mais do

perto de 22 milhões e perto de 20 milhões, respectivamente. Convem notar que influiram sensivelmente para tal differença a guerra dos Estados Unidos, a insurreição dos Boxers e ruins colheitas de arroz e seda.

¹ O Governo Americano acaba de encommendar á companhia japoneza Uraga cinco canhoneiras, das vinte que projecta construir para serviço no archipelago das Philippinas.

que de adaptação. O velho Japão subsistirá sem duvida eternamente em aspectos multiplos e ricos de tradição, de graça e de seducção. A opulencia não leva a renegal-os, antes dá-se o luxo de perfilhal-os, e na decadencia, então, esses aspectos tornam-se mais visiveis e saudosos. O novo Japão é que terá que revelar-se pela fundição do character nacional n'um molde de ouro, o qual o *Bushido* ou espirito de cavallaria renega, porque só lhe era familiar e querido o molde de bronze em que fôra vasado o seu regimen feudal.



Luctadores e arbitro.

CAPITULO V

OS DIVERTIMENTOS POPULARES

Não é sómente a natureza que, á falta de outras ligações, estabeleceria a continuidade entre o velho e o moderno Japão. Tanto quanto ella, os divertimentos populares obstaríam á solução da referida continuidade. N'este campo não existe transição nem sequer transacção. O estrangeirismo desinchou como um balão a que faltasse o gaz. Ficou longe da adaptação intellectual e política, que dizem os poucos versados na lingua escripta do Japão andar tão curiosamente retratada no romance e no theatro do dia. Em materia de distracções os gostos perpetuaram-se como a dynastia imperial, e talvez, com um nada de trabalho, lhes descobrissemos a mesma origem divina.

A *lucta*, pelo menos, sabemos que nasceu na côrte e data, segundo uma historia japoneza (as historias japonezas nunca hesitam em fixar datas) do anno 23 antes de Christo, 7º do reinado do Imperador Suijin. Por esse tempo um valentão da provincia de Yamato, exaggerando a sua propria fortaleza, pretendeu medil-a com a de outros valentões do Imperio, a quem se blazonara de desfeitear; mas foi, conforme manda a moral, abatido em sua soberba, isto é, espezinhado e achatado, ás vistas do Mikado e dos seus nobres, pelo chamado Sukune, o qual por semelhante motivo e por outras habilitações — ajunta cauteloso o citado livro — se viu inesperadamente alçado a superintendente das olarias imperiaes. Si não fosse a mysteriosa e irritante expressão „outras habilitações“, ficaríamos pensando, dada a predilecção japoneza pelo apologo e pelo enigma, que a recompensa imperial envolvia uma ironia, tendo o barro por missão recordar sempre ao campeão victorioso a fragilidade da robustez humana. O mais certo é, porem, que o Mikado quiz simplesmente premiar

uma façanha herculea. A gravura que acompanha o texto japonês e a traducção ingleza donde colhi essa informação historica,¹ representa o desgraçado Kuyehaya forçado a descrever sobre a arena uma formidavel cambalhota debaixo do pé musculoso do seu rival, que lhe rompe os quadris.

A lueta (*wrestling* chamam-lhe os Inglezes, *sumô* os Japonezes) não é mais no Japão o divertimento empolgante e quasi nobre dos tempos em que cada daimio mantinha á sua custa uma quadrilla de artistas, e á testa d'esta uma primeira figura, cujo renome os samurais zelavam como si o desdouro de uma derrota se reflectisse sobre todo o *clan*. O europeianismo pretendeu matar o tradicional exercicio, o qual já fôra mesmo honrosamente considerado como uma arte militar: depressa, porem, voltou-lhe o favor do publico. A lueta é sempre o divertimento que mais facilmente e mais altamente enthusiasma os Japonezes. Chapéus, bolsas de tabaco presas por *netsukés* preciosos, cigarreiras de prata lavrada cahem aos pés do triumphador apóz uma queda do adversario, executada segundo as regras inalteraveis do jogo, e são no dia immediato resgatadas pelos admiradores pelo seu exacto valor.

Os luctadores militantes formam, com os veteranos da profissão e os juizes dos pleitos, uma corporação na qual as promoções são seguras ainda que vagarosas, dependendo essencialmente do merito e accidentalmente da boa sorte.² O ensino é todo pratico, no sentido que o aspirante a luctador trata de aprender pela pratica os preceitos da arte, reparando como fazem os outros e procurando por sua vez imital-os. Para esse traquejo é comtudo mister haver escolas. Tive occasião de assistir ao curso na casa ou antes no gymnasio d'um dos mais conhecidos luctadores de Tokio, Umenotani, homem d'uma corpulencia phenomenal, que parece todo banhas e é todo musculoso. Como os luctadores medem suas forças nos trajes mais elementares, apenas com uma

¹ Asso, *Pictures of Ancient Japanese History*, Tokio, 1891.

² Jukichi Inouye, *Sketches of Tokyo Life*.

cinta em redor dos rins, o publico tem o perfeito ensejo de ver e admirar os bustos enormes, os ventres immensos e as pernas de colossos dos epigones do jogo. Nem todos os luctadores são excessivamente gordos, mas pode-se affirmar, sem receio de errar, que todos os Japonezes obesos são luctadores. O exercicio violento a que estes homens se entregam desenvolve-lhes extraordinariamente o appetite e não penso ser roubada a fama que ganharam de grandes comedores e melhores bebedores. Diz o povo que para satisfazer cada um d'elles são precisas cinco rações ordinarias.

Dentro dos limites da corporação, nos negocios que interessam á classe, o mestre tem que sujeitar sua vontade á vontade collectiva. No seu curso, porem, é supremo. *Magister dixit...* Elle não explica a theoria do jogo, deixa agir as disposições individuaes, permite a selecção natural indicar os mais fortes e os mais aptos; mas dirige o seu curso com aquella bonhomia negligente, risonha e em todo caso firme, que é caracteristica do Japonez. Vi-o arrastar para a arena pelo cabello — que todos os luctadores usam muito comprido, penteado para cima e as pontas puxadas para a frente n'um rolinho — algum discipulo preguiçoso que se esquivava ao encontro. Vi-o corrigir em breves palavras as faltas, mais raramente dispensar palmas. De facto cada qual aprende como pode, ás suas custas, isto é, ás custas da sua pelle, as tantas regras d'esse jogo que consiste em derrubar o adversario á marrada, á força de biceps, sacudindo-o pela cinta ou logrando por-lhe o pé em falso. Os corpos tocam-se, os braços e pernas enroscam-se, as cabeças somem-se nos peitos contrarios, todos os musculos retezam-se e distendem-se ao sabor dos movimentos, ora bruscos, ora compassados, succedendo-se ás pancadas e ás arremettidas pausas em que as forças rivaes se equilibram e os combatentes se immobilizam, unidos, confundidos, inseparaveis, sem que todavia um consiga tombar o outro. O spectaculo tem sua esthetica e o que os Inglezes chamam o seu *excitement*.

Mesmo aos exercicios preliminares, os quaes nos dias de lucta publica começam de madrugada e de ordinario se verificam pela manhã, assistem frequentadores e conhecedores que não se arredam um minuto do estrado esteirado onde se sentam, e brindam os discipulos com duzias de cigarreiras de couro, toalhinhas de banho e outros objectos de utilidade ou adorno. Estes discipulos são praticamente sustentados pelo mestre, que por occasião dos espectaculos e das *tournées* provinciaes cobra, a titulo de indemnização, uma porcentagem sobre os proventos dos artistas, proventos aliás magros, porque são muitos os profissionaes e baixos os preços de entrada para um publico quasi totalmente pobre. O melhor dos lucros dos luctadores é representado pelos presentes que a sua habilidade e robustez arrancam aos amadores abastados, os quaes infelizmente teem de tornar-se cada dia mais escassos em volta da arena, porquanto a ociosidade dos antigos samurais houve, no novo Japão, que ser substituida por um afan de vida em que preocupações politicas se cruzam e se entrelaçam com interesses industriaes.

Os luctadores são, no emtanto, os paladinos de uma causa sympathica, pois preservam uma das muitas tradições nacionaes que remontam aos tempos dos primeiros Mikados e constitue uma escola de vigor, de agilidade, de atletismo e até de solidariedade. Chinezes e Japonezes veneram por costume os seus mestres, e com referencia aos luctadores não é menos impressivo o ardor dos discipulos do que o carinho testemunhado pelo seu chefe. Quando as bagas de suor lhe correm da frente, enxugam-na com amor; trazem-lhe a cada momento agua para bochechar e assim refrescar a mucosa da bocca; limpam-lhe o corpo nú da terra solta sobre a qual rolam os combatentes e que com o suor se pega á pelle. Todos os seus modos — e são os de uma gente grosseira e alarve — appareceram-me repassados da deferencia e da sympathia que jazem no fundo de todas as relações sociaes no Japão.

É incontestavel que o ultimo residuo da côr local entre uma sociedade que está em caminho de perdel-a adhire sempre ás

distracções do povo. Dizia o meu fallecido e pranteado amigo Eduardo Prado, n'uma das suas conversações tão cheias de imprevisto e tão scintillantes de espirito, que o ultimo vestigio do patriotismo a desaparecer da alma de um cosmopolita era sempre a gulodice pela cozinha patria. Ora, assim como são os pratos chamados finos os primeiros a desvanecerem-se da memoria do gosto, são os divertimentos aristocraticos os primeiros a perderem sob a influencia estrangeira o seu sabor nacional. As corridas de touros — é verdade que n'esta predilecção commungam nobreza, clero e povo — constituem na Hespanha actual quasi a unica recordação viva do seu passado pintoresco; da mesma forma que as representações, a principio exclusivamente populares, da Paixão em Oberammergau permanecem como uma das poucas lembranças palpaveis da catholica Allemanha medieval. No Japão os tons branco e côr de rosa da cerejeira em flor e o tom rutilante e vermelho do bordo no outomno formam o thema constante e invariavel da expressão poetica. Foram cantados pelos vates mais antigos, classicos verdadeiros que se abstinham rigorosamente de empregar palavras chinezas, com entusiasmo igual ao dos poetas inflammados que agora costumam ir pendurar dos galhos d'aquellas arvores as suas composições menos ingenuas, conceituosas e graciosas, mais longas, vaporosas e insipidas. Como as flores da cerejeira desfolham-se e cahem com o menor vento, pode-se jurar, sem mesmo as ler, que, si amorosas, todas essas poesias comparam frescor tão ephemero com a brevidade dos amores humanos e, n'um apaixonado despeito, tomam aquellas folhas cahidas por emblema dos sentimentos da parte contraria.

O gosto poetico é commum a todos os Japonezes. Nenhum Japonez culto ha cujo estro não seja responsavel por algumas composições proprias, e cuja memoria não seja capaz de reproduzir ao primeiro appello as composições mais famosas da litteratura patria. No paço celebram-se serões litterarios: no do Anno Bom de 1902 foram lidas poesias do Imperador e da Imperatriz e

umas 1,400 mais vindas dos quatro cantos do Imperio, servindo de leitor (oh! ironia do destino) o antigo Xogun Keiki. Os assumptos nunca mudam. As *naga-uta* do seculo XX, de inspiração rhythmica e sentimental ligeiramente anglicanisada, celebram com emoção identica á das *tanka* do seculo VIII e ás vezes com identicos conceitos, porque dizem não ser o plagiato — natural n'uma raça sem grande inventiva — peccado no Japão, a gloria perfumada da ameixoeira e a modestia da lespedeza. A insignificancia d'esta florsinha, de que os Japonezes fazem tanto caso, melhor coaduna-se aliás com a irmã mais nova da *tanka*, a *haikai*, poesia de trez versos ou phrases de 5,7 e 5 syllabas, respectivamente, que no seculo XVII veio em auxilio do curto estro dos Japonezes, offerecendo-lhe uma forma mais accessivel ainda, mais simples e mais popular de condensar uma idéa ou antes uma sensação n'um molde por vezes difficil e obscuro como uma charada.

Si são tão velhos os themas, é que as merendas á sombra das arvores tradicionaes, quando no esplendor da sua annual florescencia, congregam hoje, como ha mil annos, bandos alegres de *kimonos* e *obis*. As romarias aos santuarios, com suas patuscadas, danças e pantomimas, emprehendem-se hoje como nos tempos de grandeza religiosa em que mais de quinhentos templos, sãcrarios e mosteiros, destruidos por Nobunaga, se erguiam só sobre a montanha santa de Hiyeisan¹ e quatrocentos mil templos buddhistas ostentavam em todo o Japão os seus milhões de lanternas de granito.² Agora, como no passado, o berro do veado é considerado eminentemente poetico, e para ouvir-o á noite, por um doce luar d'outomno, realizam os Japonezes longas excursões.

¹ Seculo XIV.

² Seculo XVIII. O numero de templos buddhistas não excede hoje 110,000, os quacs, para boa parte da população, são mais lugares de distracção do que de pura devoção. De resto, referindo-se as aspirações e rogos dos Japonezes a esta e não á outra vida, parecem falhos do character de verdadeira religiosidade, tal como a concebemos. O poeta Hitomaro já dizia, nos primeiros tempos da poesia japoneza, que o Japão „não era uma terra onde os homens carecessem rezar, porque ella mesma era divina“ (traducção em verso pelo Prof. Basil Hall Chamberlain no vol. — *The Classical Poetry of the Japanese*).

O seu instincto poetico, profundamente pantheista, completa-se com essa predilecção por alguns dos typos e aspectos do mundo animal, o qual, independente das paizagens, costuma figurar muito nas decorações, por exemplo nos entalhamentos, sedas para biom-bos, *kakemonos* e outras producções artisticas do genio japonéz, e é onde a imaginação popular vai buscar e encontra alguns dos seus symbolos mais graciosos. No dia, por exemplo, em que chegamos a Nagasaki, em meados de Junho, todas ou quasi todas as casas das povoações que circumdam a pequena e pintoresca bahia, ostentavam em mastros immensas e diminutas carpas de papel, douradas, vermelhas e pretas, que o vento fazia oscillar e inchar e que formavam um conjuncto alegre e encantador á vista. Indagando o motivo d'esta exhibição ichtyologica, explicaram-me que se tratava ainda da festa dos filhos varões da familia, e que assim como as carpas, unicas entre os peixes, sobem as correntes, era de esperar que os rapazes marinhassem pela vida acima, fazendo por si e vencendo os obstaculos — o que elles sem duvida alguma realizarão á moda japoneza, sorrindo, rindo, gracejando em todas as emergencias, tomando as cousas pelo melhor lado, n'um eterno bom humor, que é um enlevo e uma força.

As carpas que hoje se soltam ao vento, desfraldavam-se no fim do seculo XVIII, quando os Russos arribaram a Nagasaki na enganadora esperanza de abrirem intercurso com o Imperio. E o Japão é todo assim. N'um dos meus passeios pelo campo, a poucos metros do hotel em que me alojava, deparei com um alpendre sob o qual meia duzia de Japonezes, de *kimonos* arregaçados e presos ao cinto, nús os braços trigueiros e nervosos, na mão a grossa luva de camurça, se exercitavam atirando settas ao alvo. Os cavalloz amarrados aos postes debaixo de outro alpendre feito de ramos verdes indicavam que os cavalleiros tinham vindo de pontos distantes, reunidos pela paixão da nobre arte de guerra do grande archeiro, Tametomo, o qual as modernas notas de banco recordam n'uma das suas gloriosas façanhas, fazendo sosso-

brar por meio das suas portentosas flechas um junco de guerra do *clan* inimigo dos Taira.

Mais adiante, no mesmo passeio, atravessando uma pequena aldeia, detive-me alguns minutos olhando para um jardimzito enfeitado de alguns pés de peonias e dentro de cuja cerca se me offerecia um simulacro de duello, com todos os petrechos, mascara, corselete, guantes e enormes sabres de páu, entre dous animados rapazolas, cada um d'elles imaginando-se n'aquelle instante o famoso Yoshitsune, que por sua mestria na esgrima alcançou a fiel e perenne dedicação do gigantesco Benkei, uma especie de Golias das lendas populares historicas. Não soam por acaso semelhantes distrações de agora como a perpetuação do velho Japão? A lucha corpo a corpo, que hoje fascina os espectadores que circumdam a estreita liça marcada por uma corda, como na America o *prize-fight* põe louca toda a população, já vimos que vem de tempos quasi fabulosos. O theatro finalmente, o maior prazer do Japonez, culto ou inculto, data, sem alteração, de seculos, tendo-se originado o *Nô* ou drama lyrico nas danças religiosas, pela incorporação do côro e do dialogo, e desdobrado, por evolução, da recitação das proezas guerreiras e episodios dramaticos, com acompanhamento de melopeia, e bem assim do movimentado theatro de *fantoches*, o drama historico com o entremez que o realça e aligeira.

O *Guignol* japonez subsiste porem sempre. Uma manhã, com algum espanto meu, encontrei-me n'uma rua de Tokio com uma enfiada de *kurumás*, cada um transportando um grande boneco de madeira pintada, do tamanho e aspecto das nossas figuras de procissão. Havia de tudo no cortejo: damas de alta estirpe, com o pomposo *shikake* ou sobreveste de cerimonia, bordada a matiz e a ouro e cuja cauda em forma de leque conserva sempre a sua curva elegante graças á espessa camada de algodão em rama mettida na bainha; samurais enfarpelados no *kami-shimô*, uma especie de casula curta usada nas grandes occasiões e cujas hobreiras levantadas emprestavam ao personagem uma



Representação do Nô ou drama lyrico.

incomparavel dignidade; governantes rotundos na sua immensa *hakama*, nas suas ricas vestes de lustrosos brocados de prata e ouro, no seu barrete de reminiscencia coreana, feito de seda ou crina trançada, ajustando-se estreitamente á cabeça como que sómente para resguardar o tradicional rolinho de cabello, e prolongado para cima e para os lados por azas do mesmo tecido. Perguntando o que significava essa procissão de manequins, explicaram-me que se tratava da peregrinação de uma companhia de bonecos.

O theatro japonéz conservou até hoje a divisão classica do theatro europeu — do francez, por exemplo, até que Augier e Dumas Filho, fundindo-as, transformaram a comédia e a tragedia em drama. No meu entender, a peça historica corresponde á tragedia, de Corneille e de Racine, com seus assumptos exclusivamente aristocraticos, reflectindo o codigo de honra em vigor depois de Ieyasu. É por assim dizer o theatro nobre, si bem que fosse organizado para uso da plebe e que um samurái se julgasse mesmo deshonrado de frequental-o. A farça corresponde naturalmente á comedia, de Molière e de Marivaux, pintando ambas a vida sob os seus aspectos ridiculos, uma com mais grosseria, a outra com mais espiritualidade. É o theatro popular. A divisão é, no emtanto, apenas de these ou de genero, não de facto ou em especie, pois que no palco do Kabuki Shibai cabiam simultaneamente a forma dramatica e a comica. Uma acompanhava invariavel e indissolovelmente a outra.

Quanto ao celebrado *Nô*, que nos *kiogen* possui sua anti-these comica ou accessorio soez, devemos consideral-o como uma forma dramatica emperrada, que não evoluiu e nos seculo XIV e XV se crystallizou em leves *saynètes* ou *levers de rideau*, com dança, dialogo entre os trez, quatro ou mais personagens, e côro fazendo funcções de confidente dos sentimentos, commentador do enredo, explicador do scenario e pranteador dos desgostos. Os assumptos mythologicos e mórmente os lendarios são os tratados n'essa cathegoria de peçasinhas meio magicas meio idylli-

cas, sem intriga nem frequentemente coherencia, recheadas de calembures e dos *jeux de mots* inseparaveis da litteratura japoneza, reforçadas de aparições e encantamentos, e repassadas — quero crer que no original tambem, e não sómente nas mimosas traducções em verso do sñr Chamberlain — de um sentimento poetico mais intenso, mais continuo, mais penetrante e mesmo mais humano que o das *tanka*. Basta dizer que os esplendores e graças da natureza local são ahi descriptos ou cantados com maior vigor e superior emoção, e que as superstições populares, as tradições e legendas, n'uma palavra todo o *folk-lore* ahi encontrou abrigo, para ajuizar-se do interesse que pode offerecer a leitura das pouquissimas versões que ao profano é dado conhecer. N'um d'esses *Nô* traduzidos,¹ por titulo *Nakamitsu* (o qual creio que pela primeira vez põe em scena a sublime lealdade pessoal caracteristica da longuissima Meia Edade japoneza e artificialmente prolongada n'uma atmospheria d'estufa, eminentemente propria para o seu luxuriante crescimento) encontram-se rasgos de vigor dramatico e até um bem urdido e pathetico conflicto de sentimentos e deveres.

Os *Nô* nunca se baratearam em theatros de profissão; antes foram primeiramente dados nos santuarios, mais tarde desempenhados por jovens cavalleiros da cõrte do Xogun, e são agora geralmente levados á scena em reuniões muito exclusivas. Tambem representam-se publicamente em Tokio e de certo n'outras cidades, mas fóra do bulicio dos bairros commerciaes, em recantos quasi mysteriosos, e perante um auditorio muito mais escolhido do que o que assiste ás representações theatraes ordinarias, abrangendo professores cujos gostos eruditos se comprazem n'essas resurreições litterarias; estudantes que desejam praticar o *utai* ou elocução emphatica e cantante, analoga á que se usava até certo tempo para a tragedia classica; simples amadores de historia, que no Japão são legião; nobres para quem qualquer

¹ *The Classical Poetry of the Japanese*, London, 1880.

forma do passado possui singular fascinação. No dia em que assisti ao espectáculo figuravam, entre o auditorio o príncipe Tokugawa, filho do ultimo Xogun, e entre os actores um illustre fidalgo. O japonês litterario d'aquelles *autos*, certamente recheado de formas archaicas e raras, obriga todos os espectadores a acompanharem a representação com a explicação ou antes traducção do texto em linguagem escripta de hoje.

Para um estrangeiro qualquer, posto seja attrahente a leitura, o espectáculo é simplesmente enfadonho, o que facilmente se concebe do facto de terem surgido os *Nô* n'um periodo de effervescencia militar como um calmante para as paixões assanhadas. Os movimentos mais do que compassados, hieraticos, dos personagens; a sua declamação martellada e rouquenha; o côro recitando em tom de canto chão; as exclamações desconcertadas, surdas ou estridentes, do acompanhamento — são feições todas que contribuem para radicar aquella impressão. A musica é fornecida pelo *yoko-fué* ou flauta de sons plangentes que se costuma igualmente ouvir nos funeraes xinto; pelo *tsuzumi* ou tamboril do feitio de ampulheta que se bate com a palma da mão e produz um som abafado e aspero, e pelo *taiko* ou tambor ordinario, largo e chato, pousado sobre um suporte, instrumento que se percute ora com uma, ora com duas baquetas, e mais dir-se-hia um bombo collocado horizontalmente. Dança, querem assim chamar uns movimentos vagarosos dos pés, em que o calcanhar assenta antes da planta, e umas rotações das longas mangas pendentes em volta de uma das mãos, emquanto a outra segura pelas varetas o leque aberto e virado para o auditorio. O scenario é summario, constando de um tablado envernizado e um fundo de madeira polida tendo pintados um pinheiro contorcido e um gracioso bambú. Os trajés dos actores é que são vistosos como fazendas, especialmente os dos que desempenham papeis de personagens mythicos, fadas ou *temins*, para isto usando invariavelmente mascarás.

Tambem as usam, tirando-as alli mesmo de uma linda caixa

de charão collocada sobre o palco, os actores encarregados de preencher com uma especie de recitativo e dança os intervallos entre as peças. D'estas representam-se trez ou quatro no mesmo dia. Alem da celebrada *Vestimenta de pennas (Hagoromo)* á qual já fiz allusão quando referi a lenda, assisti ao *Nô* intitulado *Sei-o-bô (Bom governo do reino)*, o qual se resume na offerta, por um mensageiro celeste, a um monarcha modelo de uma cerejeira cuja florescencia perdurará trezentos annos. Aquelle que tiver em vista que a florescencia annual das cerejeiras é o mais lindo espectaculo do Japão, um espectaculo incomparavel de graça e de poesia, verdadeiro sonho de artistas, e que se recordar da popularissima *tanka* que proclama ser o espirito do velho Yamato (Japão) a flôr da cerejeira agreste abrindo sua corolla ao sol da manhã, comprehenderá todo o alcance do mimo recebido pelo virtuoso rei da lenda.

Os *Nô* formam uma variedade litteraria por todos os motivos aristocratica e que por isso mesmo se immobilizou. O cothurno e socco que resoam sobre as pranchas dos theatros francos e populares são, porem, igualmente tradicionaes e suggestivos de emoção para esta alma que em terreno algum sentimos tão distante da nossa como n'alguns dos seus esparecimentos. O drama que podemos por imitação chamar de capa e espada aqueceu nobremente o enthusiasmo da plebe de Yeddo, esmagada politicamente pelos dictadores, n'um periodo de ininterrupta e desenfreada litteratura pornographica, á qual só muito modernamente poz cobro o regimen dos Xoguns. Elle fazia vibrar a sua platéa de logistas e mechanicos, assim como a solemnidade sacerdotal das danças, o convencionalismo do enredo, lyricamente expresso pelo côro, e o sopro de pantheismo do dialogo dos *Nô* enlevavam as suas platéas de daimios e samurais.

Ainda hoje, como notámos, se mantem os publicos e os transportes. O povo, agora mais largo e socialmente emancipado, applaude até o frenesi a evocação do Bushido ou espirito cavalleiresco do Japão, ramalhete composto das mais formosas e aro-

matizadas flores da alma estoica. A nobreza delicia-se com as effusões poeticas d'aquelles outros dramas de curtissimo folego, mais animadas todavia do que se poderia legitimamente esperar d'essa litteratura, particular e particularista, de conceitos e de maximas, indistinctamente moral e immoral, mas nunca genuinamente espirital, quasi proverbial na prosa como na sua forma poetica, a qual, conversando commigo um dia, o Professor Chamberlain comparava com finura ás pinturas sobre leques, de poucas, longas e incisivas pinceladas, encerrando allusões e representando enigmas graciosos.

Na sua febre de tudo reformar, o philosopho francez Diderot, o mais genial dos Encyclopedistas, propoz-se desde o seculo XVIII afundar a tragedia classica na realidade contemporanea, offerecendo-lhe por modelo a burguezia, e applicar a comedia aos sentimentos serios e até á discussão das theses de moral mais espinhosas, creando o drama moderno. O Diderot japonez ainda não appareceu, apesar de se achar consummada em tanto mais a revolução reformadora e de haver peças que arremedam as europeas na factura e até no entrecho. O theatro nacional guarda por emquanto, quasi todo elle, o sabor e o aroma do velho Japão. Seus grandes expositores e interpretes são ultimamente Danjuro, VIII do nome, e Kikugoro, que porventura seria o nono Danjuro, si o não tivesse recentemente prostrado uma congestão, porquanto o nome do celebre comediante do seculo XVII perpetua-se pela adopção e successão do discipulo mais talentoso e acclamado do Danjuro em voga. É como si na Comedia Franceza Albert Lambert Fils, por exemplo, herdasse o nome como herdou os papeis mais famosos de galan heroico e sentimental de Mounet-Sully.

Os Japonezes teem por Danjuro um verdadeiro carinho e uma admiração fanatica, rindo-se um pouco da seducção exercida na Europa por Sada Yacco, baptizada na França como a Sarah Bernhardt do Japão, e que, no dizer desdenhoso dos entendidos e puristas nacionaes, não passa, apesar das suas talentosas ten-

tativas dramaticas, de uma *danseuse* e *chanteuse* de merecimento, mas sem o profundo e genuino sentimento artistico dos dous citados actores-actrizes, pois que combinam no seu repertorio os papeis masculinos e os disfarces femininos. Danjuro, si o possessemos comparar com qualquer artista europeu, seria com Novelli. Quanto a Sada Yacco, persiste um jornal japonéz em chamma, talvez sem um senso perfeito, uma combinação de Loie Fuller e Yvette Guilbert.

Ir ao theatro, no Japão, é uma empreitada. Para assistir a todo o spectaculo tem-se que almoçar e jantar na *chaya* ou casa de chá que accumula as funcções de bilheteiro, botequim e guarda-roupa. A representação dura nove a doze horas, e, quando Deus quer, mais tempo ainda. O Japonéz em vinte e cinco annos transformou radicalmente uma sociedade politica e apropriou-se do melhor de uma civilização estranha e complicada, mas nas cousas menores ou usuaes nunca tem pressa e muito menos a mostra no theatro. É mesmo este desprezo do tempo que lhe vale certa fama de indolencia e lentidão, assim como o modo de contar no *soroban* as minimas quantias e de ahi manipular as mais insignificantes operações arithmeticas, augmenta n'um elevado grao a apparencia da sua hesitação, que é real. A lentidão do Japonéz é comtudo, muito differente da preguiça do *lazzarone* ou do *cockney*. É mais uma consequencia do antigo estado de cousas, que pensava contar com a eternidade immutavel. Já se sabe que em taes condições ninguem se precipita.

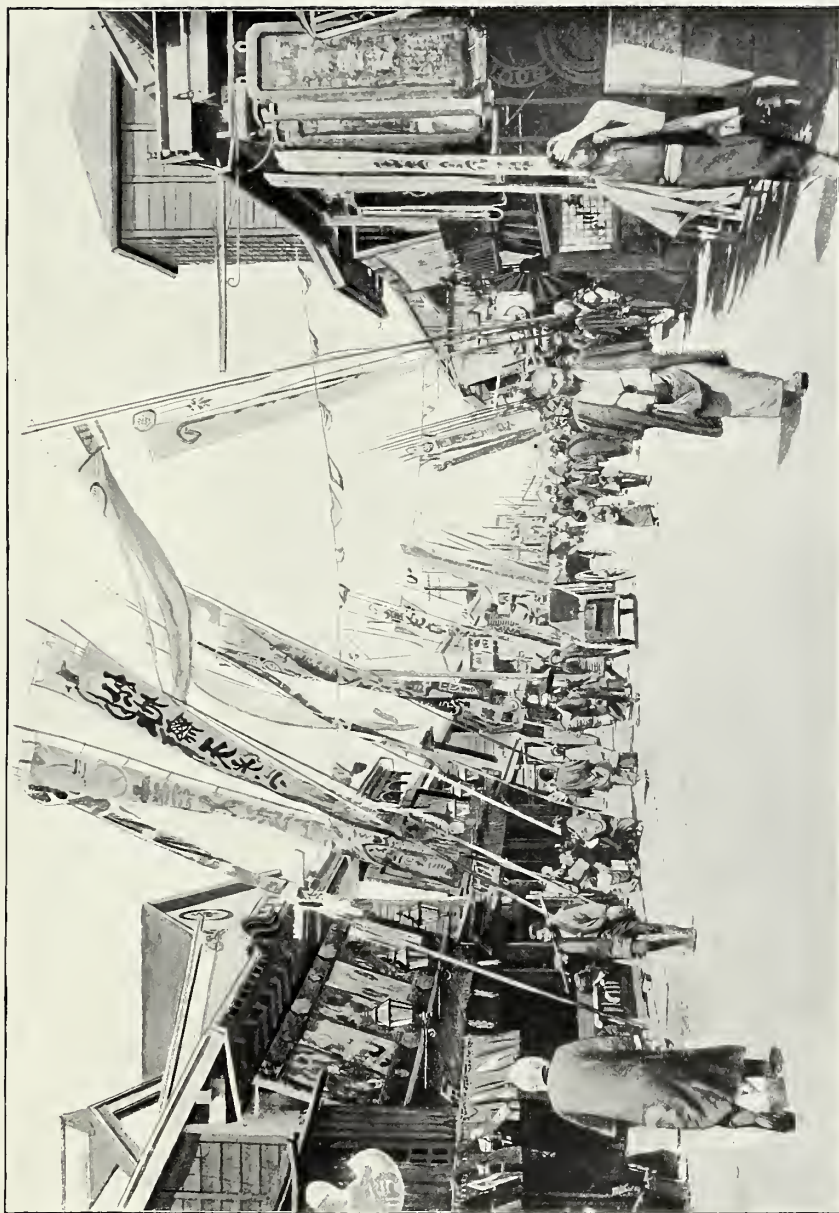
O operario nunca era urgido nem se deixaria aguilhoar porque, desde o momento em que não havia competencia de outras manufacturas nem de outros trabalhadores, tanto fazia que o trabalho ficasse terminado hoje como amanhã, e tanto fazia recorrer a um como a outro artifice. O freguez trocando nada adiantava, e a vida não era tão penosa na maior parte dos casos que valesse a pena abrevial-a com soffreguidões. Para alguma cousa hão de servir os governos paternaes. Em o trabalhador japonéz resolvendo parar ou descançar, ninguem pois o moveria

a continuar. A encomenda que esperasse: nenhum outro a executaria com mais presteza. O supplicio de Sisypho é desconhecido no inferno d'esta feliz gente. Ainda hoje as cousas se passam assim. Por mais de uma vez terá o passeante que recolher-se mais cedo do que tencionava por declarar-lhe o cocheiro ou o pagem ou o puxador de kurumá, com o seu tom mais cortez e risonho e o server de ar peculiar á elocução japoneza, ser chegada a hora do *tabero* ou refeição. Que argumento se poderia oppor a uma razão tão concludente?

Accresce que um verdadeiro amante da natureza, como o Japonez preza-se de sel-o, não é um homem que possa jamais ter pressa. A admiração como elle a pratica é um sentimento pausado e reflectido, que consome horas. Nos lagos do parque de Shiba, em Tokio, os lotus desabrocham lindamente em Julho, e amadores vi que, sentados sobre os calcanhares, alheios ao rodar das carruagens e ao grasnar dos corvos, despendiam a tarde contemplando, extaticos, a magnificencia da flôr buddhica, a qual todos os annos vem como que reviver a memoria d'aquelles Xoguns da familia Tokugawa que alli perto repousam sob as velhas arvores frondosas, rodeados os seus mausoleus de lanternas, de templos e de esculpturas. Acreditaria porventura alguem que uma Americana, por exemplo, fosse pela manhã buscar agua ao seu poço e, pelo facto de encontrar alguns rebentos de convolvulus enroscados na corda que puxava o balde, não querendo incommodar os preciosos renovos, deixasse corda e convolvulus na santa paz e se encaminhasse a pedir agua ao visinho? Pois assim procedeu com louvavel ternura pelo vegetal, mas fraca noção do tempo, a poetiza japoneza Chiyo. A Americana, soltando alguma expressão meio gracejadora, meio sentimental, desalojaria a trepadeira e atiraria sem mais tardança o balde ao poço. A Japoneza ainda perdeu mais tempo compondo sobre o caso uma *haikai* tão *raccourcie*, que a propria traducção seria intelligivel si o traductor não lhe ajuntasse meia pagina de commentarios, relatando a occorrenca que justifica a poesia.

Gente que assim desperdiça as horas não pode por certo importar-se de occupar todo um dia em applaudir as fallas e trejeitos dos actores de nomeada, ou mesmo em seguir as contorções e narrações explicativas do theatro de fantoches. Este genero de theatro teve aliás o seu Shakespeare — um escriptor cheio de invenção e de força por nome Chikamatsu, o qual nos fins do seculo XVII e começos do seculo XVIII produziu um avultado numero de peças historicas de grande intensidade dramatica. O protagonista real d'essas peças é sempre o côro. No theatro *kabuki*, que para mim representa, si bem que os criticos lhe neguem quasi por completo o valor litterario, a forma mais interessante e viva do antigo theatro japonез, o côro, personagem collectivo que vimos ser tambem importantissimo nos *Nô*, ahi desempenhando papel conspicuo — relatando, ligando, descrevendo, commentando, explicando, lastimando, celebrando — desaparece porem de todo ou fica extremamente reduzido, abrindo lugar ao dialogo, que é incontestavelmente a alma do theatro. Tal foi, de resto, a forma de theatro que vingou e prosperou entre todas.

Os theatros japonezes não offerecem, como edificios, grande differença dos europeus. A disposição das salas, rectangular em vez de oval, abrange uma ordem de camarotes, um amphitheatro superior e outro, pequeno, lateral, e uma vasta platéa com muito declive. Esta, porem, não tem cadeiras. O chão é forrado de esteiras e dividido por travessas em quadrados iguaes, como um jogo de xadrez. Os espectadores deixam no guarda-roupa o calçado e correm de meias, com agilidade felina, sobre as travessas de madeira, sentando-se ou acorando-se aos quatro n'aquellas divisões, que de cima parecem banheiras com gente mergulhada dentro. As travessas servem tambem para collocar os *bentô* ou merendas, pois que o espectador japonез não só tem de almoçar e jantar no theatro, sendo o botequim o mais rendoso negocio do empresario, como petisca nos intervallos das refeições regulares, abrindo-se-lhe o appetite á medida que se desenvolve a



Rua dos theatros em Yokohama.

acção. Sobre as travessas veem-se igualmente o bule de chá, que se toma a toda a hora, ou o frasco de porcelana com *saké* morno, que se toma de quando em vez; os jornaes cuja leitura serve para preencher os longos e frequentes entre-actos, e a bandejinha com as brazas e o cinzeiro de bambú, porque se fuma durante toda a representação.

O palco é que apresenta maior novidade. Não só se prolonga dos dous lados da platéa, formando parte do tablado, havendo personagens que entram e sahem por esses caminhos, voltando ao palco por meio de uma passagem subterranea que estabelece a communicacão, como é gyratorio, comportando dous scenarios, um de cada lado. Nos intervallos dos actos corre-se o panno, ou antes correm-se os pannos, porque são muitos e pomposos, alguns com annuncios, outros com o nome figurado e louvores de qualquer dos principaes comediantes da casa, dadivas estes dos seus admiradores, que não só pagam o largo panno pintado, como pagam de antemão por tantos mezes ou annos os individuos encarregados de puxal-os ou desdobral-os. A subvenção durará ás vezes mais do que o entusiasmo gerador d'essas formas duradouras de solida admiracão. O frontão em velludo carmezim, bordado a ouro, no Kabuki de Tokio é, por exemplo, offerta da Bolsa de Arroz. Os quadros entretanto succedem-se sem que seja preciso correr um dos pannos. No momento opportuno empregados todos de preto e com mascaras soltas de filó preto levantam rapidamente as esteiras, retiram para dentro os objectos dispersos perto da borda, e o palco roda sobre si mesmo, mostrando do outro lado um novo scenario. É claro que tal disposicão não permite grande profundidade ao scenario, mas tampouco a possuem os reduzidos interiores japonezes, e o theatro japonéz é a representacão real da vida que foi e ainda é a do Japão.

A continuidade da vida nacional ahi se encontra amplamente documentada, no arranjo das habitações, nos modelos dos trajes, nos ademanes dos personagens. É verdade que o gosto dos *leaders* sociaes parece ser mais pelos salões estucados á européa

do que pelas lindas *fusumas* ou divisões corrediças pintadas a côres sobre fundo de papel dourado; pelas casacas estreitas e pelos vestidos decotados do que pelas fôfas vestimentas, de sedas maravilhosas, com que ha poucas desenhas de annos se adornavam uniformemente nobres e damas; pelos modos cortantes, impropriamente chamados *business-like*, do que pelas compassadas, respeitosas conversações entrecortadas de medidas e cumprimentos.

Parece ser assim, mas no fundo a vida japoneza de hoje é sob muitos aspectos a do passado. Os que por luxo, ou melhor, conveniencia de posição edificam um palacio de fachada Luiz XIII, levântam ao lado para seu proprio conforto uma casa puramente japoneza, onde se refugiam contentes dos enfados mundanos. Os que envergam por falso decoro ou talvez necessaria affectação trajés europeus em publico, safam-nos com satisfação apenas regressam aos seus interiores. Os que parodiam gestos seccos e entonações bruscas, usam uns com os outros de cerimoniaes saudações, do fallar manso, do estylo cheio de interjeições, de periphrases e de formulas graciosas e requintadas de outros tempos.

A peculiar gradação japoneza nos estylos de conversação encontramol-a estampada, quando mesmo nos seja inintelligivel a linguagem, no jogo scenico de um actor como Danjuro, o primeiro do Japão — *chief actor in Japan* como reza mais ingenua que vaidosamente, pois que o titulo lhe pertence de facto e de direito, artistica e legalmente, o seu cartão de visita, o qual trocou com o meu quando o fui saudar ao seu camarim. No mesmo dia vi-o representar dous papeis de indole diversa: o de Oishi, o chefe dos abnegados dependentes n'uma peça sobre o famoso episodio dos 47 ronins, e o do chefe faustoso e cynico de um bando de piratas que nos bordeis de Hakata costumava despende o fructo das suas rapinagens. O valor artistico de Danjuro pode ser facilmente contestado por quem, não levando em conta a differença profunda das sociedades européa e japoneza, assista á representação com o *bias* do europeanismo. Quem todavia

houver observado e estudado um pouco a sociedade nacional, apreciando no seu exacto valor o character do povo, mal poderá deixar de ficar impressionado pela emoção contida, pela impassibilidade estoica, pela natural dignidade do actor no primeiro d'aquelles papeis, bem como pela sua fleugma, sobranceira e rudeza no segundo.

Não ha n'elle grande mobilidade de physionomia porque a não ha na physionomia japoneza; não ha grande expressão mimica porque os Japonezes são parcos de gestos; não ha grande agilidade de movimentos porque a solemnidade é a alma da etiqueta, e esta é a base do Japão social. Ha porem em Danjuro, além de uma excellente memoria, uma suggestiva naturalidade das attitudes e do dizer e uma attenção cuidada e sustentada de todos os lados do personagem encarnado. Kikugoro, o outro actor notavel que trabalhava com Danjuro, era mais franco no seu jogo, mais rapido no seu fallar, *plus en dehors*, como diria um critico theatral francez extraviado na Ginza, mas não possuia a calma confiada do mestre.

Todos hão observado como no Japão as cousas se passam ás avessas das da Europa. No theatro tambem assim acontece. Os *travestis* europeus são feitos por atrizes desempenhando papeis masculinos: a Dejazet foi celebre no genero, e Sarah Bernhardt a pretende agora seguir. No Japão são actores que representam todos os papeis femininos, e o que é mais, os representam com graça. Para disfarçarem a voz, teem infelizmente que recorrer ao falsete, o qual se torna enervante, mas os gestos e as attitudes são de impecavel exactidão. Os seus corpos pequenos e franzinos ajudam sobremaneira a caracterização. O actor Shikan, um bonito rapaz que na Europa estaria irremediavelmente destinado a personificar os galans, é excellente n'esse genero de *travestis*, e de outros me recordo tão bem disfarçados que chegavam a parecer formosas raparigas.

Do valor litterario das peças que vi representar não posso fallar, nem creio que ellas o tivessem, pelo menos tal como o

comprehendemos. Fazem reviver um passado que todos os nacionaes conhecem e prezam, e é quanto lhes basta. Desde crianças que os Japonezes se habituam a querer, a julgar ingenuamente sem rival esse passado realmente fertil em actos heroicos e commovedores. As estampas coloridas, no genero das gravuras d'Epinal, com que brincam desde os mais tenros annos, reproduzem scenas patrioticas que assim se tornam familiares a todo o espirito japonex. É Hideyoshi, como um Hercules menino, mostrando a sua força precoce e extraordinaria no arrastar um moinho de arroz. É Tokiwa, a linda camponeza mãe do primeiro Xogun Yoritomo, com um dos filhos nos braços, o outro agarrado ás vestes e o mais velho carregando a espada paterna, fugindo todos pela neve á vingança desalmada do chefe dos Taira, Kiyomori, o qual, ao vel-a, fascinado pela sua belleza, imploraria d'ella o ser sua concubina e pouparia a vida aos jovens Minamoto. É Nitta Yoshisada, o partidario convertido do Mikado, levantando o pendão da revolta contra os usurpadores e, crente na justiça da sua causa, lançando sua espada ao mar para que as vagas, apartando-se por milagre, dessem passagem ao exercito fiel para o ataque de Kamakura que destruiu para sempre o poderio dos Hojo, usurpadores dos Xoguns.

São taes e muitos outros, igualmente antigos ou mais modernos, os episodios representados no theatro perante uma platéa que nunca se farta de estremecer com elles, porque são os que os Japonezes se acostumaram de todo tempo a considerar como typicos da seducção exercida pelo vigor, pela belleza, pela bravura e pelo devotamento, os quatro predicados a que é especialmente sensivel a natureza d'este povo athletico, sensual, militar e leal. A fidelidade do scenario e a riqueza dos trajes poderiam não existir, que seria sufficiente o sopro nacionalista que anima as peças historicas e mesmo as de pura fantasia dramatica, para tornal-as applaudidas e populares. A platéa vibra com os interpretes porquanto no theatro, como em tudo mais, o estrangeirismo, quando mesmo se infiltre, é para ser posto em contri-

buição afim de servir o proposito e gosto nacionaes, os quaes acabam sempre por prevalecer em vez de se offerecerem em sacrificio.

Qualquer divertimento no Japão é japonéz. Não seria natural que os Japonezes, possuindo mãos tão habilidosas, dedos tão ageis, pulsos tão flexiveis, musculos tão elasticos, deixassem de ser excellentes acrobatas, contorsionistas e prestidigitadores. Com effeito as sortes que tive occasião de ver executadas no Japão, onde é costume entreterem-se os hospedes durante e depois do jantar com exhibições de *geishas*, equilibristas, magicos e pelotiqueiros, são de todo ponto admiraveis. Tambem o prestidigitador japonéz não se limita a classicamente extrahir de uma pequena caixa de laca sem fundo uma barrica de bolas de papel de seda, ou a tirar de uma cornucopia ôca de papel jardas e mais jardas de fita branca e vermelha. O artista tem originalidade — originalidade para nós, porquanto as suas sortes são heranças de familia, transmittem-se atravez de gerações de pelotiqueiros. Com dezenas de fios de seda muito finos seguros entre os dedos elle faz, por exemplo, manobrar com precisão admiravel pequenos bonecos de madeira representando crianças e animaes, a cada um d'elles imprimindo seus movimentos especiaes da forma mais natural e expressiva. Depois, rasgando dous pedacitos de papel do feitio approximado de borboletas, sacode-os para o ar e, abanando-os ligeiramente com o leque, obriga as borboletas simuladas a subirem, descerem, esvoaçarem, perseguirem-se, beijarem-se e finalmente pousarem sobre o rebordo de uma taça. Nada se pode conceber de mais singelo e de mais gracioso, de mais caracteristicamente japonéz.

O theatro sob qualquer das suas formas — *Nô*, drama historico, narração de historias ou variedades gymnasticas e magicas — é uma distracção capital para os dias escuros, quando a chuva cai aos potes, como costuma cahir no Japão, pelas ruas só se ouve o enfadonho e ruidoso bater das *geta* contra o calçamento, e os annuncios e cartazes em largas tiras de algodão branco e azul gottejam ensopados e desbotados. É então que

sabe extraordinariamente estar sentado sobre macias esteiras dentro de uma casa de espectáculo, tirando baforadas do cachimbo, comendo fructas e doces e ouvindo um actor de nomeada declamar a pomposa linguagem dos samurais. Pelo contrario, quando o sol brilha e uma brisa tepida apenas faz chover petalas de flores, o grande divertimento é ir pelos campos afóra colher braçadas de plantas silvestres, merendar ao pé das arvores e passar a tarde a tagarellar e a descantar. A merenda vai muito arranjadinha, dentro de cestas a dos pobres, a dos abastados dentro dos lindos cofres de laca chamados *bentô-bakô*, que são, alguns d'elles, objectos de museu. Em jarras de laca não menos preciosas vai o *saké* que desferruja as linguas e fermenta a alegria. Nas gavetinhas ou escaninhos do cofre sobrepõem-se o peixe grelhado frio, as conservas de legumes com mostarda, vinagre e assucar, os varios legumes preparados — raizes de lotus, palmitos de bambú, beringelas — e o arroz cozido, muito branco, muito secco e muito solto, que dá gosto comel-o.

N'uma merenda o Japonez contentar-se-ha com isso. Para um jantar, uma refeição em regra, o seu appetite pode offerecer porem maiores exigencias, e não passaria quiçá sem duas ou mais sopas, de feijão escuro, de ovos desfiados com peixe, de algas verdes com pedaços de lagostas e mariscos nadando no caldo; sem a deliciosa enguia frita; sem a gallinha cortada miuda e ensopada com cebolas e assucar no momento de ser servida; sem os grandes rabanos chamados *dai-kon* e os pepinos monstros; sem as peras que parecem maçãs e sabem a agua com assucar; sem os lindos, tentadores doces de feijão, de algas, de ortelã, de cem qualidades. As mulheres — essas mulhersinhas que uma distincta escriptora portugueza imagina sustentarem-se a bagos de arroz e a gottas de chá — é vel-as ahi como ingerem de tudo, aos grandes bocados, muito limpamente com os dous páusinhos, esvasiando as bandejinhas e terrinasinhas de charão preto e vermelho, e a chicara de arroz, trez vezes cheia geralmente durante a refeição.

No *Meiji* e sobretudo depois dos estudos feitos nas faculdades da Europa por numerosos medicos japonezes, o leite entrou a ter grande acceitação e é hoje muito usado como medicamento e sustento apropriado para as crianças e os velhos. A carne tambem entra presentemente no rol dos generos alimenticios, e desde a guerra com a China que faz mesmo parte das rações militares. Os medicos japonezes recommendam-na muito, em opposição ao regimen excessivo do peixe, arroz e legumes, julgado debilitante, justamente como no Occidente a desaconselham os clinicos, favorecendo o regimen vegetariano, em attenção á grande quantidade consumida de alimentos azotados. Como o peixe, porem, é abundante e barato e a carne escassa e cara, o antigo regimen dietetico continua necessariamente a prevalecer. Exaggerando naturalmente a nova moda, não fazem os Japonezes mui grande escolha da qualidade da carne, e um açougue conheço em Tokio onde se encontram dependurados, ao lado dos bois esquartejados e dos carneiros, porcos, veados e javalis esfolados, ursos e macacos mortos a tiro, que encontram amadores entre os *gourmets* da capital. No tocante ás bebidas, a cerveja está fazendo ao *saké* enorme concorrência. Numerosas fabricas estabeleceram-se nos ultimos trinta annos, para as quaes foram mandados vir mestres cervejeiros da Allemanha, e algumas das marcas — Kirin e Yebisu especialmente — adquiriram grande reputação e extraordinario consumo. O Japonez que toma uma refeição á européa, oito vezes em dez pedirá cerveja em lugar de vinho. O *saké* mantem comtudo indisputada a sua posição nas refeições japonezas que são aliás as communs.

Nas merendas ao ar livre o elemento feminino da familia toma parte, e toca e canta e improvisa enquanto o sol não baixa de todo no horizonte vaporoso e os seus raios ardentes atravessam a custo, como n'uma fieira, a folhagem escura e espessa dos cedros ponteagudos e dos grossos pinheiros de tronco vermelho. Para estas festas campestres os habitantes de Kioto affluem em bandos a Arashi-yama, arrabalde famoso pelas suas

cerejeiras em flor e pelos seus bordos escarlates, e os de Tokio a Kameido, onde as longas pencas de glycinias se miram debruçadas dos seus caramanchões na agua de um lago placido, e a Horikiri, onde os iris se abrem para recolher o orvalho como grandes taças gregas que buscassem o mel do Hymeto. Para o elemento masculino só, enquanto em casa as mulheres sem ciunes acalentam as crianças e aquecem ao calor das cinzas do brazeiro as suas mãosinhas rugadas, estão reservadas as ceias nas casas de chá, servidas por *geishas* que umas despejam o *saké* com sorrisos captivantes, enquanto outras desferem no *koto* e no *samisen* notas que se grupam em toadas estranhas, ao som das quaes aquellas executam danças mimicas avivadas por cantilenas, movimentos de leque e um rodopiar continuo, monotono e mais enervante que voluptuoso. Os Japonezes, porem, babam-se por estas cantigas e bailados, que acompanham com exclamações gutturaes e gemidos abafados, assim como costumam pontilhar uma refeição gostosa com muitos sorvos de dentes e ruidosos estalos de lingua.

No verão, que nas planicies japonezas é tão quente quanto humido, os passatempos favoritos são naturalmente aquelles que contribuem para minorar a impressão do calor. Em Kioto existe o curioso habito de collocarem-se mezasinhas sobre os seixos nas muitas partes seccas do leito do rio Kamo (os rios no Japão tem geralmente leitos em grande desproporção com o volume *ordinario* das suas aguas), ás quaes se ganha acesso das margens por meio de pontesinhas de bambús atados com cordas de palha d'arroz. Ahi os habitantes mais encalmados se congregam em grupos para comer, beber e ouvir as *geishas* cantadeiras, ao mesmo tempo abanando-se com os lequesinhos de abrir que constituem parte obrigada do vestuario nacional e nas representações artisticas figuram sempre, até, feitos de ferro, nas mãos do general que commanda uma batalha ou na cintura do simples samurai que se prepara para travar uma lucta pessoal. Em Tokio, onde o rio Sumida desemboca no golpho em que ancoraram, lá em baixo,

defronte de Kanagawa, os navios de Perry, e as aguas são portanto volumosas, a preferencia é pelos passeios nocturnos em barcas enfeitadas com lanternas de côres, cruzando-se os fogos de bengala que illuminam com seus clarões fugitivos a bahia negra, e tambem as notas tremulas das cantoras acompanhadas pelos sons asperos do *samisen* cujas trez cordas, raspadas com uma espatula de marfim, se retezam sobre uma pelle esticada de barriga de gato.

Taes divertimentos são comtudo temporarios, dependentes da estação, e o genio festeiro do Japonez carece de pasto permanente para o seu exigente appetite de folia ingenua. Encontra-o, sem precisar procural-o muito, em um sem numero de locaes de que pode servir de prototypo o templo de Kwannon em Asakusa (Tokio), onde se combina a devoção supersticiosa que conduz até os exorcismos de pessoas que a imaginação popular suppõe possuidas de raposas e texugos, os quaes é necessario expellir do corpo, com a *vis comica* cuja pujança se retrata nos *netsukés* de marfim e madeira, que constituem um dos aspectos mais caracteristicos e mais interessantes da arte japoneza. O templo torna-se assim o lugar por excellencia para rezar e para folgar. Kwannon é a deusa da misericordia, a Virgem Maria do Buddhismo, figurada de muitas formas porque é multiforme a misericordia. A sua estatuasinha em Asakusa, de menos de duas pollegadas, nunca exhibida mas ao que se diz alli guardada, foi milagrosamente pescada no Sumida, como o foram em outros rios varias imagens do Senhor dos Passos que se veneram nas nossas igrejas catholicas.

Dentro do vasto templo dá-se largas áquillo que chamei devoção supersticiosa. Defronte do altar mór, recamado de damascos, lampadas douradas e vasos sagrados, vendem-se rosarios e bentinhos com a figura de Kwannon, e bonzos graves leem a *buena dicha*. Ex-votos antigos e modernos, os antigos sob a forma de bordados, os modernos sob a forma de telas de tons crús, d'uma pseudo-imitação européa, pendem do tecto e das

paredes. Pinturas symbolicas, como a do sonho que de facto a vida é, alternam com esculpturas lendarias como as referentes a Yoshitsune, o *chevalier sans peur et sans reproche* da historia japoneza. Um idolo de Binzurú, o Rakan que peccou por um pensamento deshonesto mas que Buddha misericordioso tornou padroeiro dos doentes, senta-se, ornado de um bibesinho, sobre coxins de chita como os que nos offerecem nas *chayas*, tão ennegrecido e lustroso do esfregar das mãos dos fieis sobre as partes do corpo da imagem correspondentes ás suas proprias enfermidades, ao ponto de ter quasi perdido as feições e os contornos e estar reduzido a um bloco de madeira velha e suja.

Fóra do templo a attenção é solicitada de todos os lados. O portão que nos templos buddhistas é sempre uma construcção dianteira mas separada e mesmo distante do templo em si, desenha-se, guardado por dous *Niô*, escarlates e façanhudos, com seus musculos enormes e suas carrancas medonhas, no fundo de uma pequena rua marginada por lojinhas onde se mercadeja todo o superfluo imaginavel: flores de papel habilmente recortadas; *kanzashi* ou enfeites de papel e metal, prateados e dourados, para o cabelo das rapariguinhas garridas, que o são todas e usam os mais complicados penteados que imaginar-se pode, em conchas armadas por arames, rolinhos apertados e muito oleo e banha; animaesinhos de assucar e ortelã pimenta em gaiolas de vidro; fructos e flores tambem de assucar, delicadamente feitos em moldes e ostentando côres perfeitamente naturaes; louros e quebradiços *sembei* ou biscoutos de farinha de arroz feitos á vista do freguez, rolados como canudos ou chatos como hostias, ás vezes com uma pitada de algas marinhas seccas; pipocas de arroz; charões baratos; brinquedos diversissimos, taes como bonecos de papelão, piões, passaros de madeira recobertos de pennas, enormes borboletas de papel de côres no cabo de longas hastes; uma infinidade de objectos graciosos que fazem as delicias dos pequenos e attrahem os olhares dos adultos.

Nos jardins á roda do templo, de mistura com as capelli-

nhas, os idolos, as lanternas de bronze e de jaspe, o estrado recoberto para as danças sacras e a estante octogonal das escripturas sagradas, espraia-se a feira em toda a plenitude e em toda a liberdade. É uma multidão de barracas de madeira com macacos e cachorros sabios, ursos amestrados, palhaços, acrobatas, equilibristas, comicos, panoramas, adivinhos, comes e bebes, cada casa com sua especialidade porque a especialização do trabalho estende-se no Japão á cozinha, havendo restaurantes em Tokio onde só se come carne de vacca, outros em que só se servem pratos de peixe, um até em que se prepara exclusivamente macarrão. Os restaurantes da feira de Asakusa são um pouco mais eclecticos. Nos seus mostradores tentam o appetite dos passeantes gamellinhas já promptas com arroz, rodellas de rabano branco e de cogumellos pretos, conservas picadas, rolos de folhas de beringela e de couve com recheio de peixe, lagostins descascados e analogos quitutes. Ao lado das gamellinhas enfileiram-se os lindos *mushigashi* brancos e verdes, do feitio de bolas, cozidos a vapor em caixas com fundo de esteira e contendo por dentro da massa de farinha de arroz ou de trigo a geléa do feijão vermelho miudinho chamado *azuki*, a qual é o doce por excellencia d'uma terra onde os doces são em extremo apreciados, comem-se a toda hora, servem-se a todo momento, offerecem-se aos deuses e aos manes dos antepassados, distribuem-se nos funeraes e até acompanham os defunctos nas suas arcas.

O movimento popular é sempre enorme. Theatros, circos e exhibições de curiosidades regorgitam de espectadores, cujas gargalhadas se entremêam com os pregões e chamarizes dos feirantes. A multidão japoneza é certamente a multidão melhor humorada do mundo. É tão alegre quanto pacata e a ausencia de brigas que a distingue provem, além do natural benevolo do povo, quando o não cega a paixão politica, de ser a multidão aqui em tão grande parte composta de crianças. Em qualquer ajuntamento são estas que predominam logo, com os seus trajes claros e risonhos, as suas caras espertas e suaves, os seus modos dis-

cretos e carinhosos, e pode dizer-se de quasi cada uma que se desdobra em duas, porque desde os mais tenros annos carregam ás costas os irmãosinhos, duplamente amarrados ao corpo pelas curvas das pernas e pela cintura, de forma a não poderem escorregar, ficando ao mesmo tempo livres os braços e movimentos da pessoa que carrega. Não raro vi velhos de 80 annos assim carregando um neto ou bisneto ao passo que se aqueciam ao sol, e frequentemente crianças de 6 annos e menos transportando outras de semanas, com a cabecinha pellada em que se desenham as veias e os olhinhos quasi cerrados para a luz e para a vida.

Essas crianças dobradas formam boa parte, talvez a melhor dos frequentadores das barracas de Asakusa, *rendez-vous* aliás de todos os que procuram divertimentos a modico preço. Entrei n'uma enfiada das referidas barracas e n'ellas encontrei o Japão em miniatura. Dançava-se n'uma o *Miyako-odori*, um bailado que se executa annualmente em Kioto no mez de Abril, durante a florescencia das cerejeiras, e cujo estudo e longo preparo na escola das *geishas* (*Nyokoba*) faz parte do curso regular de educação galante recebida por estas sacerdotizas japonezas do culto do Bello e do Amavel, juntamente com as cerimoniaes do chá e a arte da ornamentação floral, a qual entra na cathegoria das artes ainda hoje esotericas, cujos segredos passam de mestres a discipulos, atravez dos seculos, n'uma progressão calculada. Sei de uma senhora ingleza, residente no Japão, que havia sete annos aprendia semelhante arte e ainda não se achava possuidora da difficil prenda de dispor folhas e flores n'um vaso, conservando meticulosamente as distancias, não transgredindo os preceitos de combinação, respeitando todas as regras porque todas teem sua significação e seu alcance. O seu professor cada anno lhe ensinava uns segredinhos mais, uns novos symbolos, e aguardava o outro anno para adiantar a iniciação. Deixava-a entretanto digerir a sciencia adquirida.

N'outra barraca representava-se uma peça patriotica e o desertor, de mãos atadas, comparecia tremulo diante de um official

muito barbado e muito agalado, cujas tiradas eram francamente saboreadas pelo publico mais prompto a impressionar-se com os espectaculos militares. No theatrinho ao lado a peça era menos commovente, mas mais agitada ainda. Um namorado, esgueirando-se sob um disfarce de gatuno do encontro amoroso, é surpreendido no jardimzito da casa pelos criados, com quem trava uma lucta a ferro e a páu na qual acaba por ser vencido, prestando-se porem a occorrença a cabriolas sem fim, saltos mortaes, exercicios acrobaticos de todo genero, e sobretudo a essa especie de jogo de capoeira — o *jujitsu* — peculiar ao Japão, em que se derruba o adversario immobilizando-lhe as pernas. Muito ao vivo presenciei n'outra barraca a original pescaria que é uma vista constante e caracteristica de Gifú, a capital da provincia de Mino. Á luz de tochas as barcas de pescadores deslizam todas as noites rio abaixo, levando cada uma empoleirados na prôa seis ou sete corvos marinhos, presos pela pata por fios cujas extremidades segura um dos barqueiros. São esses corvos que fazem toda a pescaria. Mergulhando n'agua apanham com surpreendente rapidez o peixe chamado *u* em que abunda o rio Nagara, e que é do tamanho do nosso jacundá. Não podem no emtanto engulil-o porque um barbante em volta do papo lhes comprime o esophago, e são forçados a vomital-o n'uma barica quando o barqueiro, puxando pelos cordeis, os faz voltar á barca.

Por sobre todas as barracas fluctuam ao vento em longos pendões, brancos, azues, vermelhos, os annuncios das distracções, descriptas em immensos caracteres ideographicos, cujos desenhos e arabescos só por si constituem em todo o Japão uma decoração constante. Sua belleza foi a primeira a impressionar o espirito vivo e imaginoso de Lafcadio Hearn¹, que com elles sonharia dia e noite até que aprendesse a penetrar-lhes o sentido.

No tempo dos chrysanthemos algumas das barracas de Asakusa exhibem quadros historicos e allegoricos, em que as

¹ *Glimpses of Unfamiliar Japan*, Capt. I.

figuras e as paizagens são inteiramente compostas de flores : apenas as caras e mãos são de papelão pintado. A feira especial d'este museu Grévin japonéz é, porem, em Dangosaka, alem do parque de Uyeno. O espectáculo é novo e curiosissimo. Sobre uma ponte de chrysanthemos amarellos um samurai de armadura de chrysanthemos roxos enfia uma lança de folhagem na guela escancarada d'um tigre feito de chrysanthemos vermelhos. Ha scenas de amor, scenas de sangue, scenas mythologicas, batalhas, caçadas, ceremonias, exclusivamente de chrysanthemos. As flores cortadas com longos pedunculos são collocadas diagonalmente sobre uma textura de vime, e ás vezes são as proprias plantas com a terra em redor das raizes que se utilizam, o que explica sua conservação e frescor por um mez, que tanto dura a exhibição.

Os Japonezes não se contentam com as festas diurnas. Contam-se numerosas festas nocturnas, ás quaes o pintoresco e desmaiado clarão das lanternas fornece um encanto particular. A principal arteria commercial de Tokio, a Ginza, já por si é uma festa cada noite, como o é a rua dos theatros em Kioto, Shin-Kyogoku. N'esta, que é estreita e curta, todas as fachadas scintillam de luzes — lampadas electricas, bicos de gaz, lamparinas de côres, balões — desde o cahir da noite, destacando-se como á claridade do sol os grandes cartazes coloridos em que se reproduzem as scenas mais melodramaticas da peça em via de representação, e as longas tiras brancas com os emblemas e nomes dos actores em voga. As lojas de confeitheiros e de quinquilheiras, os bázares e as casas de pasto, todas regorgitando de gente, acompanham a illuminação principal em tons menos crús.

Na Ginza, sobre as largas calçadas de lagedo e tijolo, installam-se pelo fim da tarde pequenos mercadores de fazendas, de brinquedos, de ferragens, retrozeiros, quinquilheiros, sapateiros, traficantes ambulantes em todos os objectos vendaveis, e esta exhibição variadissima, extendendo-se pelo chão á luz tremula das compridas chammas de gazolina oscillantes ao vento, attrai infallivelmente uma extraordinaria affluencia de gente que passeia,

conversa, ri, folga, examina e tambem compra, sem que tal concorrência pareça inquietar ou exasperar no minimo os mercadores permanentes das lojas que bordam a longa arteria e pagam alugueis e contribuições ás quaes escapam aquelles negociantes vagabundos. Emquanto se não acercam os freguezes, uns e outros commerciantes, entre-olhando-se com benevolencia, esperam e sorriem. Uns, descançando sobre os calcanhares, sacodem bafordas de fumaça para o ar, e os outros, de bruços sobre as esteiras, percorrem as muitas paginas dos jornaes japonezes com os seus olhos de myopes, tão frequentes no Japão (dizem os medicos que pela complicação do desenho dos caracteres chinezes e pela disposição vertical das palavras nos textos escriptos e impressos), aguçados pelos largos oculos redondos que lhes dão ares de corujas pacientes.

Alem d'esta feira quotidiana, existem feiras semanaes, outras quinzenaes, outras ainda mensaes em pontos diversos das cidades, ás quaes affluem os *kimonos* de seda, e das aldeias, onde os kimonos que concorrem são todos de algodão, e não são raros os saiotos e sobrecapas de palha com que os camponezes costumam resguardar-se da chuva. Cada festa religiosa é igualmente ensejo ou pretexto para uma feira (*ichi*), quasi analoga no aspecto exterior ao *matsuri* ou festival, predominando n'uma e n'outro os folguedos sobre as cerimoniaes religiosas. O *matsuri* é especialmente caracterizado pelo cortejo de *mikoshi* ou palanquins sacros em que se suppõe que as divindades festejadas descem a tomar lugar. A feira distingue-se pela venda de objectos symbolicos da divindade ou da tradição commemorada.

Nem todos os brinquedos de hoje possuem mais, infelizmente, a perfeição da mão d'obra e o aprimorado do gosto dos que se veem actualmente nos museus onde o Japão trata de colleccionar o seu passado, e nas lojas de bugigangas onde o estrangeiro, corre a abastecer-se de objectos curiosos. A fabrica anniquila a officina domestica e o numero infallivelmente destroe a qualidade. Antigamente os petrechos de qualquer jogo eram ver-

dadeirasas joias d'arte. Para a péla de vento por exemplo (o *foot ball* japonês não foi absolutamente imitado do inglês), as bolas eram de camurça coberta de lindos desenhos e guardavam-se n'uma caixa de cedro ou de sandalo com grinaldas de flores em relevo e a côres, a qual por sua vez se accommodava n'um cesto de finissima palha, caprichosamente tecida. Hoje procura-se fazer barato, e o que necessariamente avulta é a obra de fancaria, mas esta mesma parece sempre no Japão original e graciosa, como que trazendo estampada a vivacidade do elemento popular que a produz e a patrocina.

Como tudo mais no Japão, os brinquedos também são, sem falhar, symbolicos. Vemos espetada n'um cabo de bambú uma barca de papelão mal pintada e bem carregada de cousas diferentes — saccas de arroz, gallos, peixes, cogumellos etc. É *takara-bune*, a barca da fortuna, symbolica dos desejos do offerente. Na festa nocturna de Tori-no-machi, em Dezembro, ostentam-se nas barracas renques de uns singulares ancinhos que em vez de folhas seccas, tivessem apanhado em seus dentes uma infinidade de cousas uteis e boas. Esses ancinhos, encimados pelos bandós chatos, as gordas bochechas e a boquinha risonha da deusa Okamé¹, são os *kumade* symbolicos da prosperidade que vos espera no novo anno. Ao canto das casas japonezas ou sobre a prateleira que sustenta o altarsinho familiar, enxergamos algumas vezes uma grotesca e disforme cabeça de papelão, com um olho vasado. É a de Daruma, sacerdote indiano cujas pernas apodreceram na inacção em que o mergulhou a contemplação philosophica. No Japão fizeram-na emblematica da pouca fortuna que no anno cadente haja sido dispensada á familia: si a boa fortuna voltar no anno seguinte, a cabeça recobrirá o olho perdido.

Far-se-hia um oitavo de 500 paginas sómente com a enumeração de todos os symbolos, de todas as crendices, de todas as

¹ O seu nome completo é *Amano-uzume-no-mikoto*.

creações imaginativas d'esta gente. Quando o arroz desponta, espetam-se pelos campos bambús com orações escriptas em tiras de papel, para que seja abundante a colheita. Não ha paiz onde sejam mais communs os fantasmas e avejões. Aos olhos do povo pullulam nos bosques, nas margens dos rios, nas encruzilhadas, lembrando um crime, rememorando uma tragedia, predizendo uma catastrophe, fluidos como a nevoasinha branca que quasi sempre tolda o horizonte japonez. O nado dos peixes dourados nas aguas turvas dos tanques não está isento de presagios, como o não está o vôo dos milhafres acima dos topos dos maiores gigantes vegetaes. A formosura e ao mesmo tempo a inconstancia d'esta natureza caprichosa, de surpresas atmosfericas e subterraneas, geram a jovialidade e a superstição do povo. O isolamento insular só podia haver alargado o quadro da sua fantasia. Demais a antiguidade tantas vezes secular povoou-lhe insensivelmente a memoria de lendas e de tradições.

De commum com todos os povos orientaes, especialmente com o chinez, teem os Japonezes a grande veneração pelos seus mortos, que é uma prolongação posthuma e tanto mais apreciavel do sentimento de familia. Todos os annos, no meado de Julho, ha uns dias dedicados aos mortos (*Bon-matsuri*) analogos ao nosso dia de finados. Em vez, porem, de irem simplesmente aos cemiterios levar flores, queimar incenso e chorar sobre as lousas que recobrem os restos mortaes dos que se foram, os Japonezes, com o seu feitio optimista, acreditam que os espiritos veem visitar os vivos. N'esta persuasão accendem fogueiras, lanternas e archotes para aclarar-lhes o caminho; enfeitam com esteiras novas e plantas symbolicas os altares familiares onde se dependuram as taboinhas com os nomes dos defunctos; preparam mezasinhas com comida envolta em folhas de lotus, a flôr emblematica da eternidade, para uso dos ethereos visitantes; offerecem-lhes cavallinhos de palha de arroz para elles montarem e bois da mesma palha para trabalharem para elles; lançam rio abaixo e no mar pequeninos barcos carregados de provisões

para a viagem de regresso dos queridos ausentes á região eterna.

Não ha porem maior festa nocturna, si bem que menos respeitavel, do que a que apresenta continuamente nas cidades japonezas o bairro fechado da prostituição, o qual é em Tokio o decantado Yoshiwara, desde o momento em que se accendem todas as lanternas que, em filas regulares, ornam as varandas cerradas de cada um dos trez andares das casas de prazer. Rentes com a rua, as lampadas electricas, introduzidas com o resto do progresso occidental, inclusive os males venereos, fazem brilhar d'um tom espalhafatoso os dourados muito novos das *fusumas* e dos biombos, forrando as gaiolas onde as pobresinhas das *musumés* da vida pouco airada ostentam os seus vistosos trajes de seda, cujas caudas roçagantes e multicores lhes emprestam semelhanças com as aves do paraíso, tão communs entre os motivos da arte japoneza.

Gaiolas é o termo rigorosamente exacto, pois que uma grade de madeira separa da rua aquella pomposa, mas triste, e aparentemente tão decente que chega a não ser quasi immoral, exhibição de bonecas muito vestidas e muito penteadas, com o *obi* armado para a frente n'um grande laço elegante em vez de ser dobrado nas costas como mochila, e o cabello crivado de compridos préegos de ouro e de tartaruga que formam um resplendor a esses *tennins* decahidos. E si ellas nos lembram os anjos fe-meas do ceu buddhista, frequentemente figurados no tecto dos templos com suas longas vestes fluctuantes, tangendo instrumentos musicaes; os forasteiros de olhos azues, barbas louras, halito alcoolico e pragas obscenas, que rodam concupiscentes em volta das gaiolas, não lhes lembrarão a ellas os *tengús* ou espiritos malignos, de nariz pontudo e roxo, que se propiciam com offertas e rezas, e os demonios de cabellos vermelhos que uma vasilha de *saké* fumegante attrai do fundo do mar e, sorvendo o liquido a grandes tragos, se embriagam e deixam destruir?

Nunca, em parte alguma se me apresentou menos repugnante, mais despida de prazeres e mais melancholica a existencia da

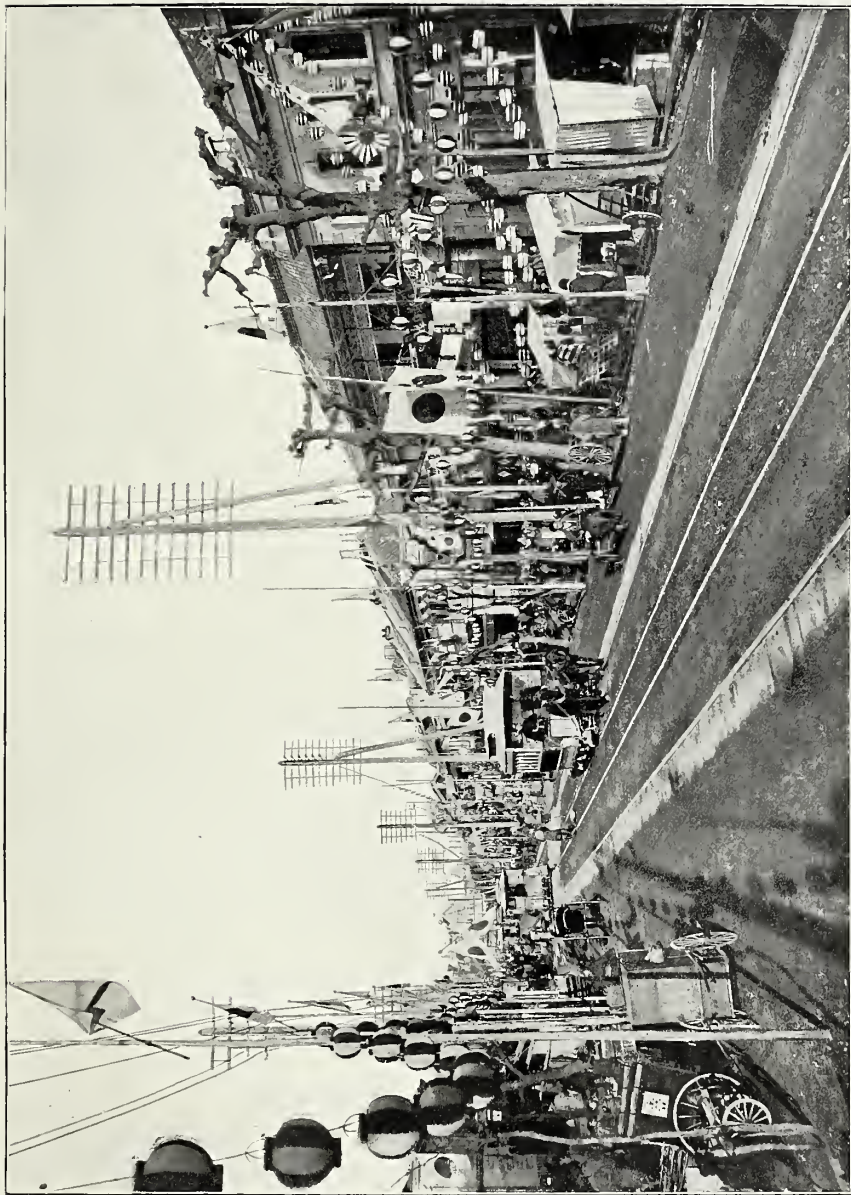
cortezã. Para ella só, não é o anno no Japão uma festa continuada, como o é para os demais, pois que por este lado não ha povo mais feliz do que o japonez. O primeiro de Janeiro, primeiro dia do anno solar segundo o novo calendario officialmente adoptado no Japão, e apenas ignorado em provincias afastadas, é talvez a maior festa do anno porque é festa para todos. Antes d'essa data fazem-se os balanços de contas, o que para muitos explica a frequencia em Dezembro dos incendios, proverbias no Japão, onde as construcções de madeira, materia facilmente inflammavel, o habito constante de fumar, os tremores de terra lançando ao chão lampadas de kerosene, e o perigo de todo momento do *kotatsu* ou recipiente de cinzas e brazas collocado n'uma cavidade aberta no soallio da casa, com esteiras ao redor e até em cima — pois que os Japonezes dormem de inverno sobre o *kotatsu* — são de resto razões sufficientes para justificar a repetição d'aquelles sinistros.

Uma vez terminadas as liquidações, ou a par d'estas, procede-se á limpeza a fundo e á decoração symbolica das habitações. A limpeza dos interiores japonezes é tão minuciosa que um manto de côrte de quatro jardas de comprimento, como os usados pelas senhoras nacionaes e estrangeiras na recepção do Anno Bom na Côrte, o qual durante duas horas se arrasta por salões e corredores sem fim, chega a casa perfeitamente limpo, sem uma mancha nem um resquicio sequer de poeira. A decoração interior, que de ordinario consiste em collocarem-se no *tokonoma* ou alcova dous ou trez objectos d'arte particularmente apreciados dos amigos que se esperam, comprehende no dia primeiro do anno, alem dos emblemas identicos aos usados fóra de portas, uma bandeja sobre pés com diferentes guloseimas e os tradicionaes *osonai* ou bolos crús de arroz. Os visitantes provam das guloseimas e bebem uma taçassinha de *toso* ou delicioso *saké* doce, especialmente preparado com cannela para a celebração da data festiva.

A decoração exterior obedece toda a certas prescripções e

superstições. A corda trançada, atravessada na entrada com palhinhas de arroz, raminhos de *urajirô* — que é uma planta de folhas verdes por cima e esbranquiçadas na parte de baixo — e *gohei* dependurados d'ella, conhecemol-a como um emblema sacro dos templos xinto e destina-se n'este caso a afugentar os espiritos maus. N'este mesmo intuito são as habitações percorridas por grupos, geralmente de cinco individuos, dos quaes um toca um tambor amarrado com cordas, outro um pifano e os restantes, mascarados, executam certos trejeitos e passos de dança, uma dança sempre monotona e estranha, porque visa a reproduzir ao vivo passagens de lendas para nós desconhecidas. Um dos mascarados, envolto n'um manto de panno verde, traz dependurada ás costas uma enorme cabeça de leão, feita de papelão, a qual de quando em vez enfia, fazendo mover suas fauces em todas as direcções do aposento, como que para triturar os demonios voejando pelo ar e tontos com o exorcismo.

Aos dous lados da entrada da casa espetam-se no chão grandes ramos de pinheiro atados conjunctamente com trez bambús cortados direito ou diagonalmente, em feitio de lança: symbolo o pinheiro de longa vida, e o bambú de robustez. Enfiadas de laranjas (*dai-dai*), fazendo vezes de grinaldas de flores, symbolizam a fecundação e perpetuação da familia. Tambem a lagosta, emblema da longevidade pela sua corcova semelhante á senil, ostenta-se no centro das armações floraes collocadas no alto das cancellas, e vende-se, coitadinha, cozida, muito vermelha e muito appetitosa, em largos tableiros forrados de galhinhos de pinheiro, nos *ichi* que no fim do anno se tornam ainda mais amiudados e animados. Barraquinhas e barraquinhas n'elles vendem exclusivamente as raquetas de madeira, com pinturas d'um lado e no outro retratos de actores ou scenas dos dramas em voga, figuradas a seda em relevo, as caras e mãos de papelão pintado, com as quaes as crianças nas ruas, carregadas de pó de arroz e envoltas nos seus *kimonos* novos, de côres e desenhos muito carregados, jogam ao volante desde pela manhã do grande dia.



Rua principal de Tokio (Ginza) em dia de Anno Bom.

O jogo absorve-os tanto que mal se afastam á passagem dos *landaus* magnificos que ao largo trote da sua parelha australiana, com dous *betto* seguros atraz ou correndo ao lado da carruagem, transportam os principes de sangue e os grandes do Imperio para suas visitas de etiqueta, começadas ás oito horas; dos *kuru-más* enfeitados com uma pelle de tigre, carregando funcionarios emproados nas suas fardas européas e chapéus armados de muitas pennas brancas, bonzos com sobrepellizes de gaze roxa e ricas estolas douradas, sacerdotes xinto de barretes conicos, guapas rapariguinhas em todos seus arrebuques, de *kimonos* de um cinzento azulado, gollinha vermelha, sobrecapa lilaz e flores de papel na cabeça, todos na faina das felicitações; das carroçinhas de mercadores ambulantes, de macarrão, de *mochi* ou bolos de arroz, de arroz de festa, cozinhado com caldo de feijão; dos officiaes do exercito, muito agaloados e muito condecorados, ao passo dos seus animaes de sella, acompanhados por um pagem a pé que lhes segura o cavallo em quanto elles fazem, dentro das casas dos superiores ou dos amigos, suas saudações profundas, dobrados em dois, esfregando as mãos ao longo das coxas e resmungando os *ô medetô*, formula nacional dos parabens.

O trabalho acha-se completamente suspenso, mas no dia immediato as primeiras entregas de mercadorias fazem-se em carroças todas decoradas de bandeiras e flores, puxadas por cavallos ajaezados de vermelho e dourado e incommodamente recobertos de faixas, fitas e outros ornatos. Os culis, mettidos nas suas blusas azues com os grandes hieroglyphos brancos nas costas que significam seu nome ou o do patrão, levam atados em volta da cabeça, em vez dos usuaes lenços brancos, lenços encarnados de um tom verdadeiramente festivo. Toda a gente tem um ar distrahido e prazenteiro, de quem não se despede com saudades do anno que acabou porque sabe de antemão que vai recommençar, com os trabalhos da vida, um periodo de folganças, tanto mais suggestivas quanto são sempre as mesmas, aguardadas com gosto e concluidas sem ranço. Com effeito, assim como ha festas

para todos os paladares e para todas as occasiões, ha igualmente festas para todas as idades.

Nem podiam ficar esquecidas as crianças, cuja existencia por si só é uma festa de todos os instantes, no Japão sobretudo, que Sir Rutherford Alcock baptizou com razão, ha quarenta annos passados, o paraizo dos meninos. Para estes, realmente, reservam os Japonezes, homens e mulheres, moços e velhos, o melhor quinhão da sua ternura. Elles tambem o merecem amplamente, porque não ha crianças mais adoraveis do que as japonezas. O melhor elogio, a melhor recommendação que as mulheres d'este povo podem receber de um observador, reside no espectáculo das crianças que educam: doces, meigas, sinceras, confiadas, ignorantes de caprichos, de falsidades e de perfidas dissimulações, fazendo quanto querem, agindo sempre sem coacção e comtudo polidas, deferentes, compostas, dignas e até abnegadas.

D'este modo pelo menos as adivinhamos pelas apparencias, que sabemos não nos enganarem, porque assim as descrevem aquelles que as conhecem melhor. Sendo pois crianças que dão mostras de qualidades varonis, não as ha comtudo mais infantis, mais engraçadas, mais petulantes, mais risonhas, mais mimosas, quasi diriamos mais bonitas, desde os primeiros annos, com seus longos *kimonos* sarapintados, de immensas mangas pendentes que lhes dão aspectos de borboletas, suas cabeças meio raspadas, com corôas, tufos, franjas e outros desenhos capillares, e seus olhinhos curiosos e seguros de quem não teme reprehensões, nem castigos, nem sequer ameaças, sentindo-se protegido pelo amor dos seus e pelo carinho de todos. Devem por força ser excellentes as mãis que criam taes filhos, e a educação d'estes é de facto o trabalho capital das mulheres japonezas. Os cerebros são recheados nas escolas, mas os corações são ageitados nas familias. As crianças nascem de certo com as disposições benevolas, si bem que altivas, da raça, e o meio só pode contribuir para desenvolvê-las. A influencia immediata que sobre ellas se exerce é porem a maternal, minuciosa, diligente e affectuosa.

Na esphera domestica a Japoneza reina até certo ponto suprema. Dirige sua casa, dirige seus filhos, dirige até os filhos illegitimos do marido, ainda que as *mekakés*, que não são absolutamente pessoas deshonestas, vivam debaixo do mesmo tecto. Nem se deve enxergar n'esta cohabitação, que aliás só se dá ou dava nas classes altas — as concubinas são praticamente desconhecidas entre o povo — uma prova de immoralidade nacional. Verifica-se apenas uma differença na organização da familia. A sua organização não é por isso menos respeitavel do que a nossa: é tão sómente menos hypocrita. O interior japonéz é até um modelo de ordem e decoro. A accidental sujeição dos bastardos á esposa legitima constitue um acto de respeito, não uma imposição affrontosa.

A grande festa dos rapazes é a 5 de Maio, quando as carpas vermelhas e negras entram a balouçar-se nos seus mastros sobre todas as povoações japonezas. N'esse dia exhibem-se nos lares os brinquedos masculinos, as figurinhas de guerreiros, as antigas armas de guerra nacionaes, tudo quanto lembra heroismo e valor. No dia 3 de Março, quando tem lugar a grande festa das meninas, são os bonecos representando o Mikado e sua côrte, suggerindo portanto distincção e cultura, os que, de ordinario propriedade da familia por varias gerações, são adrede extrahidos do *kura* ou armazem incombustivel onde se arrecadam por segurança os thesouros artisticos da casa, para fazer o deleite das pequenas. Em estando entretidas e satisfeitas as crianças, o seu contentamento propaga-se a todo o lar, tinge toda a casa, penetra toda a familia. Estou convencido de que o Japão dá a sensação de ser um paiz tão prazenteiro porque n'elle são as crianças tão inteiramente felizes.

CAPITULO VI.

A CONDIÇÃO DA MULHER.

Não é facil tratar, ou melhor, qualificar a condição da mulher no Japão. Por um lado é infeliz, porque a mulher não é emancipada, no sentido europeu, quero dizer, occidental da palavra; por outro, porem, é grata, porquanto a sua sujeição é doce e voluntaria, e tempera-a uma larga dose de ternura conjugal. Provam-no a expressão theorica e a applicação corrente das relações conjugaes. O theologo Hirata, um dos mais illustres resuscitadores do credo xintoista e um dos mais efficazes factores intellectuaes da restauração do Mikado, escrevia na primeira metade do seculo passado que todo aquelle que venerar os antepassados possuirá as virtudes maximas para um Japonez e para a sua religião tradicional: «será fiel ao seu principe, leal com seus amigos, e bom e affectuoso (*kind and gentle*, reza a traducção do sñr Aston) para sua mulher e filhos.»

Segundo a moral chinesa — e o influxo d'esta moral e em geral de toda a cultura chinesa foi poderosissimo depois do estabelecimento da cõrte de Yeddo, no seculo XVII — a affeição deve ser o caracteristico das relações entre marido e mulher, um dos cinco laços sociaes sobre que, conjunctamente com o exercicio das cinco virtudes — bondade, rectidão, decencia, illustração e boa fé — assenta o edificio ethico. A doutrina confuciana nunca foi pois mais seguida do que então, sendo mesmo o desenvolvimento da moral pratica o traço que principalmente distingue essa epocha tão impregnada de força, que fabricou para a alma japoneza o seu molde



Festa das meninas.

mais duradouro, o qual eu chamaria perfeito e definitivo si sómente não fosse humano, mas em todo o caso um dos mais isentos de imperfeições e dos dotados de mais condições para perpetuarem-se. Avalia-se da rigidez de fibra de um character pelo desprezo da vida, e a vida passou a nada valer com o sacrificio da honra. Semelhante feição continua a fazer parte do character nacional, sendo devéras notavel a sua crystallização quando, conforme observa Aston¹ com razão, a comparamos com a meiga influencia buddhista a que o Japão esteve por longo tempo sujeito, e com a velha alma retratada na litteratura suavemente sentimental da era classica.

O dominio sobre si proprio constitue o complemento natural d'aquella virtude — a coragem — quando fundamental e não simplesmente apparatusa. Já vimos assaz que tal dominio é um dos predicados do homem japonez. Tambem o é em grande escala (todos o reconhecem) da mulher japoneza. No seu caso, comtudo, denota esse dominio outra cousa mais do que um supremo requinte de polidez. Denota, não obstante uma relativa liberdade de movimentos, em extremo apreciavel no Oriente, e muito carinho domestico, a effectiva escravisação das almas femininas ao elemento masculino da familia: pai, irmão, marido, sogro e filho.

A mulher domina-se por humildade ou antes respeito, mas domina-se igualmente por cortezia. O que é aliás o respeito senão uma forma superior da cortezia? Nem as boas maneiras no Japão são apanagio de um sexo ou de uma idade: pertencem aos dous sexos e cabem a todas as idades. O interior japonez é uma escola pratica de todas as civilidades, como é uma escola modelo de todos os affectos. Nas mulheres por certo as boas maneiras são ainda mais seductoras, porque se lhes junta o encanto proprio d'ellas e uma proporção muito maior do que Miss Bacon chama *thoughtfulness of others*, e que é o altruismo applicado aos deveres mundanos. Nas relações familiares, tal contemplação chega á dedicação.

O devotamento das mulheres japonezas é legendario, como tudo mais n'esta terra da qual as legendas formam parte integrante, por-

¹ *Japanese Literature*, pgs. 230—231.

ventura a melhor. Para illustral-o encontram-se exemplos, historias, lendas que não acabam e se estendem dos *Kojiki* aos mais modernos textos. Um dos mais conhecidos episodios typicos de devotamento feminino é o de Tachibana-Hime que, para aplacar a furia horrivel do deus do mar, se lançou ás ondas do alto do junco no qual seguia seu esposo Yamato take-no-mikoto, despachado contra os barbaros aborigenes do archipelago. As imitadoras antigas e recentes d'esta heroína celebre são ás centenas, si bem que nem todas attingam igual notoriedade. E' entretanto conhecidissimo o caso da rapariga de Tokio que, por occasião do attentado contra o Czarewitch, se suicidou atirando-se sob as rodas de uma locomotiva, offerecendo-se como victima expiatoria do crime nefando, e no intuito de desvanecer com o holocausto da sua vida o profundo desgosto do Mikado pela quebra atroz de hospitalidade.

Si na sua esphera particular, que é o lar, reina a Japoneza sem disputa, assim acontece sem duvida por virtude da fascinação exercida pelo sacrificio, que a torna mais inabalavelmente querida do que poderia tornal-a a fragil ascendencia amorosa. Tanta e tão inconfundivel gentileza d'animo está de seguro sendo ameaçada em certa classe pela educação de orientação estrangeira, incompativel com o outro ideal. No terreno em questão as velleidades revolucionarias que produzir a mudança de ideal, prognosticam todavia a possibilidade de uma consequencia util, consistindo na elevação da condição social da mulher, a qual, á luz da civilização, não pode digna nem proveitosamente continuar a ser de sujeição moral e de obediencia passiva. O feminismo está por isso destinado a representar um problema importantissimo da nova vida japoneza, por mais que nos custe acreditar que essas creaturinhas risonhas e delicadas possam nunca vir a desmanchar a sua compostura ultramodesta com exigencias e reivindicções. O movimento far-se-ha independente da grande maioria d'ellas; far-se-hia mesmo contra ellas, e com certeza virá o feminismo a ser o campo em que mais estrenuamente se combaterão, com argumentos e com leis, as tendencias conservadoras do velho regimen e as preferencias pro-

gressistas do espirito novo, quando para semelhante assumpto volver sua irrequieta attenção.

A mulher antiga possuia suas poderosas attracções, a que os estrangeiros mesmos não são esquivos, e que aos Japonezes devem parecer irresistiveis; mas a mulher moderna (si é que tal expressão pode ser usada com relação á Japoneza dos nossos dias) tambem possui as suas seducções, por mais que o desembaraço e a garridice destõem do velho ideal familiar. Tanto assim é que a influencia das *geishas* — raparigas educadas desde pequenas a serem amaveis e gentis, a entreterem, fascinarem e, quando Deus quer, peccarem — é frequentemente exercida sobre os seus admiradores ao ponto de contrahirem casamentos excellentes, que até as hão conduzido aos salões do Palacio Imperial. Ha mesmo quem diga que d'aqui em deante a rapariga de familia que pretender agradar o sexo feio, cujo gosto o europeianismo sempre diversificou um bocado sem que elle porventura se desse conta bastante da mudança, terá, para corresponder a esse gosto que um velho samurai taxaria de *faisandé*, de tornar-se um pouco *geisha*, isto é, de cultivar mais a elegancia do vestuario, o mundanismo, a faceirice, com que os homens se deixam eternamente prender, em Tokio e Kioto, como em Paris e Nova York.

Todo o fito da mulher japoneza parecia ser passar despercebida, physica como moralmente, em belleza como em sentimentos. Chamar a attenção era uma falta capital de bom gosto. O *effacement* era a regra. E' sabido que só as meninas e as cortezãs vestem no Japão côres risonhas e vistosas. Tambem os antigos vestuarios de gala e os actuaes *kimonos* de casamento são pomposos e alegres, mas o traje usual de casa e de rua é invariavelmente de tons apagados e de uma elegancia mais do que sobria. Sem errar podemos reconhecer como *geisha* (pois que as cortezãs propriamente não podem sahir do seu bairro fechado) qualquer rapariga bem parecida que encontrarmos vestida com luxo e com affectação, attrahindo os olhares e provocando a admiração masculina, em vez de parecer visar e conseguir eclipsar-se.

A destruição das antigas separações de classe e a corrupção

da antiga moral que pelo menos em these era exclusivista e intratável, tornam naturalmente mais perigosa para a dignidade das familias a ascendencia das *demi-vierges* japonezas, que n'outros tempos tinham as suas funcções soçiaes mais definidas e circumscritas, das quaes não costumavam exorbitar senão no dominio da ficção, para ferirem a sentimentalidade d'este povo apaixonado e arrancarem a homenagem da sua compaixão posthuma. O suicidio por amor, praticado conjunctamente pelos dous amantes, o classico *shinju*, não é comtudo privilegio das *geishas* enamoradas de verdade, e muitas raparigas de familia a elle teem recorrido quando contrariadas em suas inclinações matrimoniaes, as quaes de ordinario passam sem ser notadas, quando existam, e não são por costume consultadas, sendo os casamentos commumente arrançados por intermediarios, como os que o nosso povo pintolescamente alcunha de «colletes curtos».

Os pais japonezes não teem porem por principio combater ou desprezar os sentimentos affectivos que possam germinar nos corações dos seus filhos e filhas, e só com razão ou cousa que tal lhes pareça oppõem-se a um casamento espontaneamente planejado e directamente concordado. O ciume da auctoridade é n'elles balançaado pela condescendencia do carinho. O modernismo das idéas nada tem a ver com isso; sim com os effeitos da educação que alterou as perspectivas. A mulher que, talvez impropriamente n'este caso, chamarei moderna, quando se não vir escolhida para esposa por um Japonez mais adiantado de idéas — e n'esta hypothese mesmo, quantas vezes não se concretizará n'uma desillusão a sua aspiração bebida n'uma cultura mais aprofundada? — permanecerá sem destino n'uma sociedade ainda toda ella civilmente organizada em vista do predominio exclusivo do homem.

Afóra o ensino nos estabelecimentos de instrucção que o Governo tem generosamente provido para os dous sexos, o serviço como enfermeira nos hospitaes, e o serviço domestico, onde aliás o homem lhe faz immensa concorrência, a mulher japoneza quasi não encontra actualmente occupação para a sua intelligencia e actividade além da esphera caseira. N'esta já disse, seguindo o testemunho dos que

melhor conhecem a familia no Japão, gosa ella de muito respeito e affecto, ganhos individualmente pela sua docilidade, meiguice e abnegação e não pelo seu simples caracter de esposa e mãe. Entre as classes inferiores chega mesmo a gosar praticamente da confiança plena do marido, a quem ajuda material e moralmente no trabalho dos campos, na venda das mercadorias e nas artes industriaes. A serva eleva-se a companheira.

A acção feminina no Japão está longe de traduzir-se por paginas em branco, mas é em extremo difficil discriminall-a e descrevel-a. Não existe infelizmente — e quando existisse, quem, no Japão dos Xoguns, pensaria em usal-o? — um instrumento de precisão que tivesse podido registrar a influencia discretamente exercida pela dogura innata e calculada da mulher sobre o caracter nacional na sua propensão de povo bellicoso para o desamor e a crueldade. Provavelmente houve que ser limitada n'este terreno a sua acção, mas não é positivo que assim haja sido. Quem sabe si, sem essa influencia, não teriam os Japonezes sido muito mais deshumanos? A deshumanidade está, na psychologia de um povo, em razão directa do seu destemor, por mais que escreva o moralista nacional Kiuso que a bravura tem suas raizes na bondade do coração e que nasce da *sympathia*. O facto é que a bravura, por mais respeitaveis e legitimis e dignos que sejam os motivos que a impellem, a menos de ser passiva não logra satisfazer-se por meios brandos, e que os meios violentos fatalmente coagulam o «leite da ternura humana».

Ora na alma japoneza, endurecida n'uma constante vibração de lucta, falta visivelmente o elemento da compaixão pelos fracos. Existe n'ella pelo contrario a feição espartana da admiração incondicional pela robustez e do desprezo pela debilidade, a qual chega até a assumir o aspecto de inconsciente crueza com os animaes. No moral a superstição da equidade tudo prima. Conta-se¹ de um famoso juiz do tempo dos Xoguns de Yeddo, por nome Itakura Shigehida, que costumava sempre ouvir as partes occulto por traz

¹ Hakuseki, *Hankampu* ou *Historia dos daimios do Japão de 1600 a 1680*.

de um biombo e ralando n'um pequeno moinho de pedra o chá, que os Japonezes das melhores classes tomam, como os Turcos o café, em pó n'uma infusão d'agua moderadamente quente. O biombo tinha por fim impedil-o de ver as physionomias dos litigantes e, assim, insensivelmente decidir pelos impulsos espontaneos da sua sympathia ou antipathia; o moinho tinha por missão accusar pela firmeza ou tremor da mão si o coração do juiz se achava ou não commovido, ennevoadá portanto pela emoção a clareza do seu juizo. Si por acaso a mão vacillava, o julgamento ficava differido para occasião de menos nervos.

A equidade, porem, não é misericordia, e a misericordia passa com justa razão pela flor por excellencia do espirito humano. Ella não podia todavia brotar viçosa de semelhante solo. Os seus rebentos seriam forçosamente duros e espinhosos como o cacto que cresce nos terrenos seccoos e pedregosos, abrindo comtudo uma flor tão exquisita e formosa como o é a lealdade entre as virtudes. As folhas do cacto accumulam agua na sua contextura. Tampouco é sem orvalho a alma d'esta gente. Dous obstaculos com effeito levantaram-se á completa petrificação da alma japoneza sob o jorro salino que a regava: a larga cultura, pois é preciso nunca esquecer que entre os samurais a arte da guerra era tão cultivada quanto a arte do governo e as letras em geral, e que o periodo da paz foi tambem o periodo do estudo febril e da producção febril, e o influxo feminino, que para lograr exercer-se com resultado contra tamanhas desvantagens, suppõe mulheres instruidas, dedicadas e de iniciativa, como effectivamente eram para uma sociedade como a do Japão recluso as mulheres dos samurais. Tratando muito embora do novo Japão, é impossivel deixar-se de fallar a cada passo dos samurais, apparentemente uma lembrança do passado, porque de facto são elles ainda o cerebro e os nervos como foram outr'ora o coração e os musculos da nação.

Logo, a mulher impoz-se pela suavidade, e d'ella dimanou suavidade, amaciando os contornos do character japonez. Assim pelo menos é muito de suppor, si bem que seja incomparavelmente mais facil verificar o occorrido do que suspeitar com veracidade o que

deixou de occorrer. O seu influxo tanto parece haver sido uma realidade que a litteratura a discute e enaltece no mesmo grao que o homem, e que ella gosa, fóra do lar, como mulher, de uma somma de consideração unica em paiz oriental. Esta consideração deve-a certamente em grande parte ás suas altas qualidades moraes, mas em boa parte tambem ao seu encanto essencialmente feminino, pois que, si está longe de possuir formosura de traços ou belleza de formas segundo o canon grego, possui no emtanto uma graça modesta que é summamente captivante, e uns modos affaveis e attrahentes que frequentemente contrastam (escusado dizer si favoravelmente) com as maneiras bruscas, ruidosas e prepotentes de muitas senhoras da moda em paizes occidentaes.

O Christianismo, si suas predicas viessem a encontrar acceitação maior, poderia ser de uma cooperação bemfazeja para o estabelecimento sobre solidas bases da influencia social, não só familiar da Japoneza. O Buddhismo prescreve á mulher uma posição irremediavelmente inferior, desde o momento que lhe nega o direito á immortalidade, sendo necessario, para alcançal-a, que a alma da mulher se encarne n'outra vida n'um homem. Tambem a doce religião buddhista a estigmatiza como a grande tentadora e a grande corruptora. No paraizo terrestre da Biblia foi igualmente a mulher a tentadora, agindo porem sem discernimento, enganada pelas perfidas fallas da serpente; e de resto o Redemptor não fez, para os effeitos do resgate, differença entre os sexos. Perdoada como o homem, ella possui os mesmos direitos á bemaventurança. Depois, o Christianismo, que, pode dizer-se, rehabilitou e elevou a mulher, condemna sem remissão qualquer costume que altere a monogamia e qualquer lei que rompa a indissolubilidade do laço matrimonial.

Ora, todos sabem que o divorcio era extremamente commum no Japão, partindo sempre do sexo forte, e que a redução do numero de casamentos dissolvidos é devida aos embaraços creados pela moderna legislação. Por seu lado o concubinato, posto que muito menos vulgar do que se diz, e por forma alguma reconhecido pelo novo Codigo Civil, o qual não mais admitte como herdeiro o bastardo, era recurso usado no Japão para o fim de perpetuar-se a

familia pelo sangue, mediante a perfilhação, quando se não queria recorrer á adopção de um estranho. Este reconhecimento acha-se entretanto presentemente vedado pela lei, com o que certamente lucrou a situação da mulher legitima, porque o concubinato, quando mesmo aconselhado pela principal interessada, como no caso biblico de Sarah e Agar, não pode ser praticado sem rebaixar a esposa, e esta, nos dominios do Mikado, si bem que a concubina ou *mekaké* não possuisse posição social, não sendo mesmo recebida, não tinha a força moral sufficiente para despedir concubina e rebento, como, nas barbas do patriarcha Abraham, procedeu com perverso egoismo a megéra da mulher.

A influencia do Christianismo, que não precisa nem deve ser imposto como fé fóra da qual não existe salvação, mas deve de preferencia agir mansamente, muito mais como doutrina ethica do que como credo religioso, pelo exemplo moral e pela persuasão viva e pratica, seria portanto proveitosa e benefica. Solidificaria a ascendencia ganha aos poucos pela Japoneza para conquistar para si propria uma real elevação de condição, tanto na familia, revestindo-a de uma auctoridade menos precaria do que a que descança sobre o carinho e a veneração, isto é, sobre uma base voluntaria e variavel de interior para interior; como na sociedade, abrindo-lhe caminhos por onde trilhar com afoiteza para ganhar honradamente sua vida e sahir da dependencia miseravel em que actualmente vegeta. E' verdade que ha paizes christãos em que a condição da mulher não é muito mais risonha, mas, pelo menos, essa inferioridade nos costumes provem da tradição de raça ou da idiosyncrasia do povo, não de defeito da legislação ou de um erro fundamental da concepção ethica. As Japonezas levam a vantagem de que quasi todas se casam, e se casam cedo, sendo rarissimos os celibatarios. Pode dizer-se que não ha mulher desprovida do apoio conjugal, e o encontro de uma mulher solteira, passada certa idade, suscita logo a pergunta insidiosa do motivo que a privou de encontrar marido.

No Japão é sobretudo entre as classes superiores ou educadas que a mulher está mais longe, muito mais longe, costumeira, legal e socialmente, de ser a companheira do marido com titulos iguaes.

á deferencia e consideração dos parentes e dos estranhos, que no marido reconhecem sem hesitação o senhor. A vista, frequentissima nas ruas das cidades e nos campos, de pais carregando ás costas os filhos e com elles passeando horas e horas como amas seccas, indica por contra bastante quão igualmente, entre o povo, participa o marido das occupações domesticas e familiares da mulher, a qual por este proprio facto se vê erguida da sua postura de humildade, e com voz activa nos negocios do casal.

Ha um lindo conto japonez em que, instigados pelos parentes a desherdarem e renunciarem um filho prodigo e brutal, o pai e a mãe, apoz annos de hesitações, accedem a convocar o conselho de familia e dispõem-se a proceder ao acto legal. Na occasião, todavia, de assignar-se o documento, o coração da mãe falla mais alto do que a submissão que lhe compete, e ella rebella-se contra o sacrificio, protestando querer ao seu filho, mesmo incorrigivel, mesmo perdido. O pai, que não pedia ao Ceu outra cousa senão fortaleza d'animo para resistir ás recriminações dos parentes, apoia calorosamente a attitude revolucionaria da mulher e põe termo ao consellio. A moral do conto está em que, tocado pela generosidade dos pais, o filho prodigo torna-se o modelo dos filhos: o extremo conseguiu o que não conseguiria a severidade. N'um casal de daimios as cousas ter-se-hiam passado com mais formalismo e menos effeito, porquanto é duvidoso si a esposa teria espontaneidade bastante para reagir, calcando aos pés toda a etiqueta.

No emtanto, si um dia levantasse o pendão da revolta contra as estreitezas sociaes, a mulher japoneza poderia apresentar titulos inestimaveis para justificar-a. Inteligente, ella o tem revelado ser tanto quanto o homem, luctando contra circumstancias adversas. Desde os tempos mais afastados da côrte de Kioto foi a poesia — uma poesia original, a unica expressão original até do genio japonez, posto que destituída de personalidade e de côr local — o seu campo favorito de producção litteraria, e os melhores poetas classicos do Japão foram poetizas. A cultura chinesa dos seculos XVII e XVIII fez murchar essa florescencia com o seu sopro utilitario, até que a reviveram os cuidados puristas e patrioticos dos *Wagakusha* ou

estudiosos da antiguidade japoneza; mas ainda hoje é a poesia um passatempo muito feminino. A Imperatriz, que é uma senhora de tão fino cultivo intellectual quão extraordinaria bondade, é a primeira a dar ás suas damas e ás donzellas nobres por cuja educação tanto se interessa, o exemplo do convívio com a Musa tradicional.

Si a mulher japoneza não apparece mais extensamente instruida, é porque, até ha pouco, a sciencia lhe andava vedada, e a sua educação não comprehendia mais do que, alem da poesia, a pintura, a arte culinaria, os deveres da mulher tanto familiares ou Moraes como sociaes ou de etiqueta, a economia domestica, os episodios heroicos, isto é, toda a historia nacional, e algumas frandulagens litterarias no genero de aphorismos conjugaes e maternas¹. A mulher que atravessa com proveito essa phase, posto que superficial, de preparação mental, mal pode comtudo ser chamada inculta, e o facto é que assim adquiria uma segurança do gosto e uma afinação do tacto feminino verdadeiramente notaveis. Tambem a rapariga criada para a vida de galanteria é objecto de cuidada instrucção ainda que de natureza diversa, sendo dada a primazia ás artes de aprazer e enfeitizar, como a musica, a dança e o vestir.

Moralizada, a mulher japoneza o é n'um certo sentido. O infanticidio, d'antes, segundo o testemunho do Dr Greene, commum em algumas partes do Japão, tornou-se raro, e n'um total em 1899 de 1,371,020 nascimentos, apenas registraram-se 82 crianças expostas. O adulterio é entre as classes inferiores peccado assaz frequente, mas que d'antes se punia com crueldade e hoje acarreta ignominia. Mesmo para a degradação publica, que é senão em menor escala, muito menos repugnante do que a occidental, não é fóra do commum encontrarem-se motivos nobilissimos, fundados por exemplo na devoção filial. Ninguem de boa fé que haja feito leituras sobre o Japão ignora que entre as reclusas dos bairros divertidos, das quaes muitas largaram o pudor por mero impudor, algumas se acham que venderam o seu corpo para acudir a necessidades pecuniarias dos seus pais, ou exigencias de seus maridos.

¹ Griffis, *The Mikado's Empire*, pg. 558.

Uma vez pagas suas dividas, essas mulheres voltam á vida regular e morigerada. No Japão ha muito mais ausencia de moralidade do que propriamente immoralidade. Os homens são naturalmente devassos, as mulheres naturalmente faceis, mas nem uns nem outras o são mais do que a gente européa. Pelo contrario, si a castidade na accepção occidental é menor no Japão, tambem é menor o vicio.

Diligente, que o proclamem a multiplicidade e arduidade da sua tarefa domestica. Corajosa, não podia deixar de sel-o no grao mais alto quem, como ella, andava afeita, entre o povo, a partilhar das agruras e perigos da existencia do marido e, entre a nobreza, a defender com a adaga a honra da sua casa. A delicadeza não exclue o valor physico, e a mulher japoneza, cujo valor moral anda provado por numerosissimos exemplos dos peores e mais penosos sacrificios — ao ponto que na ficção e no drama ella apparece mais vezes como martyr do que como sereia —, aprendia desde a adolescencia a apreciar e praticar o primeiro valor. A esgrima, que eu vi destramente exercida no palco por mulheres, em assaltos de armas no velho estylo, era uma arte ensinada ao bello sexo nos castellos e palacios onde em pequenas côrtes viviam, segregadas como dominicanas, ignorantes do mundo exterior, as esposas e filhas dos Xoguns e daimios, servidas pelas mulheres e filhas dos samurais, n'um continuo e quasi torturante aperfeiçoar da polidez das suas maneiras e do requinte dos seus estimulos.

Já se sabe que as circumstancias variaram muito. Já não ha senhores feudaes; já não ha leaes dependentes. Estes tiveram de ir procurar o sustento que lhes assegurava a liberalidade do senhor, no exercicio de outras, de todas as profissões. O horizonte domestico alargou-se com o desmoronar das antigas barreiras, mas este é o ponto em que principalmente as condições tradicionaes não mudaram o bastante para amoldarem-se ás novas exigencias. A *transição* está ainda muito aquem da *adaptação*. Si as damas não mais carecem de recorrer á defesa das suas espadas, tampouco usufruem da plenitude da sua liberdade. Por mais que o presente a este respeito continue a ser o passado, a mulher japoneza chegará no

entanto a occupar na sociedade (no sentido mais lato da palavra) o lugar que lhe compete e que, nos campos e pequenas officinas das cidades, insensivelmente adquiriu ha muito, graças ao nivelamento operado pelo trabalho. Nas farças japonezas mais antigas, os *Kiogen*, chega a ter entrada a mulher ciumenta, deante de quem se acobarda, treme e foge o marido culpado. Basta fallar em farças para significar que se trata de personagens populares. N'um *yashiki* o ciume seria silencioso e occulto, si é que tal sentimento se sentia auctorizado pela etiqueta a morder um coração de *grande dame*, para quem o mundo das paixões formava uma ignorada bo-ceta de Pandora.

Já agora as mulheres, que eram anteriormente educadas quasi mysteriosamente no seio das familias, dividindo emquanto solteiras os seus largos ocios entre as occupações caseiras e as artes amaveis e futeis, sem grande convivencia nem distracções no sentido europeu da palavra, passaram a ser educadas em escolas publicas, onde tambem aprendem a conhecer o mundo e descobrem que n'elle lhes competem direitos, não só deveres. N'uma palavra, no Japão como n'outras terras, a mulher está-se emancipando da tyrannia dos preconceitos e do jugo das theorias. Aqui, porem, a emancipação é uma conquista mais trabalhosa, porque tem de ir de encontro a muitissimos seculos de predominio de uma concepção radicalmente diversa, oriunda de uma raça psychologicamente avessa, e a uma infinidade de prejuizos, politicos, sociaes, religiosos, de toda especie.

Para o commum dos Japonezes a esposa é ainda uma serviçal mais do que uma companheira, digamos uma companheira subalterna e dedicada. Nunca penetrei na intimidade de uma familia japoneza, pois que é puramente official toda a sociedade nacional que o diplomata conhece, e o seu trato não passa igualmente demeticulosamente official, cortez mas rigido, sem calor nem abandono: o estrangeiro em geral, nem mesmo essa sociedade pode conhecer. Viajando, porem, em caminho de ferro, tem-se ensejo de observar até certo ponto o modo por que n'um casal japonez se acha estabelecida a reciprocidade de tratamento. Os Japonezes n'um trem de ferro, quando vestidos á japoneza — pois que, vestindo-se á européa,

julgam-se moralmente obrigados a imitar os Europeus — acreditam que o bilhete de passagem lhes confere todos os direitos, inclusive o de emporalharem o wagão, visto tratar-se de um invento occidental, antithese para elles da limpeza. No verão deitam-se quasi nús sobre os bancos, arregaçando sem pejo os *kimonos*; sacodem para o chão espinhas de peixe e cascas de fructas; roncam, arrotam e escarram, como só um Japonez sabe fazer essas trez cousas. As mulheres entretanto trepam para os assentos estofados e ahi se sentam modestamente sobre os calcanhares, assim mesmo adormecendo sem ruido. Os preguiçosos dos maridos, quando precisam de uma janella corrida ou de sorver um trago de chá, acordam-nas com um ligeiro pontapé, como si fossem animaes de estimação. O olhar affectuoso e meigo, os modos discretos e suaves d'essas esposas submissas contrastam singularmente com a grosseria — grosseria tão sómente para o nosso modo de ver as cousas — exhibida pelos consortes.

Quando se inverterão ahi os papeis, si é que algum dia se hão de inverter, pois tanta outra cousa se inverteu no Japão? De longa data possui a mulher japoneza todos os requisitos, que os passámos em revista, tornando-a merecedora de melhor sorte, em concordancia com o nosso ideal. O que lhe faltava era a applicação d'aquelles requisitos a uma esphera mais larga e mais nobre, e esta o novo Japão lh' a trouxe, trazendo ella por sua vez do velho Japão as qualidades que a fizeram essencialmente e superiormente feminina: a amabilidade, a gentileza, o espirito aberto pela instrucção, o devotamento, a actividade, o destemor, a lealdade, a consciencia do coração. Uma combinação das antigas virtudes com os modernos ideaes dará indubitavelmente um producto primoroso de intelligencia e de graça. As Japonezas perdem por certo plasticamente quando enfarpeladas com *toilettes* de Paris, mas nada perdem quando enfronhadas com as elegancias espirituaes da mesma procedencia. A sua inseparavel modestia corrige a petulancia, e a sua infallivel polidez emenda a arrogancia de algum modelo mais carregado e espalhafatoso.

A' mulher samurai, que foi nos tempos desaparecidos a mulher

representativa, caberá agora ser a regeneradora, consentindo que o espirito tradicional seja penetrado pelo espirito progressivo e simultaneamente vencendo-o, como o romano venceu o barbaro, ou o barbaro assimilou o romano. E porventura não são os Europeus aos seus olhos obliquos os Barbaros, barbaros de estranho aspecto e modos bruscos, capazes de tudo pilhar e tudo destruir como os Gaulezes que invadiram o Capitolio? Não procuraria a gente vinda do Occidente, si não fosse o respeito inspirado pela defesa japoneza, immolar com suas mãos pesadas e nodosas essa civilização fragil na apparencia, diamantina na consistencia, mesmo essa arte de fantasia realista e de inspiração naturalista, creada pela imaginação interpretativa dos effeitos contemplados e executada pelas mãosinhas, pequeninas e macias, cuja flexibilidade, agilidade e genio um escriptor da nossa lingua cantou com enthusiasmo communicativo n'um livro que é um hymno ao Japão, palpitante de toda a paixão erotica do velho lyrismo portuguez¹?

Mui raro será o escriptor estrangeiro que não haja entoados os louvores da Japoneza. Gabam-lhe uns o encanto physico: enaltecem-lhe outros a formosura moral. Ha mesmo quem se tenha esforçado por penetrar o segredo da sua formação psychologica. A mim a Japoneza fina, tanto quanto pude conhecel-a, lembrou-me sob mais de um aspecto a Brasileira antiga. E' a mesma senhora, não propriamente de sociedade, porque o mundanismo na sua accepção corrente não existia nem para uma nem para outra, mas da melhor educação social; essencialmente domestica, e n'esta esphera energica e laboriosa como nenhuma outra, si bem que os laboriosos do prazer a increpem de indolente; attenciosa, benevolente, caridosa para os dependentes, si para os demais tinha que mostrar-se indifferente. Alguns traços de energia masculina, occasionalmente de dureza, que possam apresentar na melhor camada, eram emprestados, a uma pelo meio militar, a outra pelo meio servil em que se criaram. A Brasileira moderna

¹ W. de Moraes, *Dai-Nippon*, Lisboa, 1897. O auctor é consul portuguez em Kobe, e escriptor de grande sinceridade de emoções e raro merecimento de expressão.

europeizou-se na mais larga proporção. No Japão o sol da europeização apenas bronzeou a camada de cima, o *dessus du panier*, e ali mesmo não sazonou bem os fructos. A natureza ou sequer a apparencia não variou. A Japoneza continuou a ser muito fidalga, quando a grande moda no Occidente é assumir maneiras plebéas; continuou a ser reservada, quando a moda é exhibir-se; continuou a ser discreta, quando a moda é fallar mal. Ella foi só a comprehender quanto a tolerancia do coração, não apenas da affectação, deve constituir uma virtude feminina.

Instrucção já vimos que a possuia nos tempos antigos, e n'este ponto differença-se das nossas avós. O moderno regimen tem sabiamente proseguido n'esta senda, offerecendo á mulher os melhores meios de extender seus conhecimentos. Abundam as escolas primarias, secundarias, normaes, até superiores, para o sexo feminino, e nenhuma ha sido mais desveladamente attendida do que a Escola das Meninas Nobres de Tokio, regida por varios profissionaes e dirigida por uma senhora japoneza que, depois de ter viajado e assimilado as boas feições da educação européa, a transplantou para o seu meio com uma intelligencia perfeita. Tive occasião de visitar detidamente esse estabelecimento de ensino, que em todos produz a melhor impressão. E' comparavel a qualquer estabelecimento europeu do mesmo genero. Não se ensina nas suas aulas a dança porque o cultivo d'esta prenda occidental seria de todo ponto inutil para uma menina japoneza. No Japão só as *geishas* aprendem a dançar para divertirem os homens. Ás senhoras finas não cabe semelhante papel. Por contra, as meninas nobres de Tokio aprendem musica — koto ou piano, á escolha —, canto, linguas, historia, geographia, arithmetica etc., pintura japoneza ou européa, á discreção, etiqueta e disposição floral (*so-kwa*); executam exercicios gymnasticos; praticam costura, bordado, cosinha, mesmo tratar dos doentes, dirigir a educação das crianças e empregar do melhor modo os criados; finalmente exercitam-se nas cerimonias do chá (*tencha*).

Não lhes parecendo bastante a instrucção adquirida na escola, com o fito de illustrarem o mais extensamente possivel o seu espirito, as damas japonezas da melhor sociedade de Tokio fundaram com

algumas senhoras americanas e inglezas o chamado *Getsu yo Kawai* (*Monday Club*) porque se reúne ás segundas-feiras, duas vezes por mez, em casa de qualquer das socias, com o fim de ouvir a conferencia ou palestra, proferida em inglez e depois traduzida para japonez, ou vice-versa, de algum nacional ou estrangeiro de distincção. No inverno de 1902 um dos professores japonezes da Faculdade de Sciencias da Universidade Imperial discursou por exemplo sobre a coloração dos insectos; o estadista conde Okuma comparou a condição da mulher na China e no Japão; o professor Baelz occupou-se da hygiene das habitações; o ministro da Allemanha descreveu a vida domestica de Bismarck; eu proprio fallei sobre o Brazil¹.

As senhoras japonezas entenderam, e muito bem, que assim, ao mesmo tempo que rendiam preito e praticavam a sociabilidade á occidental, empregavam melhor o seu tempo do que falando sobre modas e sobretudo sobre a vida alheia á roda da meza do chá e dos bolos. Quasi todas as senhoras da terra que comparecem n'essas reuniões, só ahí são vistas. As outras, que tambem frequentam jantares e saráos, fazem-no por motivo das posições que ellas proprias ou seus maridos ou pais occupam na Côrte ou na alta administração. A's conferencias não vão, todavia, por obrigação sómente: tomam prazer n'isso. E' de ver o interesse com que todas seguem a palavra do conferente, o sorriso gracioso com que recebem os seus toques humoristicos, a intelligencia com que acolhem as suas observações capitaes. Esta capacidade mental foi aliás o que sempre deu á mulher japoneza a sua superioridade sobre qualquer outra mulher do Oriente; foi, juntamente com o seu culto do lar e, mais do que isso, dos sentimentos do lar, que formam o arcabouço da psychologia japoneza, aquillo que a conservou digna, comquanto submissa, no meio de tanta degradação, não moral, mas familiar ou antes social, do seu sexo. Esta será tambem a alavanca da sua

¹ Vide a conferencia appensa a este volume, e em seguida outra conferencia, sobre os caracteristicos da litteratura occidental no seculo XIX, realizada pelo auctor no inverno immediato na *villa* do conde Okuma, em Waseda.

gradual elevação: discretamente, mansamente, como costumam fazer as cousas, ella chegará a reinar em igualdade.

Propositalmente não usei pela segunda vez da palavra emancipação, porque não traduz fielmente a verdade da situação. De facto, a mulher japoneza é quasi tão emancipada, na liberdade dos seus movimentos e mesmo dos seus sentimentos, quanto a européa. A vida futil de sociedade, como a comprehendemos, caracterizada pelas reuniões e bailes, certamente não existe para ella. O intercurso social tem aqui uma equação differente. As visitas são espaçadas e cerimoniazas, pouco tendo da franqueza que entre nós é a regra; os cumprimentos trocam-se infallivelmente, mas quasi que exclusivamente nas grandes occasiões, por motivo de nascimento, casamento ou fallecimento na familia; entre os parentes mesmo não me parece haver, a não ser entre pais e filhos, os mesmos laços de intimidade, quasi diria de affeição, que se notam entre Europeus. Não quero com isto dizer que os Japonezes não convivem nem se estimam¹; apenas significar que as suas relações sociaes e os seus

¹ Basta recordar, como prova d'esta estima, a quasi obrigação em que se acham os ricos de prover para o sustento dos parentes pobres, uma obrigação que não é exercida com enfado nem recebida com humilhação, deixando portanto de ser odiosa. Um Japonez abastado sente por tal motivo pesar muitas vezes sobre si uma enorme carga, indo mesmo a generosidade privada do povo demasiado longe para nossa concepção da economia domestica. E' a este chamado systema do *inkyō* ou reforma dos que se dizem invalidos, que alguns (entre outros o consul geral americano Bellows n'um artigo do *World's Work*) attribuem o atrazo da riqueza particular do paiz, resultante da limitada capacidade productora do trabalho. Elle constitue todavia uma especie de collectivismo pratico que torna sympathico o capital aos que assim se aproveitam da sua accumulacão. Por outro lado, inquestionavelmente, o systema favorece o descuido em poupar para a velhice e para fazer face aos contratempos da vida e á frequente derrocada familiar por motivo do desapparecimento do chefe da casa.

Os economistas nacionaes mencionam como uma causa de atrazo o costume dos pais retirarem-se dos negocios e virtualmente abdicarem da sua auctoridade quando ainda em plena maturidade, fazendo recahir o trabalho e as obrigações sobre os filhos. Calcula um publicista japonez em milhões o que para o patrimonio nacional fica annualmente perdido com aquellas aposentadorias de actividades. Tambem os abusos naturalmente derivados do *inkyō* — por mais sympathico que o systema pareça á primeira vista, por melhores fundamentos

sentimentos de parentesco e amizade não offerecem exactamente o mesmo aspecto. E' innegavel que os maridos japonezes são bondosos, trataveis e delicados, a seu geito, que está longe de ser dos peores, para com suas mulheres: entretanto a posição d'estas não é a mesma que no Occidente.

A Japoneza sente-se, comtudo, senhora por assim dizer dos seus passos. Si, quando casadas, se eclipsam muito, é porque a sua tarefa domestica é esmagadora. Em novas, ninguem as prende de rir e folgar. Não é raro encontrarmos bandos de trez e mais raparigas de escola, facilmente reconheciveis pelas suas *hakama* vermelhas, empregando o feriado em alegre excursão campeзина, por vezes bem distante do seu povoado ou cidade. O desembaraço dos seus modos, que todavia nunca altera a modestia do seu porte, immediatamente revela o habito da convivencia. Nada trai o invencivel acanhamento da reclusão. Desde os mais tenros annos, rapazes e raparigas criam-se na rua, ao ar livre, n'uma innocente promiscuidade de brinquedos, que lhes incute o tom da confiança, a qual chega mesmo para estender-se aos estrangeiros. Uma vez, nas margens do lago Biwa, photographámos um dos referidos grupos escolares, que a isso se prestou da melhor vontade com risadinhas affaveis, e regressámos no pequeno vapor do serviço do lago conversando todo o tempo, por intermedio do nosso interprete, com as cortezes meninas. Tendo-lhes mais tarde remettido provas das photographias tiradas, recebemos em troca os seus retratos e um quadro de figuras em relevo de algodão em rama recoberto de seda, por ellas feito de collaboração.

Com os annos volvem os tempos descuidados da juventude. Entre as velhas, já forras dos labores domesticos, tendo filhos e noras para servil-as, são communs as *parties de plaisir* a um dos

religiosos que encontre na doutrina buddhista, e por mais que contribua pela eliminação dos sobresaltos para o bom humor nacional — são obvios, tendendo a diminuir o prazer do protector no accumular bens, e a favorecer a ociosidade dos seus dependentes. E' evidente que existem excepções, e numerosas, para uma regra geral que se baseia tanto na tradição como n'uma das feições do caracter nacional.

jardins japonezes, mais decorados de rochas taes como as esculpiu a natureza, do que de flores ou mesmo de arvores, que algumas são escolhidas por espiritos para seu domicilio. Igualmente as vemos com frequencia, essas velhinhas desdentadas e enrugadas, de cabello cortado curto pela nuca ou rente e arrimadas a um bordão, n'um dos muitos santuarios em redor dos quaes é mais accessa a pagodeira ingenua.

Outro indicio de convivencia é a faceirice. Mesmo n'um harem a mulher não perde de certo o gosto de enfeitar-se, comquanto só seja vista pelo senhor e pelos eunucos. A faceirice da Japoneza é porem d'outra natureza: é a da mulher que não é obrigada a sahir á rua velada; a quem, de inverno, o *zuki* ou manta de crepe claro accrescenta um encanto; que, parecendo evital-o, provoca e deleita-se com o tributo prestado á sua gentileza por conhecidos e desconhecidos; que, como quem não procura o effeito, se arrebica para o publico e gosta que o publico o perceba. N'este intuito essencialmente feminino a Japoneza observa, retem e imita. Ella acha naturalmente grotesca a estrangeira de andar firme e largo, de feições accentuadas, de vestuario disparatado e vistoso, mas a curiosidade e a vaidade são mais fortes do que a antipathia e a estranhesa, e é com a mais detida attenção que examina todos os detalhes do seu trajar, que um bello dia imitará, sobretudo si pertencer á Côte, para que se não diga que o Japão está aquem da civilização e que só as Européas podem trazer espartilhos.

Ha uns dez ou quinze annos passados a copia era para certas classes de rigor, e o Japão, segundo me dizem, andava inçado de caricaturas vivas de mulhersinhas de busto chato, ancas esguias e pés virados para dentro, habituadas aos amplos e graciosos kimonos e aos *zori* ou sandalias de palha, contrafeitas em *costumes tailleur*, *jupes collantes* e botas de pellica de tação alto. Hoje, afortunadamente, voltou-lhes o bom senso, e a transição, salvas as excepções filiadas no decoro internacional, redundou em adaptação. A casquilha nacional não desdenha, muito pelo contrario, o invento estrangeiro, porem exerce sua selecção judiciosa d'aquillo que pode ajudal-a a parecer bem na sua linha de elegancia e no seu genero

de belleza. Engana-se redondamente quem pensar que a não preoccupa tanto quanto outra qualquer mulher o cultivo da garridice. Assim uma vez, n'uma estação de caminho de ferro do interior do Japão, a presença dos *ijin* (forasteiros) havendo como sempre attrahido enorme concorrencia de gente que boquiaberta os analysava, agglomerada deante das portas e janellas abertas da sala de espera, uma das senhoras do nosso grupo, afogueada com a soalheira da longa viagem de *kurumá*, refrescou a pelle do rosto com um pouco de pó de arroz, para isto servindo-se de uma boneca. Uma bonita Japoneza que de fóra enxergou o gesto não esteve com meias medidas: immediatamente adiantou-se e com o seu sorriso mais insinuante pediu á senhora européa para mostrar-lhe o preparado com que havia empoado a cara, indagando da sua excellencia e perguntando si era qualidade que se podesse obter nas perfumarias do Japão.

Tratava-se ahi justamente de um artigo cujos similares contam extenso consumo entre as Japonezas que, quando jovens e faceiras, adoram mascarar-se de branco, e para quem a alvura da pelle é uma condição essencial de formosura, tanto quanto o era em tempos passados o rosto oval, alongado e pallido, tido por caracteristico do typo aristocratico, assim como o rosto redondo e corado o é do popular. Si se tratasse porem de um chapéu com flores e plumas ou de um par de luvas de camurça, a curiosidade quiçá associar-se-hia com a hilaridade, visto estar a Japoneza decidida a persistir em ostentar descobertos os muitos, variados e tradicionaes penteados em que a cabelleireira lhe arranja duas ou trez vezes na semana a massa de cabello corredio, negro ou castanho escuro, com que a natureza a dotou, e, quanto a luvas, mais simples é ainda, quando o frio lhe põe roxos os dedinhos, esconder as mãos dentro das vastas mangas rectangulares, tomando attitudes de penguins enregelados, do que recorrer ás luvas de seda modernamente introduzidas. A Japoneza pessimamente disfarçada em figurino de Redfern é o symbolo de um sestro que passou. O emblema do dia é a Japoneza no seu garbo tantas vezes secular, mas com as vestimentas, outr'ora pomposas entre as classes elevadas, reduzidas

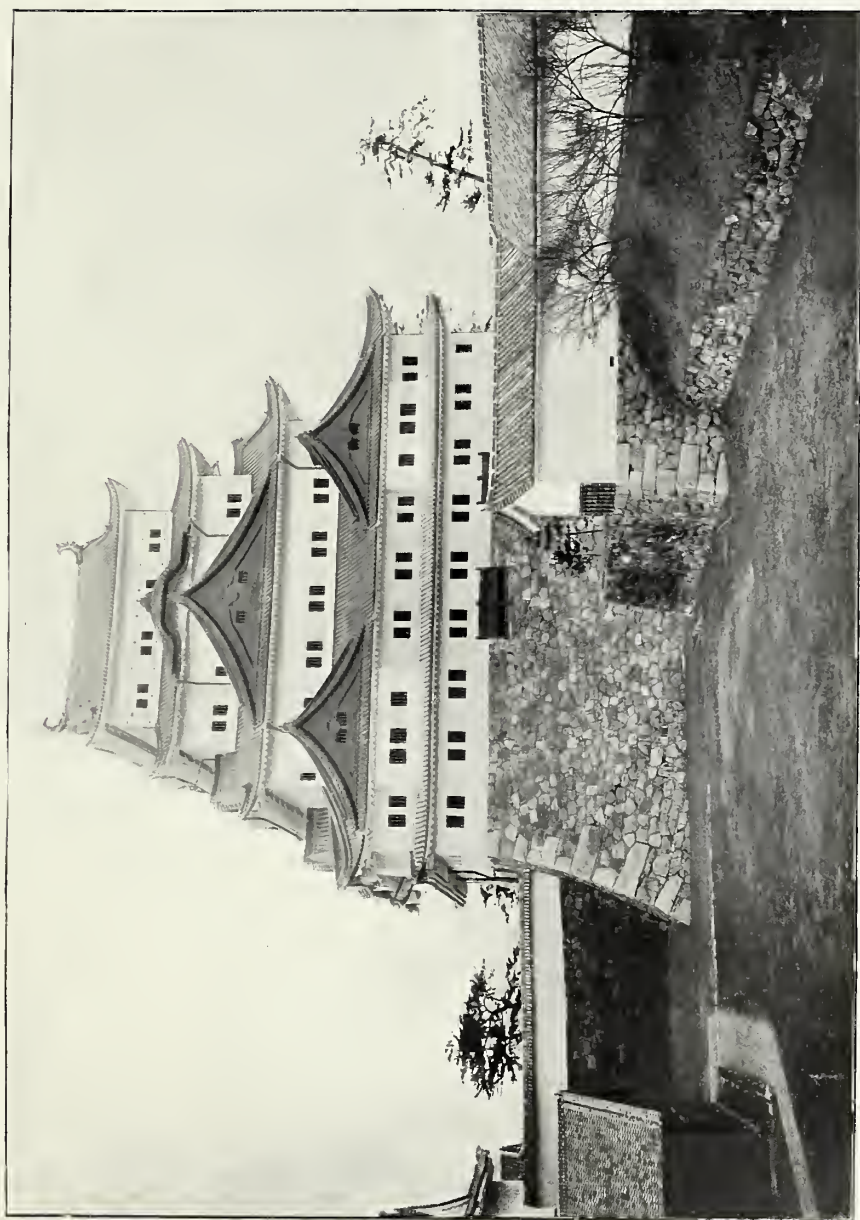
á maxima simplicidade de adornos, portanto ao supremo bom gosto, e com o mínimo, si bem que o essencial, de accessorios importados.

No tocante á alma, o estrangeirismo tem igualmente que ser tomado *cum grano salis* Pareceria o cumulo do ridiculo uma Japoneza pequenina e delicada que, da noite para o dia, se transformasse n'um apostolo quasi varonil do feminismo. A Japoneza tem que modificar-se, mas não que transmudar-se. A suavidade é o seu encanto capital. Que a conserve integralmente, menos talvez a pequena porção que fôr destruida pela consciencia de representar na sociedade e no mundo alguma cousa mais do que, na sensibilidade um automato, e na vontade uma serva. Não creio haver perigo de que venha a ser grande essa porção roubada pela independencia á timidez. A capacidade de carinho da Japoneza é tão grande; tão forte a sua dose de dedicação; tão indeleveis esses traços de ternura e abnegação que o seu character adquiriu para sempre, e tão solidos os fundamentos sobre que assenta o edificio da familia com o seu systema de affeições, que não deve existir receio de que aquella emancipação moral, necessaria para o aperfeiçoamento social da nação, se torne a origem de uma variação radical e desgraciosa no aspecto amavel da creatura que é o sorriso vivo do Japão, da mesma forma que o Japão é o sorriso vivo da natureza.

CAPITULO VII.

PAIZAGENS ARTISTICAS.

O Japão é o paiz dos templos e já foi tambem o dos castellos. Estes desapareceram todos no vaivem das guerras civis, pois que d'elles não nos resta mais do que o soberbo exemplar do castello de Nagoya, offerta regia de vinte daimios cortezãos a um filho do Xogun Ieyasu, fundador da casa e senhor feudal de Owari. Erguida apoz o periodo das discordias intestinas, conservou-se tal construcção immaculada de devastações, não tendo recebido os seus muros o insulto das bombardas destruidoras nem zunido entre as suas setteiras as flexas certeiras de bésteiros anachronicos. Por isso o viajante de hoje percorre todo o Japão sem encontrar outro modelo das velhas fortificações nacionaes alem d'aquelle edificio de cinco andares, unico n'uma terra de construcções quasi rasteiras; repousando sobre muralhas de aspecto cyclopico, formadas de grandes pedras ennegrecidas entre as quaes cresce o matto; rodeado de um largo fosso onde d'antes se estagnava a agua e hoje veados mansos pastam o capim que cresce á vontade; encimado por um telhado recurvo nas pontas, sobre o qual se balouçariam ao vento, si fossem menos pesados, dous golphinhos de ouro de quasi nove pés de altura, erectos sobre o peito. Estes animaes, cujo valor anda orçado n'um milhão de francos, são de um gosto artistico duvidoso — o que só por si é um facto raro no Japão. Forneceram porem a toda Nagoya um particular motivo decorativo, e as suas escamas macissas scintillaram aos meus olhos, sob o claro sol de Setembro,



Castello feudale di Nagoya.

como o emblema da prosperidade attingida pelo Japão durante a era octaviana dos Tokugawa.

Em compensação pela ausencia de antigos castellos e reductos, o viajante encontra a cada passo um templo. Ora é um templo xinto, singelo e rustico, com limitados ornatos, geralmente não passando dos dous leões de granito ou das raposas symbolicas, escondido sempre entre a folhagem densa e viçosa de arvores magestosas, apenas denunciado pelo *torii* liso mas de uma graça inexcedivel, cuja formula architectonica, de duas linhas verticaes cortadas no topo por uma linha horizontal mais comprida, excedendo de ambos os lados as verticaes, e outra, inferior, limitada pelas primeiras, ninguem sabe quem descobriu nem quando foi descoberta e, parecendo intuitiva, revela um olho segurissimo e um gosto impeccavel, porquanto combina a maxima simplicidade com a maxima elegancia. Ora é um templo buddhista, ornamentado e opulento no fundo de um vasto pateo a que dá ingresso uma porta monumental carregada de esculpturas e sobrecarregada de relevos, alem da qual se erguem espaçadas as construcções accessorias do santuario: a pia de granito das abluções; o enorme sino de bronze esverdinhado, dependurado sob um alpendre de madeira pintada de vermelho, com traves cruzadas em angulos salientes e reentrantes e a cornija guarnecida de animaes e flores entalhadas; as admiraveis urnas de bronze em forma de gigantesca flor de lotus, donde trasborda a agua crystallina; as capellas e ermidas de devoções especiaes; a longa e rica enfiada dos aposentos imperiaes ou abbaçiaes, com suas *fusuma*¹ e portas pintadas por artistas de nomeada e seus *kakemonos* de mestres desenrolados nas paredes.

O contraste é curioso entre o desaparecimento dos velhos

¹ Biombos corrediços recobertos de papel sobre o qual se acham frequentemente pintados animaes, allegorias e scenas da vida nacional, n'um fundo muitas vezes dourado que lhes empresta uma apparencia nobre e rica. Servem para dividir os aposentos temporariamente, pois, quando corridos, ligam todas as peças n'um só quarto de vastas proporções. As *fusuma* nunca teem uma altura correspondente á largura porque as habitações japonezas possuem todas os tectos baixos.

instrumentos de aggressão e defesa e a preservação dos velhos refugios de oração e culto, sobretudo si nos recordamos que foi o espirito religioso o que mais soffreu com o andar dos tempos, ao passo que o espirito militar se conservou acceso e flammejante. Quando digo espirito religioso, não quero dizer espirito devoto, porque este subsistiu entre o povo, si não entre os dirigentes. Estes sabemos ser quasi todos agnosticos. N'uma entrevista recente declarava o marquez Ito sem reбуço que o programma da cultura japoneza era e devia ser a total substituição do ideal theologico pelo scientifico, e, discursando, com a versatilidade que o caracteriza, sobre assumptos religiosos, confessou o conde Okuma com sua habitual galhofa — peculiar a esse typo de velho samurai que nunca foi á Europa nem falla outra lingua a não ser o japonez, mas sabe de tudo e está tão convencido da superioridade do Japão regenerado quanto os seus mestres o estavam da superioridade do Japão recluso — que não sabia em que podesse a religião influir para a superioridade de um estadista. Washington, Lincoln e Gladstone foram homens publicos nos quaes elle enxergava e era apreciavel a influencia biblica, mas é porventura licito chamar-se christã a politica violenta, a obra de ferro e sangue de Bismarck, o creador da moderna Allemanha e o homem de energia e ousadia que disputa a Napoleão a admiração dos Japonezes?

Resta decidir qual mais directa e mais genuinamente representa a nação, si a classe superior, naturalmente restricta, um punhado de gente cultivada e influente, de ha muito atacada collectivamente do scepticismo religioso, si a classe inferior, o numero, entregue hoje, como ha mil annos, ás suas invocações xinto e ás suas preces buddhistas. Não se pode seguramente acoimar sem injustiça de indiferença religiosa toda uma nação, cuja elite timbra no geral em ser livre pensadora — xinto de nome, sómente por causa da veneração ancestral, da continuidade nacional e da lealdade dynastica —, mas cujo grosso da população sustenta com os seus unicos obulos, desde que o Estado entrou a desconhecê-la e mesmo a maltratal-a, uma religião poderosa e florescente como continua a ser o Buddhismo, os gastos de culto do qual são avultadissimos.

Nem se diga que este fervor é apenas tradicional ou de conservação do legado dos antepassados. Não conta mais de sete annos de inaugurado o magnifico templo em Kioto da seita Hongwanji (Higashi Hongwanji), que se distingue pela grandiosidade das suas construcções religiosas. Sua erecção importou em mais de um milhão de yens, parte ainda em estado de divida, mas a maior porção subscripta pelas provincias vizinhas da metropole do oeste japonéz. Todo elle resplendente de dourados e de lacas, suas colossaes peonias de ouro, entalhadas na madeira e ostentando-se nas *ramma*, fornecem aos seus altares uma maravilhosa grinalda artistica, não logrando porem impressionar-nos tanto quanto o cordame amontoado a um canto n'uma pilha negra e que, si de mais perto o examinarmos, veremos ser inteiramente feito de cabello humano. Com effeito, as camponezas dos arredores, nada possuindo de melhor, de mais pessoal ou de mais querido a offerecer, cortaram sem hesitar as suas fartas cabelleiras d'ebano e levaram-n'as para, com cordas trançadas com semelhantes adornos, serem erguidos os possantes vigamentos do edificio. Descobriu jamais a piedade offerta mais ingenua, mais expressiva e mais tocante?

As peregrinações são tão frequentes agora como no velho Japão e constituem até uma boa fonte de rendimento para as linhas ferreas, que de quando em vez annunciam digressões a preço reduzido aos santuarios de mais nomeada. Alem d'estes excursionistas da moda, talvez em grande parte arrastados pelo gosto da novidade e pela balda andeja que caracterizam o Japonéz, são innumerous os que, na forma antiga e para descargo de votos frequentissimos, percorrem a pé, consumindo mezes e até annos, um dado numero de templos situados em lugares afastadissimos uns dos outros. O Japonéz desloca-se, é verdade, com pasmosa facilidade, não lhe pesando a bagagem nem o embarçando outras considerações de conforto que deteem individuos menos dados a viajar, e a essa facilidade somos mesmo devedores dos lindos *ehon* ou livros de esboços em que os artistas vagabundos d'outros tempos fixaram suas impressões de paizagem: mas não é por isto menos digno de nota o impulso religioso que o move nas longas e muitas

vezes penosas jornadas, comprehendidas para exclusiva satisfação de uma promessa devota.

E' mister levar em conta que a religião é por sua propria essencia immutavel (a revelação não pode variar), o que basta para explicar a admiravel preservação conceptiva dos seus monumentos perennemente identicos, como são perennemente os mesmos os meios de implorar a protecção divina. Quando no Japão, como em qualquer outra terra, um templo se desmorona pela velhice ou é destruido por um terremoto ou incendio, o que se levanta em seu lugar segue fielmente os lineamentos e planos do anterior; os detalhes architectonicos podem ser alterados sem que haja de ser alterada a disposição geral do edificio. Com as fortalezas succede diversamente, porque o espirito militar tem que mudar de aspectos de accordo com os aspectos que assume a guerra. Um castello destinado a defender-se de archeiros, catapultas e arietes não pode ser analogo a um castello fadado a arrostar balas de pedra ou obuzes, nem este analogo ao forte quasi invisivel, vomitando sob casamatas o fogo mortifero das suas metralhadoras e canhões de tiro rapido. Um castello destroçado nunca resurgia portanto igual das suas ruinas, como o templo cujo fito é congregar os crentes no intuito de erguerem, da mesma forma que praticaram seus maiores, os seus corações para o Eterno.

A effusão ao mesmo tempo que a ingenuidade das rezas populares no Japão são cousas que não podem ter passado despercebidas a quem haja penetrado nos templos buddhistas ou xinto e reparado nos aldeões carregados de lenha, nas mulheres mais vergadas ainda sob o peso do filho transportado ás costas, nos peregrinos vestidos de branco e vindos de muito longe para assistirem a uma festividade, mesmo nos frequentadores *dilettantis* de sermões e amadores de bolos d'arroz que acompanham certas devoções, ao impetrem de um sereno Amida n'um resplendor de ouro ou de um Hachiman bellicoso sobre um pedestal esculpido e acharoadado, graças e favores que todos os povos estão habituados a supplicar do Céu.

O Japão, já o tenho dito, encerra mysterios psychologicos

indecifráveis para o observador estrangeiro, e a questão tão debatida e tão facilmente resolvida por muitos, da existência ou carencia de um vivo espirito religioso nacional, não a considero eu de modo algum exausta nem liquidada. Parece-me no entanto que aqui se dá o mesmo que, por exemplo, na Italia, onde, desde o humanismo da Renascença, os letrados e os lídos rivalisam na indiferença, ao passo que entre a classe popular a religião se prolongou e se preservou sob a forma de um quasi fetichismo legendario, ardente e absorvente, posto que grosseiro e sem intelligencia. A religião do Japão — podemos perfeitamente englobar as duas — é uma religião antes alegre e desannuviada do que triste e temerosa, como a christã, e porventura afigura-se-nos tibia porque se não alimenta tanto de pavores. As suas creações são comtudo captivantes. Os idolos abundam, demonstrando a complexidade das devoções e a realidade do culto. Si alguns se veem desertados, cobertos de musgo verde sob a inclemencia das estações, outros quasi desaparecem sob as pilhas de pedrinhas symbolicamente atiradas para os seus regaços¹; outros ainda se enfeitam de barrete e bibe vermelhos no meio dos ex-votos e offerendas que depõem em favor da religiosidade ou, si quizerem, da idolatria do povo japonéz, um sentimento que em todo caso está longe de poder ser qualificado de fanatismo.

Um povo conscientemente despreoccupado não pode ser fanatico, e a despreoccupação é no Japão um traço psychologico nacional. A vida e a morte aqui se associam sem hostilidade, sendo uma bem o complemento natural da outra. O spectaculo da morte não aterrorisa nem repugna: segundo o Xintoismo pollue, mas uma ablução basta para purificar o vivo. Os cemiterios buddhistas não são lugares merencorios: são jardins d'almas em que ha como que um prolongamento saudoso da vida. Dous caminhos conduzem á

¹ Reza uma superstição vulgar que ás crianças cabe na outra vida uma tarefa expiatoria, semelhaute á das nossas almas do purgatorio. Consiste ella na faina de levantarem montes de pedras que os espiritos maus fazem maliciosamente desmornar. O acto dos vivos atirarem pedras para o regaço de Jizô, o misericordioso patrono das crianças, allivia a pena imposta ás pobresinhas.

eminencia sobre que se ergue em Kioto o popularissimo templo de Kiyomizu: um d'elles sobe lentamente atravez do cemiterio densamente povoado de lousas e pedras erectas recobertas de caracteres ideographicos; o outro sobe mais rapido entre dous renques de lojas de brinquedos, onde sobresaem, no meio da mais copiosa variedade de inventos engenhosos, vistosos bonecos de barro colorido, d'esses tão chegados ao natural que os Japonezes os dotam com vida, como aconteceu á Galathéa, e depois de velhos e estragados, ou mais frequentemente ainda si fallece o dono, nunca são atirados fóra nem destruidos, mas piedosamente reunidos e offertados a um deus. Esta divindade, por nome Kojin, vive n'uma arvore (*enoki*), aos pés da qual se amontoam em pilhas aquelles bonecos, instrumentos de delicia da infancia, que tanto a occuparam e tornaram ditosa e por isso bem merecem as honras de espiritalisação¹.

Si os bonecos são tratados com tamanho carinho, é facil comprehender quanto não é tributado á memoria dos parentes, cujas almas não inspiram receio. N'um e n'outro caminho para Kiyomizu, indifferentemente, encontram-se os bandos de crianças que pejam todo o Japão e sobretudo se agglomeram nas cercanias dos templos, como que attrahidos pelo sobrenatural: bandos de côres luminosas, bandos divertidos sem serem travessos, entretidos com seus papagaios flammantes, correndo, saltando e gritando sem uma altercação nem um enfado. Acostumados desde pequeninos a venerarem os seus ascendentes, criam-se familiares com a idéa da cessação da vida, e a religião sendo para elles em ultima instancia o culto dos mortos bons e bemfazejos, que a virtude elevou a Kamis ou conduziu ao Nirvana buddhista, não pode, é evidente, ser vilipendiada, mas por seu lado não tem meios de abafar a livre expansão da intelligencia a troco da salvação da alma. A pratica da religião harmoniza-se com esta condição moral, que a despe do seu character comminatorio e fatalista, mas a deixa subsistir como tradição, como habito e como derivativo.

Não ha paiz no amago menos religioso do que o nosso, e

¹ Lafcadio Hearn, *Glimpses of unfamiliar Japan*, vol. I.

entretanto não se levantou no Recife, á custa de esmolas, o bellissimo templo da Penha, e não se ergueu no Rio de Janeiro, á custa de legados e donativos, a magnifica igreja da Candelaria? Como no Brazil, o clero no Japão não exerce influencia alguma, social ou politica, mesmo porque, bonzos buddhistas ou *kannushi* xinto, os sacerdotes japonezes se acham em extremo perto do povo para poderem exercer prestigio efficaz sobre elle; e poucos se recommendam por sua escrupulosa moralidade ou virtudes excepcionaes. Ha todavia que contar, para a eterna sustentação da fé, com a necessidade espirital de um crença religiosa, com a espontaneidade e a força do sentimento de appello e do grito de petição que sobem dos que soffrem e esperam para um Ser divino, omnipotente e misericordioso, seja este o Christo doce e caridoso do Evangelho ou a clemente Kwannon de mil braços do pantheon buddhista, cujas formas cultuaes ou externas tão grande semelhança offerecem com as catholicas.

Podem dados pormenores revelar aqui e acolá a decadencia de um santuario ou a penuria de uma congregação. As sacerdotizas do templo de Kasuga (Kasuga-no-Miya) em Nara, que executaram diante de mim a dança sacra, grave e compassada, denominada *kagura*, foram as unicas mulheres de traje pouco aceiado que vi no Japão. Nодоas de gordura, da banha com que untam as longas madeixas, manchavam as sobrepellizes brancas com bordados de glycinias roxas que tão bem assentam sobre as suas vestes vermelhas e dizem com as suas capellas de camelias rubras. O pobre do *kannushi* que tocava o tamboril e o outro, do pifano, tinham ambos o ar desconfiado e aggressivo de comediantes de um theatro ás moscas. Os centenaes de lanternas de pedra que formam interminaveis fileiras nas immediações do templo, debaixo das grandes arvores seculares, em alamedas percorridas por bandos de gamos e corças que sem temor se misturam com os devotos e os passeantes, já não podem ser todas accesas á noite, como outr'ora, quando illuminavam fantasticamente a floresta, por falta de dinheiro para o azeite. Procissões como as de Nikko, que eram antigamente reputadas pela sua pompa, provocam hoje penosos commentarios

pela sua pobreza. Estes senões estão porem longe de indicar um mal geral: servem antes para melhor salientar a animação, quiçá mais artistica e interesseira do que religiosa e mystica, com que em todo o Japão se anda restaurando os templos decrepitos, concertando os effeitos do vandalismo e da ignorancia de um passado proximo, pondo em ordem e em evidencia os thesouros agglomerados e escondidos, n'una palavra dando vigor e brilho á expressão cultual.

E poderia por acaso deixar de ser praticamente religioso um povo que como este possui tão radicada crença na immortalidade da alma, que fez da veneração dos antepassados o fundamento da sua religião tradicional e propria, e do respeito pelos mortos uma das formas mais suggestivas do seu culto importado, ao ponto que quasi todos os funeraes se fazem consoante os ritos buddhistas? O passado, o seu immenso passado, pesa sobre os Japonezes mais do que sobre qualquer nação européa o seu particular. O mundo dos fantasmas coexiste com o mundo dos corporeos, envolvendo-o, servindo-o, esclarecendo-o, dirigindo-o, determinando-lhe os instinctos moraes. Os mortos cercam os vivos, fluctuam no ar, enredam-se nos galhos dos pinheiros, desdobram-se da espuma das vagas, povoam todo o universo. Os vivos teem a consciencia plena d'essa coexistencia: nem lhes inspira pavor ou tristeza, sim carinho e gratidão. Cada casa mostra o seu *kamidana* ou altarsinho em que se rende precito aos deuses ou *kamis* locaes, e guarda n'um quarto interior outro altar dedicado aos antepassados da familia; mas, na curiosa combinação das duas religiões, quasi todas as habitações possuem tambem o seu *butsuma* buddhista, com enfeites symbolicos differentes, uns e outros, porem emblematicos do sobrenatural sempre immamente e da providencia sempre presente.

As lendas de defunctos são aos milhares, todas extremamente suaves, de uma poesia que não empresta grandes azas ás chimeras, mas que distilla uma moralidade de enternecer. O culto dos mortos constitue de facto o fundamento capital do sentimento religioso no Japão. E' elle que em ultima analyse se nos depara sempre, nas gordas esmolos que alguns mercadores ricos enviam aos templos

de que são devotos, como em muitas das superstições sem conta que tornam a religião mais accessivel e mais popular. Ainda o Xintoismo é por sua natureza mais secco de formulas e de ritos, mas o Buddhismo japonéz não cede a este respeito a palma ao Catholicismo italiano. Nos *tera* vendem-se aos fieis feitiços para casarem, para serem amados, para terem boas colheitas, para curarem-se de doenças. Ha rezas, muitas rezas, para acompanharem a applicação dos amuletos. Ha papelinhos brancos, recortados de certa forma, que se dependuram para esconjurar os espiritos malignos. Ha pares de vasinhos de bambú com agua salgada dentro, que são offertados por amantes supplicantes. Ha *nobori* ou papeis brancos exprimindo gratidão eterna pelas graças recebidas. Ha promessas, ha votos, ha cortiças de arvores sagradas que operam milagres, ha divindades padroeiras de tudo, dos trovões, das tempestades, dos fogos, das molestias. Quem se entregar ao prazer de ler os curiosos livros de Lafcadio Hearn, escriptos no mais formoso inglez que pode escrever um compatriota de Addison e de Macaulay, ficará formando um juizo approximado não só d'esta natureza estranha, de effeitos magestosos gerados pelas convulsões geologicas — natureza em que, para a vista do escriptor, a tonalidade da vegetação não é tão attrahente quanto é soberbo o colorido diffundido pela luz, e o quadro não é tão gracioso quanto é magnifica a perspectiva das grandes linhas irregulares das montanhas — como da imaginação infantil e tocante d'essa gente tão calma e tão digna, porque se sente governada pelos seus mortos, os quaes traz constantemente no pensamento e no coração.

Em parte alguma do mundo pode aliás a expressão da crença religiosa ser mais facilmente ou mais bellamente posta em relevo. Entre a religião xinto e a deslumbrante natureza local existe uma absoluta identidade. As cabanas de madeira branca e tecto de casca de arvore em que são venerados os *kamis*, fazem parte integrante do bosquete sombrio em cujo recesso se abrigam. O santuario não se levantaria sem as arvores que o encobrem: estas perderiam muito da seducção mysteriosa que as reveste, si as desertasse o espirito que no meio d'ellas habita. Os templos

buddhistas, no Japão, também buscam extremamente a harmonia da paisagem com a sua architectura pretenciosa, escolhendo as encostas mais pintorescas, as cumiadas mais dominadoras, as gargantas mais sombrias afim de casar o encanto d'estas creações naturaes com a solemnidade das construcções religiosas que as foram requestar, derivando da sua união uma mais poderosa suggestão do seu credo e das suas praticas.

Quasi sempre o prestigio da idade junta-se ao da paisagem e ao do mytho. O poeta Saigio, fazendo um dia sua peregrinação ao santuario de Ize, condensou os sentimentos que o assaltaram n'uma d'essas estancias minusculas que já vimos serem a forma mais elegante e mesmo a unica vulgar da poesia japoneza. «Ignoro o que é que aqui reside, exclamou o poeta, mas meu coração sente-se cheio de gratidão e as lagrimas deslizam pelas minhas faces.» O que Saigio não queria era sobretudo alongar-se demasiado, porque as poesias mais compridas são tradicionalmente contrarias ao genio da sua lingua, a qual na prosa nunca parece espraizar-se bastante: quanto porem aos poemas didacticos, aos epicos e até aos satyricos, todos os poemas maiores do que os consagrados pelo uso, são desconhecidos na litteratura nacional. De contrario elle saberia perfeitamente explicar a razão da sua commoção, que devia ser tanto mais profunda para um Japonez e alem d'isto poeta de profissão, quanto um estrangeiro chega a sentil-a ao recordar-se que aquelle é o santuario por excellencia da religião xinto, cujas origens se confundem com as da propria nação.

Ahi uma vestal do sangue imperial guarda as insignias sagradas da realeza, herdadas da serie interminavel dos antepassados soberanos e originariamente doadas pelo antepassado divino. São ellas o espelho de metal polido, emblema da alma da deusa do Sol, forjado por um outro deus e com o qual a mesma Amaterasu foi maliciosamente induzida a sahir da caverna em que, sepultando o mundo em trevas, se abrigara dos desatinos de um irmão *mauwais sujet*; a espada invencivel com que depois Yamato-Daké executaria suas conquistas e que fôra brindada a Amaterasu pelo mesmo irmão turbulento, apoz arrancar-a da cauda de um dragão, especie

de Minotauro papa-irgens, previamente narcotizado por medida de prudencia; finalmente o sello imperial ou pedra preciosa. Como no Japão tudo se resolve em symbolos, o espelho representa a bondade, a espada a coragem e a pedra preciosa a sabedoria, virtudes que em grao eximio devem distinguir os Mikados.

A mythologia japoneza, a primitiva, a que o Buddhismo teve que encorporar para medrar, alli em Ize se condensa, sem idolos nem deveres mais do que os familiares e civicos, desdenhando a promessa de recompensas celestes, divinizando heróes e forças da natureza, extravagante, por vezes pueril, até ingenuamente immoral, e comtudo cheia de imaginação, de poesia e de encanto, essencialmente nacional pois que faz do Japão, ou antes da ilha de Awadji, a terra creada das gottas solidificadas da lança do primeiro deus, Izanagi, erguida gottejante depois de mergulhada na massa cosmica em fermentação debaixo da ponte fluctuante do ceu. Esta terra, outr'ora habitada pelos deuses, descendentes mais ou menos extraordinarios do primeiro casal divino, de geração espontanea, é agora a povoada pelos espiritos dos antepassados, cuja veneração constitue, sobre a base d'aquella mythologia particular e presumçosa, o traço mais indelevel da alma nacional, resistente a todas as adaptações religiosas e profanas, antes invadindo e caracterizando para sempre todas as manifestações da vida espiritual e temporal do Japão.

Para bem mostrar a differença que extrema a alma occidental da oriental, é sufficiente lembrar que semelhante culto, considerado pelos sociologistas japonezes como a origem da existencia social da raça humana, fundada n'uma extensão da sympathia e do amor, para a concepção nacional baseia-se exclusivamente no affecto e no respeito, comquanto a escriptores europeus, Fustel de Coulanges, Ihering e Sir John Lubbock entre outros, se afigure antes fundado no temor dos fantasmas e no desejo de aplacal-os. O culto japonex dos antepassados desdobra-se em trez: o dos antepassados imperiaes, o dos antepassados do *clan*, convertidos em deuses tutelares locacs, e o dos antepassados da familia. O santuario de Ize é dedicado ao primeiro dos antepassados imperiacs, Amaterasu-

O-Mikami ou a Grande Deusa da Luz Celestial, também venerada no *kamidana* ou oratório de cada lar.

Fallo em santuario como si o Xintoismo fosse effectivamente uma religião organizada, quando para alguns não passa de ser o espirito patriótico em acção. N'este sentido, todavia, é igualmente um culto. Si lhe faltam os distinctivos de uma verdadeira religião, sendo particularista e não universalista, nem fazendo proselytos porque os seus feis são limitados e espontaneos, offerece contudo os caracteristicos de um culto fervoroso, creando heróes, com uma maxima ou regra, que é proceder como os ascendentes e nunca desmerecer d'elles, cujos espiritos se acham continuamente presentes.

Ize é portanto a Mecca do Xintoismo; Kioto, a capital do Buddhismo japonéz. Si o Japão é um paiz de templos, Kioto é com certeza a sua cidade mais representativa, repleta de *miya* onde os sacerdotes xinto fazem suas incruentas offerendas diarias de virtualhas aos *kamis*, não sómente das *tera* das variadas seitas bud-dhistas, divididas em pontos de doutrina, de ritual e de moral, mas concordes em quererem observar ou pelo menos prégar os principios de abnegação e compaixão do seu Buddha, cujas estatuas divinamente serenas por todos os lados attrahem nossos olhares, mais beatificas parecendo ainda na sua côrte de *rakans* ou discipulos que não chegaram por enquanto ao Nirvana, e cujas physionomias a um tempo doloridas e deleitadas traduzem as contracções dos soffrimentos provocados pelas penitencias e o prazer ineffavel derivado da contençaõ moral.

Kioto é uma cidade que faz pensar simultaneamente em Roma, em Moscow e em Florença, n'esta particularmente: em Roma pela sua vetustez e copia de tradições, pois que foi durante doze seculos a residencia dos Mikados e é como tal contemporanea da introduccão do Buddhismo no archipelago; em Moscow pelo numero consideravel das suas egrejas e mosteiros e pela riqueza dos seus altares, refulgentes como *icones* gregos; em Florença pela transparencia da atmospherã, pelos tons discretos e seccoos da folhagem que reveste as collinas graciosas, balizas da planura, pelo sulco branco das estradas que se desenrolam como fitas entre os bosques

frondosos, pelas pontes lançadas sobre o rio e por onde transita uma multidão galhofeira, pelas recordações imperecíveis das suas galas, finalmente pela estreita ligação entre o meio physico e a producção artistica. Como Florença na Italia, foi Kioto no Japão, depois que a arte a principio sómente religiosa (como continuou a sel-o principalmente) se tornou tambem profana, o centro dos industrias de luxo e o fóco da vida social e litteraria mais intensa. Ainda hoje, si Kioto decahiu social e intellectualmente com relação a Tokio, a capital do novo Japão, é lá que temos de ir buscar as sedas mais delicadas, os bordados mais ricos, os bronzes mais perfeitos, os *cloisonnés* mais impeccaveis, toda a gamma dos objectos tentadores de que o Japão conserva o monopolio.

Da mesma forma que na capital da Toscana, tudo em Kioto é proporcionado e harmonico. A cidade espraia-se com desafogo por uma planicie que não é demasiado vasta, cercada por montes que não são demasiado altos, cobertos de arvores que não são demasiado copadas. Os pinheiros e cedros, todos de identica apparencia e igual tamanho, parecem haver sido collocados de proposito, plantados e podados de forma a guarnecerem symetricamente as elevações e servirem de faixa uniforme á povoação. E' de notar que no Japão, onde os jardins buscam copiar a natureza, imitando as paizagens, estas deem a illusão de creações em que a natureza se tivesse deliberadamente cingido ás regras da arte da jardinagem.

Percorrer Kioto é percorrer com a imaginação mais de mil annos da historia do Japão nos seus periodos justamente os mais interessantes. Si as recordações dos Medicis pejam Florença, as dos Ashikaga, não menos sumptuosos, enchem Kioto, e si acolá a cada momento pensamos no Dante e no seu genio poetico, aqui nos lembramos a cada passo de Hideyoshi e do seu genio militar e administrativo. Nem faltam objectos para avivarem estas lembranças. As portas do templo de Hokoku Jinja, dedicado a Hideyoshi, são as do seu palacio de Momoyama, o maior que jamais viu o Japão. Por traz d'esse templo, no cimo de uma collina, foi elle sepultado e ha poucos annos ahi lhe erigiram um monumento. Defronte do templo, existe um pequeno outeiro ou elevação coberta de grama e

dominada por uma construcção de pedra, de feitio frequentemente usado no Japão — a *sotoba*, comprehendendo a bola, o crescente, a pyramide, a esphera e o cubo, symbolos dos cinco elementos, ether, ar, fogo, agua e terra — sob a qual jazem enterrados os narizes e orelhas dos Coreanos trucidados na expedição continental organizada por Hideyoshi para conquistar a Coréa e a China, projecto e sonho da sua vida romanesca, ambição maxima da sua alma energica. O tecto de uma capella em Kodaiji, devota instituição da viuva de Hideyoshi que, apoz sua morte, professou como freira buddhista, é formado em parte pelo tecto do junco que devia transportar o Taikô á Coréa e na outra parte pelo tecto do *norimono* ou liteira de sua mulher. O seu quarto de banho, o seu quarto de chá, o seu quarto de descanso, mostram-se em toda a simplicidade ou antes severidade da decoração que os caracteriza, no pavilhão proximo ao templo de Nishi Hongwanji, onde elle costumava congregar seus generaes para as prolongadas cerimoniaes do chá, bebido em tigelas de barro violaceo ou bronzeado, trazidas da Coréa ou fabricadas *sur place* na imitação das linhas classicas dos exemplares importados. Um dia se não passa sem que deparemos com alguma memoria do poderoso primeiro ministro do Mikado e delineador da obra de unificação que Ieyasu teve a boa fortuna de realizar.

Kioto não conta um templo nem um mosteiro que não seja interessante, não evoque recordações e não encerre thesouros artisticos. A cidade lembra, sob tal ponto de vista, uma d'essas admiraveis espadas japonezas — almas, como as chamavam, dos velhos samurais — de que, uma vez desmanchadas, tudo se aproveita porque cada porçãozinha é um objecto primoroso: a lamina pela excellencia da sua tempera, a *tsuba* ou guarda pela delicadeza do seu cinzelado, o punho pela consistencia do seu fabrico em pelle de tubarão, o castão, o anel e ponteira da bainha pelo acabado do seu burilado, a bainha pelo valor do seu acharado, o *kodzuka* e estylete complementar pela perfeição dos seus cabos. Nem é a velha capital menos rica em lendas e tradições do que uma d'essas armas antigas, cujos relevos, embutidos e damasquinados buscam sempre os seus motivos de inspiração no opulento armazem do *folk lore* nacional.

Por isso visitar Kioto é nada menos do que resuscitar mentalmente todo o passado japonês com seus claros, sombras e penumbras. Os edificios em si, legados por esse passado, não fallam alto: estão bem longe de ser imponentes como os de outras terras. Acachapados e feitos de madeira, nem são altivos nem aspiram a eternizar-se. Os lavores n'elles preponderam sobre a ousadia do plano, e a perecedora obra de talha colorida substitue mal os perennes rendilhados de cantaria dos monumentos gothicos, que o tempo apenas logra ennegrecer. Demais, por uma disposição peculiar de construcção aconselhada pela natureza eminentemente vulcanica do solo, de frequentes abalos, nos edificios japonezes a base é que é leve e o tecto é que é pesado, ao envez do que succede com os outros. O principal objectivo dos architectos é isolal-os o mais possivel da terra, livral-os das convulsões subterraneas, tornando a sua estructura estavel no telhado, onde é por assim dizer lançada a ancora. As casas no Japão não teem alicerces: as traves verticaes, que formam a armadura, repousam sobre rodellas de granito. As vigas da cimalha são que supportam todo o peso, combinam todo o jogo e offerecem toda a resistencia.

N'estas condições ficam naturalmente vedadas, quasi por completo, as construcções elevadas, mas um detalhe architectonico muito simples, como tudo quanto é bello no Japão, salva o effeito deploravel que sem tal lembrança fatalmente produziria esse mar de tectos rasteiros. Knapp¹ accentuou com extrema felicidade os resultados incomparaveis do achado em questão. Pelo facto singelissimo de levantarem-se em curvas ou arrebites graciosos os quatro cantos dos telhados, cujas beiras se inclinariam necessariamente para o chão, a impressão de carga transforma-se n'uma impressão de leveza, a elegancia do aspecto torna-se dez vezes maior, toda a construcção ergue-se para o azul do firmamento, espairose n'um sorriso, toma ares de voar, fica alegre e aligera como o temperamento mesmo do povo que abriga.

Os edificios baixos — e d'elles constituem attrahentes excepções

¹ *Feudal and Modern Japan*, vol. II.

os frequentes pagodes de muitos andares, com seus successivos beirados todos arrebitados, e sua linha vertical de projecção menos solemne que a de uma torre, mas mais risonha que a de um obelisco — não excluem todavia a opulencia artistica. Para começar, a madeira, dotada de muito maior plasticidade do que a pedra, é susceptivel de um mais paciente e habilidoso recortar e esculpir, alem de ser de uma contextura mais humana, no sentido de mais suggestiva e de estar mais perto da natureza animal, pela propria differença que extrema o vegetal do mineral. Ora, ninguem calcula, antes de lhe ser dado admirar-o, o grau de pericia attingido pelos entalhadores japonezes, sobretudo desde que o extraordinario artista que foi Hidari Jingerô libertou no seculo XVII a sua arte das faixas da marcenaria em que até então se achara envolta.

Jingerô, o canhoto, não se contentou com a regularidade dos desenhos geometricos nem com a perfeição das flores decorativas. Subiu da representação da flora á da fauna, e o surpreendente realismo com que sob a acção dos seus dedos magicos ficaram impressos os quadrupedes e aves por elle esculpidos nos portões, nas *ramma* divisorias dos quartos acima das corrediças, e nos frisos exteriores dos templos e palacios, só encontra termo de comparação na intensidade de vida de que são dotados os animaes, os tigres especialmente, modernamente pintados por Kubota Beisen nos aposentos imperiaes do mosteiro de Kurodani, em Kioto. Hidari Jingerô deixou especimens preciosos do seu genio em muitos lugares, entre outros no templo de Sengen em Shizuoka, no palacio (Go-sho) e no castello de Nijo em Kioto — o primeiro onde viviam o Mikado e sua côrte, o segundo onde se alojavam os Xoguns da dynastia Tokugawa quando iam de começo render preito de vassalagem ao suzerano —, finalmente nas capellas funerarias de Ieyasu e seu neto Iemitsu em Nikko. O campo do esculptor é tão variado quanto perfeita a sua interpretação do mundo animal. Perdizes, pavões, pombos, faisões, javalis, gatos, macacos, de tudo se encontra n'essa obra artistica, com seus caracteristicos particulares de temor, de arrogancia, de ternura, de mimo, de brutalidade, de indolencia e de agilidade. Jingerô não sómente esgotou a fauna indigena como foi

pedir á fauna continental asiatica os soberbos leões, os elephantes robustos e os tigres ferozes com que povoou as suas formosissimas decorações, a que um colorido verdadeiro e suave fornece uma invencivel fascinação de vida.

Todo o observador culto notará a predilecção que a pintura e a esculptura japonezas revelaram pelo mundo dos vegetaes e dos irracionaes sobre o mundo das creaturas humanas. Os animaes e as plantas são tratados nas *fusuma* e nas *ramma* com um amor tão manifesto que sómente não leva a idealizal-os porque o genio japonex, sempre positivo, se prende ao naturalismo na arte como na litteratura, na religião como na politica. Mas quanta delicadeza não envolve o desenho sobre a madeira perfumada de uma porta que desliza e não range, de uma velha cerejeira de ramos nodosos, toda rejuvenescida sob os enfeites sem rivaes das suas flores rosadas! Que sentimento tão vivo não produz e não revela a representação sobre o papel ou pergaminho de uma corrediça discreta, de uma ameixoeira cujas flores se confundem com os flocos de neve de Fevereiro e sobre cujos galhos macios pousam a medo passarinhos tiritando de frio! Que elegancia tão peregrina não encerra a projecção da haste verde e liza de um bambú sobre os quatro paineis de ouro de um biombo! Que vigor tão impressivo não denota a fixação sobre o fundo invariavel de um scenario de *Nó*, de um d'esses singulares pinheiros japonezes, como o de Karasaki, o maior do mundo, cujas velhissimas ramagens se curvam até beijarem as aguas do lago de Biwa — pinheiros que nas obras d'arte chegam a parecer convencionaes, tão estranhos são os aspectos que assumem; pinheiros que os poetas decantam e a que os crentes attribuem uma origem sobrenatural e uma natureza imperecivel, desembarcando diariamente em Karasaki dezenas de peregrinos das povoações marginaes do lago a lançarem moedas de cobre na caixa gradeada, baterem palmas, puxarem o cordão do gongo e resmungarem um *norito* diante do pequeno altar erguido ao espirito que habita e anima a immensa arvore!

A representação pictorica e esculptural da creatura humana é, pois, escassa na arte japoneza e não passa muito da reproducção

nas composições de Iwasa Matahei de algumas scenas da vida aristocratica ou mesmo popular, em que as creaturas são porem antes comparsas, sendo o symbolo da festa ou a razão do acontecimento celebrado o elemento predominante da obra d'arte. Não é entretanto escassa a representação sobretudo estatuaría das divindades anthropomorphicas, desde os Niôs ou horrendos guardas dos templos até os Buddhas placidos, as pernas cruzadas sobre o calice do lotus emblematico. Assim um templo em Nagoya colleccionou nada menos do que quinhentos Rakans ou discipulos do Buddha, todos com feições e expressões physionomicas diversas, e um famoso templo de Kioto, o San-ju-san-gen-dô, blazona das suas mil imagens, differentes todas ao que se diz — porque a obscuridade do immenso santuario não permite proceder a uma investigação adequada — da deusa Kwannon.

Não se concebem muito bem templos sem imagens, como se não concebe uma paisagem completa sem agua, e nas imagens japonezas encontra-se, desde os inicios da arte local, uma grande dose de naturalismo. As estatuas dos tempos remotos da arte religiosa, dos seculos VII a XIII, como os Niôs titanicos¹ da porta do templo de Todaiji em Nara, monstruosos nas contracções e distensões dos seus musculos, e o Jizô ou idolo respirando bondade, esculpido em andesite no caminho do lago de Hakone — fructos todos do primitivo ardor proselytico do Buddhismo apoz sua importação — são tão vigorosas quanto expressivas de sensações; mas, alem de que a expressão se acha accentuada, da mesmo forma que na caricatura o traço é posto em relevo pela exaggeração, pelo facto das physionomias denunciarem o grotesco ou o terrivel intencionalmente levados ao extremo, não me parece que o realismo da expressão constitua por si só uma manifestação artistica superior.

Tal predicado encontra-se nas figuras egypcias de basalto como nos altos relevos de pedra aztecas e nos barros peruanos, e

¹ Segundo Anderson, são os Niôs ou guardas da fé, divindades brahmanicas decahidas dos seus lugares por effeito da revolução religiosa do Buddhismo. (*The Pictorial Arts of Japan.*)

ninguem aventará que foram muito adiantadas as artes d'esses paizes. Na Grecia, pelo contrario, a serenidade olympica, a idealização da expressão, foi o alvo dos esculptores immortaes que modelaram o canon da arte européa. A esculptura japoneza attingiu o seu maximo n'esta orientação, para ella antes inconsciente e de curto folego, com a notavel beatitude de expressão d'alguns dos seus Buddhas, da era em que, trazida da Coréa, a nova religião exhibia o mais franco entusiasmo na sua propaganda, cobrindo o paiz de figuras esculpidas que, na opinião do eminente especialista Anderson, foram pela mór parte estudos do natural. Sómente no lugar chamado Gamman-ga-fuchi, em Nikko (região que é toda ella um repositório de lendas sacras dos primeiros apóstolos do Buddhismo) deparam-se-nos 134 Amidas e Buddhas alinhados no espaço de algumas dezenas de metros á margem do Daiya-gawa¹, n'um dos pontos em que esse rio impetuoso, que corre entre dous mantéos de verdura extendidos desde suas bordas até os pincaros dos morros lateraes, cobre de mais espuma as grossas pedras do leito, e executa os torvelinhos mais entontecedores com suas aguas limpidas e verdes á força de reflectirem tantas arvores e tantos arbustos.

Si o pantheon xintoista, com o numero indefinido dos seus deuses, dos seus kamis e dos seus espiritos, não representava cousa alguma para uma variedade artistica de que não fazia uso; a introdução da hospitaleira mythologia buddhista, de um Buddhismo adulterado na sua transplantação da India, com sua multiplicidade de concepções dos mesmos personagens celestiaes e o seu mundo de deuses e demonios — a que a imaginação popular ainda juntou uma immensidade de fantasmas e duendes, que os silvos dos vapores e locomotivas teem ultimamente feito emigrar — foi uma

¹ A cheia subita d'este rio por occasião do terrivel tufão de 28 de Setembro de 1902, determinada pelo desabar de parte de uma montanha dentro do lago Chuzenji, donde corre o rio, não só arrastou algumas das mencionadas estatuas como carregou a famosa ponte sagrada de laca vermelha, feição principal d'essa paizagem artistica e que dava passagem unicamente ao Imperador para os santuarios levantados a Ieyasu e seu neto.

verdadeira providencia para a arte nacional. De uma assentada encontrou motivos tanto para os Daibutsus colossaes, que em sua hypertrophia hindú brigam com a medida japoneza, quanto para os Rakans quasi microscopicos e ás vezes quasi informes que nas encruzilhadas campezinhas, nas fendas dos rochedos e nos troncos ôcos das arvores recebem seus tributos de chá e de arroz.

Todos esses entes sobrenaturaes são personalizados de formas diversissimas, dependentes não do capricho individual do artista, mas da abundancia das interpretações dos seus meritos e profusão das legendas que os acompanham, conjunctamente com animaes votivos ou symbolicos, como os que na nossa religião figuram ao lado dos quatro Evangelistas. Tentar a comprehensão d'aquellas interpretações e legendas é penetrar no mais interessante campo imaginativo, onde pode ser feita colheita farta de fabulas engenhosas e de contos maravilhosos, posto que mais moralizadores do que deslumbrantes, não sendo os menos sentimentaes os que evocam tocantes exemplos de dedicação filial ou conjugal, e não sendo os menos suggestivos os que se referem a esses sete deuses da Fortuna, que no Japão por todos os lados nos fitam, nos biombos, nos *netsukés*, nas guardas das espadas, nas ventarolas, sempre affaveis, sorridentes, bonacheirões, festeiros, até pandegos, productos authenticos da jovialidade e do optimismo nacionaes.

Os deuses da Fortuna são personagens psychologicamente muito humanos, que de divinos só possuem a perpetuidade, e que parecem apropriados ás suas mais usuaes condições figurativas, porquanto a arte japoneza não se cifra, antes se afasta das cathogorias classicas, da esculptura grandiosa e da pintura monumental. Esta arte abrange uma infinidade de expressões menores, das quaes não é a menos copiosa nem a menos curiosa a dos *netsukés*, que são figurinhas humanas ou de animaes, isoladas ou em grupos, esculpidas em marfim, em madeira ou em chifre, servindo no cinto de botão ou pegador ao cordão de seda que prende a carteira de fumo ou o *inró*, onde, alem das drogas medicinaes e dos perfumes, se transporta o carimbo equivalente á assignatura. Uma collecção d'esses *netsukés*, a qual pode comprehender milhares, todos differentes,

constitue a mais perfeita representação de toda a historia, de toda a mythologia, de todo o *folk lore*, de todas as tradições, de todos os costumes do Japão.

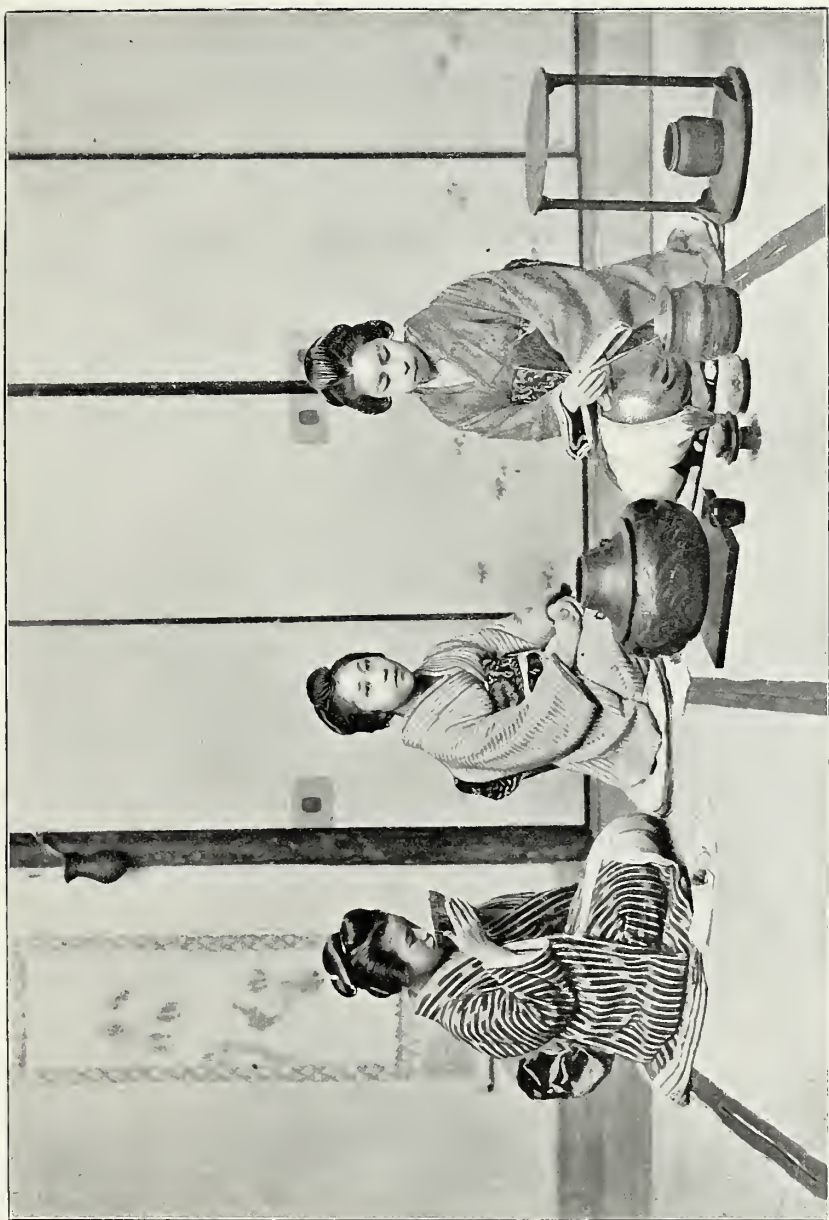
Os *netsukés* reproduzem todas as classes sociaes, desde o *daimio* até o *eta*, em posturas marciaes, em posturas cerimoniaes, em posturas familiares, em posturas tetricas, em posturas grotescas. N'um vê-se um guerreiro envergando a armadura para ir combater, n'outro um bando de bebedores de *saké* cada um com seu grão na aza, n'um terceiro uma amante redigindo uma epistola poetica. n'um quarto dous cegos que se espancam, n'um quinto, finalmente, um medroso escondendo-se debaixo de uma cesta de uma apparição infernal. Sem os *netsukés* e ao mesmo tempo as faianças e porcelanas — que datam nas suas formas actuaes e conhecidas da primeira metade do seculo XVII, de quando data tambem a profissão de esculptor de *netsukés*¹⁾ — a vida quotidiana do Japão nos seus seculos mais irritantes de reclusão teria ficado sem uma adequada representação artistica, porque a pintura e a esculptura obedeciam mais á idéa religiosa e ás bellezas naturaes e reminiscencias chinezas, os bronzes preferiam o mundo animal, os *cloisonnés* se confinavam ao floral, e as lacas combinavam estas duas ultimas predilecções com certa queda pelos assumptos propriamente historicos, mythicos e lendarios e não, como os *netsukés*, por tudo quanto implica movimento e traduz sentimento. E como os trajés japonezes de hoje são na generalidade, entre o povo, os mesmos de ha mil annos passados — os mesmos kimonos, os mesmos obis, as mesmas alpercatas — toda aquella florescencia de vida humana, desabrochada do marfim e da madeira, ainda que muitas vezes amarellecida ou gasta, impressiona como si estivesse fresca, como

¹⁾ Huish aventa a opinião que o gosto dos *netsukés* proveio por um lado do gosto innato pela ornamentação que distingue o Japonez, o qual no seculo XVI é que começou a fumar e a carregar no cinto mais a bolsa de tabaco, e por outro da ociosidade forçada a que, uma vez fornecidos os altares familiares, se viram condemnados os esculptores de madeira nascidos do edicto de Hideyoshi, ordenando que cada habitação tivesse o seu idolo tutelar (*Japan and its Art*, pgs. 204 a 206).

si fosse de hoje, fazendo-nos assistir a um perpassar de figuras e actos contemporaneos.

Nos livros de estampas, pois que a xylographia artistica ou antes a impressão a côres por meio de blocos de madeira gravados data igualmente do seculo XVII, nos seus fins, a humanidade encontra da mesma forma o seu farto quinhão. E não são só os heroes os representados. D'estes, não admira que se organizem galerias especiaes: os heróes estão acima dos homens, são *kamis* que se devem reverenciar, desde que a religião xinto sem difficuldade divinisa os seus espiritos. A qualidade de homem julgada porem menos interessante, o homem no seu labutar diario, na sua humilde faina, que Matahei não pensara digno individualmente de attenção, já sendo muito fixal-o nos seus momentos de expansão collectiva ou de magua tambem collectiva; é simultaneamente considerado assumpto grato para a escola popular de que Hokusai foi no seculo passado e no anterior o grande representante, revelado á Europa pelos irmãos Goncourt.

Que pessoa alguma, fica entendido, procure trabalhos d'esta escola e d'este genero, não raro seduzidos pela pornographia, nos palacios e mosteiros de Kioto, por mais que estes eventualmente abrigassem immoralidades. Seria o mesmo que procurar o *Journal Amusant* no côro de um convento de freiras carmelitas ou o *Chevalier de Faublas* entre as mãos das beguinas de Gand. Iwasa Matahei foi até onde se podia decentemente ir no seu meio, animando — elle e os que o seguiam — as suas composições com a espontaneidade popular, sem descambar na vulgaridade plebéa. Os privilegiados habitadores d'aquelles vastos e silenciosos aposentos sentiam-se moralmente demasiado longe do contacto do mundo para se importarem com suas dôres e folgares. Alli reinavam supremas a etiqueta, a impassibilidade e o esthetismo. Singelissimos quartos, de dimensões fixas, pequenos e vasio de decoração, serviam para o *cha-no-yu*, as cerimoniaes do chá — pilado, pulverizado, guardado, misturado com a agua e sorvido em utensilios de formas prescriptas, com gestos codificados. Varandas de bambú olharam para collinas atraz de cujos cumes bordados de pinheiros a lua periodicamente



Cha-no-yu ou cerimonia do chá.

nascia, derramando um encanto especial e indizível. Em Kyoto vemos ainda hoje, em Kodaiji a pontesinha de madeira e em Ginkakuji o monticulo de areia branca, d'onde Hideyoshi e o Xogun Yoshimasa costumavam nos seculos XVI e XV respectivamente, entregar-se ao embevecimento d'esse spectaculo de sobrio esplendor, tão caro á imaginação japoneza.

É claro que, uma vez tornados superfinos e estheticos, até convertido o primeiro em pretexto para discussões intellectuaes e o culto do antigo na arte, eventos tão vulgares como o ingerir uma infusão de chá verde e o admirar um luar de outomno, não mais podem accommodar-se com habitações communs nem sobretudo com jardins que não reduções da natureza. Aquellas deviam obedecer a modelos invariaveis, estes tinham que ser, como os que actualmente se preservam em Kioto nas *villas* imperiaes de Shugaku-in e Katsura, artificiaes e convencionaes em todos os seus detalhes, desde os lagos com ilhotas até o cascalho das alamedas e o musgo das rochas. Os palacios, por seu lado, tinham que ser inteiramente adornados com o gosto mais apurado quando não com o canon mais severo. O esthetismo baseava-se na extrema simplicidade e desenhos e sepias ha da escola de Kanô que chegam a ser méras pinceladas, pinceladas artisticas no toque, mas quasi enigmaticas no tocante ao assumpto.

Si bem que varios *ateliers* de Tokio trabalhassem exclusivamente para os Tokugawa, Kioto é para a escola de Kanô o que Anvers é para Rubens ou Bruges para Memling. Quasi todos os *fusuma* dos aposentos ricos da antiga capital, em seus mosteiros e palacios, são decorados na maneira firme, discreta e comtudo quente d'essas gerações de artistas que se succederam a partir do seculo XV, os mais idealistas si bem que os menos originaes, na accepção européa do termo, da arte japoneza.

Independente de preoccupações estheticas, a decoração japoneza commum é invariavelmente mais do que moderada. Sabem todos que não existe mobilia nos interiores. As camas são colchas que se enrolam e guardam durante o dia, os guarda-roupas armarios feitos nas paredes com corrediças de madeira e papel, as mezas

banquetas de um palmo de altura, as cadeiras coxins de couro ou de fazenda. Quando muito, existiam antigamente cofres de laca para guardar as armaduras e caixas acharoadas de transportar as vestimentas de luxo, e existem hoje cestas de vime e saccoes de tapete para as viagens em caminho de ferro. O lugar da mobilia — perfeitamente dispensavel entre gente que se senta, dorme e come no chão — é preenchido pela serie de pequenos objectos, superfluos ou necessarios, todos de aprimorado gosto, por que se salienta a arte nacional. Estes mesmos não são porem muitos. A ornamentação de uma sala japoneza cifra-se inalteravelmente, no canto em que um estrado forma um degrao acima do soalho e o muro abre um vão, n'um *kakemono* desenrolado, n'um vaso com flores dispostas como na livre natureza, e n'um objecto de fantasia, geralmente de bronze, um d'esses *okimono*s ou *curios* cujos motivos os Japonezes, tradicionalistas até á medulla debaixo da sua crosta reformista, repetem sem se cançar e que apenas variam muito porque são em si muito numerosos¹.

Em nada melhor do que na referida continuidade imaginativa, inspiradora dos motivos artisticos, se acha estabelecida a ligação do velho ao novo Japão, que constitue para o viajante observador, sob algumas apparencias contrarias, as quaes redobram o effeito, a mais agradável das surpresas e a mais forte das fascinações d'este paiz seductor. A mesma cegonha trepada sobre uma tartaruga — ambos os animaes emblemas de longevidade — e segurando com o bico um castiçal ou tocha, que vimos ao ar livre deante da urna de bronze que encerra os restos de Ieyasu no alto de uma collina em Nikko, e já viramos no interior de um dos vastos e solemnes templos de Kioto onde as sombras que se projectam movem-se ao sabor dos raios fulgurantes de Amida, *o ideal de luz infinita*, encontral-a-hemos em edição barata no bazar a preço fixo de uma

¹ Para julgar com fundamento da opulencia incalculavel do thesouro de lendas, contos, historietas, symbolos e associações de idéas nacionaes, não ha meio mais simples do que percorrer o interessantissimo catalogo das pinturas e desenhos japonezes existentes no Museu Britannico organizado pelo erudito Anderson, o auctor da obra — *The Pictorial Arts of Japan*.

das muitas cidades de provincia, aceiadas, arejadas, animadas pelo commercio e industria como Shizuoka, ou em edição de luxo na officina em miniatura de um dos mercadores de bronzes finos, martelados e cinzelados, que são a tentação e o orgulho de alguns dos centros artisticos do paiz.

Os mesmos tectos de madeiras finas, polidas e xadrezadas como *mucharabis*, ou pintadas em vivos quadrados e arabescos, no verdadeiro estylo oriental, que notáramos no palacio imperial de Kioto ou no castello de Nijo, deparam-se-nos na residencia imperial de Tokio, levantada sobre as ruinas da mansão dos Xoguns. N'outros tectos, a fresco, são as mesmas pinturas chatas, sem perspectiva nem relevo, os mesmos dragões immensos, de cartilagens flexiveis, as mesmas aves do paraizo, de plumagem irisada, os mesmos anjos ou fadas de carões ovaes, tangendo instrumentos de musica e ostentando nas bastas cabelleiras negras rendilhados enfeites d'ouro, os mesmos productos imaginativamente acanhados de uma concepção indigena positiva, na qual se tivessem enxertado e desenvolvido as concepções fantasiosas de estranhas imaginações, misturando as suas flores n'um mosaico caprichoso, como junto ao templo principal de Nara desabrocham do mesmo tronco e se entrelaçam n'uma graciosa e unica combinação as flores de sete arvores differentes.

A arte é tradicional, os motivos são tradicionaes, porque a habilidade tambem é tradicional, transmittindo-se de geração em geração como um dom adquirido, conservado e afinado pelo constante exercicio. Apesar das fabricas modernamente montadas para satisfazer as exigencias da exportação, a quantidade dos objectos feitos á mão e isoladamente é ainda illimitada, e esta procedencia individual é que lhes dá o cunho distincto, si bem que se esforçando cada obreiro não por fazer differente, mas por imitar com perfeição o que já foi feito. Na imitação ha, porem, graos, como ha phases na invenção. A propria calligraphia participa d'este duplo character, artistico e imitativo. Não é ella no Japão um deslizar da penna, instinctivo e automatico, no qual as letras traduzem inconscientemente o que o pensamento gera: a escripta ideographica e o pincel fazem com que seja um desenho, requerendo applicação, e cujo

primor é tão apreciado como o da pintura, pelo que cada um procura fazer mais gracioso e mais bello que os demais. N'este sentido do carinho na execução e pericia da mão d'obra é por certo o povo japonéz o mais artista de todos os povos, como será o mais religioso si sómente attendermos ao seu culto pantheístico, ao seu sentimento profundo da natureza, que o leva a collocar seus templos nos sitios mais encantadores da sua terra encantadora, justamente onde fôr de mais justiça prestar homenagem a um Creador.

A cousa realmente que mais fere, mesmo o profano, n'uma inspecção de officinas japonezas, é a seguridade da mão, ou melhor a firmeza do pulso, pois que do pulso parte o movimento do pincel, do buril ou do cinzel. No fabrico dos *cloisonnés*, por exemplo, é simplesmente pasmoso como, sem errar quasi nunca, o operario corta o fio de metal, ageita-o e colloca-o sobre o desenho, por vezes microscopico, de uma flor ou de um passarinho, riscado no cobre ou na prata, e como, uma vez pegadas com resina, antes de soldadas ao fogo, as *cloisons*, elle as enche do pó de porcelana e distribue as côres que, depois de vidrado o vaso, formarão o esmalte multicolor. Na fabrica de porcelanas de Kinkozan, em Kioto, cujas taças e vasos com figurinhas, paizagens e scenas da vida nobre e popular, são tão delicados e perfeitos como os productos ceramicos de Sèvres ou de Saxe, vi o operario receber de seu companheiro o barro primeiramente modelado na roda, fazer-lhe desenhos geometricos, abrir-lhe concavidades, dar-lhe uma ornamentação superficial, de memoria e sem instrumentos, com aquella mesma mão certa e habilidosa que é um predicao já hereditario e inseparavel do artifice nacional.

Ha seculos que as mesmas familias trabalham nas mesmas especialidades. O filho ou discipulo adoptado de um conhecido cinzelador de bronzes fará, como seu pai ou seu mestre, amphoras elegantissimas, urnas airozas, vasos graciosos, sobre que esvoaçam bandos de patos bravos, ou reteza seus musculos no mergulho salvador uma rã perseguida, ou apparece entre as cannas flexiveis dos bambús novos o focinho esperto de um texugo. O setimo neto



Officina de trabalhos de laca.

de um famoso bordador, que tiver executado uma d'essas tapeçarias preciosas como a que, tecida com fios de lotus, se guarda no templo de Kurodani e representa a entrada de Buddha no Nirvana, bordará como elle, com a unica differença que, para acompanhar a tendencia contemporanea, abandonará muito os assumptos mysticos pelos da natureza ambiente, fazendo essas colchas de seda com flores e animaes, de uma extrema suavidade de tons, que mais parecem na technica pinturas inglezas da escola de Reynolds, ou esses velludos aparados representando paizagens e quadros de genero, que mais se assemelham no sabio e discreto colorido a pannos de Gobelins ou de Beauvais.

Kioto é hoje, como foi nos tempos idos, a patria por excellencia das artes japonezas, sentido em que tambem se lhe pode chamar a Florença do Japão. A exportação tem todavia exigencias, reclama artigos baratos e vistosos para bolsas parcas e gostos mal educados ou de facil accommodar, pois que no Japão como na Europa as boas cousas custam muito caro e correm o risco de só serem devéras apreciadas pelos entendedores. Ninguem quasi, por exemplo, concede na Europa seu exacto valor ás lacas de ouro, cujos exemplares melhores custam milhares de yens¹, mas constituem os productos artisticos mais typicos do Japão, sendo surprehendente a perfeição dos detalhes, e buscando a harmonia da composição e dos tons igualar a da natureza. Por isso os Japonezes aprenderam com os Allemães a fazer *billig und schlecht*. De braço dado com o barato o mau gosto assim penetrou no Japão, e encontram-se agora não raro manufacturas de carregação que são positivos horrores. Vi porcelanas e metaes que nada mais tinham de japonezes, no sentido que no terreno artistico estamos acostumados a dar a esta palavra, de sobriedade, apuro e distincção.

O dia porventura chegará em que, para satisfazer os compradores europeus, os Japonezes entrarão até a reproduzir o nú, uma

¹ Tive occasião frequente de admirar em Tokio dous grandes biombos modernos em laca de ouro, de dous paineis cada um, representando os templos de Nikko, adquiridos pelo seu possuidor por 15,000 yens (1,500 libras). Este preço está muito longe de ser considerado excessivo.

feição até aqui absolutamente desconhecida na sua arte, mesmo na de assumptos populares, si bem que sejam hoje tão communs como outr' ora o espectáculo nos campos de trabalhadores nús, a epiderme tostada do sol, apenas guarnecidos de um estreito *fundoshi*, que é muito menos do que uma tanga, e nas cidades o de jovens mãis de familia com o busto moreno inteira, ingenua e pudicamente nú. Por effeito do curioso contraste que se nota entre todas as cousas europeás e japonezas, as cortezans, que na Europa são as mulheres mais despidas, são no Japão as mulheres mais vestidas, as que envergam *kimonos* mais amplos e roçagantes, envolvem seus corpinhos frageis em *obis* mais largos e de mais rija seda, cobrem suas cabeças de enfeites mais dourados e complicados. Sua seducção exerce-se pelo vestuario tanto ou mais ainda do que pela belleza que possam ter. O nú não exerce por si fascinação sensual e, si não fosse indifferente, seria apenas susceptivel pelas circumstancias que o acompanham de impôr consideração. Em todo caso elle deixa pela sua ausencia de ter na arte japoneza a influencia perturbadora e excitante que possui na arte europeá, cujo effeito está na razão directa do primor. O Japonez não viajado estranha mesmo verificár que o nú seja digno de reproducção: pode descobrir-lhe a immoralidade, mas nunca lhe encontrará a belleza. Não ha muitos mezes que a policia de Yokohama teve que mandar retirar do mostrador da principal livraria europeá a gravura d'um dos mais famosos quadros do Ticiano, por causa do ajuntamento de culis e chacota que provocava a immodestia (para elles) da exhibição. A arte era ahi a unica culpada, porquanto os mesmos culis tomariam banho em commum com um bando de raparigas, sem que a nudez d'estas lhes despertasse as idéas voluptuosas suggeridas pelas cortezans paramentadas de Yoshiwara.

Mau grado os defeitos ou senões introduzidos pela concorrência commercial e pela mediocridade de gosto dos mercados consumidores, deixa-se Kioto com uma impressão superior de arte — impressão que é tambem e em proporção não mui diminuta gerada pelas suas producções modernas, e não sómente pela visão de ouro dos seus biombos cobertos de pinturas escuras, das lacas dos seus altares

applicadas n'um fundo negro de azeviche, dos nimbos dos seus idolos, das filigranas dos seus ornatos, dos bronzes dos seus lampadarios e candelabros, até das copiosas incrustações nas chapas de ferro, com o braço dos Tokugawa no centro de um desenho caprichoso, que no castello de Nijo recobrem os pregos das vigas e dissimulam as fechaduras. D'esta visão fulgurante os olhos repousam-se, ao sahirnos da penumbra dos templos ou dos palacios, n'um fundo uniformemente verde de vegetação garrida e tumida de seiva, com trechos tão singulares que qualquer pintura japoneza não pode com mathematica certeza ser accusada, por quem haja reparado n'aquelles aspectos, de convencional ou de extravagante.

Todos os escriptores — e são legião — que se teem recentemente occupado do Japão, hão descripto e enaltecido os variados primores d'essa natureza por vezes mais poderosa ainda do que amavel, mais impressiva ainda do que risonha — si bem que nada exceda em delicadeza e idealidade a visão das cerejeiras em flor —, cujos effeitos mais grandiosos dizem ser os produzidos pelas mirificas agglomerações de rochedos da costa occidental, filhas de anti-quissimas e successivas convulsões submarinas. Ahi mesmo, porem, prepondera sempre, no meio da estranheza de tons e de formatos, o fundido de côres e o harmonico do conjuncto que representam traços caracteristicos da paizagem nacional e tambem da producção artistica, que é o outro encanto maximo do Japão.

Por toda a parte com effeito nos cerca a dupla poesia da natureza e da arte, consorciadas n'uma indissoluvel união, e o influxo sobre nós d'essa poesia é sempre crescente, porque quando mesmo possa arrefecer a vivissima sensação do pintoresco na paizagem, que é eterna e immutavel, vai-se diariamente avolumando a seducção exercida pela obra manual, que é multiforme e variavel. Mas a propria natureza é tão pouco uniforme que a sua presença não pode engendrar o tedio. Nem creio existir quem se tenha subtrahido ao seu grato despotismo. Uma vez serenada a primeira impressão de exotismo, esta mesmo envolta em poesia, uma poesia de accordes quentes e asperos, cai-se como que sob a acção de um feitiço que nos transporta despertos para uma região de sonho. A natureza

toda nos parece então um hymno, a arte um poema, e uma e outra confundem-se na nossa imaginação. Vemos montanhas e bronzes que se nos afiguram sonetos impeccaveis, campos e lacas que se nos afiguram odes entusiasticas, torrentes e *netsukés* que se nos afiguram epigrammas mordazes. Caminhamos n'uma embriaguez dos sentidos e da alma, uma doce embriaguez que fosse lucida e não permittisse ao contorno vigoroso da realidade diluir-se na bruma do seu encanto magico.

A combinação suprema da natureza e da arte no Japão verifica-se em Nikko. Ellas ali se fundem n'uma symphonia de verde, vermelho e ouro — o verde escuro das *cryptomerias* gigantescas, que a vinte milhas de distancia se empertigam, formando uma soberba e quasi ininterrupta columnada de acesso ao monte sagrado, o qual tambem sombreiam; o vermelho sanguineo dos santuarios rebuscados que se sobrepõem até aos tumulos, no alto; o ouro fulvo das decorações profusas dos templos buddhistas e dos pagodes chinezes. Os Japonezes fazem com Nikko e *nekko* (magnifico) o mesmo *jeu de mots* ou antes assonancia que os Hespanhoes fazem com Sevilla e maravilha, e proclamam que os templos de Nikko são não só os mais formosos do paiz, como um dos portentos da arte universal. Tal opinião é a unanimemente seguida pelos escriptores que teem tratado de assumptos japonezes.

Para mim, entretanto, aquelles templos, separados da natureza em que se acham mergulhados, exprimiriam na sua incontestavel belleza a decadencia da architectura nacional. Elles symbolizam na sua riqueza a ascendencia dos accessorios sobre as puras linhas geometricas; encerram no seu esplendor uma verdadeira orgia de decorações vistosas; cantam na sua vaidade o triumpho da pompa sobre o gosto. Tudo quanto a imaginação popular havia creado em materia de animaes fantasticos — e não foram poucos —, juntamente com tudo quanto as lendas buddhistas accumularam no dominio do extraordinario e do exotico, e tudo quanto se podia dever á China n'um periodo de novo predominio da sua intelligencia, que até influio sobre a etiqueta da côrte afastada do Mikado, e bem assim tudo quanto em semelhante terreno se podia remotamente



Entrada dos templos de Nikko.

attribuir á influencia hindú, palpavel, segundo o professor Chamberlain, nos contos buddhistas e até nas lendas xinto, ahi achou guarida e commemoração. É um carnaval branco, rubro e dourado de dragões, de elephantes, de tigres, de licornes, de mistura com sabios chinezes, de craneo desnudado e ponteagudo, e demonios japonezes, de narizes disformes e dentes arreganhados. Da fauna bravia e domestica do Japão, sobretudo das aves, não ficou especie nem variedade sem representação, desde as aguias, as cegonhas e os pavões, até os patos bravos, as rolas e as gallinhas, e quanto á flora, rara é a planta que não vem prestar homenagem á peonia, motivo principal da decoração vegetal e emblema — pois que tudo no Japão é emblematico — do poder real.

Os sacerdotes mesmo que em Kioto vemos — apezar de no maior numero buddhistas, isto é, ministros de uma religião que tímbrá em fallar mais de perto á imaginação, com suas galas decorativas e liturgicas, do que o chão Xintoismo — envergar modestas sobrepellizes de veu negro sobre suas tunicas brancas, aqui ostentam gazes verdes, que lhes dão ares de foliões mascarados. E nenhum mais mascarado do que um Americano de cara rapada e olhinhos curiosos que, pelo preço de 10 yens — preço de tabella — teve ingresso no Heiden, onde com muitos salamaleques os padres depositam as offerendas diarias de vitualhas ao espirito divinizado de Ieyasu. Para tal fim tivera o infiel que revestir uma das taes sobrepellizes verdes que, muito curta para a sua estatura, o fazia parecer um andador das almas desgarrado no Extremo Oriente.

Emquanto, pelo modico preço de uma libra esterlina, o Americano se pagava na sombra essa sensação exquisita de profanação religiosa, cá fóra, entre as cryptomerias imponentes, banhadas do sol do outomno, bandos de corvos voavam e pousavam sobre os galhos dos topes, grasnando muito alto, como que irritados da venalidade sacerdotal e saudosos do passado de reclusão e de crença. Dei-lhes facilmente razão, do alto dos degrans em que me sentara, esperando que a cerimonia acabasse e que o Americano tirasse todo o proveito do seu *investment*, para que eu pudesse proseguir no meu rumo, admirando aquelles primores da arte do entalhador.

Durante toda minha estada no paiz, nada me pareceu cortar tão fundo a ligação entre o velho e o novo Japão como aquelle estrangeiro de opa verde, a devassar por dinheiro o tabernaculo do templo erigido áquelle que fundou o regimen politico do isolamento, e condensou os primeiros vapores da nuvem de suspeição e mysterio que até ha bem pouco circumdou o Imperio.

CAPITULO VIII.

NA SOCIEDADE DE TOKIO.

É em Tokio que o estrangeiro, sobretudo em posição diplomatica, pode penetrar mais na vida japoneza, tendo entrada n'uma sociedade que, si é apparentemente a mais desbotada de côr local, é em compensação a mais rica de espirito local. Verdade é que a penetração do estrangeiro não vai mais fundo do que a camada official, e que o intercurso mesmo assim estabelecido nunca passa de official, pois que, desde o momento em que deixam de exercer seus cargos politicos e occupar suas dignidades na côrte, os que compõem aquella sociedade artificial e intencional retrahem-se e escondem-se, tornando-se incommunicaveis. Os diplomatas não mais os veem e passam a conviver, si conviver se pode chamar esse trato cerimonioso, com os seus successores nas posições e nas residencias officiaes, construidas á européa, mobiladas á européa e preparadas para festas á européa, custeadas pelos cofres do Estado ou pelo thesouro do Paço.

Explicam alguns esta, ao nosso ver deserção social pela geral escassez de recursos dos Japonezes. Os millionarios são, quasi todos, rarissimos adventicios. Os antigos daimios, esses, depois da cessão voluntaria dos seus feudos á Corôa, vegetam pela maior parte na mediania, quando não na pobreza. A propriedade territorial é raramente consideravel. Quasi toda é pequena no pleno valor da palavra e consiste nos bocados de terra de que os camponezes, rendeiros d'elles, ficaram possuidores quando se desmoronou a organização

feudal e o governo do Mikado passou a arrecadar todas as rendas. Esta situação acha-se bem demonstrada na limitação do corpo eleitoral, o qual em 1895 não passava de 467,887 eleitores (11 por 1,000 habitantes), apesar da base para a qualificação ser apenas 15 yens de impostos directos¹. Para mais a vida tem encarecido muito no Imperio. Basta dizer que os quarenta principaes artigos de producção japoneza augmentaram de 42% no valor nos trez annos de 1896 a 1899, e que o preço do trabalho tem crescido correlativamente, para se avaliar das difficuldades de existencia por que devem passar alguns d'aquelles aristocratas empobrecidos — entre os quaes, como disse, seria inutil procurar os *nouveaux riches* —, cuja unica taboa de salvação é a munificencia imperial, que parece inesgotavel. Ajuntando-se a semelhante motivo o natural retrahimento dos Japonezes deante dos Europeus, proveniente em grande parte da desconfiança e acanhamento, comprehender-se-ha facilmente que os estrangeiros no Japão occupam para assim dizer uma ilha, que elles tratam de tornar alegre e festiva, no meio de um oceano de indifferença, seria mais exacto dizer de desdem.

Longe de mim dizer que a sociedade official não cumpre muito á risca e com largueza o seu dever mundano. A polidez n'esse meio não é uma palavra vã, e com certeza não tem referencia a tal sociedade o recente dito do barão Ishikuro, de que em vez de citarem tanto os heroes do passado, deveriam os educadores da mocidade japoneza ensinar-lhe melhores maneiras, acostumando os rapazes a serem *gentlemen* e não olharem para os seus hospedes, como o fazem os estudantes de hoje, com mal disfarçada hostilidade e manifesto escarneo. A civilidade não suppre, porem, a cordialidade, e esta é que falta. A fusão não se estabelece entre gentes de raças, de psychologias e de gostos differentes, que se congregam sem se irmanarem. Os Japonezes são fechados e impenetraveis, porque sentem entre si e os Europeus um abysmo que prohibe toda

¹ Pela nova lei eleitoral de 1902 a qualificação foi reduzida ao pagamento minimo de 10 yens de taxa directa, o que elevou o numero de eleitores a 967,227, que tantos são os registrados presentemente.

associação íntima das almas, e quanto mais culto e occidentalizado fôr em suas idéas, mais longe psychicamente se sentirá o Japonez. Aquillo que n'outros corações desperta emoções, aqui pode muito bem paralyzal-as, e a frieza da sensibilidade augmentar na razão directa da expansão da intelligencia. Conheço estrangeiros de grande distincção e da mais elevada moralidade — alguns que teem feito pelo Japão mais do que muitos dos seus filhos — que vivem quasi sem amigos japonezes, na terra que habitam ha dezenas de annos e á qual hão dedicado o melhor do seu talento e actividade. O Governo reconhece-lhes por vezes os serviços com pensões e condecorações, mas elles, quando mesmo presos pelos poderosos laços intellectuaes, nunca aqui sentem socialmente o seu *home*.

A adaptação dos costumes e dos progressos não suppõe infelizmente integração dos espiritos e dos motivos, si bem que o resultado da adaptação empreste uma certa apparencia de identidade aos compostos, sobretudo para quem observa de longe o composto japonez. De perto as dissemelhanças são muito frizantes e o effeito nem sempre é feliz, algumas vezes por deficiencia do esforço, outras pela preocupação de não sacrificar o traço pessoal. Nem ha duvida que a vontade de guindarem-se a toda a altura da civilização occidental conduz os Japonezes a certas fraquezas, como por outro lado os conduz aos mais louvaveis, nobres e fecundos empreendimentos.

Vimol-os, mercê de semelhante vontade, chegarem a formar um exercito e uma marinha modelos, para o que constituia aliás uma materia prima magnifica esta nação de samurais e de pescadores que, uns e outros, no jogarem a cada instante a vida, se habituaram a desprezal-a mais ainda do que lhes ensina sua philosophia da sorte. Vimol-os erguerem-se ás altas regiões da sciencia européa, marinhando com incrível applicação e pasmosa tenacidade, e mal podemos esquecer que são os mesmos estudiosos que ha apenas cincoenta annos passados tinham que desafiar penalidades para aprenderem o hollandez, afim de poderem ler alguns raros livros de sciencia furtivamente sahidos de Deshima e que passavam de mão a mão, depois de copiados em segredo. Tão atrazados eram então

nos seus conhecimentos que, quando alguns d'elles pela primeira vez dissecaram um cadaver, obtido do campo das execuções, ficaram espantados do que descobriram e ao mesmo tempo delirantes por verificarem que o seu exame abonava as gravuras do tratado hollandez de anatomia que lhes servia de guia¹.

Vemol-os tambem, é facil adivinhar, cahirem em comicas ingenuidades, levados pela mesma vontade. Por exemplo contaram-me que, quando pequeno, era o actual principe herdeiro alimentado em dias alternados da semana á européa e á japoneza, afim de habituar-se ao mesmo tempo o seu imperial estomagosinho a ambas as cosinhas: á européa, que no Japão quer dizer uma cosinha de bifes, porque Europeu é synonymo de carnivoro, e á japoneza, que muito provavelmente significaria mamar, pois que as crianças japonezas só se desmamam aos trez e quatro annos e algumas vezes mais tarde. Nem mesmo culinariamente é o nacionalismo sacrificado por completo ao estrangeiro: o contrario seria, alem de uma derogação de patriotismo, um conflicto aberto com o meio ambiente.

Uma vez percorrido e conhecido o Japão actual, si lermos as descripções do seculo XVII — as cartas do piloto inglez Will Adams, fallecido perto de Yokohama n'uma honorifica reclusão; a estimulante narração de D. Rodrigo de Vivero, o governador de Manilha que um temporal fez desembarcar no archipelago, e sobretudo a circumstanciada, honesta e veridica obra de Kaempfer — é que verificamos quão pouco differente é em muitos sentidos esse Japão moderno do antigo. Mudadas as circumstancias, as observações de ha trez seculos ageitam-se quasi todas ás que presentemente colhemos. Nem se diga que um paiz apresenta sempre continuidade na sua vida exterior, nos seus costumes locaes. Qualquer relação de viagem no Portugal dos fins do seculo XVIII ou no Brazil dos começos do seculo XIX, não mais corresponde em ponto algum quasi ao que hoje se nos offerece. De 1850 mesmo para cá a alteração é tão sensivel no aspecto das cidades, das paizagens e das

¹ K. Mitsukuri, *The early study of Dutch in Japan*, no vol. V, parte I, das Transactions of the Asiatic Society of Japan.

multidões como nos característicos da sociedade. Com o Japão não acontece outro tanto. A diferença é muito menos pronunciada, e quanto nos fere ou impressiona agora, encontra seguramente sua explicação no passado.

O nepotismo ou antes o espirito de *clan* na politica — contra o qual dizem-se aggremiar os novos partidos, provavelmente para o substituirem por uma mais disseminada corrupção — é uma cousa tradicional no Japão. Os Xoguns da primeira serie estabeleceram sua auctoridade predominante e sustentaram-na confiando todos os empregos importantes aos seus parentes, os quaes acabaram por governar o proprio Xogun, tornando uma perfeita realidade o chamado governo de *bakufu*, litteralmente *por traz da cortina*. Mais tarde Ieyasu consolidou o seu systema administrativo pela creação de novos feudos, situados entre os antigos, em cuja fidelidade se fiava mediocrementemente, e distribuidos por amigos de velha data ou rebentos de sua familia. Cada daimio rico e poderoso, que podia fazer sombra ao vassalo arvorado em tutor do Mikado, via assim á sua porta uma sentinella armada, espiando-lhe os movimentos. O espirito de casta encontra-se até perpetuado na curiosa composição partidaria da Camara dos Pares, onde existem nada menos de oito agrupamentos, sendo o mais importante o Kenkyu-kai, formado por 70 viscondes, e outro d'elles o Mokuyo-kai, constituido pelos barões.

O systema das commissões, dos *pots de vin*, que prevalece, ao que affirmam, na administração das grandes casas, das mais altas mesmo, o que é senão a sobrevivencia do antigo habito dos presentes, cuja escala subia dos mais humildes dependentes do castello ao proprio Xogun, e que vulgarmente se encontra sempre representado pelo *chadai*, isto é, a gorgeta suplementar, muitas vezes superior ao preço da hospedagem, com que se paga a estada nos hoteis puramente japonezes? Da importancia do *chadai* ou dinheiro para chá depende a excellencia do aposento e o volume dos agrados e atenções. Resmungam alguns contra o costume, que não deixa por isso de subsistir. Não menos razoavel seria abolir o inveterado systema dos presentes, dominante exclusivamente entre os Japonezes nas suas relações uns com os outros, não com os estrangeiros, e

que torna certos aspectos da vida no Japão uma difficuldade para os pobres e um encargo para os ricos.

O actor Danjuro despendeu cerca de trinta mil yens (75,000 frs.) nas festas do casamento da filha, porque, alem dos banquetes e outros divertimentos annexos, vestiu á sua custa todos os discipulos e brindou todos os empregados do theatro. É preciso notar que o banquete á moda japoneza, com acompanhamento de *geishas*, equilibristas e prestidigitadores, custa sommas avultadas. O que foi offerecido n'um restaurante de Tokio por um membro da legação russa a um grão-duque seu compatriota e uns cincoenta convidados mais, excedeu de quatro mil yens (mais de 10,000 frs.). Não admira que um millionario japonez, que ha pouco celebrou suas bodas de prata, gastasse por essa occasião cincoenta mil yens (125,000 frs.) em mimos aos amigos. Um casamento ou um enterro importa gastos extraordinarios á familia dos nubentes ou do defuncto, e todavia não ha quasi celibatarios no Japão e são frequentes os fallecimentos nas familias, geralmente bastante numerosas. Verdade é que para os funeraes, em vez de contribuirem sómente com offertas de flores e plantas, os amigos e conhecidos contribuem vulgarmente com dinheiro e segundo a importancia da dadiva recebida, será em determinado dia feita a remessa dos bolos de arroz adrede cosinhados como prova de reconhecimento. Convem observar que o receber dinheiro n'esse caso, como em outros, não tem absolutamente a mesma significação vexatoria que entre nós possuiria, comtanto que o dinheiro vá embrulhado de accordo com o codigo da etiqueta nacional. Assim manda o passado e obedece o presente.

A antipathia ao estrangeiro — não digo ás idéas estrangeiras — que vemos hoje imperar, muito disfarçada nas altas classes, mais franca entre o povo, rompendo o envolvero da tradicional polidez, já a proclamavam os primitivos viajantes inglezes, contando como eram a miudo insultados e até aggredidos. Não devemos porem esquecer, tratando-se da explicação, que os Inglezes foram precedidos no Japão pelos Portuguezes, e que datava então de meio seculo o encontro da cortezia japoneza com a grosseria peninsular. A affabilidade já tinha tido tempo de transformar-se em aspereza

e a doçura em fel. Os Jesuitas poucos casos relatam de desacatos e no geral louvam sem reservas o acolhimento que de começo receberam.

A curiosidade, o espirito imitativo, a facilidade de assimilação, são traços persistentes e integrantes da historia japoneza. No seculo XVII, si a politica se não houvesse mettido de permeio, o paiz ter-se-hia quasi todo tornado christão, como muitos seculos antes tornara-se quasi todo buddhista, e a civilização occidental teria feito sua entrada triumphal pela mão da religião, como agora o fez pela mão da sciencia. As duas embaixadas que foram do Japão á Europa em 1585 e 1613 (a primeira organizada pelos Jesuitas e mandada pelos daimios de Arima e Omura, e a segunda enviada por Date, daimio de Sendai, acompanhada pelo franciscano Sotelo, mais tarde, de regresso, queimado vivo) precederam na intenção a grande embaixada que logo depois do advento do *Meiji* percorreu a America do Norte e os principaes paizes da Europa n'um proposito de illustração e boa intelligencia internacional. O mesmo intuito politico e educador guiava umas e outra, não o fervor religioso, tão preconizado pelos missionarios de então. Tanto assim é que o enviado do daimio de Sendai, amimado em Hespanha por Philippe III e em Roma por Paulo V, abjurou do Catholicismo ao encontrar, na sua volta, desacreditado e perseguido esse credo, o qual aliás, na sua opinião, não fornecia mais do que um leve verniz á cultura européa, em grave desaccordo com as maximas prégadas pelos religiosos.

Dos estrangeiros com quem as descobertas os puzeram em contacto, aproveitaram-se os Japonezes o mais possivel, como no seculo XIX o tornaram a fazer. Os Portuguezes ensinaram-n'os a fabricarem armas de fogo; o piloto Will Adams, que Ieyasu conservou retido até o fim de seus dias, posto que brindado com uma mulher, honras e dinheiro, ensinou-os a construir navios de alto bordo, como o que transportou ao Mexico Sotelo e Hasekura; ao governador hespanhol das Philippinas, com o qual tinham feito um tratado, pediam dextros trabalhadores para lhes ensinarem a minera-

ção da prata; com os Holandezes tomavam licções de cirurgia¹. As circumstancias, mais ainda do que o espirito do tempo, exigiram que os Japonezes arredassem os estrangeiros á força e aferrolhassem suas portas, mas si o intercurso tivesse continuado pacifico, elles acabariam, como acontece agora, arredando-os brandamente uma vez que não carecessem mais dos seus serviços.

A minucia, o espirito de tyrannia administrativa, aquillo que os Americanos agora chamam *red tape* e os Francezes ha muito appellidavam *l'esprit bureaucratique*, o qual tornava tão humilhante a estada dos Holandezes em Deshima que mal se pode comprehender como elles a supportavam, vigora sempre no paiz e não encontra sua feição menos curiosa da actualidade no numero de leis, decisões e regulamentos de que são fonte perenne os poderes japonezes. Nos ultimos onze annos, desde a promulgação da Constituição, o numero das ordenanças imperiaes foi de 3,851, quer dizer, mais de uma por dia, alem de 2,010 ordens emanadas dos varios departamentos e das muito mais numerosas ordens provinciaes, dos prefeitos e governadores. Custa comprehender como o advogado japonez e, peor ainda, o governado, guia-se n'um tal dedalo de legislação. A lei relativa á construcção de vias ferreas foi mudada dez vezes desde 1892, e a classificação e remuneração dos altos funcionarios tem sido alteradas setenta e seis vezes nos ultimos dez annos, devido quasi sempre á creação de novos cargos e admissão de novos funcionarios. No mesmo periodo de tempo alteraram-se quarenta vezes os salarios dos funcionarios da classe *hannin* e trinta e oita vezes os dos militares².

É verdade que este excesso de legislação e sobretudo de regulamentação provem especialmente do facto de andarem os governantes japonezes ainda procurando na maior parte dos casos o melhor caminho. Não se transforma de *fond en comble* um paiz sem muitas apalpadelas e hesitações. O facto tambem é, porem,

¹ Meriwether, *Date Masamuné*, no vol. XXI das Transactions of the Asiatic Society of Japan.

² Artigo do Sr. Okuda Yoshito sobre a *Confusão e empirismo no estabelecimento das leis*, publicado no jornal *Nichi Nichi Shimbun*.

que o espirito do velho Japão se não apagou na atmospherã de innovações do Japão moderno, e que o que continua a prevalecer é o espirito de officialismo e de centralização que tornou o paiz aquillo que é — lhe corrige as tendencias centrifugas geradas pela combatividade e lhe empresta a força de impulsão tão em contraste com a frouxidão da cohesão politica da China. Por todos os modos, sob todos os pontos de vista, o antigo Japão prolonga-se no novo.

Justamente, e semelhante combinação constitue um interessante aspecto, é entre a sociedade educada e que se diz, ou antes dizem, europeizada de Tokio — o centro official e mundano da nação, como Kioto é o seu centro ecclesiastico e popular — que se trava conhecimento e se aprecia toda a tradicional e requintada cortezia japoneza. Quaesquer defeitos que se notem na população em geral a tendencia ao dolo nas relações commerciaes e a negligencia da verdade nas relações privadas, acham-se naturalmente banidos d'esse circulo social superior, que se não occupa de negocios ou só d'elles se occupa em larga escala, e com character administrativo, e que pode pela sua elevação e posição dar-se ao luxo de ser, quando lhe parece, franco e despido de subterfugios.

O escriptor nacional Tokutome, lembrando ha pouco n'um artigo do *Kokumin Shimbun*, a conhecida observação de Bismarck de que os Inglezes são como particulares muito *gentlemen*, isto é, muito honrados e correctos, e como politicos muito faltos de sinceridade e de probidade, fazia a reflexão inversa de que os Japonezes, si bem que pequem como individuos pelos defeitos politicos dos Inglezes, offerecem na sua politica internacional todas as garantias de seriedade e honestidade. O articulista esqueceu-se apenas de ajuntar que é isto devido á circumstancia de serem exactamente os melhores elementos sociaes os que dirigem as relações externas e em summa toda a politica japoneza.

Não ha duas moraes no Japão, uma privada e outra publica; sómente os que applicam a publica, são aquelles que se distinguem pela sua moral privada. Nem a pecha de propensão á deshonestidade poderia ser atirada com justiça contra toda a collectividade.

No commercio mesmo, onde os abusos são flagrantes, os elementos mais consideraveis são tão dignos e respeitaveis como quaesquer que o sejam, e o excellente preparo theorico que hoje é dado aos que escolhem abraçar a profissão mercantil actuará muito provavelmente como um correctivo sobre os elementos avariados. Tambem, por outra banda, poderíamos citar em desabono da moral publica conhecidos escandalos nas administrações communaes, justamente onde tem maior entrada as camadas do meio. Isto melhor prova ainda que a condição favoravel da geral moralidade actualmente existente na alta vida politica é, alem do patriotismo vehemente de toda a população, o haver um povo acostumado de todo tempo a ser governado por uma classe especialmente destinada a esse fim e cuja cultura ethica tem por base a noção de honra. A corrupção não vinga, quando mesmo appareça esporadicamente, n'esse meio contrario, e o reflexo da distincção de cima encontra-se em baixo.

Basta lembrar que o Japonez, divertido, gastador, festeiro como é, mesmo porque sua terra é toda ella uma festa dos olhos e da alma, facilmente desdenhoso e insolente ao tratar com estrangeiros, quasi nunca é vulgar, ordinario nem rixoso. Durante toda minha residencia no Japão não só nunca presenciei uma briga de rua, como nunca vi desenhar-se um gesto baixo ou indecente. Ha nos pobres como nos ricos, nos plebeus como nos nobres, um quê de aristocratico, que não corresponderá externamente em todos os contornos ao figurino europeu, mas que, innegavel como é na sua particularidade, se deriva de um fundo commum de educação testemunhado pelas maneiras senão pelas qualidades, as quaes nunca podem ser tão esmeradas entre aquelles que não possuem tempo nem condições para apural-as. Comprehende-se facilmente esse alto nivel das maneiras desde que o codigo da etiqueta japoneza era identico e obrigatorio para todas as classes. Elle vigora ainda, si bem que n'alguns pontos attenuado pelo contacto quotidiano com differentes habitos e idéas.

Geral como é, não se pode dizer que a etiqueta não seja tambem tradicional no Japão. Os seus primeiros preceitos encontram-se n'um edicto imperial do seculo VII antes de Christo e

o código actual foi elaborado nos fins do século XIV, de accordo com as regras estabelecidas, por um membro da familia Ogasawara, vassallo do Xogun Ashikaga Yoshimitsu. A etiqueta constituiu de todo tempo a especialidade d'essa familia, pois que seculos antes da nossa era já um Ogasawara methodizava os preceitos da cortezia e, mesmo depois do *Meiji*, outro Ogasawara publicava um tratado a respeito. O referido código compendia a vida japoneza. Tudo ahi se acha cuidadosamente previsto e estipulado: as medidas, as genuflexões, as prosternações, as apresentações, o ceremonial das visitas, o tratamento dos criados, o modo de fumar, de assoar-se, de fazer presentes nos dados tempos do anno, de dispor os pratos do jantar em bandejas, de servir-se das comidas, de beber o *saké*, de redigir cartas etc.¹.

Os velhos preceitos não são por certo mais, si um a um os considerarmos, tão escrupulosamente obedecidos como outr'ora, mas no todo a etiqueta é a mesma. O refinamento das maneiras é que pode ter variado alguma cousa, continuando varias d'aquellas manifestações de estudada polidez a reproduzirem-se por assim dizer automaticamente. É um facto o que em minha presença respondia um alto personagem politico japonês a um diplomata que impertinentemente disqueteava sobre a grosseria para com os forasteiros da população urbana, comparada com a affabilidade da população rural: que, quanto menos contaminada (*sic*) pelos estrangeiros, mais ingenua, confiada e amavel se encontrará a gente japoneza.

Accresce todavia que o ensino das maximas democraticas infallivelmente perverte a educação no tocante ás maneiras. Sem carecer lembrar que, como muito bem escreveu um publicista francez, o seu fito deve ser a *harmonia* e não uma chimerica e falsa igualdade, a democracia age como um dissolvente das deferencias pessoases. Não falta quem já note no Japão, o paiz typico das saudações e civilidades exaggeradas, patentes quebras de consideração e respeito pelos superiores que nem mais encontram

¹ J. M. Dixon, *Japanese Etiquette*, no vol. XIII das Transactions of the Asiatic Society of Japan.

correctivo e que, convem observar, não são provocadas por iniquidades ou tyrannias, casos em que facilmente ferve o cálido sangue japonéz. Assim, n'uma manhã de Dezembro de 1901, tendo a carruagem do ministro da Agricultura e Commercio cortado uma procissão de recrutas que se dirigiam festivamente para os quartéis, foi o ministro vaiado, e espancados o cocheiro e o policia que primeiro acudiu ao barulho. O *Japan Times* de 3, noticiando o incidente, ajuntava: «O Ministro de Estado esteve em situação muito critica até apparecerem e porem-no a salvo uma quantidade de policias.» Quer isto simplesmente dizer que o requinte da polidez morreu na nova sociedade, antes mesmo de haver desaparecido o requinte de organização social que o primeiro implicava.

Uma instituição occidental muito está por certo contribuindo para semelhante resultado, desprestigiando os governantes, fazendo a vida amarga aos politicos e ennodando as reputações e até os lares. Refiro-me á imprensa. Simultaneamente com a liberdade de expressão, cautelosamente vedada sob os Tokugawa, surgiram os periodicos na razão directa da expansão d'essa liberdade, que depressa degenerou em licença e acabou por originar a irreprimivel anarchia jornalística de hoje, da qual a policia teve que tomar conta afim de pôr um paradeiro ás deshonestidades mais que frequentes. O jornalista ha 25 annos passados — nos inicios da imprensa japoneza — era um individuo aggressivo, mas respeitavel na sua sinceridade, e respeitado pelos proprios que lhe condemnavam as violencias sediciosas. Presentemente, porem, a profissão é julgada quasi humilhante, tanto a degradaram os que vivem a farejar escandalos publicos e privados, explorar meias mentiras, excitar a curiosidade morbida de um numero publico de gosto corrompido pelos romances picantes e outros meios, e brindal-a com historias obscenamente amorosas, estimulando com tudo isto a venda das suas gazetas e obtendo para ellas uma larga posto que triste notoriedade.

Existiam no Japão em 1898, segundo os dizeres do *Résumé Statistique* official, 829 jornaes e revistas, com uma tiragem annual e conjuncta de mais de 450 milhões de exemplares (exactamente

464,458,141). D'esses jornaes não raros são os cordatos e que tendem a espalhar entre os seus leitores informações fidedignas do paiz e do estrangeiro, como por exemplo, em Tokio, o *Jiji Shimpo* (*O Tempo*), o *Nichi Nichi Shimbun* (*O Diario*) e o *Mainichi* (*O Quotidiano*), adepto do partido progressista, dirigido pelo conde Okuma; e d'aquellas revistas a maior parte, como a *Toyô* (*O Oriente*) e a *Bungei-Club* (*Club de Litteratura*), visa a entreter e vulgarizar invenções e dados scientificos. Boa porção da imprensa japoneza vive contudo de explorar as alheias mazellas e açular as ruins paixões.

Para nós e seu desenfreamento quiçá parecesse moderação, e as suas diatribes se nos afigurassem escriptas com agua rosada mais do que com fel. A imprensa japoneza não chegou ainda precisamente aos desmandos de linguagem da nossa, principalmente dos *A pedidos*, mas leva-lhe de muito a palma no capitulo da *chantage*, que está perfeitamente organizada. Ella é demais sufficientemente desbragada no sentido de não respeitar caracteres nem conveniencias, e de não escolher muito o seu vocabulario no injuriar e denegrir. O estadista mais altamente cotado, o homem publico considerado mais immaculado, o diplomata mais empertigado, estão á mercê de um pamphletario obscuro, o qual se sente tanto mais á vontade quanto não possui direitos de entrada na alta roda da sua terra.

No Japão antiquissimo, como no Brazil moderno, a poesia *menait à tout*, com a differença que os poetas japonezes tinham que exaltar a natureza e não que deprimir o imperante. Os poetas de facil improvisação tornavam-se, por meio d'este predicado e graças a uma *tanka* feliz, ministros e conselheiros de Estado dos Mikados amadores das lettras, exactamente como entre nós a mão imperial conduzia até os conselhos de gabinete e as posições diplomaticas, os auctores de satyras pungentes e inflammadas estrophes contra as instituições e o soberano. Os Mikados protectores dos litteratos não tinham porem adivinhado os jornaes, os artigos de fundo fulminantes e as locaes peçonhentas: do contrario teriam seguramente sido mais reservados nas suas demonstrações. Não é que os pamphletistas consigam mais, no Japão de hoje, galgar as

eminencias sociaes a golpes de penna. A imprensa é por certo no Japão uma arma terrivel de que, como n'outros paizes, se servem os que querem subir, mas servem-se d'ella commanditando os jornaes. Os redactores são, com rarissimas excepções (e estas mesmas não abrangem absolutamente as personalidades principaes da politica) figuras secundarias. São *reptis*, como os que Bismarck sustentava, que esbravejam, rangem os dentes, lançam baba, devoram, mas ficam sempre no lodo do pantanal¹. Domadores e victimas pertencem a outra esphera, pois que a imprensa no Japão é essencialmente o porta-voz d'aquelles dentre o povo que se instruem e d'este modo se emancipam do respeito tradicional á nobreza e á superioridade. Embora querendo por vezes mostrar-se ultra-conservadora, ella converte-se pelos seus processos na grande demolidora do respeito e da ordem actual, não trepidando mesmo em incitar o povo á desordem, instigando-o contra as auctoridades, as classes dirigentes e os poderes constituídos, excepção feita do supremo, que a tanto ainda se não abalançou.

¹ Basta reparar que a ultima Camara, eleita e dissolvida em 1902, apenas continha 9 jornalistas, ao lado de 120 agricultores, 51 advogados, 33 negociantes e 19 banqueiros. Será porventura interessante registrar que os restantes deputados dividiam-se em 2 manufactureiros, 7 proprietarios de minas, 7 cervejeiros, 9 medicos, 10 empregados de companhias, 4 empregados escolares, 9 empregados publicos, 2 escriptores, 1 editor, 1 proprietario de armazens de deposito, 1 proprietario de hotel, 1 gerente de companhia de emigração, 1 pharmaceutico e 1 agente de transportes. Nove figuram como occupados em profissões diversas, e 78 como não tendo emprego.

Discursando em abono naturalmente da sua profissão, disse n'uma conferencia realizada em Londres a 14 de Outubro de 1902 o sñr. Zumoto, redactor-chefe do *Japan Times*, um dos periodicos serios e bem conceituados da capital, que o jornalismo tem fornecido ao paiz meia duzia de ministros d'Estado, o que não quer todavia dizer muito, dada a proverbial instabilidade dos gabinetes japonezes. Outras asserções do conferente, de que a imprensa se tornou o viveiro dos estadistas do Imperio e o quarto estado da nação, são porem pelo menos exaggeradas, si bem que haja sido poderosa, por exemplo, a benefica influencia do educador Fukuzawa, e que a tiragem dos jornaes de sensação attingja, no caso do *Niroku*, mais de 150,000 exemplares diarios. Um jornal respeitavel de Osaka, a cidade commercial por excellencia do Japão, chamado *Asashi*, attinge entretanto igual tiragem.

Occasionalmente fiz traduzir para minha edificação as verrinas de certos diários de Tokio — o *Yorodzu Shoho* (*Milhares de informações matutinas*) e o *Niroku Shimbun* (*O Vigésimo sexto anno do Meiji*) —, e não raro compulsei esse atrevido jornal de caricaturas por nome *Maru Maru Shimbun*, como quem diz *Jornal redondo redondo*. Os desenhos são n'elle graciosos e por vezes excellentes, porem as allusões, quando não ingenuas, são quasi todas picantes e desaforadas. Lembro-me, entre outras, de uma caricatura representando a *toilette* européa da esposa de um Presidente do Conselho, a qual dizem peccar por um nascimento obscuro. A protagonista, de calças e collete (*proh pudor!*) está sendo calçada, vestida, espartilhada, empoada pelos membros do gabinete, enquanto exclama com tocante vaidade que todo o seu fito é ser, debaixo das roupas que pela primeira vez envergava, *the belle of the ball*. O ministro da fazenda, um politico que representou o Japão na França, ao mesmo tempo que maneja com dextreza a boneca de pó d'arroz, socega a esposa do seu chefe nas suas attribuições e ambições de debutante na sociedade cosmopolita de Tokio, assegurando-lhe que a arrebicará do melhor modo, o «modo que elle aprendeu em Pariz».

Caricaturas d'este genero são ás centenas e, alem de propagarem entre o povo noções perigosas sobre a leviandade, ridiculos e snobismo dos seus governantes, que são muito pelo contrario graves, correctos e medidos, até nas frioleiras, teem o serio inconveniente de não serem fundadas, porquanto no caso alludido a senhora na berlinda é não só graciosissima, como muito modesta e desprezenciosa, e de ordinario as senhoras do gabinete, que tão conspicuo papel desempenham por exemplo em Washington, brilham quasi totalmente pela sua ausencia da sociedade estrangeira de Tokio. N'esta apenas apparecem, convivem e convidam meia duzia de senhoras da côrte, damas da Imperatriz ou esposas de grandes senhores e de politicos que exerceram no exterior funções diplomaticas, ahi se acostumando ás recepções européas. Aos numerosissimos jantares como aos rarissimos bailes os politicos eminentes e os altos funcionarios comparecem quasi todos sós, e ninguem se

preoccupa de perguntar-lhes o que é feito das senhoras, que se adivinha estarem muito japonezmente em casa, aquecendo os dedinhos roxos de frio ao calor do *hibachi* familiar ou contando ás crianças, envoltas nas suas longas vestes vermelhas com enormes desenhos de animaes e flores — como as que as velhas depois dos 88 annos podem novamente usar, n'um symbolo delicioso da sua segunda meninice — os milagres da boa deusa Kwannon ou os apologos de macacos e caranguejos.

Nas casas mais abertas e hospitaleiras de Tokio, as que folgam ou se resignam a receber os diplomatas e que nunca são mais do que entreabertas e profundamente cerimoniosas, a parte européa da habitação, n'alguns casos sumptuosa, é toda de apparatus e para servir eventualmente. Exhibe-se nos dias de gala, mas de ordinario cheira a bafio por falta de ser arejada. A familia reside na parte japoneza, banhada de luz, comendo á japoneza, dormindo á japoneza, vivendo á japoneza. A gente sente, ao tratar com esses fidalgos encasacados ou uniformisados e essas damas decotadas, que elles e ellas, com toda a sua requintada amabilidade¹, almejam pelo momento de sacar camizas de peitilhos engommados e corpetes laçados, para enfiarem seus commodos *kimonos*, amplos, soltos, hygienicos, modestos e elegantes.

Comtudo pamphletos ha que injustamente verberam o estrangeirismo de governantes tão amigos dos seus costumes tradicionaes, atirando-lhes quasi o labeu de traidores, e outros folhetos escriptos com pornographica virulencia, em que um patriota carregado de serviços e com moralidade para dar e vender, como o marquez Ito, é representado entre raparigas galantes e jogadores de profissão, participando dos peccados de umas e do vicio de outros, sómente porque é um temperamento que não desdenha de quando em vez beber *saké* servido por *geishas* n'um composto jantar masculino, ou

¹ Conheci um velho dignitario da Côrte, prototypo da cortezia, que passava todo o inverno endefluxado em consequencia de insistir em acompanhar, de calva descoberta e sem abrigo, até suas carruagens todas as senhoras que jantavam em sua casa, situada no alto mais frio de Tokio.

distrahir-se das suas lucubrações políticas jogando o complicadissimo go ou xadrez japonéz.

É claro que a imprensa sendo, como a lingua de Esopo, o que ha de melhor e o que ha de peor, ao lado dos jornaes de descompostura vingam tão bem os jornaes de sã propaganda civilizadora, as revistas serias, os magazines de leitura amena, que actualmente abundam por todo o paiz, se vendem nas livrarias, nas estações de caminho de ferro, nas barcas a vapor, são lidos por burocratas de oculos de aros d'ouro como por velhas de cabello rente aposentadas dos cuidados domesticos, attrahem todas as attenções com suas capas vistosas e suas profusas illustrações, á americana, e appellam para todas as mangas — que é onde os Japonezes arrecadam o dinheiro miudo — pelos seus preços modicos. Justamente tenho deante de mim n'esta occasião uma revista feminista, cheia de retratos de senhoras distinctas, de professoras eminentes, de grupos de collegiaes, encerrando artigos de interesse para o sexo ao qual é destinada e tendentes ao seu progresso e elevação.

O que é entretanto curioso é que a violencia dos jornaes japonezes haja contagiado os jornaes inglezes, de ordinario tão ponderados e discretos na sua linguagem, si não nas suas idéas. Ha poucos mezes falleceu em Tokio, onde ha vinte annos a paralyisia o acorrentára a uma cadeira de rodas, o Americano House, um jornalista de grande talento, cujas catilinarias contra o ministro britannico Sir Harry Parkes se tornaram legendarias, e ainda agora volveram a ser causa de accesa polemica entre o *Japan Mail* e o *Japan Herald*, dois diarios de Yokohama, ambos proclamando-se imparciaes, o primeiro porem affecto aos interesses e prejuizos japonezes e o segundo aos interesses e prejuizos das colonias estrangeiras, particularmente da ingleza. Os epithetos trocados entre os seus redactores-chefes não serão tão crús, mas rivalizam em vehemencia e em intenção com os empregados pelos nossos mais conhecidos mestres do genero nas suas invectivas quotidianas. É um desconsolo verificar que, sob o ridente ceu japonéz, os animos em vez de sómente se erguerem embebidos na contemplação das bellezas naturaes, soffrem a influencia do seu clima mais estimulante e aspero

do que doce, balsamico e enervante, e dobram-se a sorver do férvido solo vulcanico, ensopado do sangue de tantas guerras intestinas, calor com que nutrir o embate dos despeitos e das paixões.

Esta violencia que entre os Japonezes achava outr'ora vazão nas luctas armadas, é no fundo a mesma que hoje abraza de sincero ou postiço ardor as longas linhas verticaes dos periodicos e a eloquencia opposicionista da Dieta, quando se não despeja de modo menos incruento. Já me referi ao vergonhoso e barbaro assassinato da Rainha da Coréa, que é por certo uma mancha indelevel nos jovens annaes da diplomacia japoneza, e ao furor patriotico que tem allucinado tantos cerebros e armado tantos braços. Hospedes da nação, como o Czarewitch, enviados de paz, como Li-Hung-Chang — entidades inviolaveis em qualquer sociedade — teem sido objectos de abominaveis attentados. E com tudo não se pode por forma alguma dizer que o paiz haja permanecido sanguinario como nos tempos em que os seus piratas chegavam até Sião e infestavam as costas da China, ao ponto de serem ainda agora alli citados como um terror. A reprovação d'aquelles attentados foi geral e vehemente. Nas recentes campanhas chinezas deu o Japão provas sobejas de que comprehende e pratica a humanidade, e de que a sua cultura não é uma ligeira crosta. Mas tampouco se pode já dizer d'ella que seja uma laca perfeita, isto é, que as successivas camadas de verniz, alisadas, polidas, amaciadas, se tenham embebido e adherido ao ponto de desafiarem a acção do tempo e até dos elementos, como esses especimens de seculares lacas imperiaes que, de volta da Exposição de Vienna, se afundaram deante de Yokohama e foram tempos depois retiradas do fundo da bahia, sem que houvesse absolutamente soffrido a sua obra imperecível.

A moderna civilização japoneza não está mesmo sendo um processo externo, como frequentemente costuma ser o seguido pelo proselytismo religioso, por isso originando frageis resultados. Ella começou, como todas as reformas, pela imposição de uma pequenissima minoria, mas está sendo um processo intimo, de elaboração propria, de aperfeiçoamento gradual pela comprehensão e pelo raciocinio, e como tal será resistente o seu producto. Não é porem

possivel transformar tão depressa como os meios de transportação os modos de pensar e de sentir. A deshumanidade antiga por vezes transparece, sem mesmo a desculpa da inexorabilidade da contenda economica. Nos jornaes tenho visto repetidas allusões ao modo brutal por que são tratadas as operarias de algumas fabricas de tecidos de algodão, raparigas quasi todas da aldeia, aleivosamente engajadas para esse mester por especuladores sem compaixão, que as conservam constantemente fechadas, trabalhando doze a quatorze horas, privadas mesmo de verem ou corresponderem com seus parentes, n'um verdadeiro estado de escravidão.

Dir-me-hão que factos analogos se passam nas sociedades occidentaes, cuja civilização está ainda longe de considerar-se perfeita. Tudo isso é exacto, mas não diminue o valor do argumento, que apenas trata de generalizar dentro da sociedade a que se applica. No Japão vemos que a superstição, cega e louca, ainda subsiste, conduzindo a actos de inequivoca selvageria, que na Europa se tornaram rarissimos. Não ha muitos mezes que a policia de uma das grandes cidades japonezas descobriu um commercio macabro que por dez annos se mantivera nas suas barbas, vendendo um dos coveiros do cemiterio cabeças humanas, que decepava dos cadaveres confiados á sua guarda, a um pharmaceutico, o qual ás empregava carbonizadas no preparo de algumas horriveis drogas em cuja composição entravam, para satisfazer a ignorancia popular, varios dos extraordinarios ingredientes correntemente usados na medicina chinesa. Em pleno Tokio foi depois d'isso encontrado o cadaver d'um rapazola com um grande pedaço de carne cortado do lombo, opinando a policia — a qual no Japão é muito activa, muito perspicaz e muito escrupulosa, compondo-a em não pequena parte antigos samurais — que a causa do assassinato não fôra outra senão a obtenção por algum curandeiro de carne humana para fins supersticiosos.

Nem sempre a superstição reveste caracter tão sinistro: tambem tem sua feição idealista. Como todos os povos orientaes, os Japonezes são muito atreitos não só aos jogos de azar, que a policia persegue desapiedadamente, assim como prohibe formalmente as

loterias, mas tambem ás adivinhações, á cabala e ás sciencias occultas. N'um curiosissimo estudo, para mais escripto com elegante fluencia, descreve Percival Lowell¹ os mais estranhos casos, a que assistiu, não só de catalepsia, hypnotismo e espiritismo, como de possessão divina, encarnando-se momentaneamente o deus invocado no corpo de um mortal. De resto o Japão sempre foi o paiz dos contrastes affectivos. O sentimentalismo ahi irmanou em todos os tempos com a crueldade. Nem existe typo mais japonez, mais caro á tradição historica, que o de Kamagai Naozane, um brutamontes em quem o furor bellicoso se esfriou para sempre ao deparar sob a viseira do inimigo lançado por terra com uma fresca physionomia de quinze annos, e que na mais severa vida monastica procurou a expiação da atrocidade involuntariamente commettida, não lhe sendo dado poupar a vida do adolescente barbaramente decapitado pelo fio da sua espada.

Os Japonezes não mais se exterminam entre si, mas no seu caracter persiste a mesma combinação de violencia e ternura, assim como na sua intelligencia se mantem o mixto de realismo e imaginação, realismo até o tetrico e imaginação até o incrível, que é tão palpavel e caracteristico na obra de Kyosai, cuja organização devorada pela febre artistica inflige o maior desmentido a quem pretender affirmar completa ausencia de elevação na fantasia japoneza. É gente que come bolbos de lyrios e saladas de chrysanthemos, mas á qual a vista do sangue e o espectaculo da morte não revoltam nem aterrorizam. Por acaso assisti, n'um dos meus passeios a pé no districto de Hakone, a uma scena repugnante de indifferença pela morte. Ao approximar-me de um telheiro, resto de uma *chaya* destruida por algum furação ou abandonada pelo dono, ouvi sonoras gargalhadas, que indicavam alguma festança. Tendo a curiosidade de abeirar-me, vi, não sem espanto, quatro ou cinco culis mettendo á força dentro de uma barrica o cadaver ainda quente de um rapaz de 18 annos mais ou menos, cantoneiro victima de algum mal subito.

¹ *Esoteric Shinto*, no vol. XXI das Transactions of the Asiatic Society of Japan.

Como a barrica fosse pequena para o corpo, posto que franzino, do morto, dobrado em trez, com os joelhos á altura do queixo, empurravam-no calcando com os pés e mesmo com um pau, como quem soca qualquer genero. Essa resistencia do cadaver é que motivava as gargalhadas e observações picarescas que não pude entender. Individuos que passavam pela estrada, paravam, contemplavam um minuto aquelle espectaculo em que os Japonezes pareciam encontrar tanta graça e eu era só a descobrir horror, e continuavam seu caminho sem formularem uma interrogação nem saltarem uma exclamação de pezar. Uma vez embarricado o corpo, os culis cobriram a barrica com uma esteira, ataram cordas em redor e enfiaram n'estas um pau, transportando-a dous d'elles aos hombros, sempre com as mesmas risadas que ainda agora resoam macabramente aos meus ouvidos. Esses homens, si tivessem encontrado o pobresinho do cantoneiro ferido ou enfermo, tel-o-hiam por certo ajudado, agasalhado, tratado. Encontraram-no porem morto, uma massa inerte que não mais sente nem soffre, cujo espirito se despregou e foi talvez segredar á familia longinqua que o fim havia chegado para o seu envolucro terreno. Para que as piedades inuteis, para que as lastimosas demonstrações em que se expandem as nossas almas exaggeradamente sensiveis? O Japonez ri-se da morte. A vida e sobretudo os prazeres da vida, eis o que elle toma a serio, e para os vivos e para os espiritos é que estão reservados os seus carinhos, não para o corpo desertado que vai fecundar a terra

A sua natureza comporta a rijeza e a delicadeza do bambú. São homens capazes de um grande despendio de vigor, quiçá de heroicidade, e immediatamente depois de uma crise de sybaritismo. As delicias de Capua encontram-se tambem na historia d'estes Carthaginezes do Oriente, que nos prazeres prolongadamente saboreados se deliciam em descansar dos seus desmandos de energia.

O estrangeiro de passagem só apercebe no geral o lado amavel e meigo da medalha, e si o reverso lhe fôr revelado, a culpa será muito provavelmente sua, pois que a cortezia ou a dissimulação — como quizerem denominar o predicado, e ambas as denominações

são exactas — distingue as relações entre as gentes cultas do Japão e da Europa, regradas da parte dos Japonezes por uma inflexível e refinada etiqueta. O decantado sorriso japonês, este *commum* ás classes educadas e ás populares, é realmente uma obra prima de polidez que não é submissa e de attenção que não é importuna.

Os paizes formalistas são invariavelmente paizes burocraticos, e nenhum o é mais do que o Japão. O elemento official é muito numeroso em todo o Imperio, especialmente em Tokio, e a tendencia para viver ás custas do Governo na qualidade de funcionarios baseia-se tanto na educação, porquanto os sabios chinezes (que sobretudo sob os Tokugawa modelaram a alma nacional) reputam indigno o trabalho manual e apenas meritorio o mental, assim determinando a falta de iniciativa e estreitando o horizonte da vida, como na tradição, visto incluir o Japão feudal nos seus traços peculiares o respeito supersticioso da auctoridade, a reverencia pelo funcionalismo administrativo e a manutenção de uma enorme classe de samurais ociosos. O grande apostolo da educação Fukuzawa, ha pouco fallecido, e os que participam das suas idéas progressivas hão combatido com clareza e perseverança inexcediveis semelhante concepção social, a qual, limitando a ambição intellectual, deve ser feita responsavel pelo rapido entorpecimento dos cerebros, que nos verdes annos são tão promptos no assimilarem e no adiantarem-se.

Segundo o publicista nacional Ozaki Jukio¹ o Japão é porem ainda composto muito mais de consumidores do que de productores. As luctas industriaes não offerecem grandes tentações, apesar do exemplo de algumas consideraveis fortunas. Em compensação as universidades e escolas regorgitam de aspirantes, sobretudo pobres — porque os ricos estão no caso de dispensar o preparo, e no Japão como na China a pobreza não é empecilho á ascensão — á instrucção superior, como o primeiro passo ou antes o fundamento para uma posição governamental. O ideal do velho Japão ahi prevalece como entre nós, n'este ponto, o do velho Reino, com a differença entretanto que os estudantes no Japão tomam quasi todos

¹ Artigo publicado n'uma nova revista de educação, por titulo *Kyoiku-kai*.

a serio sua occupação e estudam a valer. Querem o cargo, mas tambem querem a habilitação professional, que lhes permitta desempenhal-o com a consciencia de serem dignos da confiança manifestada na sua competencia e da honra insigne de trabalharem de mais perto para a grandeza d'essa terra tão querida, cujos novos destinos não fazem relegar e votar ao olvido as velhas glorias, antes fornecem renovado interesse á longa e prezada successão de episodios heroicos e fabulas ciosamente conservadas, que as meninas de collegio tomam para themas dos seus balbuciantes trabalhos artisticos, e que os rapazes decoram e repetem n'um justo desvanecimento, e com o fervor caracteristico que torna a vida japoneza uma vida patrioticamente impressiva e nobilitante com suas cerimonias symbolicas, recordações ao seu ver grandiosas, associações poeticas e allusões familiares.

É extraordinario o appello que o passado exerce sobre estes corações. A vaidade com que um Francez *chauvin* olha para a columna Vendôme ou a saudade com que um Romano culto contempla o arco de Trajano, não traduz nem se approxima do carinho hysterico do Japonez pelos seus vultos feudaes — quero dizer dos tempos idos, já que o feudalismo sob um aspecto ou outro foi o distinctivo e alicerce do velho Japão. Nunca me esquecerei do seguinte incidente da visita que fiz a um estabelecimento official de educação. O director, um velho samurai que se batêra no bosque de Uyeno pela causa do Mikado contra a do Xogun, percorreu commigo todo o edificio, explicando-me com notavel intelligencia a sua organização, principalmente européa. Á despedida, quando na salinha de recepção descansavamos e tomavamos chá, a minha vista parou sobre um cofre de laca vermelha-escura, ornado de fechos dourados e decorado de um emblema heraldico. O director notou de certo a instinctiva curiosidade do meu olhar, pois que abriu o cofre e d'elle tirou uma armadura completa, a *sua* armadura de samurai. E não contente com mostral-a e detalhal-a com uma emoção contida, enfiou-a com garbo posto que com difficuldade por cima da sobrecasaca de panno e das botas de pellica, e deu-me o inesperado spectaculo de um verdadeiro, authentico guerreiro do

velho Japão, de cervilheira de ferro, viseira com bigodes e pera de pello de porco do matto, couraça de laca, braçaes, guantes e perneiras, o qual, na realidade, tem presentemente por officio ensinar a mocidade a conhecer a Europa e a servir-se d'esse conhecimento para avançar o novo Japão, sem que este comtudo fique menos japonez.

O culto do passado influe decisivamente para dous traços do caracter nacional: o orgulho e o sentimento da responsabilidade. O Japonez, com todo o seu feitio descuidado — aliás muito mais visível entre o povo do que entre as classes altas — toma a vida muito a serio, e a consciencia do dever n'elle prima facilmente qual-quer outra consideração. Podem não dar fé d'isto os que sómente lidam com criados japonezes, acostumados a ter sua vontade e liberdade e que por este motivo mais alheios julgamos ainda a nós; mas notam-no os que conhecem bem a terra e o povo, e mesmo os que teem occasião de tratar superficialmente os seus melhores elementos. Por occasião da celebração da alliança anglo-japoneza a exclamação foi unanime: Tenhamos consciencia nitida das responsabilidades e deveres que este honroso accordo e o accrescimo do nosso prestigio internacional nos impõem!

Os proprios rapazes das escolas acalentam esse sentimento de responsabilidade que se manifesta, afóra a applicação professional, por um raro grao de equidade na apreciação dos seus educadores. Os bons mestres gosam de todo o prestigio e veneração. N'uma das minhas primeiras viagens no Japão assisti por acaso, n'uma estação do interior, ao bota-fóra d'um mestre-escola removido para outra villa. Os meninos acompanharam-no todos até o wagon com grandes demonstrações de affecto e respeito, e, uma vez dado o signal da partida do trem, proromperam em vivas entusiasticos que fizeram o instructor japonez empallidecer de commoção e do orgulho do dever cumprido. Por contra, outros mestres japonezes, incapazes ou immoraes, teem sido expellidos das escolas pelos rapazes revoltados. São mesmo frequentes, e dizem que quasi sem excepção justificadas, as paredes de estudantes.

O orgulho japonez é por certo um predicado excellente do seu

caracter e que deve ser contado ao activo da nação; mas ao lado do orgulho vemos desenharse, como sombra desmarcada, a vaidade, e esta é sempre ridícula quando a não justificam os factos, caso em que passa a ser sómente irritante. Os Japonezes já de si são orgulhosos de sua raça, a qual julgam tão superior ás demais quanto os Caucasicos a propria. Embriagaram-se alem d'isso tanto com o successo da sua europeização moral, e sobretudo com o successo da sua comprovada adaptação militar, que no seu intimo, estou convencido, a maior parte d'elles julga piamente que vai agora occorrer o mesmo que ha mil annos, a saber, que o Japão se apropriará da cultura européa, como em tempo se apropriou da chinesa, e progredirá, deixando estacionaria a civilização cuja essencia sugou e assimilou ao ponto de roubar toda a seiva ao tronco originario. N'esta presumpção é que consiste particularmente a vaidade dos Japonezes: não é sómente em serem tão amigos como os Francezes de honras, distincções, titulos, condecorações, todas as lentejoulas e frandulagens sociaes.

É muito commum ouvir-se fallar com desvanecimento no filtro por onde passam as idéas occidentaes, isto é, na criteriosa selecção exercida pela intelligencia nacional do bom e do mau que o estrangeiro lhes ha mandado. No livro sobre o Japão publicado em francez por occasião da ultima Exposição de Pariz¹, livro destinado a vulgarizar o conhecimento historico e social do Imperio, está dito com toda a gravidade — e é immensa — de que é capaz um Japonez, a proposito da condensada poesia do paiz, que os sentimentos nacionaes se distenderam ao contacto do pensamento europeu e que — palavras textuaes — »o dia virá sem duvida em que a flor da poesia occidental desabrochará com um novo esplendor nas planicies do Yamato.« Os Goethe de Hiogo e os Victor Hugo de Sendai deixarão a perder de vista os seus modelos europeus. A Europa, a jactanciosa, ficará distanciada no *steeple chase* poetico do seculo XX. E por acaso o não estará já sendo a outros respeitoos?

N'um dos muitos banquetes celebrados por occasião da publicação

¹ Hitomi, *Le Japon, Essai sur les Mœurs et les Institutions*, Paris, 1900.

do tratado de alliança anglo-japoneza (acontecimento que, entre parenthesis seja lembrado, teve o dom de fazer redobrar o orgulho japonéz, equiparando politicamente o Imperio asiatico á maior potencia territorial, naval e mercantil do mundo), o orador, um banqueiro, declarou no seu brinde que não via motivo de appellidar a alliança um contracto de lucro uni-lateral, porquanto o Japão no Extremo Oriente representava, militarmente, um factor mais importante do que a Inglaterra: o que é aliás exacto, não só com relação ao Extremo Oriente, mas em absoluto. Proseguindo, contudo, deixou o orador escapar dos seus labios as seguintes extraordinarias palavras: »Pelo que diz respeito á capacidade intellectual, ao senso commum e á agricultura, o Japão pode perfeitamente ser comparado á sua alliada.« Que os manes de Shakespeare e de Bacon, de Darwin e de Ruskin respondam ao Japonéz e vinguem os seus compatriotas. Eu contento-me com seguir o fio do symptomatico discurso.

O orador concedeu que no tocante a commercio e manufacturas está por ora o Japão muito aquem da Inglaterra, pelas razões de dispor de poucos capitaes e ser o povo pouco ambicioso, retirando-se os homens da liça aos cincoenta annos, fatigados e debilitados. A alteração do modo actual de viver e o cultivo regular dos exercicios physicos modificarão, todavia, esse costume patriarchal, e a reserva economica do Japão ver-se-ha tão augmentada com semelhante prolongamento de trabalho, o qual significa um accrescimo de riqueza de quinhentos milhões annuaes, a collocar em empresas remuneradoras, que o Japão »poderá tornar-se antes de muito (*may grow before long*) tão rico quanto sua alliada«¹. Os paizes á cata de emprestimos ficam prevenidos que d'aqui a pouco é ás portas dos Rothschilds japonezes que terão de vir bater. Farão portanto bem em ir desde já cultivando sua amizade.

Os Japonézes não gostam muito de que se lhes venha ganhar o seu dinheiro, e uma das maiores, porventura justificadas objecções á facilitação para introduccão de capitaes de fóra no paiz, é exacta-

¹ *Japan Times*, Março de 1902.

mente essa preocupação de que os lucros eventuaes das emprezas serão canalizados para as bolsas estrangeiras. Parece-lhes sempre e não erram, que os ganhos dos outros sahem das suas proprias algibeiras. Não terão entretanto duvida em ir ganhar o dinheiro alheio, no que procederão acertadamente. Para isto necessitam porem de collocar sua industria n'um pé semelhante ao da Grã Bretanha, o que, em que pese ao orador mencionado, representará pelo menos dezenas de annos de esforços ininterruptos. Por emquanto o Japão se recommenda pelas suas industrias tradicionaes e pela mór parte de luxo — pelos brocados, pelos bordados, pelos *tatamis* ou esteiras para forro de casas, pelas lacas especialmente — e tambem adquiriu grande pericia no fabrico dos algodões, cujos tecidos estão supprindo muito do mercado asiatico. As suas sedas pesadas estão todavia longe ainda de valer as francezas, nem são as leves superiores ás chinezas; os tapetes de juta desbotam ao sol; as escovas perdem os cabellos com pouco uso, e os phosphoros não se comparam com os suecos. Refiro-me a estes trez ultimos artigos porque representam, apezar da sua modicidade de preço, parcellas consideraveis da exportação japoneza, cuja importancia, sempre crescente¹, seria inutil amesquinhar, como seria summamente injusto apoucar o surpreendente desenvolvimento, em tão curto espaço de tempo, das manufacturas nacionaes.

O Japão carece todavia por algum tempo mais, n'este como n'outros terrenos, das licções do estrangeiro, soffra embora o seu orgulho, que lhe faz, não digo desconhecer, mas deixar de proclamar bastante o valor da efficiente collaboração que o paiz tem recebido dos seus instructores europeus e americanos para o seu progresso nas linhas occidentaes. Não quero insinuar que não exista reconhecimento entre os Japonezes. Agora mesmo trata-se de levantar estatuas de bronze aos Drs. Baelz e Scriba, professores allemães da Universidade de Tokio, sob cujos auspicios ha desabrochado e florescido a sciencia medica no Japão. Outros, como Griffis e Lafcadio Hearn, não se cançam de gabar a terna deferencia dos

¹ Ainda em 1901 augmentou 48 milhões de yens sobre o maximo attingido.

seus discipulos, alem do seu afincio no estudo, proveniente do bem entendido orgulho de quererem sempre parecer bem e á altura d'aquillo que emprehendem. De ordinario, é comtudo de algum modo melancholica a sorte dos *foreign employés* que por uma razão ou outra permanecem na terra. Os nacionaes, por mais notavel e efficaz que tenha sido a acção educadora d'elles — e a esta deve por um lado o Japão moderno sua maravilhosa reformação — nunca os acolhem no seu seio com o abandono de confiança que elles merecem. A suspeição e vaidade que jazem no fundo do seu character, de mistura com tantas boas qualidades, levam-nos geralmente a considerar aquelles mestres como assalariados, pura e simplesmente, e dos assalariados podemos despedir-nos com *sympathia*, mas não lhes ficamos devendo gratidão. Por isso os *globe-trotters* que, de *knickerbockers* e sapatões ferrados, sobem aos magotes de Kobe para Nikko á chegada de cada vapor da Europa, ou inversamente descem de Yokohama para Nagasaki á chegada de cada vapor da America, não devem espantar-se de lhes serem franqueadas as vistas e vedados os interiores. Não menos afastados dos Japonezes do que elles vivem varios homens eminentes pelo saber e pelos serviços prestados ao Japão¹.

Essa sequidão affectiva suppõe naturalmente uma grande força

¹ Da natureza e valor d'estes serviços dão o testemunho mais cabal as duas sociedades, ingleza e allemã, de pesquisas sobre o Japão, cujos annaes — *Transactions* de uma e *Mittheilungen* da outra — comprehendem o estudo mais aprofundado e variado, tal como nunca o emprehenderam os nacionaes, de todos os problemas scientificos, historicos, moraes e sociaes do Imperio. Nas *Transactions* encontrará o interessado, entre muitos outros, os primorosos trabalhos de Sir Ernest Satow sobre a renascença xintoista, os rituaes d'esta religião e as vicissitudes da Igreja Catholica no Japão; as cuidadas traducções dos *Kojiki* e outros velhos japonezes, feitas pelo professor Chamberlain; os conscienciosos artigos de Gubbins sobre Christianismo no Japão; as excellentes investigações de Mc Clatchie sobre architectura e costumes, de Conder sobre vestuarios e jardins, do Rev. Lloyd sobre Buddhismo japonéz, de Parker sobre China, Coréa e Cochinchina, de Batchelor sobre lingua, habitos e *folk lore* dos Ainos etc. etc. Nem são menos instructivas as actas das sessões, em que os assumptos tratados pelos conferentes passam a ser discutidos por conhecedores como Sir Harry Parkes, Greene, Murray, Syle e outros muitos.

de resistencia no character collectivo, não só no individual. De facto, por mais de perto que haja recebido o contacto e influxo europeus, a sociedade japoneza de Tokio não se revela menos nacional. A combinação das modas européa e japoneza sob a inspiração unica do ideal japonez é conspicua mesmo na Côrte, de onde primeiro baixou a europeização e que se suppõe ser o baluarte das idéas estrangeiras, no sentido d'ahi partir o impulso para as reformas necessarias e a imposição d'estas aos prejuizos conservadores do paiz. O Palacio Imperial já não é aquelle edificio austero dos antigos Mikados, cuja severidade é apenas redimida pelas pinturas de um gosto sobrio e de uma classica inspiração. Levantando-se no sitio mesmo onde se ergueu até 1868 o palacio do vassallo todo poderoso que em suas mãos concentrava a auctoridade effectiva, contagiou-se da pompa do usurpador, e parece-se mais com o castello de Nijo e com os templos de Nikko do que com o Go-sho de Kioto. Ha dourados em discreta profusão, pinturas em regradada abundancia, lacas em moderada copia, entalhados em calculada largueza, uma suggestão de luxo corrigida pelo infallivel bom gosto japonez. Ha tambem, sob o seu telhado recurvo, a dentro dos seus alpendres de traves esculpidas, debaixo dos seus tectos quadriculados e decorados, e entre as suas paredes de madeiras perfumadas, sedas de Kioto, fabricadas sobre padrões europeus, espelhos de vidro, não mais de puro metal polido, lustres de crystal de Veneza, sofás forrados de velludo de Genova e poltronas guarnecidas de brocado de Lyão.

O Imperador traja em publico de generalissimo, á européa, com farda apertada e largos galões dourados, e a Imperatriz e suas damas copiam os figurinos de Pariz ou de Berlim na côr roxo claro que parece ser a predilecta da Côrte, de certo por ser a côr fidalga e emblematica do Japão. No meio de tantas galas cosmopolitas, debaixo da ferula de uma etiqueta calcada sobre a de Vienna ou a de Madrid, é porem a cozinha nacional que distingue os almoços offerecidos pelo Imperador ao corpo diplomatico no dia do seu anniversario natalicio, por occasião do Anno Novo e em memoria do fabuloso Jimmu Tenno, o fundador da dynastia, como

que a exprimir bem claramente que a historia antiga não é sacrificada á moderna. São, n'umas tentadoras taças de laca recobertas dos pires tambem de fino charão preto ou vermelho com dourados, em pratos de porcelana dispostos sobre bandejas quadradas de laca, os tradicionaes preparados culinarios japonezes, limitados na variedade, estranhos ao paladar, mas cuidadosamente livres da gordura tão peculiar á cozinha chinesa, os servidos com inexcedivel esmero. Toda a sala do banquete recende ao molho tradicional por excellencia, o *sho-yu*, que se derrama sobre o peixe crú, se gotteja nas sopas, com que se empapam as frituras e que, fabricado com feijão fermentado, trigo e sal, é vendido em largas celhas de madeira branca, onde passa mezes a adquirir côr e sabor, uma côr escura e um sabor adocicado.

Na Côrte de Tokio não ha bailes, mesmo porque não ha quem danse. Entre os homens só os actores são igualmente dançarinos. A unica mulher japoneza que dança é a *geisha*, e esta dança por dinheiro, para divertir os homens. A Côrte offerece porem ao corpo diplomatico estrangeiro uma distracção puramente japoneza e que, comquanto não seja tradicional no paiz, possui todo o sabor de um desporto de daimios e grandes damas. Refiro-me á caçada aos patos bravos, não com espingardas e cargas de chumbo, mas com redes de apanhar, do feitio das que se empregam para caçar borboletas. Perto do mar, no fundo da bahia de Tokio, existem uma lagôa e terrenos alagados onde, no inverno, os patos bravos se congregam aos milhares. D'essa lagôa abriram-se pequenos canaes que atravessam n'uma enfiada as terras, plantadas de pinheiros baixos, de uma propriedade imperial, e vão ter a umas portas falsas de madeira collocadas em muros que marcam a terminação dos canaes, nos quaes vivem bandos de patos mansos. Os patos bravos, attrahidos pela companhia e pela comida, affluem em grande numero aos referidos canaes. Quando o individuo, de espreita atraz da porta falsa, vê pelos orificios estar o fosso povoado, faz um signal mudo e os caçadores avançam cautelosamente, empunhando as grandes redes presas a varas de bambú, com as quaes envolvem os patos quando estes levantam o vôo. Um falcão,

opportunamente solto pelo falcoeiro, á velha moda japoneza, colhe e subjuga a caça mais veloz ou mais recalcitrante.

N'outros divertimentos da Côrte, menos exclusivos, organizados n'uma mais vasta escala, igualmente combinam-se os antigos estylos e as novas invenções de passatempo. As duas *garden parties* á ingleza, com musica e merenda, mas sem dança, recordam os gostos tradicionaes, pois que são dadas para celebrar a florescencia das cerejeiras, no jardim do palacio de Hama, e a dos chrysanthemos, no jardim do palacio de Akasaka. Os proprios jardins são, um e outro, no puro tom japonez, segundo o qual o artista jardineiro só usa o que a natureza do seu paiz lhe fornece, desprezando quaesquer ornatos architectonicos e cingindo-se ao que lhe suggere o espectaculo da paizagem que o cerca, á qual é mesmo necessario que se adapte o producto, sendo escolhido igual genero de vegetação. N'um jardim japonez só se encontram portanto arvores, pedras, relva, areia e agua; nada de enfeites, como balaustradas, arcos e terraços. Si algum pequeno templo ou pavilhão o decora, é porque faz parte do quadro e constitue a redução do original, como o jardim constitue a redução de uma paizagem celebre.

De mais, o jardim japonez tem que ser apropriado ao genero de vida do seu proprietario, insinuando a idéa abstracta de reclusão, si se trata de um philosopho, ou de ambição si se trata de um guerreiro; e como alem d'isso, é considerado um lugar de retiro e de meditação, deverá despertar sentimentos consentaneos a cada temperamento individual, possuindo tambem muitas vezes o seu sentido occulto, historico e philosophico, vedado aos profanos. As mil regras e disposições, as mil particularidades de collocação, de interpretação, de suggestão das arvores, dos comoros, das pedras sobretudo — das quaes cada uma tem sua significação e symboliza alguma idéa ou facto¹ — são inalteraveis e encontram-se tanto nos velhos jardins do seculo XIV em Kioto, como no formoso Korakuyen

¹ Vide sobre este assumpto o interessantissimo livro de J. Conder, *The Art of Landscape Gardening in Japan*. O auctor dá uma longa lista das pedras e suas significações.

do principe de Mito em Yeddo, que data do seculo XVIII, ou na villa Waseda que o conde Okuma agora fez reconstruir n'um dos suburbios de Tokio. Uma tal continuidade não dará perfeitamente a idéa do Japão, identicamente tortuoso, emblematico e mysterioso no seu pensar intimo, que o estrangeiro devassou sem destruir, penetrou sem dominar e percebeu sem esgotar?

CAPITULO IX.

OS POLITICOS DO MEIJI.

Um dos segredos ou antes condições do exito pasmoso que acompanhou o empreendimento japonéz que visava a, n'um quarto de seculo elevar a civilização do paiz ao nivel da muitas vezes secular e tão differente civilização européa, é certamente a idoneidade do seu novo governo para o seu novo povo, a correspondencia que entre um e outro existe, a evolução que um tem ido operando nos seus processos e natureza de conformidade com as exigencias do outro, sem nunca romper, nenhum d'elles, a ligação com o passado nem tampouco oppor uma barreira insuperavel ás mudanças do futuro. O Japão ainda se não modernizou ao ponto de permittir a tumultuosa invasão na esphera governativa dos elementos de baixo, mas a sua actual situação politica assenta sobre o mesmo antagonismo, em acção n'outras nações, entre os interesses conservadores e os radicaes.

Desde a revolta de Satsuma, sangrentamente debellada, que a auctoridade effectiva do Governo Imperial é indisputada, tomando porem o desassocego das ambições o lugar do desassocego dos resentimentos. O governo de *clans*, que substituiu o de camarilhas, si assim podemos chamar os gabinetes ou conselhos privados do soberano, tende por seu turno a ser levado de vencida pelo governo de partidos, cujos ganhos já são liquidos, embora limitados. A opinião, no Japão, ha comtudo realizado importantes conquistas contra a resistencia dos governantes. O estabelecimento do regimen constitucional, em cumprimento das promessas imperiaes de 1868,

foi a consequencia de uma agitação politica capitaneada principalmente pelo conde Itagaki e que se estendeu e derrubou as hesitações, temores e perseguições dos estadistas no poder. Tambem a revisão dos tratados celebrados sob pressão pelo governo xogunal se fez debaixo da minuciosa e irritada fiscalização do grande numero, que não permittiu transigencias nem concessões.

Os Japonezes não possuem uma educação politica á occidental, isto é, á ingleza ou americana, que parecem aliás ser os unicos povos do Occidente a possuil-a, mas estão acostumados a formular suas recriminações e pugnar por ellas. O desassocego dos animos tem sempre o perigo de acarretar a rebellião armada, e o desassocego espiritual é chronico no Japão sob uma superficie por vezes lisa e espelhenta. Dizer, todavia, que os Japonezes estavam em 1889 inteiramente preparados para um regimen parlamentar, e que este correspondia a uma necessidade inadiavel, parece-me pelo menos exaggerado. O regimen parlamentar suppõe uma rotação de partidos, e como poderá esta estabelecer-se de verdade si, conforme ha pouco proclamava n'um discurso politico o marquez Ito, organizador da Constituição, deve um gabinete ser respeitado e apoiado emquanto gozar da confiança do monarcha?¹

O respeito do throno continua de facto a ser supersticioso mesmo nos que não são sinceros no seu culto extremo, e a longa serie dos Mikados offerece por sua vez uma ininterrupta historia de benevolencia e de afeição paternal, mesmo porque delegando os Imperadores a rigida auctoridade militar, só lhes ficavam as tarefas elementes da administração, onde podiam dar largas aos

¹ Ou o marquez Ito não foi perfeitamente sincero n'esta sua declaração, ou foi mais forte entre os seus partidarios a ambição do que a disciplina, porquanto a maioria constitucionalista da Camara eleita em 1902 resistiu a todas as tentativas de conciliação ensaiadas pelo gabinete, pela Camara dos Pares e por outros elementos politicos. Semelhante intransigencia, desculpada com o pretexto de que o Governo devia fazer face ás despesas de incremento naval com outras receitas que não provenientes da manutenção do acrescimo do imposto territorial, motivou a dissolução da Dieta e a convocação do eleitorado para 1º de Março de 1903, com analogos resultados politicos.

sentimentos filhos da sua essencia divina. Não se cita um Mikado que houvesse sido tyranno, ao passo que houve bastantes Xoguns crueis. A vingar, porem, a concepção de deveres dos subditos tal como a externou o marquez Ito, o que passa a significar a responsabilidade ministerial, base do systema parlamentar? Ao que fica reduzido esse regimen constitucional, mesmo imperfeito, em que o povo, si não é o soberano, pelo menos compartilha da soberania? A Dieta nunca passará em tal caso de uma copia anachronica do Corpo Legislativo do segundo Imperio francez, em que a representação nacional se via impotente contra os depositarios da confiança regia.

Outros vultos politicos logo rebateram a interpretação dada pelo marquez Ito á lei fundamental do paiz¹, mas para a maior parte faz ella fé, mesmo porque as pretenções populares nunca devem ter a ousadia de quererem impor-se á sabedoria do throno. Por isso devemos acreditar que o advento real da democracia seja por emquanto no Japão uma expressão do futuro, ainda que haja razões para crêr que não é em extremo longinquo esse futuro. Começa porque, como disse, nem todo o mundo politico e intellectual

¹ »Qualquer que seja o Governo no poder, é o Governo do Soberano e não deve ser tratado com sentimentos hostis. Nas presentes circumstancias internacionaes é essencial que o Governo seja tão forte quanto possivel, de forma a ser apto para cuidar com acerto das relações exteriores do paiz. Ao povo cumpre assumir uma attitude de circumspecção e não se o deve deixar esquecer que constitue uma nação civilizada. Estamos acostumados a ouvir dizer que o glorioso resultado das instituições constitucionaes deve ser realizado. Qual é porem esse *glorioso resultado*? Os partidos politicos teem-se até aqui inclinado a considerar como tal os gabinetes partidarios, mas uma reflexão paciente não justifica semelhante definição. Existe a politica nacional e existe a Constituição. São ambas cousas perfeitamente intelligiveis. Não ha necessidade alguma de ageital-as a sentidos especiaes. O assim chamado *resultado glorioso* das instituições constitucionaes só pode ser realizado n'um paiz civilizado. Paiz civilizado significa um paiz em que o povo possui capacidade tanto theorica como pratica, em que existe o instincto dos negocios, e em que, o progresso effectuando-se de um modo esclarecido, a marcha em direcção aos resultados constitucionaes dar-se-ha gradualmente. Rogo-vos portanto de não interpretar falsamente a Constituição.» (Texto do discurso do marquez Ito na reunião do seu partido.)

japonez acompanha o marquez Ito na sua exposta concepção de um governo representativo. Vemos pelo contrario que a representação popular ou Camara baixa, si bem que testemunhando ao throno absoluta veneração, reserva suas impaciencias e coleras para as suas relações com a Camara alta, base do governo de *clans* e elemento cuja projectada tutela o ramo legislativo emanado do puro suffragio não se acha por forma alguma disposto a tolerar. A Dieta que em 1902 encerrou seus trabalhos foi a primeira a levar a termo o seu mandato sem, por meio dos seus conflictos intestinos e da sua attitude irreconciliavel, ter impossibilitado a acção governamental e provocado a dissolução, mas logo a immediata teve que ser dissolvida quasi *in ovo*.

A essa massa em effervescencia faltam porem naturalmente cohesão e forma. A grande independencia de character e a presumpção de que se revestem os *nouveaux venus* ás regalias politicas, incluindo no seu numero agentes imberbes, arvorados em censores desde que aprenderam umas tantas maximas e idéas nos classicos chinezes, são condições nocivas á disciplina dos partidos. Tambem não ha muito mais de dous annos que, apoz varias tentativas e esboços, se organizou o primeiro partido politico regular com certa vitalidade, prestigio e influencia. O proprio *Seiyu-Kai*, obra em grande parte do ambicioso e irrequieto Hoshi Toru, teve entretanto, para ser viavel, que ir procurar e consagrar como chefe o mais illustre dos estadistas vivos da velha escola, do malsinado governo de *clans*. Refiro-me ao marquez Ito Hirobumi. A alma japoneza, tradicionalmente embalada pela canção feudal, ainda se alimenta d'essas dedicações entranhadas e d'essas direcções indiscutíveis. A veneração, a lealdade, a confiança tributadas ao *leader* ou chefe de grupo politico da actualidade, são na essencia as mesmas outr'ora manifestadas com relação ao chefe do *clan*; e, proseguindo n'este genero de comparações, alguém que quizesse ir até ao ponto de duvidar da effectiva omnipotencia imperial, temperada muito embora pelas restricções constitucionaes impostas *sponte sua*, poderia, sem com isso excitar grande incredulidade, attribuir no novo Japão funcções reaes de Xogun a varios homens d'Estado

do *Meiji*, o marquez Ito o derradeiro d'elles. Assim se comprovaria mais uma vez que o passado não morreu suffocado pelo presente.

Não que se possa chamar o marquez Ito um valido todo poderoso (os Tokugawa não foram desalojados em seu proveito exclusivo), nem que seja o Imperador uma entidade constitucionalmente nulla. A voz do Imperador é praticamente suprema, si já não é mais theoreticamente suprema sua vontade. Quando se tratou ha poucos annos da imposição das novas taxas do consumo e a Camara dos Pares se oppoz resolutamente a homologar a votação da Camara dos Representantes, compromettendo a sorte do projecto de lei e rasgando o programma financeiro do gabinete, foi para o Imperador que o marquez Ito appellou como supremo recurso e foi o rescripto imperial que, invocando a lcaldade dynastica dos nobres, determinou a adopção final das taxas.

É de resto uma consequencia obrigada das adquiridas condições politicas do Japão a referida tendencia á supremacia da Camara popular sobre a Camara aristocratica. Já por occasião da Revolução foram os daimios sobrepujados pelos samurais. Entre os primeiros encontraram-se por certo varios que exerceram papel saliente nos acontecimentos de então, e cuja intelligencia lucidamente comprehendeu a natureza dos tempos, pondo-se elles proprios á testa do movimento e iniciando as reformas. No geral, porem, a educação depressora da energia physica e moral, recebida pelos daimios no interior dos seus solares, inhibia-os de affrontarem por qualquer forma a profunda mudança social em andamento, e foram os seus dependentes, elementos mais sadios e vigorosos que, obedecendo ao aceno dos *kugé* ou altos nobres de Kioto, pessoalmente interessados na Restauração, conquistaram á sombra do throno as primeiras posições e as mantem emquanto o povo não toma conta d'ellas.

É inquestionavel que este movimento necessario se desenha. A Constituição do Imperio, organizada mais sobre o modelo prusiano do que sobre qualquer outro modelo occidental, encerra barreiras não fracas ao despotismo parlamentar. Assim nem a Dieta possui discrecionario poder sobre os dinheiros publicos, nem

o gabinete, comquanto ahi tendo assento, é, segundo ficou dito, d'ella dependente, mas sim responsavel perante o soberano, cuja confiança lhe é sufficiente condição de vida. Na pratica um ministerio não logra porem viver, a menos de recorrer ás dissoluções successivas, sem o apoio de uma maioria parlamentar, porque embora as despesas constitucionaes e obrigatorias não possam ser reduzidas ou rejeitadas sem annuencia do executivo, o orçamento annual tem que ser votado pelo ramo legislativo, e não pode ser indefinidamente prorogado. As despesas da Casa Imperial escapam unicas á auctoridade da Dieta, excepto para serem augmentadas. Si uma maioria hostile não pode portanto cortar em absoluto os viveres a um gabinete que lhe desagrada, pode em todo o caso embaraçar-lhe a marcha administrativa e forçal-o a recorrer á medida violenta e a uma nova consulta do paiz, pois que a perturbação politica quasi sempre provem da Camara electiva.

Comquanto emanada de um censo restricto e apezar de todo o poder da tradição e da auctoridade, esta Camara popular já conseguiu senão predominar, pelo menos balançar a influencia da outra Camara no mecanismo politico do paiz. Eis um exemplo recente. O ministerio presidido pelo conde Katsura, no poder no momento em que escrevo este capitulo, conta com o apoio decidido das principaes facções da Camara dos Pares, mas só viveu por algum tempo graças á tolerancia da maioria constitucionalista (*Seiyū-Kai*) obedecendo, ainda que sem enthusiasmo, aos dictames do seu chefe, o marquez Ito, ao qual não convem assumir n'este instante a responsabilidade do poder. Para a confecção do orçamento houve logo em começos de 1902 serias difficuldades e attritos. Gabinete e maioria chegaram todavia então a um accordo mediante concessões de parte a parte, mas a Camara dos Pares, que por um momento pensara em affirmar sua valia, teve de desistir do seu projecto de alterar o orçamento votado para pol-o de harmonia com os primitivos planos do ministerio, afim de não abrir um conflicto mais com a Camara dos Representantes, cuja maioria terminantemente declarou que não consentiria em alteração alguma pela Camara alta das suas adoptadas deliberações financeiras.

O ensaio parlamentar lealmente inaugurado em 1890 está

sendo — e como poderia acontecer diversamente? — não só o factor demolidor do espirito de *clan*, tão poderoso ainda nas elevadas regiões politicas e administrativas, como o incubador dos proximos estadistas populares. O povo vai-se emancipando, e é esta reforma essencial que aliás empresta a maior estabilidade ao novo regimen. O Japão conserva muito do seu antigo sabor em qualquer cathedra, mas não mais poderia voltar ao que foi, porque a sua adaptação se tem radicado n'um esclarecimento gradual e n'uma progressiva e consciente autonomia das suas camadas populares. N'este momento, entretanto, está o paiz apenas em vista do que para muitos é a terra da promessa. O proprio *Seiyu-kai*, com todos os seus ares de grande partido constitucional, não obsta a que a administração seja de classe, isto é, uma oligarchia. Chefe d'esse partido, com elle pleiteando o suffragio popular, o Marquez Ito persiste em agir como si fosse um dos Dez. Todo o alto pessoal governativo vive no fundo na melhor intelligencia. Suas desavenças são muito mais apparentes e transitorias do que reaes e basicas, para darem a illusão de luctas de principios, quando na verdade não passam de rivalidades de pessoas. Sua successão no poder obedece não tanto a indicações da opinião publica como a suggestões das suas proprias conveniencias e consciencias.

Nem pode muito bem haver luctas de principios — e tanto as não ha que os partidos politicos que se teem formado e merecem o qualificativo, não possuem por assim dizer programmas definidos e antagonicos — onde são iguaes as origens, iguaes as educações e iguaes os destinos ou objectivos. Os grandes estadistas e guerreiros do *Meiji* teem sido principes, daimios ou samurais, que viram a luz dentro ou nas immediações dos palacios imperiaes e dos castellos feudaes, criados sem differença nos sentimentos do dever, da honra e da obediencia ao superior, e que sem differença se capacitaram, ao chegar o perigo, da necessidade de prevenirem os designios maldosos das nações europeas em cata de dominios ultramarinos. O seu fito de todos é transformar, conservando. A mais lucida cabeça do novo regimen foi, a darmos credito aos seus biographos, o principe Sanjo Sanetomi, educado n'um gyneceu

feudal, mas cuja virilidade se manifestou desde os tempos anteriores á queda do xogunato, quando se poz á testa do movimento legitimista que conduziria á restauração da auctoridade do Mikado, instigando a união dos *clans* de Satsuma e Choshu e assim decidindo do successo dos imperialistas. O mais forte braço da Restauração foi o principe Arisugawa Taruhito, principe do sangue imperial, que commandou as tropas do Mikado na expedição contra as forças do Xogun e na campanha contra os rebeldes de Satsuma. Dos homeus d'Estado mais desassombrados, Ito era um samurai do daimio de Yamaguchi, Inouye um samurai do daimio de Choshu. Dos militares mais brilhantes, Yamagata pertence ao *clan* de Choshu, Oyama ao *clan* de Satsuma.

Não quer isto dizer que seja mister haver nascido nobre ou ser de *gentle birth* para lograr elevar-se na paz e na guerra. Como na Inglaterra, a nobreza é conferida aos que merecem e são felizes na administração e nas armas. Por ocasião da celebração do tratado de alliança anglo-japonez, todo o gabinete foi baronizado por atacado. Tomado, porem, no seu conjuncto, o governo no Japão é por ora popular apenas no nome, porque possui as chamadas instituições representativas, sendo de facto uma theocracia pacifica servida por uma aristocracia militante — militante não mais, é claro, á moda feudal, com lanças e escudos, mas á moda moderna, com artilheria e leis. Chamo theocracia a dignidade suprema do Mikado visto que, sacrificando aos espiritos dos seus celestiaes maiores, faz elle as vezes de pontifice da religião do Estado, que é o Xintoismo, e a sua posição é mais do que vigarial como a do Papa catholico: é por si mesma divina. Chamo aristocracia o elemento governativo, porque elle o é pela mór parte na essencia, e quasi exclusivamente nos instinctos, sendo raros os que, como o victimado Hoshi Toru, sobem ao poder com a preocupação ou o interesse de fazerem politica democratica.

Comtudo, a actual situação terá que mudar mais cedo ou mais tarde. Não se brinca impunemente com o fogo, e o povo, uma vez sciente de que lhe cabe de direito o poder, o reclamará de facto quando tiver capacidade ou força para tanto. A actual

situação do Japão é uma situação falsa. Nenhum Japonez illustrado acredita de boa fé no character divino do Imperador, e entretanto a ficção é mantida para uso dos nescios, para preservação da homogeneidade nacional e para estímulo do patriotismo. O dia porem virá em que essa ficção se desvaneça de todo e em frente, não podemos dizer da corôa, porque os Mikados não possuem tal attributo de soberania, mas do throno, se erga a onda alterosa das aspirações plebéas. Perto está porventura o dia em que, em vez do censo limitado como agora, contará o Japão o suffragio universal, com todas suas ameaças e reivindicações, e em que o governo, em vez de ser constitucionalmente independente da Dieta, terá invariavelmente que procurar angariar o apoio, nunca desinteressado, d'uma maioria parlamentar, conforme já na pratica tende a acontecer.

O espectáculo do Japão, sobretudo rural, não indica, convenho, que estejam imminentes mais essas reformas. E d'ahi, como prever sem errar a marcha dos acontecimentos? Quem, ha trinta annos passados, quando os samurais, de trancinha puxada para a frente do casco e duas espadas na faixa, passeavam altaneiros pelas ruas de Yeddo, poderia prever que no anno de Jesus Christo de 1901, 34º do *Meiji*, se amalgamariam no Japão varias associações de operarios (*labour-unions* ou *rodô dantai*), não, como as antigas corporações se uniam, para se ajudarem os seus membros entre si, mas para amaciarem as relações entre o capital e o trabalho e alcançarem para o trabalho o *status* politico e social que propriamente lhe compete? Os promotores da consolidação operaria não diziam si tal *status*, com relação ao capital, seria a dependencia do artifice inglez dos dictames do seu syndicato profissional, ou a relativa liberdade do seu collega americano: protestavam apenas insurgir-se contra »qualquer medida extrema tendente a prejudicar o poder productor do paiz e os interesses dos capitalistas«, com os quaes os seus proprios se sentem ainda solidarios.

Como vemos, os socialistas japonezes são por enquanto cordatos como socialistas d'Estado. *L'appétit vient en mangeant* e o radicalismo exclusivista terá o seu tempo. Varios dos mais distinctos representantes do Christianismo nacional, Shimada Saburo

entre outros, tem feito já abertos esforços para introduzir no paiz um socialismo que mal pode deixar de ser taxado de revolucionario. Uma sua recente brochura lembrava que os eleitores japonezes pagam 40 milhões de impostos, ao passo que os cidadãos privados do direito do voto pagam mais de 200 milhões, para verem onerados até o seu chá e o seu fumo, sendo sobremaneira injustas taes desproporção e demasia. Em seguida publicaram aquelles propagandistas um outro folheto, advogando a formação de um partido de governo popular sobre a base de que *Demos* é a fonte de toda auctoridade.

Com a consciencia pratica das suas responsabilidades, e hoje dos seus direitos, não podia certamente o Japonez permanecer na antiga sujeição espirital, uma vez que lhe descerrassem os horizontes e lhe franqueassem a estrada. A grande obra de Fukuzawa, o nome mais illustre do Japão moderno, o homem de intelligencia clara e de proposito firme que dedicou sua vida de professor, de auctor e de jornalista a vulgarizar a instrucção e a educação requeridas pelos novos moldes politicos e sociaes, foi justamente o inculcar no povo japonez, não sómente as noções concretas e correntes do Occidente, os seus inventos, os seus instrumentos de progresso e riqueza, como as idéas, igualmente comesinhas alli, de liberdade individual, independencia perante qualquer oppressão administrativa, participação consciente nos negocios publicos, e dispensa da acção official para aquillo que pode ser alcançado pelo esforço e industria do cidadão. »Os Japonezes da chamada classe superior, escrevia elle, sabem muito bem proceder como governantes, mas são perfeitamente incapazes de agir como particulares. São, por assim dizer, confucianistas disfarçados com vestimentas occidentaes. No Japão, é licito affirmar, existe um governo mas não existe uma nação.¹«

Com seu espirito ardego e sua comprehensão rapida, não é de surprehender que os Japonezes se tenham tambem alistado — os que, entre elles, cuidam de taes problemas — entre os defensores das regalias populares. De mais a mais, o idealismo os instiga

¹ Asatarô Miyamori, *A Life of Mr Yukichi Fukuzawa*, Tokio, 1902.

n'esta campanha a começo theorica. É força não esquecer que no character nacional o traço positivo é (e n'isto se parece com o americano) posto em realce, posto que nunca sobrepujado, pela feição mystica. Desconfio mesmo que em ambos o tom positivo está invadindo e caracterizando o todo. Não importa o que vai vir. O facto é que, mercê do equilibrio d'aquelles traços, teem os Japonezes representado um terreno de mui facil cultura moral, uma massa que com promptidão e consciencia recebe a impressão da mão do estrangeiro.

Não é a molleza da materia amorpha; é a plasticidade da substancia intelligente. O idealismo os impelle para fóra do seu circulo estreito de convenções e de prejuizos, e a fantasia ás vezes mesmo os precipita. É semelhante feição, talvez entre os Japonezes reflexo da sua paizagem poderosa e em todo caso harmoniosa, do seu ceu azul e transparente que as nuvens interceptam não raro para tornal-o depois mais diaphano e brilhante, que escasseia singularmente na alma pratica e resequida dos Chinezes, imagem dos desertos arenosos, dos rios lodosos, das montanhas cinzentas e escalavradas, das veigas verdes e chatas, da poeira turbulenta e asphyxiante do seu enorme imperio.

A imaginação japoneza não se desnortheia, porem, caçando chimeras, antes sabe refrear-se e applicar-se ao labor das invenções¹ e dos modos de utilizar as innumeradas e fortes correntes d'agua e desenvolver as prosperas industrias mineira, metallurgica e electrica do paiz, que já fornecem de carvão a sua marinha mercante e os seus fornos, de ferro as suas fundições, de caldeiras e machinas os seus navios de guerra, de locomotivas e wagões os seus caminhos de ferro, e breve fornecerão de luz e tracção todas as suas cidades principaes, de trilhos d' aço as suas estradas e de chapas d' aço os seus couraçados. O talento e a gloria dos estadistas do *Meiji* teem

¹ A diligencia japoneza n'este campo revela-se pela concessão de 615 patentes de invenção (30% das solicitadas) e registro de 119 desenhos ou planos no decorrer do anno de 1900 — numero assaz avultado para um paiz que ha pouco se libertou d'um obscurantismo medieval em materia de innovações industriaes.

sido que não se hão descuidado de promover, a par do desenvolvimento mental, esse desenvolvimento material, antes hão feito da expansão industrial o pensamento capital da era nova e a base da regeneração do Japão. Por seu lado Fukuzawa, o espirito que maior influencia moral tem exercido no moderno Japão, e que só comprehendia a extensão dos direitos populares quando baseada sobre um adiantamento geral das idéas, do bem estar de todos e do poder nacional, impelliu o mais que poude a mocidade que affluia ás suas licções e devorava os seus artigos¹, para os emprehendimentos commerciaes e industriaes, tão desdenhados nos antigos tempos, afastando-a fortemente da superstição do emprego publico. O famoso *Enrichissez-vous* de Guizot nunca foi tão glosado como por Fukuzawa, sempre accrescentando ao mote o conselho de conseguir a riqueza por meios honestos e laboriosos, o qual os adversarios do estadista francez geralmente supprimem nas suas citações, deixando o eminente historiador na postura de um adorador

¹ Fukuzawa foi o fundador e até fallecer, em 1901, o redactor-chefe do *Jiji Shimpô*. A sua mentalidade era tão progressiva e desannuviada que foi elle o primeiro apostolo no Japão do feminismo. Compadecendo-se da condição social inferior das suas compatriotas, escreveu varios opusculos e livros para affirmar a igualdade das faculdades moraes e consequentemente dos direitos que cabiam ao sexo feminino, e a indispensabilidade da elevação da mulher no lar, mesmo no interesse do vigor physico e intellectual da raça. Uma das ultimas publicações de Fukuzawa (antes das *Obras Completas* e da *Auto-biographia*) foi uma collecção de cem ensaios em que discute quasi todos os assumptos a que applicou a sua critica larga e tolerante, expoude incisivamente seu optimismo moral, derivado da crença profunda na acção do homem e na final perfeição das condições terrestres e ao mesmo tempo da resignação estoica deante das miserias da vida; seu ideal a um tempo materialista, de lucro pelo trabalho, e idealista, de gozo pelo conhecimento; e sua concepção religiosa, a qual era francamente agnostica, reputando comtudo a religião excellente e necessaria para as pessoas menos cultas. «Os homens illustrados, escreveu elle, teem os meios de formular o que constitue o mais alto ideal de virtude, mas os que não possuem outro fanal, melhor farão em adherir á religião com toda perseverança, pois esta lhes pode fornecer melhores ideaes do que elles mesmos se poderiam traçar.» N'este intuito queria Fukuzawa favorecer a disseminação do Buddhismo ou do Christianismo, sendo um desapiedado inimigo do moralismo sem nobreza nem ternura dos philosophos chinezes.

do Bezerra d'Ouro. O publicista japonês visava a erguer o dinheiro do opprobrio em que o tinha o velho Japão, para d'elle fazer a alavanca da grandeza do novo Japão, quando proclamava com uma soberba ironia que os funcionarios, os estadistas e os letrados podiam desaparecer sem que fizessem a minima falta, outro tanto não acontecendo com os mercadores, manufactureiros e agricultores.

Os grandes politicos do *Meiji* leram todos mais ou menos pela cartilha de Fukuzawa. O progresso do Japão tem-se effectuado pela pauta por este traçada. Da habilidade diplomatica d'esses negociadores improvisados fornece-nos documentos mais que satisfactorios a historia da revisão dos primitivos tratados celebrados pelo Japão com as potencias occidentaes, sob a pressão e a ameaça. Essa revisão, que consumiu quinze annos de espinhosas negociações, gyrava sobre o eixo do direito de exterritorialidade gozado pelos estrangeiros no Japão, isto é, o direito de serem julgados pelos seus consules ou juizes, regidos por suas leis e escaparem por completo á alçada das leis japonezas. Como Sir Robert Hart hoje escreve com relação á China, tal direito foi pelos estrangeiros transformado no direito de violar e transgredir todas as leis e regulamentos nacionaes. Nenhuma clausula feria tanto como esta o amor proprio japonês, e para vel-a riscada elles dariam de bom grado tudo quanto lhes pedissem. Os seus estadistas obtiveram comtudo — é verdade que ciosamente fiscalizados pela opinião publica — semelhante revogação a troco de uma concessão illusoria, qual a da abertura de todo o paiz ao commercio estrangeiro, confinado pelos tratados existentes a um pequeno numero de portos.

Os novos tratados entraram em vigor quatro annos ha. Os residentes estrangeiros patenteavam os maiores receios de que a rescisão da clausula protectora os expuzesse a todas as perseguições e malevolencias da administração local, mas consolavam-se com a idéa que a livre franquia do paiz lhes angariaria lucros consideraveis. Temores e esperanças eram igualmente sem fundamento. Os estrangeiros teem sido tratados a par dos nacionaes, com igual equidade, e o commercio d'elles não se desenvolveu absolutamente, porquanto o de exportação e importação continua como d'antes a

ser feito nos portos, cada vez diminuindo ahi mais a proporção esmagadora das casas estrangeiras, ao passo que o commercio interior, por atacado ou a retalho, nunca sahirá das mãos dos nacionaes que, com o fito de garantil-o, si preciso fosse, estabeleceriam até em redor dos mercadores de outras terras o mais completo isolamento. E note-se que os ardilosos estadistas japonezes ficaram ainda com um dos melhores trunfos na mão, a saber, as prohibições subsistentes para os estrangeiros de possuirem bens immoveis no paiz, explorarem individualmente minas, e fazerem parte das administrações dos caminhos de ferro onde teem interesses, prohibição esta ultima que equivale á de fiscalizar a gestão da sua propriedade. Este trunfo jogal-o-hão os politicos japonezes para chamar o abandono pelas potencias estrangeiras do resto de tutela que ainda conservam sobre a tarifa, readquirindo o Governo Japonez a sua plena autonomia aduaneira, ficando livre de todas as peias representadas pelas convenções especiaes e clausulas de favor.

Os estadistas do *Meiji* gozam — refiro-me aos provectoros, não á nova geração que vai tomando posições e occupando-as com acerto e successo — não sómente do prestigio da sua longa experiencia e dos seus incomparaveis serviços, que o campo d'estes naturalmente se cerceou, como da fascinação exercida sobre a imaginação dos seus compatriotas e do mundo, pelas suas existencias tormentosas e pelas suas romanescas aventuras. São como os heróes de uma epopéa ou, si acharmos o simile fóra de tempo, como os protogonistas de uma novella repleta de peripecias dramaticas. O Japão não encontrará pelo menos mais ensejo para lances analogos, e a terra mesmo vai cada dia perdendo mais do seu pintoresco social. Entretanto ninguem se esquece, ao tratar-se por exemplo do marquez Ito e do conde Inouye, que estes dous abalizados conselheiros do Mikado se contavam em sua primeira juventude entre os mais ardentes samurais reaccionarios. Dizia outro dia o conde Okuma a brincar que o marquez Ito havia sido um *boxer* dos mais conspicuos. Inouye era um fiel dependente do principe de Choshu, o qual afincadamente combatia o Xogun por vacillar ante a pressão estrangeira.

Foi esse par do Imperio, o actual conde Inouye, ministro dos

negocios estrangeiros por annos consecutivos, que dous annos ha recusou a presidencia do conselho, e sem cujo parecer se não move uma pedra no Japão politico, quem, na vespera de installar-se definitivamente a Legação Britannica n'um templo desertado de Yeddo, á testa d'um bando de fanaticos disfarçados em culis poz fogo ao edificio, não tanto em odio aos Europeus, come para crear embaraços ao governo do Xogun patenteando sua incapacidade para proteger os forasteiros, e até os representante diplomaticos. O fito todo era, já se sabe, obrigar os intrusos a abandonarem um paiz onde ninguem os chamara e onde ninguem os queria. Mais tarde Inouye e Ito, illudindo as disposições draconianas que desde Iemitsu prohibiam os Japonezes de afastarem-se das suas praias, e anciosos por julgarem *de visu* d'essa civilização européa da qual se contavam tantas maravilhas, embarcaram em Nagasaki como grumetes a bordo de um navio mercante que os transportou a Inglaterra, onde saltaram ao todo com dous dollares nos bolsos, havendo sido defraudados do resto ao jogo pelos marinheiros. O conde Inouye com a sua affabilidade a um tempo digna e risonha, que lembra muito a bonhomia fidalga dos nossos antigos senhores de engenho de grandes casas, costuma ajuntar, ao narrar este episodio da sua mocidade, que um dos dous referidos unicos dollares foi cynicamente escamoteado pelo padeiro inglez que lhes vendeu o primeiro pão comido apoz o desembarque.

Em Londres trabalharam ambos fadigosamente para comer, mas aprenderam o inglez e, o que mais valia, as vantagens e defeitos da civilização occidental. De regresso ao Japão um e outro pretenderam, com a força da persuasão assim adquirida, convencer o daimio de Choshu a ceder ás intimações das potencias colligadas — França, Hollanda, Estados Unidos e Inglaterra — que ameaçavam e de facto bombardearam Ximonoseki em 1863, afim de punirem o instigador dos ultrajes feitos aos seus vasos de guerra. Diz-se hoje que o principe de Choshu agia sob instrucções secretas da côrte de Kioto, anciosa por collocar o Xogun em perplexidades e difficuldades entre a bigorna estrangeira e o martello nacionalista. O facto é que o bombardeamento de Ximonoseki com a indemnisação

connexa trouxeram resultados inesperados, decidindo da implantação no paiz dos forasteiros, que o Xogun andava diplomaticamente tratando de convencer a retirarem-se. Os homens da qualidade de Inouye e Ito tiveram comtudo o raro talento e a consummada habilidade de tornarem semelhante implantação graciosa em vez de tyrannica, ganha pela condescendencia e não imposta pela força, dependente da boa vontade e protecção do governo indigena em lugar de sel-o do auxilio das armas estrangeiras. O Xogun tentou punir o principe de Choshu pelo seu proceder, mas, já no occaso do seu poder, foi levado de vencida pelas tropas mais enthusiaslicas do altivo vassallo, occorrecia que determinou a intervenção de outros *clans* em favor da libertação do Mikado e trouxe a abolição do xogunato e a guerra civil de dezoito mezes que produziu o novo Imperio.

Não se realizaram porem tantas mudanças sem que muito sangue fosse derramado em combates e muitos crimes se commettessem isoladamente. O educador Fukuzawa, cujas sympathias pelas cousas occidentaes o tornavam altamente suspeito, por duas vezes escapou milagrosamente á morte. Inouye foi quasi retalhado ás facadas por um magote dos seus adversarios politicos. Deixaram-no por morto na estrada, mas a neve, congelando o sangue das feridas e obstando a hemorragia, e depois os desvelos de uma mãe extremosa salvaram-lhe a vida, que tão preciosa se tornaria para a grandeza da patria. Conheci pessoalmente este homem de ferro, de quem n'uma visinhança de campo já apreciara o viver tranquillo e os costumes patriarchaes, poucos dias depois d'elle ter dado em Hokaido uma queda de cavallo, fracturando uma clavicula. Si ainda soffria alguma dor, não dava a minima mostra d'ella e não deixara por tão pouco de envergar o seu fardão e de passar sobre a clavicula contusa as grã-cruzes que lhe constellam o peito. Ito deveu a vida ao sangue frio e dedicacão de uma *geisha*, sua namorada e hoje sua esposa, que o escondeu, quando ferozmente perseguido, debaixo do soalho da casa, sempre algumas pollegadas levantado do solo, recobrin-do o improvisado alçapão com a esteira e collocando sobre esta o *hibachi* ou brazeiro a cujo calor se aquecia quando Ito buscou refugio junto

d'ella. As ameaças e os maus tratos dos perseguidores a não atemorizaram, e os inimigos de Ito retiraram-se depois de revistarem os armarios da casa, deixando incolume aquelle que viria a ser o maior estadista do *Meiji*, que o Imperador da Allemanha comparou a Bismarck e a quem toda a Europa acaba de prestar, por occasião da sua recente viagem, o tributo de admiração que é devido á obra realizada sob os auspícios d'elle e dos seus intelligentes companheiros. Esta obra, mau grado as sombras sempre causadas pela imperfeição do producto humano e as corrupções e veniagens que costumam acompanhar todas as instituições politicas sem excepção, resplandece como um prodigio de esforço e um ensinamento para a humanidade.

Este typo geral do estadista do *Meiji* é essencialmente representativo da sua epocha. Não é elle um ser hybrido porque é fecundo, mas é um ser amphibio porque moralmente vive em dous elementos — preso ao passado pelas tradições de cortezia que se extendem á vida publica e que são para o Japonez culto como que uma tunica de Nesso, rasgada a qual se lhe rasgam as carnes, pelos gostos de infancia que raramente se olvidam, pelos habitos quotidianos de pensar e agir que são tanto mais tyrannicos quanto datam inalteraveis de gerações, por todo o horror instinctivo á desnacionalização, isto é, ao que do seu ponto de vista constitue um rebaixamento de nacionalidade e de raça; preso ao presente pelo amor á obra realizada sob os seus auspícios, pelo instincto de conservação das altas posições grangeadas, pela adaptação a novas necessidades com que não sonhavam os velhos Japonezes, cujos filhos podem por orgulho não confessar sua predilecção por alguns dos confortos da vida occidental, mas não poderiam mais passar sem elles.

O producto do antigo regimen seria estheticamente superior, como acontece com todo o producto de uma longa e cuidada elaboração. Basta entrar, por um dos lindos dias de Maio em Tokio, n'um jardim de peonias e depois n'um jardim de rosas para se reconhecer que estas, acanhadas, indistinctas nas côres, compactas na disposição, falhas do donaire com que associamos suas irmãs do meio dia da Europa, são o resultado de recentes enxertos, ao passo que as

peonias immensas, fartas de petalas que ao mesmo tempo se destacam elegantes, n'uma extraordinaria variedade de tons, brancas umas, outras côr de rosa, ou violaceas, ou carmezins, ou de um roxo quasi negro, revelam a cultura tradicional e apparecem-nos como as flores proprias, estranhas e formosas de uma outra flora. O Japão occidentalizado não poderia porem, sob muitos aspectos, passar sem as rosas, que são o adorno por excellencia dos jardins europeus: não poderia, por exemplo, passar sem estadistas manipuladores de eleições e negociadores de empréstimos, sem politicos e sem financeiros.

Si os politicos referidos são, individualmente, caracteristicos do periodo que com sua actividade modelaram, não existe comtudo uma sociedade definida, caracteristica do *Meiji*. A sociedade japoneza está em adaptação como tudo mais no paiz, e não só uma adaptação d'estas se não faz repentinamente, como muita cousa ha que na apparencia apenas se acha regulada á européa e de facto subsiste sob a mesma forma que no velho Japão. Os amadores de estatisticas sociaes regalam-se ao verificar que, depois de promulgado o novo codigo civil, o divorcio diminuiu bastante no Japão, havendo diminuido as facilidades que nos antigos habitos se encontravam para aquelle expedito repudio da mulher pelo marido. A verdade está em que o divorcio foi n'alguns casos substituido por um costume muito mais immoral — o da cohabitação temporaria dos nubentes, os quaes sómente registram o seu casamento e tornam de algum modo permanente o laço que os unirá na vida, quando ficam persuadidos de que se darão bem no matrimonio. A mulher que passou por tal prova não experimenta aliás a difficuldade que seria de temer em encontrar segundo marido, ainda que a concepção da moral privada se haja a este respeito alterado sufficientemente no Japão para que o proprietario retirado e rico de uma casa de prazer experimente agora difficuldade em descobrir noivo idoneo para sua filha, educada no afastamento do commercio paterno.

Sobre que novo alicerce virá a organizar-se a sociedade japoneza não sei mesmo bem, ou antes demais o prevejo, porque o mundo todo se está hoje organizando sobre a base do capitalismo. E já é isto bastante para que não possa mais dirigir o Japão a antiga

nobreza que o governava, falha de riqueza depois da revolução, escassa da propriedade territorial que na Grã Bretanha é a condição da supremacia social, e por ahí politica da classe aristocratica. Nem outras condições lhe assistiriam n'essa aspiração, si a nutrisse a velha nobreza japoneza. A instrucção nunca foi monopolio d'ella; hoje menos do que nunca, quando o Japão regorgita de estudantes que nem todos, bem longe d'isso, passam a vida de indolencia sensual picarescamente descripta por André Bellessort n'um recente volume¹, antes mostram o mais decidido entusiasmo pelas sciencias applicadas, as quaes estão formando o Japão industrial sobre as ruinas do Japão artistico, e tambem pelas concepções philosophicas, quer materialistas, que lisonjeiam o senso positivo de muitos, quer metaphysicas, que sorriem ao idealismo de poucos. No Japão, como n'outras terras de velha cultura, as puras especulações intellectuaes exercem mesmo poderosa attracção. Um recentissimo artigo no *Kyoikukai* do sñr. barão Soné Arasuké, actual ministro das finanças e que, quando ministro em Paris, firmou o nosso tratado de amizade, navegação e commercio com o Japão, aponta judiciosamente para o mal que está causando ao paiz a quantidade de legistas e *scholars*, em grande parte incompletos em seu preparo, os quaes em proveito

¹ *Voyage au Japon*, cap. *La société nouvelle*, na *Revue des Deux Mondes* de 1º de Março, 1902. Este artigo, em grande parte fundado sobre informações fornecidas ao auctor, que pouco tempo se demorou no Japão, pelos missionarios francezes, é deliciosamente escripto bem como os anteriores, mas conteem todos exaggerações e inexactidões. Outro tanto acontece ao livro de Felix Martin, *Le Japon Vrai*, geralmente tido como o melhor trabalho francez sobre o Japão. Na verdade não existe sobre o assumpto um unico bom livro francez.

Ácerca do ponto em questão disse-me o professor suiso Bridel, lente de direito civil na Universidade Imperial de Tokio, ao pedir-lhe eu informações sobre os estudantes japonezes, que os ha remissos, como em qualquer parte, mas que pela maior parte trabalham com louvavel diligencia. O capitão Brinkley, que veio para o Japão em 1867 como instructor militar e possui o conhecimento e excellente *Japan Mail*, escreveu um dia em seu jornal com justa razão, que os estadistas nacionaes fizeram muito pela regeneração do paiz, mas que nada teriam realizado de permanente ou de alcance sem esse admiravel producto do moderno Japão, que é o indomito e infatigavel estudante. A aquisição da sciencia européa foi o alvo do Japão acordado e explica a sua transformação.

do direito e das letras privam a economia nacional de actividades que seriam de preferencia, com melhor resultado publico e particular, empregadas na industria e outras lides praticas.

Sobre a elegancia, que é uma maneira de seducção, tampouco lograria mais aquella nobreza — condemnada a desaparecer por muito que ella propria reforme ou que resista ás reformas — firmar sua ascendencia indisputada. Esta é comtudo palpavel ainda, e aliás não excita temores nem odios porque, com suas espheras bem definidas pelas circumstancias da evolução politica, a aristocracia militar e a do sangue foram ambas partes inseparaveis da grandeza passada, que a todos é igualmente cara. Si subsiste a tradição, o garbo dos samurais desapareceu porem com suas vestes folgadas, seus rabichos lustrosos, seu arsenal de espadas. De sobrecasaca ou farda, o Japonez nem aos proprios olhos dos seus compatriotas é formoso. Si um Europeu vestido de Japonez é sempre ridiculo, fazendo o effeito de gente que enfiou um roupão para ir tomar banho, o Japonez vestido de Europeu é mais ridiculo ainda, parecendo a maior parte das vezes que se vestiu com roupas emprestadas. Nota-se em ambos uma *gaucherie*, que no Europeu é em parte desmanhada pela exhuberancia muscular, mas que no Japonez tende a ser sobrelevada por certas posturas e gestos, faceis e elegantes com suas amplas roupagens, contrafeitos e comicos nos nossos fatos economicos.

Si a nobreza não aguenta com o peso do novo bastão de commando; si o clero buddhista, com toda sua influencia espirital, não ousaria, frequentemente devasso, ignorante e sem prestigio pessoal, depol-o no regaço da religião¹, muito menos o consegue por em-

¹ Os embaraços financeiros da seita buddhista Hongwanji, a que atraz foi feita referencia e tem fornecido largo thema aos jornaes, são exclusivamente causados pelas malversações, corrupções e deshonestidades de muitos dos seus sacerdotes, que em beneficio proprio hão extensivamente explorado a credulidade popular, acabando por excitar grande indignação entre os numerosos e generosos fieis d'essa seita. As disputas intimas já teem chegado a vias de facto entre os corypheos da seita, cujo abbade ou geral sustenta um luxuoso serralho no seu mosteiro de Kioto, e, quando esteve em Pariz, esbanjou sommas consideraveis do modo mais folião.

quanto soerguer a aristocracia do dinheiro. Algum, breve dia esta substituirá todavia a outra, pois que, sem a detestar como classe, nem regatear-lhe o louvor pelos passados serviços ou a consideração pelo que ella foi, reconhecendo-lhe mesmo uma superioridade de casta, explicada pela historia, lhe disputa no emtanto, tomada de appetite, as honras e sobretudo a auctoridade. A ambição do mando cresce instinctivamente com o fermento da riqueza, mas nem a impulsão nem a resistencia é de natureza e força a produzir explosões. Os que combatem a antiga nobreza como tal, os demagogos de profissão, formam por ora no Japão um circulo tão limitado quanto o dos japonezes que fallam bem as linguas estrangeiras.

Ha muitos que balbuciam palavras de francez, estropiam phrases de allemão e torturam periodos de inglez, tudo isso no geral com uma pronuncia singularmente arrevezada, assim como ha muitos que fallam nos *immortaes principios*, no *novo Japão*, no *destino manifesto* do archipelago, na pujança dos seus ideaes politicos e internacionaes. Contam-se entretanto os que sejam capazes de escrever sem erros uma carta em lingua européa, como os que sejam capazes de vociferar contra as instituições. Podem enlamear na imprensa as personalidades mais importantes e mais respeitaveis; rosnar contra as immoralidades e as corrupções, que não são talvez mais abundantes, mas são de certo mais visiveis do que outr'ora: acatam porem as funcções que os seus perseguidos exercem e particularmente acatam o soberano, cuja sombra sagrada abriga e protege todo o edificio constitucional.

Outras causas se descobrem n'alguns resultados, que não são a extensão do desrespeito democratico. Si apparece por exemplo moderada a deferencia pela magistratura, é porque o povo japonéz é naturalmente pouco chicanista, pouco atreito a tricas forenses, andando acostumado a dirimir suas questões por bem, por accordo ou mediação, ou de quando em vez á força, mas sem intervenção da justiça organizada, e das importações da cultura européa só percebendo o que lhe offusca os olhos do corpo, não os da alma. Os codigos liberaes e illustrados do *Meiji* são grego para a grande porção da população que o occidentalismo não penetrou nem na

espessura de uma pollegada, e que collectivamente corresponde tão pouco ao novo ambiente de civilização que lhe foi creado, como si deparássemos com uma platéa de phocas deante da orchestra de Bayreuth.

Não exclamava ha pouco, ao ser proferida a sentença, um venerando ancião que o Japão estava findo, porque o tribunal condemnara sem attenuante um individuo que attentara contra a vida de um antigo *eta*, quando, nos bons tempos passados, qualquer reo de igual delicto era absolvido pela singular razão de que um *eta* representa apenas uma oitava parte da personalidade humana, sendo assim preciso matar oito *etas* para perpetrar o crime equivalente a matar um homem? O que não diria aquelle ancião si lesse que outro tribunal japonez, eivado de jurisprudencia européa, condemnou a pagar uma indemnização um homem que repudiara a mulher pelo facto d'esta, educada na cidade e desposada sob prommessa de que continuaria a residir na cidade, haver recusado trabalhar nos campos, para onde a carregara o rustico marido? *Les dieux s'en vont*, bradaria com certeza o patriota, e na verdade os deuses vão-se, mas o velho character nacional persiste em muitos traços, no gosto do *far niente*, das longas palestras, pois que nada se faz no Japão sem tempo e sem conversa, do *sodan* ou recreação entre amigos, traços que recordam a epocha feliz em que as ambições forçosamente limitadas punham automaticamente um freio ao açodamento e á inconstancia. Os novos tempos revelam-se ao contrario, entre outras feições pelo desassocego moral do Japonez, o qual conforme muito bem observou Bellessort, com a maxima facilidade muda agora de ideal e de genero de vida, não o surprehendendo mais, no desequilibrio momentaneo que desconcertou a sua compostura e o seu traquejo do mundo, indícios da antiguidade da raça, as cousas nem as idéas mais extravagantes.

Annos passarão todavia, e muitos provavelmente, antes que algum agitador mais desassombrado e audaz faça rebellar-se n'uma manifestação de odio e de vingança, para isto pondo em movimento a abundante reserva de furor e violencia que se não esgotou nos conflictos feudaes, antes dormita sempre na alma japoneza, a grande

miseria que se alastra e que, si não é repugnante é no emtanto profunda. O feudalismo do capital ficará porem com certeza, como qualquer outro, debaixo da ameaça de umas *Jacqueries*, no dia em que esse capital tiver nivelado com sua plaina de ouro e dado o seu tom industrial e explorador á sociedade presentemente em formação, e onde se acham por emquanto distantes de systematização os numerosos interesses, ambições e ideaes que dentro d'ella se cruzam e entrechocam, contidos, quando não socegados e equilibrados, pela pressão do patriotismo, o qual felizmente preside ao seu desenvolvimento commum. Os politiqueiros japonezes são ignorantes, pretenciosos, declamadores, hypocritas e ao mesmo tempo imprudentes no brincarem com o fogo, exactamente como todos os outros politiqueiros de profissão, com o ridiculo a mais de quererem imitar os ridiculos occidentaes, mas n'elles, tanto quanto nos verdadeiros homens d'Estado da tempera dos que mencionei, o amor do paiz natal é dominante, cego, exclusivo, obcecante. A elle sacrificam aspirações e até conveniencias pessoaes; por causa d'elle nutrem desconfianças e antipathias, que infelizmente lhes não fazem ver melhor os effeitos comicos a que por outro lado os conduz o seu espirito exaggeradamente imitativo.

É particularmente para lamentar que o Japonez, de certo mal orientado pelo que observa em roda de si no Japão por parte das commuidades estrangeiras, considere, como já notei, européamente elegante o ser ruidoso, insolente e menos aceiado. Em toda a loja japoneza o vendedor costuma receber e despedir o freguez com prosternações sem fim. N'alguns armazens japonezes de Yokohama as proprias senhoras estrangeiras são agora recebidas com um arzinho desdenhoso e impertinente do caixeiro, disfarçado em occidental, que é altamente symptomatico.

Si entre os Japonezes abunda o sentimento nacional, o sentimento social, que na Europa mesmo é moderno, lhes não é por emquanto caracteristico. Assim, posto que no extremo generosos dentro do circulo domestico e dos amigos — e de resto no Japão antigo havia n'essas rodas, sob a etiqueta rigorosa, muita franqueza e cordialidade — não são os Japonezes no geral caridosos para os

estranhos, mesmo do seu povo. Os leprosos que não são raros, andavam desamparados e repellidos até que os recolheram os padres catholicos de Gotemba, e a formosa instituição de caridade que estes ahi fundaram, á sombra do alteroso Fuji, vegeta quasi só mediante os obulos dos residentes estrangeiros. Os Japonezes ricos a não auxiliam pecuniariamente, e o governo japonéz até cobra impostos sobre semelhante estabelecimento, onde muitos dias se passam sem que a comida seja bastante para os doentes e para os seus abnegados protectores.

A escassez do que chamei sentimento social e devêra mais apropriadamente talvez chamar sentimento altruista, será um factor poderoso no sentido da intensidade do movimento, no dia em que a miseria se tornar consciente e por isso mesmo amarga e vingativa. Do antigo Japão o moderno ainda está aproveitando a satisfação ou melhor a resignação de cada um ao seu destino. O insulto e a oppressão eram outr'ora resentidos e repellidos, não a differença em si das condições e das fortunas que passava por natural, infallivel e até justa, emprestando á miseria a aureola do irremediavel, da fatalidade. Agora porem os camponezes, d'antes ligados de pais a filhos ao solo e ás suas pouco lucrativas occupações agricolas, já emigram para as cidades no intuito de melhorarem de sorte, uma idéa que outr'ora lhes pareceria quasi absurda. Dentro em pouco será a consciencia dos direitos humanos, casando-se com a inveja — uma e outra importações occidentaes, na sua maneira actual — que surgirão a reclamar seus fóros de residencia, e um tal consorcio significa um sem fim de innovações que acabarão por suffocar o espirito vivo e tenaz da era velha, no que tinha de mau mas tambem no que tinha de bom.

Quereis um exemplo mais typico do quanto a consciencia dos direitos humanos vai abrindo seu caminho do que a citada e recente decisão da Côrte Suprema de Tokio, annullando a da Côrte de Appellação e favorecendo a mulher divorciada? O principal tribunal do Japão avançou o parecer, que qualquer Japonez de ha trinta annos passados consideraria simplesmente subversivo, e que hoje mesmo offende o sentimento ultra-conservador n'esta materia, do

paiz, de que o marido não tem direito algum de compellir a mulher a fazer o que esta não está no caso de fazer, sem que por outro lado a sua recusa encerre razão para divorcio. Si o espirito imitativo da cultura européa assim sempre se exercesse, não haveria motivo para a zombaria á qual os Japonezes são tão sensiveis e que aliás deve não raro ceder o campo á mais completa admiração pelos feitos do seu esforço. Por maiores comtudo que sejam estes feitos, nem por isso tornaram impeccaveis os heroes que os promoveram e a multidão que, sob sua direcção, os realizou. Para mais foi, como sempre, uma minoria que os delineou, os executou e os impoz, porquanto o povo em geral se conservou quasi tão distante (moralmente, não digo materialmente) da civilização européa como nos tempos da reclusão, com a differença que a introdução, consciente para muitos, inconsciente para o maior numero, do occidentalismo tornou os Japonezes inquietos e inquietadores: inquietos porque perderam para sempre a invejavel placidez de outra epocha, quando o dia de hoje era parecido com o de hontem, e o de amanhã devia sel-o com o de hoje, porque tudo se achava estabelecido, definido e previsto; inquietadores desde que agora os domina a todos o appetite da riqueza, subrepticamente aninhado nos seus peitos á vista do espectáculo brilhante e desmoralizador trazido ao alcance de suas vistas, apezar de ao mesmo tempo fazer transformar-se em desprezo o seu rancor ao estrangeiro.

CAPITULO X.

A HEGEMONIA ASIATICA.

Os Japonezes não esconderam, na embriaguez das suas victorias de 1894, que aspiram á hegemonia asiatica e que por amor d'ella se baterão algum dia contra qualquer nação da Europa que lh'a disputasse — fosse essa nação a Inglaterra, senhora dos mares, ou a Russia, colosso terrestre. Como depois d'isso a Inglaterra, *et pour cause*, preferiu alliar-se e ceder das suas pretenções, habitualmente exclusivas, a contestar a primazia dos interesses do Japão, os ciumes d'este voltam-se agora todos contra a Russia.

O programma do Japão *post bellum* estava traçado, cuja ultima ambição era tornar-se a Grã Bretanha do Oriente, potencia a um tempo naval e colonial, industrial e commercial. Para isso o primeiro passo consistia em dominar a Coréa, berço da sua civilização, senão imperial, buddhica, berço mesmo provavel da sua raça, donde lhe chegaram pelo menos as successivas invasões que, de combinação com o elemento malaio, foram expellindo o elemento porventura aborigene, hoje refugiado na ilha de Yezo¹; terra para a qual o

¹ Segundo a opinião do eminente Dr Baelz, professor jubilado da Universidade Imperial de Tokio, expressa n'uma conferencia realizada na *Deutsche Gesellschaft für Natur- und Völkerkunde Ostasiens*, os Ainos puros refugiados em Yezo e na ilha russa de Saghalin ou misturados com os habitantes do Japão e das ilhas Luchú, são de origem que de perto toca a caucasica; dominaram verosimilmente outr'ora o norte do continente asiatico, e seus representantes actuaes encontram-se dispersos, não só nas ilhas do Extremo Oriente, como mesmo na Russia e até na Baviera. O Dr Baelz classifica os dous typos predominantes no Japão como *manchú-corcano*, peculiar

Japonez, com um sentimentalismo historico que se coaduna com o seu temperamento de apparente frieza e estudada reserva, volta sempre os olhos como os do Europeu se voltam para a Grécia, n'um mixto de ternura retrospectiva e de desprezo contemporaneo.

Para o resto da Europa foram da Hellade gloriosa o paganismo amavel, a arte serena, a especulação philosophica; para o Japão vieram da Coréa, posto que em ultima instancia da China, a religião buddhista, a sciencia, a arte, a industria, até a cultura do chá e a do bicho de seda. A estimadissima porcelana de Satsuma, cujos velhos exemplares são quasi impossiveis de obter e se pagam a peso de ouro, introduzida no fim do seculo XVI pelo principe de Satsuma (donde lhe veio o nome), é obra de artistas coreanos, cujos descendentes ainda vivem em Tsuboya. Muito antes d'isso artistas igualmente coreanos modelaram em bronze uma bellissima porta do templo de Shiba, em Tokio, e enriqueceram alguns dos templos buddhistas de Nara e Kioto com pinturas muraes e estatuas de madeira, cuja correcção anatomica e vigor de expressão provocaram o vivo entusiasmo de um conhecedor frio e atilado como o Dr Anderson, que as reproduziu na sua magnífica obra¹.

A expedição de Hideyoshi, no seculo XVI, foi uma bacchanal de sangue, mas o seu designio indica que alli residia uma constante preocupação do espirito aventureoso e militar do Japão, solicitado por intimas afinidades ethnicas e moraes, do sangue e da intelligencia. O interesse dos Japonezes pela Coréa chega mesmo a buscar suas raizes romanticas n'uma epocha muito mais remota: na tão fallada expedição e conquista da Coréa no seculo III da nossa era pela imperatriz Jingô, mãe do imperador depois deificado como Hachiman ou deus da guerra, o qual ella milagrosamente carregou nas suas entranhas todo o tempo que durou a ardua e demorada campanha.

Infelizmente nada existe de menos certo do que esse episodio da historia japoneza, tão popular entre os chauvinistas, que no

ás altas classes e cujo caracteristico é a esvelteza, agora degenerada em fraqueza, e *mongol-malaio*, physicamente muito mais robusto e que de resto é o vulgar.

¹ *The Pictorial Arts of Japan.*

Japão são todos. Houve de facto por aquelle tempo uma notavel imperatriz, mas a invasão da Coréa deu-se muito mais tarde. O restante, o melhor da lenda foi amalgamado, poeticamente arranjado com indicios maravilhosos, dicções lyricas e outros traços para pasto da vaidade nacional. Nem a primitiva historia chinesa, nem a coreana nada diz sobre essa importantissima aventura, tão pouco exacta, escreve Aston¹, como a lenda dos Argonautas. O que em todo o caso os annaes chinezes e coreanos testificam é a influencia predominante do Japão sobre algumas partes da Coréa, influencia que *desde então se manteve*, si bem que com longos intervallos, pois que, apoz as victorias manchús sobre os Ming e installação da dynastia estrangeira na China, os Japonezes suspenderam a exigencia do tributo que o reino da Koréa estava habituado a pagar á China e ao Japão. Desde então, na phrase de Parker, a Coréa não mais teve historia².

A Coréa de hoje si já não é o *reino eremita*, continúa todavia a ser o paiz de civilização atrazada que aguarda a sua regeneração, a qual só de fóra lhe poderá vir, porque as suas proprias molas se gastaram na immobilidade e se acham presentemente incapazes de fornecer um qualquer impulso. A proximidade geographica, pois que 150 milhas apenas separam Nagasaki de Fusan, e da ilha de Tsushima quasi se descortina a costa coreana; as referidas associações, historica e racial; as condições diversas, agora inversas, de cultura nas duas nações: tudo está indicando claramente á intelligencia japoneza a sua tarefa civilizadora, e é sem discrepancia que os estadistas japonezes apontam para a Coréa como o campo remunerador por excellencia para o commercio, a colonização e expansão da sua patria. Já n'este momento o Japão contribue com mais de 8¹/₄ milhões de yens para os 11 milhões que formam o total das importações coreanas, e compra cerca de 7¹/₄ milhões de yens dos

¹ *Early Japanese History* — notavel estudo publicado no vol. XVI das *Transactions* e que mostra com irrefutavel clareza quão ficticia é toda a historia japoneza antes do seculo VI.

² *The Manchu Relations with Corea*, no vol. XV das *Transactions of the Asiatic Society of Japan*.

9¹/₂ que constituem o total das suas exportações. D'estes 7¹/₄ milhões cerca de 6 milhões approximadamente são representados por feijão e arroz, quer dizer por generos alimenticios indispensaveis á população japoneza para sua subsistencia, e que de parte alguma lhe podem chegar em melhor conta.

O porvir da Coréa foi o principal motivo que determinou o Japão a concluir uma alliança com a Inglaterra. O tratado de alliança anglo-japoneza favorece a Inglaterra porque lhe assegura, pelo que toca ao Japão, a integridade politica do Imperio Chinez, necessaria, juntamente com a igualdade aduaneira, á sua primazia commercial, e tambem lhe assegura, no dia da guerra, o concurso precioso do exercito japonez, ficando assim supprida sua maior deficiencia. O Japão é por seu lado favorecido, não só com o concurso eventual da esquadra britannica, o qual tornará invencivel a sua propria importante marinha de guerra nos mares orientaes, como pelo reconhecimento dos seus interesses primordiaes e vitaes na Coréa, até agora escutados por uma forma dubitativa e pelo tratado consagrados, no que toca á Grã Bretanha. Só o futuro porem poderá dizer si essa alliança, muito provavelmente impotente para arredar definitivamente a Russia da Manchuria, logrará desvial-a da Coréa, quasi tão appetecida por ella quanto pelo Japão.

O Japão é que não conseguiria por certo manter-se na Coréa, si alguma vez territorialmente a occupasse — não sómente com seus commerciantes, industriaes e professores — deante da inundaçào russa. Não poderia oppôr diques bastantes solidos a uma cheia tão violenta. Trata-se ahi mais de uma força da natureza que se desencadeia, do que de uma torrente que trasborda momentaneamente do seu leito. É o caso de uma marcha fatal, como a de um cyclone ou de uma avalancha. A Russia, isolada por uma barreira ininterrupta de territorios estrangeiros, de todos os mares e oceanos que lavam as plagas meridionaes da Europa e da Asia, tendo por unicas vias proprias de communicaçào maritima o Baltico nebuloso e o Mar Negro, fechados por estreitos dominados por alheias soberanias, procura afinal o seu desafogo. Para as bandas de Constantinopla, o seu sonho secular, as grandes potencias europeas levantaram-

lhe toda a especie de obstaculos. A paciencia é uma virtude russa, como o é a tenacidade, e a Russia aguarda pacientemente a oppor-
tunidade de satisfazer a sua maxima ambição politica e o seu pro-
fundo fanatismo orthodoxo, desfraldando o pavilhão do Tzar sobre
as fortalezas do Bosphoro e plantando a cruz sobre o zimbório de
Santa Sophia. Entretanto, para não perder tempo nem outras
opportunities, galgou a enorme extensão européa e asiatica que a
separava do Pacifico, toda a largura de um continente e parte de
outro, collocando n'esse percurso immenso as fitas de aço do seu
Transsiberiano.

Alli mesmo, porem, deparou-se-lhe um novo obstaculo, d'esta
vez interposto pela natureza. Vladivostok é um porto fechado
durante metade do anno pelos gelos espessos do inverno boreal. A
necessidade de uma sahida mais facil conduziu naturalmente a Russia
a occupar Porto Arthur, na entrada do golfo de Petchili, e a
manutenção da posse de Porto Arthur é que torna indispensavel a
occupação da Manchuria, região que liga esse porto aos seus terri-
torios septentrionaes. Entre Vladivostok e Porto Arthur projecta-se
justamente a Coréa, presa facil e fertil, com portos desempedidos e
abrigados, posição estrategica das mais desejeveis, posto que fechada
a peninsula, como a India, pelo lado do continente por alterosas
montanhas e difficeis desfiladeiros. A tentação é facil de com-
prender, e para alguns espiritos politicos é o Pacifico, com todos
os seus problemas locais, um derivativo, agindo como a valvula de
pressão da expansão russa, a qual, si se sentisse embaraçada no
seu movimento oriental, fatalmente se inclinaria de novo para o
sudeste da Europa, onde o grande problema turco presentemente
dormita por consenso geral.

Uma vez de posse da Coréa, a grande aspiração japoneza seria
transformar a China; sacudil-a da sua apathia secular, que é a
beatitude da civilização adquirida e julgada perfeita; reformal-a em
costumes e em inclinações; transmittir-lhe a febre do progresso;
fazel-a, não voltar a uma phase militar, mas attingir o periodo
industrial; transmudar as suas pequenas manufacturas n'um poderoso
organismo fabril; tornar, enfim, uma realidade o famoso *perigo*

amarello de que tanto se teem occupado os publicistas europeus e a que um desenhista imperial já deu uma celebre expressão *graphica*. A povo algum haverá jamais cabido papel mais levantado, e o ideal japonês tem n'este ponto tanto de grandioso quanto de glorioso, tanto de ameaçador para os interesses occidentaes quanto de difficil em vista dos interesses particulares, que no proprio Oriente ficariam com tal mudança affectados e lesados.

A sociedade chinesa acha-se organizada em beneficio de uma dynastia estrangeira mas não impopular, e de uma classe de letrados que oppõem a qualquer pensamento de reforma a mais decidida e perseverante indifferença. Por dar credito ás palavras de um moralista impaciente e querer iniciar as reformas por este suggeridas, viu-se o actual Imperador deposto por uma camarilha á frente da qual se encontra a velha Imperatriz Regente, alma e symbolo do conservantismo nacional, e não é licito duvidar de que, depois dos ultimos episodios passados no norte da China e na propria capital, o monarcha reformador esteja de consciencia, como já de facto o estava, convertido á sabedoria da politica de preservação da obra dos antepassados. Nada ha por isso de menos grato aos governantes manchús do que a vinda de estudantes chinezes para o Japão, onde estão affluindo em numero crescente. Os jornaes japonezes deram ha pouco publicidade a um relatorio confidencial do ministro chinês em Tokio, taxando as escolas japonezas de fôcos de republicanismo e desaconselhando a vinda dos estudantes. Nem se pode ter por mal avisado o diplomata em questão, ao termos presente que esses estudantes acabam de fazer da Legação theatro de scenas violentas, e que não ha muito recordaram ruidosamente a derrubada dynastia nacional dos Ming. Por actos parecidos de nacionalismo está o agitador Deroulède soffrendo a pena de exilio, que lhe foi imposta pelo Senado republicano agindo como côrte judiciaria.

É comtudo um facto indiscutivel que, si as reformas chegassem algum dia a ser tentadas devéras na China, os Japonezes as poderiam ahi acompanhar e levar a cabo melhor e mais facilmente do que qualquer povo estranho ao meio, á psychologia e aos intuitos, expressos ou latentes ou mesma embryonarios, da Asia. Escreve um

observador da imparcialidade e competencia de Sir Robert Hart que, em seguida á tomada de Pekim, o bairro da cidade melhor administrado foi sem duvida alguma o que coube em partilha aos Japonezes: ». . . conservaram suas mãos arredadas do povo, e a sua disciplina, regulamentos e methodo foram taes que, posto sejam os ultimos chegados á civilização humana, da qual os outros foram creadores e productos, muito depressa inspiraram confiança, restabeleceram a ordem, reabriram os mercados e tornaram a existencia possivel (*life liveable*), emquanto alguns dos seus collegas permittiram a um estado de cousas, exactamente o inverso d'aquelle, brotar e prolongar-se¹.

A affinidade de raça foi a base e primeira condição d'essa harmonia, aliás servida pela resolução dos Japonezes de parecerem mais civilizados do que os Europeus. Só pelo facto de ter recebido o influxo do *habitat* siberiano e do cruzamento com as tribus siberianas, é o Russo, apezar da sua arrogancia militar e dos barbaros morticínios do Amur, considerado um tanto asiatico e visto com olhos menos odientos pelos pacificos Chins: por isso pode, unico entre os Europeus, quiçá aspirar a uma menos disputada occupação territorial. Nem se deve suppor que seja o Chinez, para o Japonez, o inimigo secular que alguns proclamam, sem verdadeiro conhecimento de causa. Elle é antes o parente incommodo, com pretensões a tutor, que se descarta e corrige para mais tarde afagar; alguma cousa de parecido com o que a Prussia fez com a Austria quando se tratou da hegemonia allemã.

De resto, entre o Chinez e o Japonez, os pontos de contacto são em muito maior numero que os de repulsão. Vê-se logo, ao observal-os, que são uns e outros da mesma raça. Muitos — não todos — dos caracteristicos chinezes, habil e espirotuosamente enumerados pelo missionario Smith n'um livro afamado², pertencem igualmente sem disputa aos Japonezes: o sestro de salvar as appa-

¹ Sir Robert Hart, »*These from the land of Sinim*«, *Essays on the Chinese Question*, 1901.

² Arthur H. Smith, *Chinese Characteristics*, Edinburgh, 1897.

rencias, a industria, a polidez, o pouco caso do tempo, da medida e da exactidão¹, a ternura filial, a conformidade com a sorte, a benevolencia junta com a carencia de sympathy, a falta de sinceridade, a obliquidade do entendimento e das acções, a impassibilidade nas sensações, o desprezo dos estrangeiros, a paciencia, a desnecessidade do conforto. Felizmente para elles, os Japonezes possuem entretanto outros caracteristicos que os distinguem dos Chinezes, como o espirito publico ou civico — não estou dizendo o patriotico — que é escasso entre estes, e cultivado entre os primeiros.

Com as relações mais estreitas do povo japonéz com o chinéz, a desestimação que um pelo outro mutuamente nutria, considerando-se relativamente superior, tende gradualmente a desaparecer, prevalecendo entre elles e deante do inimigo e da ameaça communs um melhor conhecimento das suas respectivas qualidades. Inimigo e ameaça são expressões de todo o ponto verdadeiras, e cuja realidade tenta desculpar a dura necessidade economica; mas como um abysmo, cavado por innumerados seculos de afastamento e pela diversidade das orientações, separa a alma occidental da oriental, acontece vermos que os povos asiaticos, o Japão mesmo mau grado a sua adaptação da cultura aryana e a sua approximação politica e moral das nações christãs, deixam não raro de comprehender os motivos europeus de acção ou então fornecem-lhes explicações em demasia subtis, que taes actos algumas vezes não merecem. O engano é comtudo dos mais perdoaveis, pois que o justificam episodios sem conta de interesse e avidez, e a verdade é que a hostilidade faisca ao contacto d'essas duas correntes electricas oppostas — a asiatica e a européa — e que a força da chamma augmenta com o poder dos dynamos empregados.

Os ensaios, atraz citados, de Sir Robert Hart, o Europeu que presentemente melhor conhece a China, onde vive ha dezenas de

¹ Disse-me por exemplo um dos consultores estrangeiros ao serviço do Governo Japonéz, que as estatisticas officiaes não merecem absolutamente uma cega confiança. Assim a area florestal do paiz é dada com precisão, que varia singularmente, em diferentes estatisticas e que mal pode ser, qualquer d'ellas, a verdadeira, pois que nunca se fez a respectiva medição.

annos e onde occupa uma posição eminente, a qual desdenhou trocar pela de ministro britannico em Pekim, são a este respeito dignos de leitura porque constituem a melhor, e unica em linguagem européa, reivindicção da politica nacionalista da Imperatriz Regente, e a maior attenuante dos attentados chins de 1900. Catilnarias contra a China abundam: são porem raras as defezas. As nações do Occidente, especialmente a Inglaterra, porque foi a iniciadora, são n'essa exprobradas pelas constantes vexações de que tornaram a China victima na segunda metade do seculo XIX, vexações que acabaram por estimular o pacato sentimento publico e armar os *boxers*, saudosos do velho tempo do isolamento e sobretudo da ausencia de rivalidades, injurias, cobiças e reclamações de que os estrangeiros fizeram campo a sua patria. Esquecendo nobremente a ingratitude testemunhada para com os seus serviços n'um momento de paroxysmo da paixão popular, Sir Robert Hart compoz o mais caloroso elogio das qualidades do povo chinez, entre ellas o culto supersticioso da equidade, e sensatamente aconselha com o prestigio do seu nome e experiencia as nações da Europa a eventualmente abandonarem, ainda que não sem garantias, a pretenção da exterritorialidade, assim restituindo á nação despojada o mais bello attributo da sua soberania, a saber, a administração da justiça, e transformando pela base o *status* das relações dos Europeus com os Chins.

Esse homem, tão sereno e imparcial que sem hesitar escrevia tão formosas e justas cousas um mez depois de haver soffrido, durante o sitio de Pekim, as maiores angustias de animo, já o ouvi comtudo por labios britannicos taxado de *prejudiced!* Note-se que no seu livro o auctor só teve palavras de louvor para os diplomatas, missionarios e negociantes europeus na China, cumpridores de ordens, servidores de ideal e promotores de lucros; mas possui ao mesmo tempo isenção espiritual bastante para tambem encarar com *sympathia* as humilhações soffridas em sua integridade e independencia por uma nação culta e orgulhosa como é a China, cujo defeito principal é não ser mais bellicosa; as feridas abertas na sua fé ou escassez de fé religiosa, nas suas superstições veneradas e nos seus costumes tradicionaes e respeitados; finalmente

os prejuizos supportados, desde o intercurso *civilizador*, pela sua organização de trabalho e de trafico, com a ruina de varias industrias e profissões, como a da navegação costeira, e a sobreposição do modico direito de transito, pago pelo estrangeiro e agora destinado a desaparecer pelo novo tratado de commercio com a Grã Bretanha (sendo substituido, bem como o *likin*, por um augmento das taxas aduaneiras, de importação e exportação, e das taxas de consumo sobre as producções domesticas), ao pesado *likin* pago pelo nacional e que fazia viver os semi-independentes thesouros provinciaes. Mediante a ordem actual de cousas, é innegavel que a mais odiosa discriminação se acha de facto estabelecida n'um paiz dito soberano, em favor do estrangeiro e em detrimento do nacional. Que nação européa deixaria de insurgir-se contra uma tyrannia analoga por parte de outra?

Pelo contrario, depois da guerra de 1894, uma vez ensinados os Chinezes a respeitar-lhes a preeminencia — si é que um tal conceito, com relação a outro povo, pode jamais entrar no cerebro de um habitante do Celeste Imperio — começaram os Japonezes a fazer uso de uma manifesta tolerancia e calculada generosidade para com os adversarios da vespera, cujas affinidades de origem e até de objectivo se procuram agora estabelecer e accentuar por meio de sociedades para traducção de trabalhos japonezes de vulgarisação scientifica, jornaes, bancos de exploração mercantil e outros meios de propaganda. Taes esforços, coadjuvados pela attitude muito propositalmente humana e desinteressada, em relação aos outros contingentes, do corpo expedicionario japonez por occasião da insurreição dos *boxers*, já estão dando os seus fructos.

O grande Lama de Pekim, que no verão de 1901 veio ao Japão com o fim de visitar os templos e instituições buddhistas e tambem de arrecadar os livros sagrados transportados de Pekim pelas tropas japonezes para salvar-os da pilhagem européa, n'uma pequena allocução pronunciada na Associação Imperial de Educação disse, e o repetiu em outras, que a China só actualmente verificara a boa vontade do Japão, ao comparar a estricta disciplina e excessiva bondade do seu exercito com o espectaculo fornecido pelos

contingentes das potencias christãs, os quaes saquearam desapiadadamente os templos em que penetraram, ao passo que as forças japonezas invariavel e completamente respeitaram os templos que occuparam. O patriarcha accrescentou que emprehendera sua viagem, realmente singular na história da religião thibetana, movido pela gratidão que semelhantes factos provocaram na China. Por seu lado o enviado pouco depois encarregado de vir apresentar as condolencias do Imperador pelo assassinato do chanceller da Legação Japoneza, trazia igualmente a missão de agradecer ao Governo japonéz pelo precioso concurso prestado pelas tropas sob o commando do general Yamaguchi para a manutenção da ordem em Pekim.

Como é natural, aquella visita do Lama foi explorada em proveito da religião buddhista, a qual teria demonstrado afinar por forma tão assignalada os caracteres, ao passo que a religião christã foi, com todas as apparencias de verdade, accusada de deixar as almas no estado grosseiro que poude permittir as atrocidades e vergonhas dos saques de Tientsin e de Pekim. Um theologo e moralista japonéz, Kato Genchi, explicou logo a superioridade do Buddhismo pela razão de, nesta religião, haver a pura e elevada philosophia precedido o elemento religioso, introduzido depois para satisfazer a exigencia da alma popular, á qual não bastava a doutrina da abnegação individual; ao passo que o Christianismo não passa da fé religiosa judaica embellezada pela philosophia hellenica, a que é devido o seu maior successo. O Buddhismo porem, si bem que sua origem tivesse sido mais especulativa, só se tornou religião devéras universalista quando equiparou o Nirvana ao Paraizo e elaborou uma theologia, complemento da sua doutrina philosophica.

Seja como fôr, o momento parece mais distante do que nunca da conversão da Asia ao Christianismo. Não resta a menor duvida que esta religião perdeu immenso terreno com os recentes acontecimentos, em que tiveram não pequena culpa os missionarios, devido ao seu espirito irrequieto e intromctido, ainda mais assim pela natureza do seu officio. É aliás conhecido que os Chinezes pouco

se importam com as predicas puramente religiosas, destinadas a magros triumphos entre essa gente pratica e satisfeita com o seu meio, comtanto que os sacerdotes estrangeiros não interfiram com a sua organização administrativa e a sua distribuição, boa ou má, da justiça; mas não é menos sabido que as missões procuram sempre fazer prevalecer os direitos dos seus neophytos (entre os quaes criminosos que intencionalmente as buscam como guarida e protecção), mesmo para de tal modo angariarem maior numero de proselytos.

O Chinez, olhando com desdenhosa indiferença para a propaganda christã dos Europeus, que de antemão sabem condemnada a ficar quasi toda platonica, obedece instinctivamente á sua concepção praticamente religiosa, em que não existe definida a noção de um Ser Supremo como o do nosso idealismo, mas prevalece uma fé que si é interesseira e sem elevação, é comtudo justa e benevola. O Chinez parte na vida do principio de que a sua civilização já atravessou a phase theologica do pensamento bem como a phase militar da acção, e entrou ha muitos seculos na phase definitiva do moralismo deista, mas não anthropomorphico, e do industrialismo caseiro e limitado ás unidades. Visto por certo prisma, é este o mesmo principio de vaidade e ignorancia, que os fez por exemplo baptizarem com o nome de *Terror das Nações Occidentaes* uma modesta embarcação de madeira, armada com um ou dous canhões, que eu ainda vi fluctuando no estuario do Yang-tze e com que foi inaugurada annos ha a sua marinha de guerra, destruida pelos Japonezes em Yalu, quando já contava excellentes navios de combate. Consideradas por outro prisma, porem, as idéas chinezas devem encerrar uma consideravel proporção de bom senso, já que as doutrinas confucianas, expressão indelevel da sua cultura integrada, foram bastante energicas para moldar essa raça laboriosa, pacifica, paciente no trabalho e no soffrimento, resignada a tudo e comtudo luctando sempre pela vida, de animo invariavelmente alegre e esplendida vitalidade physica.

Si os Chins já não são uma raça conquistadora, são entretanto uma raça que não pode ser conquistada. Aos Japonezes conviria

porem uma China não só compacta como armada, não só industriosa como rica, não só tenaz como consciente do seu poder, baseado na união e na instrução, afim de offerecer resistencia invencivel á invasão européa e d'est'arte facilitar a tarefa civilizadora d'elles proprios, pagamento de uma divida de dous mil annos, que começa a esboçar-se, mas terá de arcar com tremendas difficuldades, fundadas no espirito intransigentemente conservador dos Chins.

Poderia de resto o Japão, só por si, transformar a China? Faltam-lhe, em primeiro lugar, capitaes para um tão colossal empreendimento, posto que esses lh'os podesse fornecer a Inglaterra, sobretudo depois que a alliança celebrada entre as duas nações permittiu á Grã Bretanha confiar seus interesses no Extremo Oriente ás forças militares japonezas, e ensaiar uma retirada airosa do campo donde a Russia a tem ido expellindo politicamente e a Allemanha commercialmente. Ninguem ignora que a Inglaterra, na Asia, trata hoje muito mais de manter-se nas posições adquiridas do que de contrariar os perseverantes designios de expansão russa com um plano adverso de aggressões, e que, sob o ponto de vista mercantil, não só o Allemão tem ganho immenso terreno como lingua, mas como navegação, transportação de mercadorias, commissões etc. O que falta sobretudo ao Japão, para cumprir aquelle seu ideal, é entretanto a envergadura. Não é que se deva duvidar da realidade da importancia do Imperio, nem dos muitos predicados, de intelligencia, de bravura e de decisão do seu povo: as paginas d'este livro demonstram o contrario. A sua transformação mesmo, ou antes adaptação, está todavia longe de ser completa. A classe illustrada e dirigente e a nova burguezia commercial e industrial do Japão podem ter-se afeito ás idéas, senão aos habitos do Occidente. O povo, a grande massa, é sempre japoneza até a medulla, no pensar e no agir. Si apresenta numerosas qualidades, são as da antiga epocha. A moderna em nada influio para ellas: apenas lhe augmentou os defeitos. Como, em taes circumstancias, tentar occidentalizar — pois que outra cousa não é qualquer transformação — quatrocentos milhões de Chins?

Si a titanica empreza é possivel, só vejo por sua pujança duas

nações verdadeiramente em condições de tentar galvanizar a China: os Estados Unidos e a Russia. Os Estados Unidos são o grande factor economico, o grande emporio de actividade e de opulencia dos nossos tempos, mas não revelaram por ora sua aptidão colonizadora, nem mesmo sua capacidade imperialista, na America Latina sequer, que se lhe afigura dominio reservado pela doutrina de Monroe. Os interesses britannicos, allemães e francezes são muito mais consideraveis no resto do continente do que os norte-americanos, cuja attenção ainda anda muito solicitada dentro dos proprios limites. A Russia parece antes o paiz fadado para a tarefa, si é que ella tem jamais de ser coroada de exito, porque não basta a presença de estrangeiros, mesmo vencedores, no seu solo para modificar a situação psychologica de uma raça como a da China. A Turquia regorgita de gentes de outras raças e entretanto sua estagnação não se altera senão por convulsões sangrentas, que mais se assemelham de agonia. Não teem uma e outra sido appellidadas doentes incuraveis?

Para favorecer a execução de semelhante missão, a Russia possui não poucas vantagens, que legitimam qualquer aspiração d'aquella natureza. Possui um povo, porventura inferior n'este momento em cultura ao japonez, mas cheio de fé mystica e cheio de energia animal; possui os inesgotaveis capitaes francezes postos á sua disposição para o desenvolvimento dos seus recursos e poderes¹; possui a resistencia que lhe ha dado uma continuada expansão, que já se tornou um habito, pois que dura ha quatro seculos quasi, victoriosa sempre; possui a proximidade geographica, servida pelo magnifico instrumento do Transsiberiano, uma obra cuja ousadia de projecto e cuja promptidão de realização deixaram a perder de vista os Transcontinentaes americanos; possui finalmente um certo sentimento humano no seu sentido mais lato, uma instinctiva sympathia pelas outras raças, que se nota mesmo atravez

¹ A Russia não possui colonias longinquoas nem estações de carvão no caminho do Extremo Oriente, mas suas esquadras, viajando via Suez, podem aprovisionar-se nos portos alliados: Marselha, Djibuti, Saigon.

das suas crises ainda barbaras de bruteza e crueldade, e que não existe na raça saxonica, disposta a fazer justiça sem dispensar benevolencia.

O Japão, como disse, tem por si outras condições: o parentesco de raça, a semelhança de psychologia e a communitade de cultura. Na Coréa, como o prestigio, posto que não a affeição, já estava adquirido, e ganha a posição magisterial, a propaganda japoneza em prol da occidentalização dos costumes e do apparelho de civilização assumiu um aspecto mais pratico do que na China, si bem que por emquanto igualmente inefficaz, pois que a anarchia reina sempre em Seoul e a assimilação da nova cultura japoneza não dá provas de principiariar, nem pela suavidade nem pela violencia. A inercia e o atrazo mental mostram mais força do que se imagina quando se abre campanha contra elles e os não combate de dentro um impulso de progresso, conforme succedeu com os Japonezes, cuja adaptação será duradoura porque foi voluntaria e, consummando-a, poderam conservar o respeito de si mesmos. De educarem-se a si proprios para educarem os outros, a transição porem não é tão facil, e os Japonezes, alem de não terem encetado a faina na Coréa com o tacto que seria mister exhibir e que não podem ainda revelar, veem-se a tratos com emulações e concorrencias e intrigas que não são absolutamente para desprezar e que fazem recrudescer sua antipathia pelos estrangeiros, quero dizer, Europeus.

Esta antipathia, já sabemos quanto é authentica. Os Japonezes por mais que se finjam solidarios com a civilização occidental, lhe teem no intimo aversão como corpo de doutrina, apenas a tolerando na pratica pelas suas vantagens materiaes. No seu coração não existe comtudo interesse nem amizade pelos de fóra. Como a sua alma é dupla e contradictoria — ao mesmo tempo doce e violenta; adestrada na suavidade e com um gosto innato pelo sangue —, exercem instinctivamente a virtude social da hypocrisia no applicarem a sua vontade tambem dupla e contradictoria, que consiste em derrotar economicamente, senão militarmente, o estrangeiro, subjugal-o na Asia e, ao mesmo tempo que o detestam, parecer bem aos olhos d'elle. Tal fito é, em sua primeira parte, o grande

ponto commum e o forte traço de união entre Japonezes e Chinezes, união em que aquelles entram com sua bulhenta actividade e formam o elemento dynamico, e estes com sua admiravel passividade e formam o elemento estatico. Uns e outros, porem, temem e odeiam igualmente os Europeus que, na China, pretendem introduzir á força suas mercadorias, suas gentes e sua religião, apropriando-se sem cerimonia dos melhores pontos da costa para d'ahi attingirem com mais certeza e fazem derivar para suas bolsas a riqueza nacional, publica e particular, e que entretanto se mostram infensos á extensão territorial e até mercantil japoneza, com o fim egoista de cultivarem o imperialismo em proveito proprio, occupando, enquanto os não cerram, justamente os pontos cobiçados pelo Japão. Tome-mos por exemplo o caso recente da peninsula de Liaotung, arrancada ao Japão victorioso e depois assenhoreada pela Russia e Inglaterra, si quizermos medir o rancor accumulado na alma japoneza, que não é dupla nem contradictoria no desejo incessante de manter a unidade nacional, a pureza da raça, a integridade social, a supremacia militar, as condições n'uma palavra da desforra planejada, meditada e preparada com tanto mais afincio quanto menos se falla em tal.

Já alguém escreveu que o que dá unidade e cohesão á politica exterior do Japão, na apparencia fluctuante e incoherente, é o odio á Russia. Para o Japonez o Russo constitue a encarnação da perfidia. A Russia tem com effeito sido a constante rival, rival quasi tradicional pois que, por mais paradoxal que isto pareça em vista do regimen anterior de cioso isolamento, não datam do *Meiji* as ambições territoriaes do Japão. Em Saghalin, vizinha de Yezo, encontraram ellas porem em tempo a barreira russa, lançada da Siberia, assim como hoje a encontram na Coréa, lançada de mais perto, da Manchuria. Em 1875 os Russos, que haviam ameaçado apoderar-se mesmo de Yezo, cederam ao Japão o archipelago deserto e infructifero das Kuriles, opulentas apenas em madeiras de construcção, em troca da fertil e rica Saghalin, a ilha immediata a Yezo na longa cadeia que vai de leste para oeste, desde a costa septentrional siberiana (as Kuriles estão quasi na parallela da pen-

insula de Kamtchatka) até a costa meridional da China, fronteira a Formosa e ao archipelago dos Pescadores. Vinte annos depois, em 1895, os Russos obrigavam os Japonezes a evacuem Porto Arthur, onde pouco depois elles proprios se installavam, *soi-disant* por vinte e cinco annos, de facto para sempre, explicando em abono do seu arrendamento imposto, que Vladivostok é um porto morto durante a estação invernosa. E como a Coréa é uma península que fica de permeio entre Porto Arthur e Vladivostok, e defronte d'essa península se levanta do oceano a ilha japoneza de Tsushima, formando com a terra firme o estreito da Koréa, a Russia argumenta mais que lhe não convém por forma alguma que o possuidor da Gibraltar seja o mesmo da Ceuta asiatica.

Na Coréa, onde necessariamente se localizou o conflicto já tradicional, a hostilidade é portanto surda e continua, ameaçando todos os dias fazer explosão. Em cada medida adoptada pelo monarcha ou pelos conselheiros do monarcha coreano, em cada concessão arrancada ao torpor da administração, medida ou concessão que não seja dictada pelo seu proprio representante, vê o Japão e não sem razão o dedo da Russia, cuja marcha gradual e ininterrupta atravez do continente asistico é um facto tão incontestavel quanto inevitavel, mas cuja occupação definitiva da Coréa seria uma ameaça formidavel não só para o futuro economico, como para a propria integridade politica do Japão, a qual temos visto constituir o grande, o maximo objectivo patriotico dos governantes e da nação. O porvir se não antolha sob este ponto de vista facil aos homens d'Estado do Imperio asiatico, e pena será si a sua regulção não mais pertencer aos actuaes chefes politicos — um Ito, um Okuma, um Inouye — ou aos seus successores immediatos — um Komura, um Kato —, mas sim aos elementos de baixo, chauvinistas sem experiencia e violcntos sem ponderação, que estão fatalmente invadindo os partidos e a politica com suas soffreguidões, suas pretenções e infelizmente tambem suas corrupções, e procurando desalojar as *vieilles barbes*, que foram os guias esclarecidos do Japão regenerado.

Uma guerra com a Russia não seria porventura um desastre

para o Japão, porque, abstrahindo dos predicados militares de ambos e do ardor religioso — mystica ou civicamente religioso — que um e outro povo poriam na contenda, e independente da collaboração britannica, que pelo tratado só deverá ter lugar no caso da França ajudar a Russia, a esquadra japoneza é n'este momento superior á russa do Pacifico, e o Transsiberiano, completo mas moroso¹, não permite o rapido transporte dos regimentos russos, ao passo que a mobilização dos regimentos japonezes se acha assegurada na sua curta distancia por uma respeitavel marinha mercante, comboiada por couraçados e cruzadores de primeira ordem.

Essa guerra seria comtudo um atrazo para o Japão, cujas difficuldades financeiras, agora aggravadas depois da excitação industrial produzida pelo fructo das victorias sobre os Chinezes, formam o maior obstaculo á sua desimpedida acção militar, e que, mesmo vencedor e de posse da Coréa e com toda a pompa das suas esquadras reunidas ás inglezas, não lograria por fim alli se sustentar ante as ondas alterosas da maré enchente da Russia. Por outro lado uma qualquer approximação politica da Russia (a qual de resto o recente tratado de alliança virtualmente prohibe) traria como consequencia distrahir a expansão japoneza para Fokien, o ponto da costa chinesa meridional fronteiro a Formosa. Por mais favoravel que tal approximação viesse a ser ao desenvolvimento economico do Japão — o qual, no entender de alguns, encontrará

¹ O serviço internacional de luxo d'esta linha ferrea já existe até Irkutsk, para lá do lago Baikal, e áquem, desde o Pacifico, o serviço regular dos trens com wagons de 1^a e 2^a classe. Tambem abriu-se ao trafego em Agosto de 1901 a secção do caminho de ferro chino-oriental entre Nikolsk e a possessão de Porto Arthur, cujas obras hydraulicas se estão fazendo, por conta do Governo Russo, contra serias difficuldades naturaes, e cujas obras militares e civis progredem a olhos vistos. A viagem de Moscow a Porto Arthur acha-se n'este momento reduzida a uns quinze dias, mas nem toda ella pode ser executada com o mesmo grao de conforto. Em 1903 deverá porem ficar a capital do Imperio Russo ligada ao littoral do Pacifico por communações expeditas, regulares e commodas. Sob o ponto de vista estrategico é que o Transsiberiano não pode por ora corresponder ás esperanças sobre elle fundadas. Uma rapida mobilização de tropas não poderia realizar-se por esta via, sendo ainda preferivel a via maritima, mas não ha duvida que, dentro em algum tempo, semelhante factor militar se tornará inteiramente effcaz.

na Siberia, uma vez explorada e povoada, uma Coréa grande, isto é, um mercado muito superior ao sacrificado —, implicaria pois a immolação de interesses e o ceifar de ambições que fazem parte integrante da idiosyncrasia nacional, e que o intensissimo orgulho patriotico manda zelar até á asphyxia.

As sympathias da Europa, excepção feita da Inglaterra, é claro, inclinam-se para a Russia, não sómente por virtude de uma natural solidariedade de raça e de civilização, que as desharmonias do concerto europeu não conseguem extinguir, como por enxergarem n'ella o melhor baluarte da influencia christã no Extremo Oriente e a principal fortaleza erigida contra o perigo amarello. Este perigo, como já indiquei, não é tanto considerado bellico, si bem que a fraqueza militar chinesa deixasse de ser reputada incuravel apoz a tenaz resistencia offerecida pelos *boxers*, e que conhecedores da China do valor e franqueza de Sir Robert Hart a taxem de superficial, mostrando arreceiar-se em extremo de uma China armada para salvação publica e disposta a sustentar o throno na sua resistencia ás annexações do estrangeiro. A servidão militar pode repugnar ao Chinez, mas elle não é organicamente cobarde nem pusillanime. A sua energia animal é maravilhosa, e pasmosa sua capacidade de resistencia nas circumstancias normaes da vida, ou quando o movem seus interesses, que de privados seria mister elevar a publicos, e de familiares a nacionaes ou patrioticos. O perigo amarello é antes o industrial, proveniente da eventual utilização dos immensos recursos naturaes da China e do desenvolvimento, no seu seio e á sombra dos salarios reduzidos, bem como mercê da habilidade, constancia e moderação de exigencias dos artifices chins, de uma extraordinaria riqueza manufactureira.

Entretanto a Russia vai-se aproveitando singularmente da solidariedade européa e da sua propria força de expansão, a que varias circumstancias, entre ellas a alliança franceza, as contemporizações por este motivo da Allemanha, a desorganização politica da Austria, a benevola neutralidade americana, os negocios da Africa do Sul paralyzando por longo tempo os movimentos inglezes, e o isolamento até ha pouco de Japão, teem facilitado o exercer-se á larga e sem

embaraço. A acção respectiva do Imperio Moscovita e das demais grandes potências na Asia concretizou-se symbolicamente para mim n'uma serie de episodios vulgares da vida de bordo, durante a viagem para o Japão. No porto de Singapura, quando nos achavamos atracados á doka, surgiu como que de surpresa de traz da ilhota coberta de verdura que nos encobria a barra do porto novo, um enorme cruzador russo, de 12,000 toneladas, fazendo parte da chamada *volunteer fleet*, organizada sob os auspicios do Governo, e transportando 1,800 homens para Vladivostok, onde, segundo é corrente, hão desembarcado nos ultimos tempos e se acham acantonados na Mongolia e Manchuria ou suas visinhanças, cerca de 160,000 soldados. Um dia depois, no mar alto, impecavel e formosa sob o ceu coruscante, encontravamos a esquadra allemã do mar da China que em correcta marcha, na perfeição da disciplina nacional, navio almirante á frente, regressava para a Europa, abandonando com desdem o campo de acção onde não encontrará a quem combater e subjugar; vacillante por seu lado o corpo de exercito em embrenhar-se pelo interior da China, n'uma expedição problematica de successos e de vantagens, ante a qual não trepidariam no emtanto os afoitos cossacos do Don.

Uma semana mais tarde, não longe de Nagasaki, passou por nós, por um bello crepusculo, n'uma nuvem de fumaça negra fantasticamente cortada pelos raios vermelhos do sol poente, a corveta que conduzia para a Allemanha o marechal Waldersee, generalissimo de corpos de exercito que com mais frequencia lhe desobedeciam do que lhe acatavam as ordens. Quando se sumia no horizonte a silhueta marcial do velho guerreiro, correspondendo do ultimo tombadilho aos *hoch* com que freneticamente o saudavam de bordo do paquete allemão, surgia de novo como uma apparição, corpulento, lento, offegante, com suas trez chaminés vomitando fumo, o mesmo cruzador russo de Singapura, que ia descançar algumas horas nas aguas do porto japonez. A avalanche russa, insistente e irresistivel, surgia viva aos meus olhos, varrendo deante de si todos os emblemas do concerto europeu.

Em face de tão robusta e feroz concorrência, aspirarem sósinhos

á hegemonia asiatica, em seu sentido mais largo, seria uma loucura de que os Japonezes se me afiguram incapazes. Tornar-se-hia preciso que na alma d'elles, com certa razão, como disse, apodada de dupla ou contradictoria, a reflexão podesse ser de todo abafada pelo enthusiasmo patriotico. No caso dos Japonezes porem, a alma dupla ou contradictoria, educada no exame, escolha e aproveitamento de ideaes differentes e originalmente alheios á sua concepção, não é caracterizada, como se devêra imaginar, pelo predomínio completo e successivo de um predicado sobre o predicado opposto, neutralizando o poder do composto á força de fazel-o inconstante e variavel. Aquella alma é antes caracterizada pelo equilibrio, pela combinação, pela juxtaposição apenas si quizerem, dos dous predicados contrarios, que se exercem e medram sem se annullarem. É n'este sentido que os Japonezes logram ser simultaneamente sensiveis e impassiveis, loquazes e taciturnos, solemnes e foliões, remanchões e precipitados. Os predicados contrarios igualmente servem um fim unico, e por isso afinal se não podem contrariar nem contradizer. Esse fim é o bom renome e a grandeza da terra japoneza, formosa e tradicional, creada pelos deuses e nobilitada pelos heroes.

Quando mesmo não sejam expressos, taes motivos determinantes subsistem, agem, e impellem. A consciencia moral — a expressão não é aqui um pleonasmio, porque na idéa japoneza consciencia é synonymo de coração ou altruismo — não faz balanço previo cada vez que approva um acto. Delibera sem apparatus nem interrupção, por acção reflexa, por pressões instinctivas, que representam a herança accumulada de muitas gerações e estabelecem a continuidade da alma nacional, que a egoista concepção européa accusa de duplicidade quando devêra melhor taxal-a de duplicação. O phenomeno alludido de juxtaposição de qualidades é o mesmo que se deu com as duas ou antes trez religiões do Japão, o Xintoismo, o Buddhismo e o Confucianismo, uma patriotica, a outra abstractamente moral e a terceira concretamente ethica, as quaes coexistiram e coexistem, até n'uma só alma (pois que é muito commum ser-se iniciado no rito xintoista, viver respitando preceitos de Confucio e

ser sepultado com acompanhamento buddhista, havendo-se assim professado indistincta e simultaneamente os trez credos), sem nem por um instante se offuscarem reciprocamente.

A real hegemonia asiatica, que qualquer grande potencia occidental encontraria tão arrojado pretender assumir, não poderia por certo ser disputada, menos ainda alcançada por uma nação insular, sem pé ou allianças no continente que almeja dominar, pobre e cercada de invejas, tendo contra si n'esta questão uma Europa armada até os dentes, rica, gananciosa, dividida pelas rivalidades é verdade, mas attingindo um simulacro de união sempre que se trata de subtrahir a cobiças estranhas a presa a repartir, mesmo que esta presa seja a pelle do urso da fabula. As espheras de influencia acham-se tão bem marcadas quanto as de posse, e entre ellas não é dos mais avultados o quinhão do Japão. A propria grande luta do futuro já a encontramos esboçada na marcha constante da Russia sobre Pekim pelo Turkestão, pela Mongolia e pela Manchuria e sobre a India pela Persia, pelo Afghanistan e pelo Thibet, e nos esforços da França para dar as mãos á sua alliada pelo Yunnan e pelo Sião, isolando da China a India e portanto a Inglaterra. A China por seu lado já se acha partilhada em theoria, embora o assomo de vitalidade representado pela insurreição dos *boxers* haja retardado a operação na pratica e posto de sobreaviso os impacientes parceiros, que ha poucos annos tamanha urgencia mostravam em terminal-a. O episodio revolucionario veio provar a tempo não ser a operação tão facil quanto a alguns se afigurava, mas em todo o caso os medicos, que se reputam como nenhuns dextros e esclarecidos, se não mostram dispostos a poupar ao seu doente semelhante provação. A therapeutica fortalecedora e reconstituente do Japão não tem probabilidades de encontrar acceitação entre professores acostumados a cortar e decepar sem misericordia.

Na China entretanto é que reside o futuro do Japão como potencia de primeira ordem, alem da Coréa, ja se sabe; porem a posse ou protectorado d'esta é para o Imperio insular uma questão não tanto de grandeza, como de vida ou morte. Educar a China é por certo obra menos arriscada, mais pratica e mais proveitosa

do que conquistal-a, e uma China educada, quero dizer sacudida do seu entorpecimento, porque culta não se pode negar que o seja, e bem assim industrialmente utilizada, importaria n'uma gravissima revolução economica para o mundo. Si ao Japão faltariam recursos para occupar, colonizar e transformar directamente toda ou sequer uma dada fatia da China, não lhe falta comtudo energia nem iniciativa para imprimir á estacionaria civilização chinesa o cunho progressivo que lhe fallece e que a está condemnando á derrocada.

Os olhos d'estes montanhezes atarracados e tenazes, atreitos á lavoura em ingremes terraços, obrigados cada anno a refazer seu trabalho depois que as enxurradas carregam a terra laboriosamente reunida, amanhada e fertilizada com mais carinho do que olfacto; os sonhos d'estas mulhersinhas franzinas e rijas, velhas, aos trinta annos, sob o peso da maternidade, da faina domestica e dos trabalhos dos campos¹, que nós vemos com terna compaixão amamentando um menininho de cabeça rapada e eczematica, e carregando a cavalleiro outro, cuja corôa de cabello já denuncia a garridice da idade: uns e outros, olhos dilatados pela fome e sonhos estimulados pelas privações, voltam-se, como os dos Israelitas para a terra de Chanaan, sem ruim inveja mas com appetite e resolução, para as ferteis planuras de que o mar os separa e onde elles vagamente se sentem competentes para servir, com sua ambição, sua ousadia e sua tolerancia, de architectos á nova construcção social.

Fundamental-a-ha, tal construcção, a concepção nacionalista mas

¹ Para maior prova do que atraz affirmei, de já se ir notando uma certa mudança com relação ao papel social da mulher japoneza, citarei dous factos que acabam de ser registrados: o emprego pela Sra^a Miwada, educadora de merito e auctora de importantes trabalhos feministas, de todos seus bens n'uma grande escola de raparigas em Tokio, que ella propria e seu filho dirigem, e a parte de cabalistas eleitoraes desempenhada por varias damas por occasião das penultimas eleições legislativas, de 10 de Agosto de 1902. As esposas dos Srs. Hatoyama e Kurizuka, candidatos eleitos pela capital, empenharam-se fortemente em favor dos seus maridos (o progresso não é ainda tamanho que ellas patrocinem terceiros), e as *geishas* de Kioto devotaram todo o seu poder de seducção ao successo de um candidato Adonis, por amor do qual uma dama passou sete longos dias em preces e abluções, que a divindade recompensou.

adiantada, munida pela sciencia e armada pela consciencia, que ha de arrancar das mãos da Europa o forçado commercio de cabotagem em vapores de pavilhão estrangeiro, que mataram a industria dos juncos costeiros; arrancar-lhe a superintendencia das communicações interiores, que buscam soldar o feudalismo pratico que tem sido a maior força de resistencia da China; arrancar-lhe o afan da salvação das almas que tem servido de pretexto aos caixeiros viajantes da religião para buscarem destruir uma civilização tantas vezes secular, que nos seus traços essenciaes merece e deve ser preservada, posto que vivificada pela seiva de uma cultura superior.

Ser esse aparelho transmissor, propulsor e constructor, constituiria na verdade a melhor ambição do Japão. De uma situação de apanha-migalhas, que é a que actualmente lhe podia caber no meio da disputa a que está dando lugar a partilha do mundo, e para evitar a qual elle prestou ouvidos ao canto da sereia britannica — uma sereia que pretende não mais perder, mas guiar os navegantes —, o Imperio asiatico erguer-se-hia de subito a uma condição dominadora, realizando alguma cousa de assignalado na historia da humanidade. Nem n'este sentido é demasiado absurdo ou temerario para o Japão o aspirar á hegemonia asiatica. A conquista seria antes moral do que politica, intellectual e não bellica. A China, com seus 300 ou 400 milhões de habitantes, passando de enorme mercado consumidor em perspectiva a enorme mercado productor de facto, conquistaria commercialmente a Asia, quando mesmo não conquistasse a Europa. O papel de alavanca, que o Japão teria desempenhado, no caso de lh'o permittirem seus esforços e as condescendencias dos demais factores, é mais nobre que o de foice devastadora e não exclue a conjuncção do sacco de ganho. Uma alavanca precisa todavia necessariamente de um ponto de apoio, sem o que não poderá funcçãonar, e este ponto de apoio o Japão o procurou sem exito na peninsula de Liaotung e o encontra como ultimo e indispensavel recurso na Coréa.

Si semelhante futuro não fôr no emtanto o do Japão, ou por provarem em extremo limitados para tão grande fito os seus recursos, posto que porventura não mais desajudados; ou por decididamente

lh'o vedarem as outras nações conluiadas da Europa; ou ainda por esquivar-se a China á tentativa que lhe desarranjaria o seu viver pacato e rotineiro, restar-lhe-ha a doce e immensa consolação de ter, unica potencia asiatica, sabido manter intacta ou antes conquistar sua perfeita independencia, sem para tanto recorrer ás armas e unicamente ao desenvolvimento material e ao exercicio de algumas das mais eminentes virtudes sociaes. O Japão entrou para a liça e enfileirou-se com os maiores agentes da civilização do seculo XX. Visa ao que estes visão; pretende o que estes pretendem; serve-se dos meios de que estes se servem. Qualquer embaraço, mesmo temporario, á consummação das cobiças europeas lhe é entretanto vantajoso, porque lhe dá tempo de augmentar suas defesas, accentuar sua efficacia offensiva, aperfeiçoar seu aparelho de cultura e preparar o cumprimento do seu ideal, seja este, como tem de ser, o imperalista, o de expansão territorial, economica e espirital, o do *Greater Japan*; ou voltasse mesmo por absurdo a ser o nacionalista, o do Japão sempre altivo e sempre invulneravel na magestade do seu isolamento.

Em qualquer caso o futuro do Japão é um futuro esperançoso, porque o Japão trabalha e não descança sob os louros grangeados. A sua capacidade industrial pode não ser illimitada, pode mesmo achar-se mais perto do fim do que do ponto de partida, e o maravilhoso successo do paiz não mais reservar-nos iguaes surpresas e parecido encantamento ao de agora, por acharem-se esgotadas as suas possibilidades. O desenvolvimento nacional continuará entretanto a dar-se, ainda que na progressão normal, visto permanecer activa a sua producção. Na constante ligação do seu presente ao seu passado, que é n'elle uma seducção ao mesmo tempo que uma força, o Japão toma sem excepção a licção do grande Tokugawa Ieyasu, o qual depois de derrotados os adversarios no renhido combate de Sekigahara, quando o seu caminho para a auctoridade suprema a todos se mostrava aberto e indisputado, foi visto afivellar o capacete e descer a viseira, respondendo, aos que lhe perguntavam a razão de tão estranho proceder, que um habil general assim deve agir depois de alcançada a victoria. A forma concreta, forma sym-

bolica, essencialmente japoneza, adoptada pelo Tokugawa, significava que não basta o destroço do adversario no campo de batalha para assegurar o poder ao vencedor, restando tanto a fazer no sentido de serenar os odios, de pacificar os animos, de cimentar a união, que fica condemnada a perecer depressa uma obra executada sem taes previsão e cautela. E o Japão dos Tokugawa durou quasi trez seculos como construcção politica e, sob muitos aspectos, dura ainda como construcção social. Na alma japoneza difficilmente ou nunca se desmanchará essa prega.

APPENDICE

CONFERENCIA REALIZADA NO GETSU YO KWAI (MONDAY CLUB) DE TOKIO AOS 10 DE MARÇO DE 1902.

Ladies,

The ladies who lead the organisation of the lectures of the Monday Club have had the extreme kindness of asking me to speak before the Club, on any subject whatever. I naturally chose to speak on Brazil. The further our country is, more we think of her, and to speak about her is, in some way, to get nearer to her. Besides, this subject may have one merit — it is certainly brand new for many of you; and also, it seems quite suggestive to talk about one of the newest countries in the world in the capital of one of the oldest countries on earth, to speak in Asia, the cradle of humanity, at least of historical humanity, of an American people, thriving in a continent which was only revealed to the rest of mankind four centuries ago.

We have just celebrated in Brazil with great enthusiasm the fourth centenary of our discovery. When I say *our*, I am acting just like any of our former romantic authors who, misled by the erratic and magnetic genius of Chateaubriand, and by an exaggeration of patriotism, gravely claimed to be the genuine representatives of the aboriginal savages of South America and proudly discarded every connexion with their true ancestors, the Europeans, calling them the unmerciful invaders of their sacred soil. Things, however, have cooled down since 1830 and we rather boast to-day of pursuing

our destinies on a European pattern, ready to hunt for European ideals and to assimilate more and more European blood.

America certainly wants to be and to remain America, but would feel very much hurt if anybody more outspoken and sincere than a diplomate ought to be, told her that she does look different from Europe. As a woman, she is coquetish and pretends both to be herself and resemble exactly her older and stylish sister. To her striking personality she wishes to show, very closely added, the unmistakable family likeness. And we must say she is right. America is morally a bigger transatlantic Europe. With us, Europeanism is not only a fad: it is the natural result of the colonization of both continents by English, Spanish and Portuguese, who were afterwards followed by Germans, Swedes, Italians, Poles and others.

Brazil fell to the share of the Portuguese, who began to flock there immediately after the first voyages of exploration, along the extensive coast, made them realize that the country newly met with, was not an island — as it had been thought in the beginning — but a big continent lightened by a blazing sun, covered with the most beautiful dense forests, crossed by immense rivers of impetuous waters, full of birds of brilliant plumage and thinly peopled by Indians of scanty dress and voracious anthropophagous appetite. Portugal has always been a heroic but a poor country. Heroes are seldom rich. Wealth as a rule brings in itself an ambition for enjoying life, easily and quietly. The population of Portugal was exceedingly small and the tiny kingdom could not possibly keep hold of India, Malacca, Africa, Brazil and other colonies of less size — in fact, half of the world. Portugal even schemed to grab Japan, China and I don't know what else, and that was an epoch when the word "imperialism" had not yet been coined and put in circulation. Just fancy how she would have acted now-a-days.

The sovereigns Manoel and John III were specially busy and interested in India, where at the time precious stones came from and many spices, those lucrative spices which Venice used to obtain in Egypt through Arabian merchants, and Portugal had first the

happy idea of starting to import around the Cape of Good Hope. So Brazil, greatly neglected by the crown, was divided into large slices and distributed amongst several noblemen of the court of Lisbon, men accustomed to live and fight in the tropics, whose brave deeds had had old Hindustan for a stage and great Camoens for a singer. It was a political arrangement somewhat similar to that which prevailed in Japan, when the daimios ruled their hereditary feuds. A select, aristocratic colonization was in this way secured, to control the many undesirable elements which always gather in the van of any adventure of the kind.

The original arrangement did not last long, because the king, finally perceiving what a splendid country he had gotten possession of by the mere accident of a storm, that carried the navigator Cabral out of his way to India, resolved to take it back for himself. We say in Portuguese that the king's word is always kept, but the same may sometimes not happen with the king's grants. For more than two centuries and a half, the same number of years that the Tokugawa's rule lasted in Japan, Brazil was administered — some, less contented, say mismanaged — by a governor general, then a Viceroy, with a crowd of minor governors, officials and magistrates. Our ship of state was as well equipped as yours.

The Jesuits did their best to protect and civilize the Indians, greatly to obey Christian principles, for some, like Anchieta, were just as pure-minded and unselfish as St Francis Xavier, and no less to execute the ambitious dream of a theocracy which haunted their feverish brains. The Settlers on their side did their best to enslave the Indians, but, fiercely antagonized by these and by the priests, imported into Brazil herds of Africans in order to till the fields where the sugar cane was planted, and to search the rivers where gold and diamonds began by the end of the XVIIth century to be found in such an extraordinary quantity that Portugal, beggarly Portugal, became during the whole XVIIIth century the European furnisher of that precious metal for coinage and those precious stones for ornament and corruption. English sovereigns were all made of Brazilian gold. The world-famous Southern Star,

one of the prides of mineral nature, is a Brazilian diamond, and the transparent, fulgurant diamonds which formed the tragic *Collier de la Reine* and contributed so much towards the French Revolution, came out of the gravelly beds of the streams which part the picturesque mountains of Minas Geraes. Life in Brazil was in those times as visionary as a dream and as dramatic as a novel.

When the Portuguese royal family, dethroned by all powerful Napoleon, sought a shelter beyond the sea and established their court in Rio de Janeiro in 1808, Brazil had already turned into a totally calm and prosperous colony, but this result had not been attained without much fighting. Blood-shedding follows man everywhere. During the XVIth century French corsairs gave the greatest trouble to the Portuguese caravels and galleons. After Portugal and Spain became combined under one dynasty, the House of Austria, Holland was sure to appear on our waters. Indeed she conquered almost one third of our immense territory, which was for a while wisely ruled by one of her princes, an amiable and clever epicurean, Maurice de Nassau, and reconquered by the single effort of the colonists through a hard and protracted struggle. Then, Portugal and Spain dissolved their partnership and turned enemies, their troops meeting in frequent clashes where their mutual possessions were in closer contact, as in the River Plate.

The transfer of the Portuguese court to Rio de Janeiro, where it sojourned until 1821, raised Brazil to the rank of the metropolis and brought of course the Independence when the king, Europe being pacified with the downfall of Napoleon, had unwillingly to part with a land to which he had become thoroughly attached. His eldest son was our first Emperor and his grandson our last beloved ruler. It will sound strange to the Japanese ladies who do me the honour of listening to this lecture, and who keep in mind their uninterrupted Empire of twenty five centuries, to hear that Brazil, an unknown land four centuries ago, ascended from a colony to be a kingdom, later on became an Empire and at last decided to try still other garments, suddenly stepping into a Republic, what she is just now. But you must remember that the blood which

flows through our veins is the old sparkling Latin blood and that Humanity has adopted a greater speed since nations, that were mostly strangers to each other, became better acquainted. Japan has undergone so many changes herself that you cannot be deeply struck by our versatility. The difference between Brazil of to-day and of eighty years ago is just as remarkable as the one between Japan of to-day and of forty years ago.

We were as jealously secluded from foreign intercourse as Japan was. All industries were forbidden in Brazil, in order to protect Portuguese manufactures. So far as agriculture is concerned, we only produced sugar, cotton and tobacco. To-day we represent a community of nearly twenty million people, whose enlightened class deserves all credit, I must say, and we have a free federation of twenty autonomous States within the borders of our enormous territory — larger, mind that, than the United States of America. We produce three quarters of the coffee of the world and perhaps eight tenths of the best rubber; articles that were both unknown in Brazil a century ago. We have plenty of cotton and some silk and wool factories; rich furniture skillfully made out of precious woods; a few dock yards; many thousand miles of railway lines; navigation lines; all fruits and vegetables of tropical as well as temperate climates; numerous cattle and horse-breeding properties.

Above two millions of foreign colonists — Italians, Portugueses, Germans, Spaniards, even Armenians and Syrians — labour in our fields or trade in our cities. We have an army, reduced in number but fiery in spirit, that during the Empire went through two foreign wars — one of which took five years to overcome the enemy — and a navy equally tested in fighting, that has occasionally and peacefully conveyed our flag to all the harbours of friendly nations. We have well-known composers such as Carlos Gomes, gifted painters as Pedro Americo, historical authorities as Varnhagen, the champion of Vespuccius, renowned jurists as Teixeira de Freitas and José Hygino, able diplomates as Rio Branco, first-class orators and writers, elegant, subtle and powerful, as Nabuco, Machado de Assis and Ruy Barboza

I was going to forget a most important item. We also have poets, many poets, I would almost say too many, if I was not speaking in a country where everybody knows, enjoys and worships poetry. But Japanese poems at least are exceedingly small. Even when they are short of breath, I mean, of inspiration, they don't have time to make you tired. We are not as sober as that. Our temperament is essentially lyrical, and we generally undertake to praise extensively in verse the glory of our sky as well as the caressing eyes of our women, the raptures of our patriotism and love as well as the dismays of our soul. And to sing all this is pretty long but sometimes too, it is quite fascinating. We have had sentimental and enthusiastic, frivolous and melancholic, sarcastic and sweet poets, poets of all kinds, of all sensations and of all emotions. We have had of course many that had done better to have remained silent, but also a few, like Gonçalves Dias and Castro Alves, who would do honour to any literature of Europe.

Brazilian ladies who eighty years ago were kept in an almost Moorish reclusion, systematically avoiding strangers and paying their only calls, outside of the family circle, to gorgeously decorated temples, taken there in sumptuous palankeens carried by negroes in livery, rank now amongst the best customers of Parisian dress-makers and milliners, and are as fond of dancing and having an "awful good time" as any American girl of Chicago or San Francisco. Some have taken life more seriously and are doctors, or teachers, or even lawyers. Yet our women have neither despised or neglected their home duties. Japanese mothers are kind and affectionate, not more so than Brazilian mothers. Our wives, as a rule, are no longer as obedient as you, but they are quite as considerate and gentle. Conjugal docility, on the side of women, is almost as common in our Southern continent as in your northern islands.

I must unfortunately add that our children are not as well behaved as yours. They cry a hundred times more; they are much more boisterous and unruly, and I really could not at first understand why. Yours do as they please: so do ours. Here and there parents spoil them with equal zeal. Yet our children are seldom

happy and contented. They long far more exercise and specially for more enjoyment; they are, if not far more ambitious and active, at least far more exacting. They are, however, ignorant of philosophical theories of evolution and progress; they don't even understand at their age what racial differences mean. But they don't have, as yours, such a past on their shoulders. Their imagination is not softened by the same quieting legends and dreams. Their soul is not lulled by the same care and devotion to dear vanishing ghosts. Although being of a lyrical disposition, they are not, in such a respect, as deeply poetic as your own people. Ancestor worship gives to Japan, I am now convinced, its astonishing moral calmness. You think here both and as much of the past as of the future. We think much more of the future, often forgetting that the past *must* not only explain, but strengthen it.

Colonial oppression destroyed our first poor printing office. We have presently papers that publish every morning four columns full of telegrams from every corner of the globe, and just as many columns full of nasty things about public men, when in power. We even have a countryman of ours who wants and, I think, will perform a revolution — a peaceful one — in the ways of transportation. He simply pretends to have railways exchanged for balloons. I speak of Mr. Santos-Dumont, whose brilliant achievements around the Tour Eiffel and the Bois de Boulogne and lately over the bay of Monaco, made him such a popular inventor, not only in Paris and London but every-where, that postal cards and New Year toys have chosen him for their best subject.

We have, as you see, things to boast of, and surely also, as you may guess, things to be criticised: I don't believe, honestly, that we have any to be ashamed of. You will pardon me — ladies are always merciful — if I have only spoken to you of the good sides of Brazil: but can a son see anything but perfection in his mother? And yet, if I have intentionally avoided tedious statistics, I have not told you either that Brazilians are, as a rule, bright, good-humoured, fond of amusement and hospitable; specially that our landscape is second to none in grandeur and beauty, having deserved from

Americus Vespuccius, who gave his name to our whole continent, the comparison with the Terrestrial Paradise, and from Alexander von Humboldt the tribute of his warmest admiration. But to insist upon this subject would take us too much time. I wish I could invite all of you down there and show you all the wonders of our Nature, making you enjoy the charms of our city and particularly of our country life, in the old-fashioned sugar plantations of the North, where the negroes are still the exclusive labourers, as well as in the new, up-to-date coffee plantations of the South, peopled by Europeans of all nationalities. But would you be as willing to undertake such a long voyage without getting tired of the guide? I won't put your kindness to a trial, asking for an answer, and only beg to present my best thanks for your courteous attention this afternoon.

CONFERENCIA REALIZADA NO GETSU YO KWAI
(MONDAY CLUB) DE TOKIO AOS 15 DE DEZEMBRO
DE 1902.

Ladies,

The century which has just elapsed, though it may be better known and prized by many for its positive, scientific features, began and closed with a crisis of the soul, a storm of the sensibility. At its dawn it was the Century of romantic vision and at its end the Century of the reaction of idealism — with the difference that, in the beginning, religion counted for little in the literary expression, the general sentiment really being with few conspicuous exceptions, like Bonald and De Maistre, more pagan than christian, but that in the end, it was religion that directed those amongst human minds struggling against the dryness of mere physical knowledge.

Sensibility was never more excitable than in the beginning of the XIXth century and yet the century was born amidst the greatest

military display the world has ever witnessed. Napoleon fills its two first decades with the extraordinary history of his power almost universal — European at least, for his achievements ran from Lisbon to Moskow — and the touching episodes of his captivity at St Helena. Napoleon, however, strange as it may sound, was himself a man of deep affections, of tender feelings. People have for a long time only considered in that man of genius the warrior and the ruler, the masterly tactician who led French armies to victory against all other great nations combined, and the wonderful social architect who built a new France out of the ruins of the old one. Napoleon was certainly all this, but he was, besides this, a true family man — a most devoted husband, a loving father, an obedient son, an incomparable brother, a protector of every nephew, uncle and first cousin, his and his first wife's, to the fourth or fifth degree. His love letters to handsome Josephine are models of this difficult epistolary variety.

Monsieur Frederic Masson, a French writer of great ability, has lately taken as his special task to show Napoleon under all such lovable aspects, and no one can refrain from smiling when seeing through the pages of his many volumes that greatest of all men, before whom kings and emperors trembled and who, according to a Brazilian poet's famous ode, sketched the boundaries of nations with the point of his sword — so full of forgiveness towards unfaithful Josephine, so full of passion towards indifferent Marie Louise, so full of raptures towards the poor king of Rome, so full of lenity and generosity towards Joseph, Louis, Murat, Jérôme, all his near relatives whom he placed on some of the oldest thrones of Europe and covered with honours and riches, and who either betrayed or deserted him when danger and adversity made their appearance.

It is no wonder, when we have to stop before such sentimentality, to realize that the period of Napoleon was also the period of Chateaubriand, the illustrious writer who, borrowing from Goethe something of his rare faculties of psychological insight, acute emotion and olympical serenity, and from Schiller something of his

vigorous dramatic instinct, contributed the most to give History its picturesque outline — just read *Les Martyrs* — Religion its charm — just read *Le Génie du Christianisme* — and Sensibility its exaltation — just read *Atala* and *Réné*.

How can we define Romanticism? Romanticism was, reduced to its simplest expression, the triumph of the individual in literature. Literature was before, so to say, more objective. It turned to be more subjective. From dealing almost exclusively with external and general subjects, it came to deal chiefly with inward and personal ones. Formerly it possessed classical models; obeyed inalterable rules of composition; did not go beyond a certain limit in the amount of feeling. After gaining its liberty and becoming lyrical, in the sense — its true sense — of individual, it recognized no models but those suggested by fancy; no rules but those imposed by taste; no damper but the measure of human sensibility.

Such a new conception naturally made quite a revolution. Do compare in France the solemnity of Corneille and the courtliness of Racine with the fiery imagination of Victor Hugo and the exquisite melancholy of Lamartine. The English had already had, since the XVIIth century, their unique Shakespeare, that is, the greatest of lyrical authors in his objective or dramatic display, the great though unintentional psychologist; yet their poets of the first decades of the XIXth century, Coleridge, Wordsworth, Southey — the well-known Lake poets — were useful or even necessary in order to give English poetry a wider range of moral motives, more refined than the merely human ones, and a more direct and intimate feeling of Nature. It is not right to omit that Romanticism came to France from Germany, that is, that the German poets were the first to listen to their individual impulses, and that it came through the works of a woman of genius — Madame de Staël — who, comparing both literatures, German and French, expounded in a famous book — *De l'Allemagne* — what, to her views, was lacking in the second and was found in the first. Madame de Staël gave the best practical example of her lucid comprehension of German lyricism, when portraying herself as the heroine of her

novel *Corinna*, and showing to the very bottom the texture of her complex and easily inflammable heart.

It would make too long a list of names if I was going to give you a roll of Romantic authors, both in Europe and in America. Some were carried to an overpowering sensuality, like Alfred de Musset; others were led by a morbid fancy, like Edgar Poë; others were moved by a desperate revolt of their souls, like Espronceda, Heine and Leopardi, a Spaniard, a German and an Italian. Some exhibited unending *verve* like Alexandre Dumas or Michelet; others a true pathos, like Manzoni and Garrett; others a sober dignity, like Thierry and Herculano. Fiction, drama, history, forensic and parliamentary eloquence, all the manifestations of intellectual ability were pervaded by Romanticism, in other words, all were tinged with the vivid colours of personal expression.

Victor Hugo was certainly the most brilliant star of the whole constellation, the one who filled with light every corner of the literary realm, who knew how to touch every cord of our sensibility. He moved us to tears in *Les Misérables*; to admiration with *Quatre-vingt-treize*; to indignation with *Les Châtiments*; aroused our exotic impressions with *Les Orientales*; our artistic feelings with *Notre Dame de Paris*; our philosophical ambition with *La Légende des Siècles*. He is the symbol of the XIXth century itself with all its enthusiasms, doubts, decisions, refinements, aspirations and greatness. None equals him, not even Balzac, who pictured in his *Comédie Humaine* the largest gallery of types and characters, turning it into the very representation of mankind; not even Byron, who first startled Europe and specially his own country with the audacity of his sincerity, the novelty of his dreams and the violence of his sarcasm.

To the predominating or rather strong features of Romanticism, the literature of my own country added one, which is really peculiar to it — I mean that which is called Indianism, and consists of the selection of the savage inhabitants in their own environment, pre-discovery America, as its favourite object. To a certain extent Indianism is older than Brazilian romantic literature, and is found

elsewhere than in Brazil. In France, Bernardin de Saint-Pierre and Chateaubriand cultivated such a taste and converted it into a fashion before Brazil gained her independence. The sweetness of tropical France and the charms of *Atala* are well known to every cosmopolitan reader. In North America Fenimore Cooper made of the Redskins the heroes of his national novels, but more with a touch of curiosity than with a deep feeling of sympathy. Nowhere, as in Brazil, was Indianism raised to the rank of the dominating literary characteristic, more than this, to the equivalent of a national and patriotic expression. It came to be our contribution to the world literature in the XIXth century. Poems and novels, most of them dealt at the time with the former possessors of our territory. It was not only a curious protest against the European invader, uttered by his own descendants, now freed from all political tutelage: it was the manifestation of a dilatory remorse for the usurpation performed. In Europe and America the craziness had been for the virgin nature itself, for the natural status which Jean Jacques Rousseau — the intellectual father of the century — had proclaimed pure and perfect, rather than for the savages themselves. These were lost sight of in the apotheosis of their surroundings, except by Brazilian writers, who in their rapture idealised them as well as our splendid nature.

Together with that free expansion of the soul, there is to be remarked in the course of the XIXth century a feature which contains perhaps its greatest title to the admiration and gratitude of mankind — the growing, absorbent and successful attention paid to natural sciences and their application to industrial, commercial and humanitarian purposes. The century of Victor Hugo is also the century of Edison; the century of Byron is also the century of Pasteur. It is almost useless to remind you how marvellous has been the progress accomplished in this line: how steam and electricity performed a revolution in the conditions of the world, making long distances short, rendering communications easy and comparatively safe, approaching nations, uniting congenial and unfortunately also putting face to face uncongenial peoples and civilizations.

It would however be unconceivable that such a revolution could have been performed without having its effect, affixing its stamp to the literary development. Imagination soon began to look too foolish by the side of demonstration; lyrical poetry to seem almost nonsense when compared to physics, chemistry and biology; pure sensibility to appear ridiculous when shadowed by practical intelligence. The result was that work of fiction, instead of depicting dreams and fanciful sorrows, tried to describe objects and feelings with mathematical precision and anatomical accuracy, and that psychological analysis, basing itself on physiological grounds, took the place of romantic emphasis and loquacity, which deform even the productions of an observing mind like Stendhal. In France, for instance, instead of Balzac, we meet Flaubert and within a short time Bourget and others, who made of human heart a theme of scientific research. Poetry itself became for a while scientific, that is, it scorned love and passion to sing intellectual achievements and progress, a task so contrary to its nature, so antipathetic to its ways and so antagonistic with its essence that, in a short time, love reconquered the positions lost, only endeavouring to conceal its ardour under such an exaggerated correction of form that this literary school gained the name of parnasian. Monsieur de Hérédia is in the French Academy the glorious representative, now we must say a survivor of the group.

In prose, matters were a little different. Love is always the same old thing under all skies, amongst all environments and in all times — but, though equally felt, it may be differently seen and differently expressed. For the romantics it was rather the union of two souls, the craving of two sensibilities; for the realists it had a less spiritual acceptance. Both meanings of the word are correct and they are ordinarily found combined, a truism that took some time to be rendered tangible, such had been the effects of excessive idealism and excessive naturalism on minds. Love, which in fiction was formerly composed mainly of grief, and afterwards of sensuality, became finally human, that is, rough and distressing, but also compassionate, enjoyable, noble and redeeming. The whole

reaction initiated in the poetical field spread itself to the other domains of the literary realm and through a gradual and natural progression — if we only consider the intimate alliance in man of body and mind — ceased to be a mere sensual one to become once more idealistic. Under a different aspect, old times returned, but new characteristics had been acquired with the metamorphosis. By the exhibition of one's own sorrows, sorrow had been engendered for other people's miseries, and so, social pity was born, a quality that is to be found to a great extent in the works of the great English novelist Dickens, that we see reflected in Daudet's romances, and that Russian novelists, like Dostoievsky and Turgueneff, and Scandinavian dramatists, like Ibsen and Bjoernson, were amongst the chief ones to put into circulation.

Let us not pass over the fact that at the same time that wealth increased, through scientific progress, to an extent never dreamt of, that American millionaires sprang, whose riches would make Cresus die of shame for looking poor by them — the lot of the poor, of the working men, of the great number, was not altogether improved. Saving-labour machinery is only good for the manufacturer whose investments reach through it a larger profit. The artisan himself only gets better wages to find everything around him more expensive and more unattainable. It is no wonder, after this, that the century of capitalism was also the century of socialism and even of anarchism, which is but the desperate feature of the former.

We must say that compassion in our times is not only literary: it is real and sincere, though not universal. A nobleman of the XVIIIth century did not feel for the peasants located in his lands less unconcern than many a European aristocrat or American millionaire of to-day, but exceptions are now much more frequent, the iniquity of destiny is oftener recognized, and more rigorous efforts are tried to shorten the distance between conditions, and to render misery more endurable to the miserable, as well as to those amongst the fortunate ones who suffer by such a distressing sight. Social philanthropists were scarce a hundred years ago. They are

common nowadays, but it is only fair to admit that literature took the lead in the movement and that nothing has contributed more to deepen human sympathy than the works of such men as Tolstoi and Zola, who, on the other side, derived their sense of justice and social duties from a feeling of harmony with their environment. Both would have been considered visionaries when Napoleon astonished the world with his powerful career: they now provoke enmities and stimulate hatreds, however their voices are heard and are respected. Tolstoi and Zola — whose untimely death we had to mourn a few weeks ago — performed miracles in soothing the inequalities of fate and in giving to man a higher comprehension of his responsibilities and obligations towards his brothers.

The world nevertheless has never listened to more pessimistic accounts regarding society than at present — the days of Schopenhauer and Nietzsche —, because the gap between riches and poverty, happiness and misfortune, seems even more appalling in its milder but more humiliating aspect than in the cruel times when Pollio Videus fed his fishes with fattened slaves. Not one of those slaves did possess the proper conscience of his human rights, but any of our contemporary miners knows well that the inequality of which he is the victim, is none the more just because it appears to be unavoidable. Unavoidable certainly it is, with the prevailing ideas and prejudices which form our moral environment, which is but the realm of egotism; but perhaps not so unavoidable if such environment be changed someday, if more room be made for equity and a freer access given in every heart to Christian, or Buddhist, or any other kind of charity — in fact, if the voice of a Zola, of a Tolstoi, of each new apostle of a regenerated society, whatever be the creed on which it rests, acquires power enough in itself to be followed. The literary work of the XIXth century, opening with Romanticism the fountain of the soul, that is, predisposing minds to spiritual influences; building with Realism the scientific foundation of things, could not aim at a nobler crowning than to spread altruism and establish cordiality amongst mankind.

BIBLIOGRAPHIA.

- Rev. Griffis* — The Mikado's Empire — New York.
B. H. Chamberlain — Things Japanese — London, 1901.
" — The Classical Poetry of the Japanese — London, 1880.
B. H. Chamberlain and *W. B. Mason* — Handbook for Japan — London, 1901.
Lafcadio Hearn — Glimpses of Unfamiliar Japan — New York.
Aston (W. G.) — Japanese Literature — London, 1900.
Sir Rutherford Alcock — The Capital of the Tycoon — New York.
Mitford — Tales of Old Japan — London.
Miss Bacon — Japanese Girls and Women — Boston.
" — A Japanese interior — Boston.
Knapp (A.) — Feudal and Modern Japan — London.
P^{c.} Joam de Lucena — Vida de S. Francisco de Xavier — Lisboa.
Fernão Mendez Pinto — Peregrinação — Lisboa.
Marques Pereira — Viagem da corveta D. João I — Lisboa.
Wenceslau de Moraes — Traços do Extremo Oriente — Lisboa, 1897.
" — Dai Nippon — Lisboa, 1898.
Dupuy de Lôme — Estudios sobre el Japon — Madrid.
Anderson (F.) — The Pictorial Arts of Japan — London.
Huish (Marcus B.) — Japan and its art — London.
Stanford Ransom — Japan in transition — London.
Morris (W.) — Advance Japan — London.
Mrs. Frazer — A diplomatist's wife in Japan — London.
A. Diósy — The new Far East — London.
Siebold — L'accession du Japon au Droit des Gens européen — Paris, 1901.

- Eggermont* — Le Japon — Paris, 1901.
Regamey — Japan in art and industry — London and New York.
Transactions of the Asiatic Society of Japan — Yokohama, 1873 — 1902.
Nitobe — Bushido, The soul of Japan — Tokio.
Inouye — Scenes of Tokio Life — Tokio.
Laffitte (P.) — Buddha: His part in Human Evolution — Yokohama, 1901.
Satoh — Agitated Japan.
Hozumi — Ancestor-worship and Japanese Law.
Hitomi — Le Japon, Essai sur les Mœurs et les Institutions — Tokio, 1901.
Inouyé (Tetsusiró) — Sur le développement des idées philosophiques
au Japon avant l'introduction de la Civilisation européenne —
Paris, 1897.
Miyamori (Asataró) — A life of Mr. Yukichi Fukuzawa — Tokio, 1902.
C. Netto — Japanischer Humor — Leipzig, 1900.
-

INDICE.

	Pags.
Capitulo I. A mudança de scenario	1
Capitulo II. A crise catholica no seculo XVI	37
Capitulo III. As bellezas naturaes	71
Capitulo IV. O character nacional	103
Capitulo V. Os divertimentos populares	161
Capitulo VI. A condição da mulher	200
Capitulo VII. Paizagens artisticas	222
Capitulo VIII. Na sociedade de Tokio	255
Capitulo IX. Os politicos do Meiji	287
Capitulo X. A hegemonia asiatica	312
Appendice.	
Conferencia realizada no Getsu yo kwai (Monday Club) de Tokio aos 10 de Março de 1902	338
Conferencia realizada no Getsu yo kwai (Monday Club) de Tokio aos 15 de Dezembro de 1902	345
Bibliographia	353

Date Due

Form 335. 25M—7-38—S

Duke University Libraries



D01137081L

915.2 048N

385881

Oliveira Lima

No Japao

DATE	ISSUED TO

915.2 048N

385881

